

VOZES DE MULHERES IDOSAS DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS: discursos sobre gênero e suas implicações na vida e na escola.

MARCELO LACERDA OLIVEIRA



Fotos: Roberto da Silva Reis Junior. Capa: Danilo Pereira da Silva



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO



MARCELO LACERDA OLIVEIRA

VOZES DE MULHERES IDOSAS DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS  
JOVENS E ADULTAS: discursos sobre gênero e suas implicações na vida e na  
escola.

VITÓRIA DA CONQUISTA  
2020

MARCELO LACERDA OLIVEIRA

VOZES DE MULHERES IDOSAS DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS  
JOVENS E ADULTAS: Discursos sobre gênero e suas implicações na vida e na  
escola.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Ensino da Universidade Estadual  
do Sudoeste da Bahia, como requisito para  
obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientador: Prof. Dr. José Jackson Reis dos Santos

VITÓRIA DA CONQUISTA  
2020

## FICHA CATALOGRÁFICA

O48v

Oliveira, Marcelo Lacerda.

Vozes de mulheres idosas da Educação de Pessoas Jovens e Adultas: discursos sobre gênero e suas implicações na vida e na escola. / Marcelo Lacerda Oliveira, 2020.

208f. il.

Orientador (a): Dr. José Jackson Reis dos Santos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação em Ensino – PPGEn, Vitória da Conquista, 2020.

Inclui referência F. 121 – 128.

1. Educação de Pessoas Jovens e Adultas. 2. Gênero – Mulheres Idosas - Educação. 3. Ensino fundamental. I. Santos, José Jackson Reis dos. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Acadêmico em Ensino- PPGEn. III. T.

CDD 374

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890  
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO

**“Vozes de mulheres idosas da Educação de Pessoas Jovens e Adultas:  
Discursos sobre gênero e suas implicações na vida e na escola”**

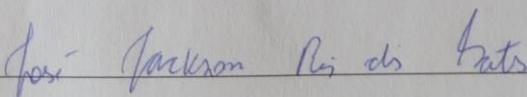
**Autor: Marcelo Lacerda Oliveira**

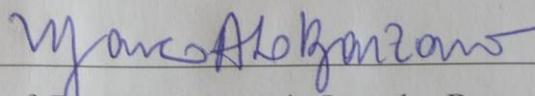
**Data de aprovação: 15 de fevereiro de 2020**

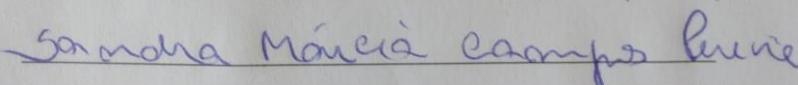
Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino.

Área de concentração: Ensino na Educação básica

**BANCA AVALIADORA:**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Jackson Reis dos Santos (UESB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marco Antonio Leandro Barzano (UEFS)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Sandra Márcia Campos Pereira (UESB)

## DEDICATÓRIA

Dedico o processo de elaboração dessa dissertação a minha avó, Áurea Lacerda Campos, que hoje, aos 100 (cem) anos de idade, teve um vida cheia de dificuldades, mas, também, de muitas alegrias. Mulher quase analfabeta que aprendeu a ler, depois de casada, com o marido, e fez da leitura dos livretos de canto da igreja católica um exercício frequente. Ficou viúva muito cedo, e como muitas mulheres de sua época, seguiu solteira no percurso da vida. Criou seus filhos e se alegrava de vê-los todos juntos. Alegrava-se porque hoje, com seus muitos anos de idade, não tem nenhuma memória. Apesar de não dominar o conhecimento científico, era mulher de grande sabedoria. A ela, mais que esse trabalho, dedico minha gratidão por ela ter me ensinado tantas coisas sobre o tempo, sobre a criação de galinhas, de fazer bolos e chimangos e de tantas outras coisas. Dedico meu amor. Hoje, ela, não sabe mais quem sou eu, mas eu nunca me esquecerei de quem é ela.

## AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-graduação em Ensino (Mestrado Acadêmico em Ensino) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, na pessoa de seu coordenador, Benedito eugênio, pela oportunidade e por todo apoio para realização desta pesquisa.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, por acreditar nesta pesquisa e investir recursos, inclusive financeiros, por meio de bolsa de financiamento ao longo desse período.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Jackson Reis dos Santos, antes de tudo, pelo cuidado que dispensa a mim e a cada um dos seus orientandos. Sigo agradecendo por você acreditar e conduzir esta pesquisa, dedicando todo seu conhecimento, paciência, gentileza e incentivo para a superação de meus limites. Agradeço, também, pelos papos no gabinete e em sua casa, sempre cercados de leveza, possibilitando a convivência com os colegas veteranos e calouros do mestrado, promovendo grandes encontros de aprendizagens e viabilizando fortes amizades.

Aos integrantes da banca examinadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Márcia Campos Pereira e Prof. Dr. Marco Antônio Leandro Barzano, agradeço por aceitarem o convite para participar dessa banca dispensando uma leitura minuciosa que resultou nas valorosas contribuições que ajudaram a enriquecer esta pesquisa.

À Escola Municipal Antônia Cavalcante Silva, nas pessoas de sua diretora e vice-diretora do turno noturno, Lucinéa Gomes de Jesus (Nea) e Ivanelza Nepomuceno Batista (Dinha), respectivamente e, também, a Adriana, Edimar, Joelita por viabilizarem o desenvolvimento da pesquisa e pela colhida e dispobinilidade.

Ao meu pai, Valdemir Oliveira (em memória) que, se entre nós estivesse, seria só orgulho.

Às mulheres de minha vida, minha mãe, Nailde, pela vida, pelo amor e cuidado que dedica a mim, às minhas irmãs, Marcia e Mércia, aos netos e netas e, a quem se achega a nós. Agradeço ainda, mainha, por estar sempre disponível com palavras de carinho e por aceitar e respeitar, a cada um de nós, exatamente como é. Amo você! À Márcia e Mércia pela parceria ao longo da vida, pelos sorrisos, abraços e todo amor. À Isabela, minha filha tão linda e parceira, pelo apoio incondicional, pelos momentos de falta de juízo que me fazem sorrir, mas também, me preocupar, pelo sorriso gostoso e pelo olhar envolvente. Eu amo muito você.

A Roberto Reis da Silva Junior, pelos registros fotográficos e audiovisuais desta pesquisa, obrigado pela companhia e todo carinho e apoio dentro e fora da pesquisa.

A Adriano Maia e a Edinaldo Medeiros, amigos mais que queridos, agradeço por estarem presentes em minha vida, pela comemoração, quando de minha aprovação neste mestrado e por todas as outras que já celebramos e por aquelas que ainda celebraremos juntos.

A Rosimeiry Prado Rodrigues, colega que se tonou amiga para a vida, pelo apoio nos momentos de tensão e dificuldades no mestrado e pelos bons momentos de discussão sobre nosso objetos de pesquisa e sobre a vida, na varanda de sua casa. Saúde!

## LISTA DE SIGLAS E/OU ABREVIATURAS

Anped: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação  
CEB/CNE: Câmara de Educação Básica/Conselho Nacional de Educação  
Cetep : Centro Territorial de Educação Profissional  
Confintea: Conferência Internacional de Educação de Adultos  
CRFB/88: Constituição da República Federativa do Brasil de 1988  
DCN: Diretrizes Curriculares Nacionais  
DCN-EJA: Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos  
EJA: Educação de Jovens e Adultos  
EMACS: Escola Municipal Antônia Cavalcanti Silva  
Eneja: Encontros Nacionais de Educação de Jovens e Adultos  
EPI: Ensino Profissional Integrado  
EPJA: Educação de Pessoas Jovens e Adultas  
Epjai: Educação de Pessoas Jovens e Adultas e Idosas  
GT23: Grupo de Trabalho 23  
IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
Ideb: Índice de Desenvolvimento da Educação Básica  
LDBEN: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
MPF: Memórias de Pesquisa-Formação  
MST: Movimento dos Trabalhadores Sem Terra  
ONU: Organização das Nações Unidas  
OPNE: Observatório do Plano Nacional de Educação  
PNE: Plano Nacional de Educação  
PPGEn: Programa de Pós-graduação em Ensino  
Proeja: Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos  
SCD: Sessão Coletiva de Diálogo  
SMED: Secretaria Municipal de Educação  
STF: Supremo Tribunal Federal  
TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido  
TSE: Tribunal Superior Eleitoral  
Uesb: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Unesco: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## LISTA DE FIGURAS E/OU IMAGENS

Figura 1: Taxa de analfabetismo .....	p.40
Figura 2: Localização geográfica do lócus da pesquisa.....	p.56
Figura 3: Fachada da escola.....	p.57
Figura 4: Sessão Coletiva de Diálogo .....	p.65
Figura 5: Realização de dinâmica com Maria de Fátima.....	p.65
Figura 6: Realização Dinâmica com Cecilia.....	p.66
Figura 7: Segunda sessão Coletiva Diálogo (SCD).....	p.72
Figura 8: Maria do Carmo em entrevista individual.....	p.76
Figura 9: Registro de momentos da SCD.....	p.77
Figura 10: Momento de socialização com as senhoras.....	p.79

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Número de alunas idosas matriculadas, em 2019, por escola municipal.....	p.58
Quadro 2: Números da Epjai na EMACS (2014 a 2018).....	p.59
Quadro 3: Dados gerais da Epjai no município.....	p.60
Quadro 4: Índice do Ideb (2005 a 2019).....	p.60
Quadro 5: Trabalhos encontrados no GT 18.....	p.69
Quadro 6: Trabalhos encontrados no GT 23.....	p.69

## RESUMO

Esta pesquisa insere-se nas discussões sobre as questões de gênero e suas interfaces com o contexto da Educação de Pessoas Jovens e Adultas. A questão nuclear do estudo está assim definida: Que discursos sobre gênero e suas implicações foram e são construídos na trajetória de vida e de escolarização de estudantes idosas da Educação de Pessoas Jovens e Adultas? O objetivo geral do estudo buscou compreender os discursos sobre gênero e suas implicações na trajetória de vida e de escolarização de estudantes idosas da Educação de Pessoas Jovens e Adultas. A pesquisa de campo foi desenvolvida no contexto da Escola Municipal Antônia Cavalcante Silva, no ano de 2019, instituição pertencente à rede municipal de ensino da cidade de Vitória da Conquista, Bahia, com um total de sete mulheres idosas. De natureza qualitativa e do tipo narrativa, o processo de produção das informações apoiou-se em procedimentos e técnicas como: a) realização de sete entrevistas narrativas com as sujeitas da pesquisa; b) realização de três sessões coletivas de diálogo; c) escrita de oito memórias de pesquisa-formação; d) levantamento bibliográfico sobre a temática “gênero”. A proposta de organização e análise das informações foi baseada em noções essenciais do pensamento foucaultiano, bem como em autores que trabalham com a temática “gênero” e em estudiosos do campo da Educação de Pessoas Jovens e Adultas. Resultados e conclusões indicam que as construções discursivas constitutivas do gênero foram advindas do performativo divino somado à construção elaborada com base na materialidade do corpo, do sexo. Muitas foram as implicações que os discursos de gênero trouxeram à vida e à escolarização de cada uma dessas mulheres idosas. São implicações oriundas do convívio familiar e também de natureza psicológica, física, impactando diretamente a vida escolar e pessoal das sujeitas da pesquisa. Na tentativa de superar os efeitos dessas implicações, inclusive o de serem excluídas do seu direito à educação, essas mulheres resistiram e se transformaram nas mulheres novas de hoje que têm como qualidade primeira a certeza de que não podem parar, esperançosamente, de caminhar.

**Palavras-chave:** Educação de Pessoas Jovens e Adultas. Ensino Fundamental. Gênero. Mulheres idosas.

## ABSTRACT

This research is part of the discussions on gender issues and their interfaces with the context of Education for Young and Adult People. The core question of the study is: What discourses about gender and their implications were and are constructed in the life and schooling trajectories of elderly students in the Education of Young and Adult People? The general objective of the study seeks to understand the discourses about gender and its implications for the life and schooling of elderly students in the Education of Young and Adult People. The field research was carried out in the context of the Municipal School Antônia Cavalcante Silva, in 2019, an institution belonging to the municipal's education network in the city of Vitória da Conquista, Bahia, with a total of seven elderly women. With qualitative and narrative nature, the information production process was supported by procedures and techniques such as: a) seven narrative interviews with the research subjects; b) three collective dialogue sessions; c) writing eight research-learning memories; d) bibliographic survey on the theme "gender". The proposal for organizing and analyzing the information was based on essential notions of Foucault's thinking, as well as on authors who work with the theme "gender" and on scholars in the field of Education for Young and Adult People. Results and conclusions indicate that the constitutive discursive constructions of the genre were derived from the divine performance added to the construction elaborated based on the materiality of the body and sex. There were many implications that gender discourses brought to the life and education of each of these elderly women. These are implications that come from family life and are also of a psychological, physical nature, directly impacting the school and personal lives of the subjects of the research. In an attempt to overcome the effects of these implications, including being excluded from their right to education, these women resisted and became today's new women whose first quality is the certainty that they hopefully can't stop walking.

**Keywords:** Education of Young and Adult People. Elementary School. Genre. Elderly women

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
<b>1. GÊNERO, EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS E CURRÍCULO: PROBLEMATIZANDO E ARTICULANDO AS TEMÁTICAS .....</b>	<b>26</b>
1.1 Situando e problematizando a discussão de gênero.....	26
1.2 Movimento feminista e sua relevância para a discussão de gênero.....	31
1.3 Epjai, currículo e as discussões de gênero: algumas aproximações .....	38
<b>2. NO VAI E VEM DA VIDA... Os caminhos teórico-metodológicos da pesquisa .....</b>	<b>54</b>
2.1 Natureza e tipo de pesquisa.....	55
2.2 Contexto da pesquisa .....	56
2.3 Sujeitas da pesquisa: aproximações e definições.....	61
2.4 Processo de construção de informações.....	67
2.4.1 Levantamento bibliográfico .....	67
2.4.2 Sessão Coletiva de Diálogo (SCD) .....	72
2.4.3 Realização de entrevistas narrativas.....	74
2.4.4 Escrita de memórias de pesquisa-formação .....	76
2.5 Organização e análise das informações .....	77
<b>3. DISCURSOS SOBRE GÊNERO DE MULHERES IDOSAS DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS E SEUS PROJETOS DE VIDA .....</b>	<b>79</b>
3.1 Sobre as sujeitas da pesquisa: narrativas de si .....	79
3.2 Mulheres idosas e suas reflexões sobre relações familiares, infância(s) e trabalho(s) .....	97
3.3 Mulheres idosas e suas narrativas sobre a(s) infância(s) vivida(s).....	103
3.4 Relações entre escola, trabalho, poder e gênero em discursos de mulheres idosas .	106
3.5 Mulheres idosas e seus projetos: a vida como um <i>continuum</i> .....	114
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>117</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>121</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>130</b>
ANEXO A: Folha de Rosto ao Comitê de Ética em Pesquisa.....	130
ANEXO B: Termo de Autorização de Uso de Imagens e Depoimentos .....	131
ANEXO C: Termo de Assentimento Encaminhado ao Comitê de Ética e Pesquisa.....	133
ANEXO D: Termo de Consentimento Livre E Esclarecido (TCLE) .....	134
ANEXO E: Compromisso dos Pesquisadores .....	136

<b>APÊNDICES .....</b>	<b>138</b>
APÊNDICE A : AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS .....	138
APÊNDICE B: MOMENTOS DE PESQUISA FORMAÇÃO.....	139
1ª. Visita à EMACS, 28 março 2019.....	139
02 de abril 2019 Sessão coletiva de diálogo.....	140
Entrevistas com D. Alice e D. Cecília. 09 de abril 2019.....	143
Entrevistas com D. Idelice, Dejanira e Diva. 11 de abril de 2019 .....	146
Entrevista com as D. Maria de Fátima e D. Maria do Carmo. 04 de abril de 2019. ....	148
2ª. Sessão coletiva de diálogo. 11 de novembro de 2019.....	150
Encontros para escuta das perspectivas de futuro 26 novembro de 2019.....	152
APÊNDICE C: Roteiro de entrevista narrativa .....	154
APÊNDICE D: Entrevista com Maria de Fátima .....	156
APÊNDICE E: Entrevista com Maria do Carmo.....	165
APÊNDICE F: Entrevista com Alice.....	170
APÊNDICE G: Entrevista com Cecília .....	176
APÊNDICE H: Entrevista com Idelice.....	187
APÊNDICE I: Entrevista com Dejanira .....	194
APÊNDICE J : Entrevista com Diva .....	200
APÊNDICE K : Quadro-síntese .....	206

## INTRODUÇÃO

Nesta introdução, apresentamos as principais motivações que mobilizaram a realização desta pesquisa, seguidas da questão, do objetivo geral, do contexto e das partícipes envolvidas no estudo. Finalizamos a Introdução explicitando, em linhas gerais, o conteúdo mais específico de cada capítulo.

### **Motivação natureza pessoal e profissional**

Compreender a situação da mulher idosa na modalidade de Educação de Pessoas Jovens e Adultas e Idosas (Epjai)<sup>1</sup> foi fundante para me<sup>2</sup> motivar a assumir a função de professor, ainda que a minha trajetória na educação tenha se dado sem uma intencionalidade, pois ser professor não fazia parte de minha perspectiva de vida até receber, em 2010, da então diretora pedagógica do Colégio da Polícia Militar Eraldo Tinoco de Vitória da Conquista, Estado da Bahia, o convite para substituir, no ensino fundamental II, um professor em licença. A disciplina a ser ministrada: cidadania; disciplina que me permitiu ir para além da escola, como também, trazer para o ambiente escolar, na relação com os estudantes, o olhar do eu sobre o outro e o respeito para com esse outro, a vivência dos estudantes e suas visões sobre as situações reais do cotidiano e do mundo. Como não fiz licenciatura e, conseqüentemente, não estudei os teóricos da educação, vejo, hoje, no Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGEEn), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), Mestrado Acadêmico em Ensino, uma aproximação de minha prática docente com reflexo no que diz Libâneo (1998, p. 22) ao definir a educação “[...] como o conjunto das ações, processos, influências e estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social”. Meu exercício, em sala de aula, apresentava sinais claros de que eu estava fazendo educação.

O gosto pela docência e a pela possibilidade de transformação social que ela me proporcionou despertaram em mim um querer seguir na profissão e, em 2013, fiz seleção para

---

<sup>1</sup> Encontram-se, neste trabalho, as siglas EJA, EPJA e Epjai. Esta última é utilizada sempre que for uma construção nossa para dar ênfase às pessoas idosas, sujeitas desta pesquisa; as demais, sempre que se referirem a citações de outros autores.

<sup>2</sup> Neste tópico, uso a primeira pessoa do singular por se tratar de eventos e fatos relacionados, diretamente, à minha formação e atuação profissional. Nos demais tópicos do trabalho, usamos a primeira pessoa do plural, por se tratar, esta pesquisa, de uma construção coletiva – minha, de meu orientador e da banca examinadora, além de valorosa colaboração de outros pesquisadores e instituições.

professor do ensino técnico profissionalizante na área ambiental da rede pública do Estado da Bahia. Passei em primeiro lugar na prova escrita e fiquei em segundo após as provas de título. Tomei posse no Centro Territorial de Educação Profissional (Cetep) de Vitória da Conquista, Bahia, em dezembro de 2013, para ministrar disciplinas da área técnica em meio ambiente, o que foi possível graças à minha pós-graduação lato sensu na área ambiental. Minha carga horária se dividia entre os cursos do Ensino Profissional Integrado (EPI), modalidade que integra o ensino médio ao profissional, com duração anual, e os cursos do ensino no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) com que, como nos mostra Santos (2017), Integra Educação Profissional ao Ensino Médio e é direcionado para formação profissional de jovens e adultos. Essa etapa de escolarização permite ao aluno concluir o ensino médio e, concomitantemente, receber diploma de um curso técnico profissionalizante. Para tanto, é necessário que ele tenha a partir de 18 anos e conclua os 05 módulos do curso<sup>3</sup>.

Os cursos duram dois anos e meio, precisamente 05 módulos, destinado para alunos concluintes do Ensino Fundamental II e com idade mínima de 18 anos.

Além das disciplinas da área técnica, para o qual fiz seleção, foi-me oportunizado, ministrar aulas da disciplina de Filosofia. Tamanho foi meu receio em ministrar essa disciplina que me questionei sobre ter competência para tal, afinal, eu mesmo não pude estudá-la, pois não fazia parte do currículo durante a realização dos estudos no ensino médio. Considerando a importância e a necessidade da formação inicial em cada área, concordo com Barcelos (2012 p. 29) ao dizer: “Não nascemos professores ou professoras, mas vamos nos fazendo, incorporando e refazendo o modo de ser e dever-ser (de homem, de mulher e de educador/a)”. Assim, aceitei o desafio e fui me fazendo professor de Filosofia, tarefa que foi exercida com muita dedicação, estudo e êxito, se observadas as palavras de Libâneo (1998), anteriormente citadas. Sem conhecer sobre educação, suas metodologias, métodos e respectivos teóricos, pus em prática uma forma democrática de lecionar que, hoje no PPGEn-Uesb, enxergo referência e conexão com as discussões propostas por Paulo Freire e outros teóricos que lutam por uma educação emancipadora.

Para minha surpresa, a Filosofia me possibilitou fazer o que mais gosto: fomentar discussões que viabilizem a contextualização dos conteúdos na vida e cotidiano dos estudantes dentro e fora da sala de aula, agora com um público com idade maior, no ensino

---

<sup>3</sup> Os cursos do Proeja Médio são organizados por módulos sequenciados, totalizando 5 módulos, em que cada módulo corresponde a um semestre. Assim, Módulo I= 1º semestre, Módulo II= 2º semestre, e assim, sucessivamente, finalizando com o Módulo V. (SANTOS, 2017, p. 61).

médio profissionalizante com adultos que frequentavam o Proeja e com os adolescentes que, em plena transformação corporal e do pensar, apresentavam muitas inquietações, dúvidas e expectativas sobre a vida no ensino médio regular. Os adultos do Proeja tinham tantas ou mais expectativas de e sobre a vida que os adolescentes, pois, para esse público, havia a urgência de aprender sobre vários aspectos sociais, culturais, políticos. Foi uma experiência muito edificante a vivência no Cetep que tem uma equipe de diretoras que respeita e apoia o professor, fomentando as discussões que colaboram para edificar um sujeito mais consciente e humano.

Nos quatro anos que atuei na condição de professor do Cetep, conheci estudantes do Proeja que, ao final de um longo dia de trabalho, se dispunham a pegar estrada para ir à escola (muitos moravam em cidades vizinhas) com alegria e dedicação para uma noite de conteúdos, de conhecimentos, de discussões pedagógicas tão importantes para eles. Foi enriquecedor, na condição de pessoa e condição de profissional, acompanhar uma turma do Curso de Técnico em Edificações, formada, em sua maioria, por profissionais da construção civil, ajudantes, faxineiras e pedreiros, não faltar a nenhuma das minhas aulas e participarem efetivamente delas, mesmo sendo nos últimos horários da noite com os primeiros, muitas vezes, vagos. Tive, também, a possibilidade de trazer para o ambiente escolar temas para debates e discussões que, algumas vezes, pela visão diferente de mundo e pela bagagem cultural e de vida que cada adulto do Proeja carrega, foram bastante acaloradas, no sentido do diálogo, pois muitos ali assumiam, sem receio, não ter o hábito de ouvir, respeitosamente, o outro antes de emitir suas opiniões. O exercício do respeito ao outro e às diferentes visões de um mesmo fato foi muito significativo para mim, enquanto professor, por ver surgir na sala cidadãos respeitosos e com argumentos e, para eles, como seres humanos, que relataram transformações no pensar e mudanças em suas atitudes, práticas e aceitação para com aquele que fosse diferente de si.

Dentro dessa realidade do Proeja e desses muitos mundos que compõem a escola nessa modalidade educativa, percebi as dificuldades de cada mulher e de cada homem em manter uma interatividade com o outro, de ter, para com o outro, um olhar diferente do padrão estabelecido e o modo que cada cidadã e cidadão têm de expressar sua visão de mundo e mesmo de se expressar publicamente.

Muitas histórias foram contadas a mim por estudantes da Epjai. Mulheres que, após a labuta diária e da jornada que ainda lhes esperava em casa, estavam ali para a aula todos os dias. Dentre essas, algumas mulheres idosas foram minhas estudantes, principalmente, quando atuei, nos anos de 2017 e 2018, na zona rural da vizinha cidade de Barra de Choça, Bahia,

num assentamento de reforma agrária do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), onde, na escola local, foi instalado um anexo do Cetep para funcionamento de cursos noturnos. Comovia-me a determinação daquelas mulheres em buscar o conhecimento. Mesmo combatidas pelo cansaço da luta diária, não desistiam da escola para saírem da condição de pessoas com pouco conhecimento formal, pois tinham consciência que o baixo grau de instrução que possuíam negava-lhes direitos básicos.

O esforço dessas pessoas, em especial das mulheres idosas, sujeitas desta pesquisa, a quem são, historicamente, negados direitos fundamentais, inclusive a educação, é uma das motivações que constituem esta pesquisa. Isso se soma às questões científico-sociais, como o aumento do número de idosos no Brasil, o silenciamento de temas importantes como as relações de gênero no campo do currículo e à ausência desses temas e dos sujeitos nos espaços de discussões acadêmicos e científicos, aspectos abordados no tópico seguinte.

### **Motivações de natureza científico-social**

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CRFB/88) assegura, nos termos do artigo 6º, a educação como sendo um dos direitos sociais que devem ser garantidos pelo Estado. Como forma dessa garantia, dá tratamento específico à Educação, em seu Capítulo III – da educação, da cultura e do desporto, na seção I - da educação, do artigo 205 ao 214.

Neste contexto, o artigo 208, inciso I, a Carta Magna estabelece a obrigatoriedade da Educação Básica. Este inciso foi alterado pela Emenda Constitucional n. 59, de 11 de novembro de 2009, que lhe conferiu nova redação contemplando a modalidade de educação de jovens e adultos – EJA, passando a vigorar com a seguinte redação: “I – educação básica e gratuita dos 4 (quatro) aos 17(dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos aqueles que a ela não tiveram acesso [...]” (BRASIL, 1988). A redação oficial na CRFB/88, maior dispositivo legal do país, assegura aos jovens, adultos e idosos todos os direitos e garantias estendidas às demais modalidades educacionais, inclusive a obrigatoriedade da oferta em todas as esferas de alcance do Estado, ou seja, União, Estados e Municípios, além do Distrito Federal.

A CRFB/88, como lei maior do país, estabelece direitos e garantias. Mas muitos desses direitos são regulamentados por instrumentos normativos que, à luz da Carta Magna, operacionalizam essa normatização junto à sociedade. No caso da educação, na Epjai, essa normatização se deu por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN),

Lei n. 9.394/96, que, em seu capítulo II - Da Educação Básica, trata, especificamente, dessa modalidade, na Seção V - Da Educação de Jovens e Adultos, nos artigos 37 e 38.

Não basta que garantias estejam expressas na lei. É preciso garantir, além da esfera legislativa, que o lócus operacional, conselhos, escolas, por exemplo, também tenham condições de contribuir para o direito de acesso, de permanência e da qualidade do conhecimento produzido, pois, em sua maioria, esses sujeitos da Epjai se encontram excluídos da sociedade, sem acesso aos serviços mais básicos oferecidos pela vida em sociedade. Para evitar essa exclusão, outro instrumento legal, o Parecer 11/2000 da CEB/CNE, que se ocupa das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos (DCN-EJA), estabelece que a Epjai assume três funções básicas que se tornaram de grande relevância para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. A primeira delas é a função reparadora, que visa integrar o educando aos seus próprios direitos civis; a segunda é função equalizadora, para auxiliar a manutenção da plenitude legalizada aos indivíduos que já trabalham e desejam continuar os estudos, ou mesmo donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados; e a função permanente ou qualificadora, que busca promover uma gradativa atualização e qualificação que possam gerir a capacidade do cidadão em absorver e ampliar conhecimentos e experiências ao longo da vida. Em relação à função qualificadora ou permanente da Epjai, o Parecer 11/2000 destaca que:

Esta tarefa de propiciar a todos a atualização de conhecimentos por toda a vida é a função permanente da EJA que pode se chamar de qualificadora. Mais do que uma função, “ela é o próprio sentido da EJA. Ela tem como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares” (BRASIL, 2000, p. 41).

A ênfase na educação continuada ao longo da vida, constante do Parecer 11/2000 da CEB/CNE, tem como pressuposto a sociedade do conhecimento e permeia tanto os documentos das agências internacionais, como os da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), como também aparece, de forma recorrente, na literatura especializada e em documentos governamentais. No entanto, afirma Ventura (2013, p.33), enquanto se pressupor que a ênfase na “[...] educação continuada ao longo da vida irá propiciar a todos, de forma abstrata, a atualização de conhecimentos por toda a vida sem garantir a obrigatoriedade do Estado de ofertá-la”, e ofertá-la de forma satisfatória, incluindo nessa oferta a garantia de professores com formação específica, uma carga horária adequada para a formação dos educandos e o local com uma infraestrutura necessária, este emprego permanente ou continuado da Epjai dificilmente ocorrerá. Menos ainda se essa garantia não

incluir a forma democrática de participação em que as “[...] pessoas tenham liberdade de escolha do conteúdo desta formação, ou seja, sem possibilitar que ela seja desatrelada das necessidades imediatas do mercado e que possa responder ao desenvolvimento das mais variadas potencialidades humanas”. (VENTURA, 2013, p.33).

O Parecer 11/2000 da CEB/CNE destaca que as “donas de casa e os aposentados” constituem-se em grupos sociais contemplados na Epjai e que, apesar de ainda serem vistos por alguns, como pessoas de segunda classe, diante dos interesses do mercado profissional e educacional, precisam ser olhados com especial atenção, pois se constituem em sujeitos cuja subjetividade, sonhos e realizações, contribuem para ampliar conhecimentos, experiências e fazer história.

Por fazerem parte de um dos grupos excluídos da cidadania, citados no documento, essas mulheres, muitas negras e pobres, são, ainda hoje, impedidas do pleno exercício de sua cidadania, o que vai em direção contrária ao que estabelece o Art. 3º da Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003, conhecida como o Estatuto do Idoso, que obriga os familiares, a sociedade e o Poder Público a “[...] assegurar ao idoso a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária” (BRASIL, 2003, p.1). Este preceito encontra eco no Plano Nacional de Educação (PNE), (2014-2024), ao explicitar: “[...] o aumento da taxa de analfabetismo funcional à medida que a idade das pessoas sobe”. Para reverter essa situação, o PNE (2014-2024, p.175) propõe considerar “[...] nas políticas públicas de jovens e adultos, as necessidades dos idosos” e, na sua estratégia 9.12, institui o fomento ao acesso a tecnologias educacionais e a atividades recreativas, culturais e esportivas; a valorização e o compartilhamento dos conhecimentos e experiência dos idosos; bem como, incluir os temas do envelhecimento e da velhice nas escolas.

Assim, consideramos importante e necessário que a escola aborde, ainda, temas como a desigualdade de gênero, sexualidade e outros tópicos que fazem parte ou que, no passado, colaboraram e constituíram a forma e o contexto de vida dessas pessoas idosas. Estes temas, se abordados em sala de aula da Epjai, contribuirão para desenvolver, como afirma o Plano Municipal de Educação (PME), 2015-2025, de Vitória da Conquista, Bahia, “[...] situações de aprendizagem que valorizem e compartilhem conhecimentos e experiências das diversas gerações (juventude, idade adulta, idoso) presentes no contexto escolar” (VITÓRIA DA CONQUISTA, 2015, p. 1).

Após 16 anos de instituída, a Lei n. 10.741/2003, ainda não foi efetivada na sua totalidade, e há sempre a necessidade renovada de revisá-la, pois, analisando os dados do

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), baseados no Censo Demográfico de 2013, observamos que a população da chamada terceira idade no Brasil, sessenta anos ou mais, cresceu cerca de onze vezes nos últimos 60 anos, passando de 1,7 milhões para 14,9 milhões de pessoas nessa faixa etária. A previsão é de que em 2025 essa população seja de 64 milhões e de que, em 2050, um a cada três brasileiros seja idoso.

No Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, IBGE (BRASIL, 2016-2017), a taxa de analfabetismo foi de 7,2% em 2016 (o que correspondia a 11,8 milhões de analfabetos), variando de 14,8% no Nordeste a 3,6% no Sul. Para pessoas pretas ou pardas, essa taxa (9,9%) era mais que duas vezes a das brancas (4,2%). Entre as pessoas de 60 anos ou mais de idade, a taxa de analfabetismo chegou a 20,4%, sendo 11,7% para os idosos brancos e 30,7% para os idosos pretos ou pardos.

As sujeitas desta pesquisa tornam-se, também, sujeitas dos números. Números das estatísticas por possuírem as marcas de serem mulheres, idosas, pobres, em sua maioria, e moradoras de bairros populares. Marcas que, historicamente, trazem o peso do descaso, da opressão e da exclusão, conforme constatado pelos números apresentados, anteriormente, pelo IBGE e abordado em alguns documentos legais como o Plano Nacional de Educação (PNE) (2014-2024), que apresenta os números das desigualdades seja por idade, sexo, cor ou condição social; desigualdades essas que reforçam a exclusão e a opressão sociais refletidas nas salas de aula da Epjai.

Historicamente, as mulheres se constituíam e, em certa medida, continuam sendo, para alguns, um grupo social com papel muito bem definido. Esse papel tem um peso, ainda maior, sobre as mulheres idosas, pois carregam, além da idade, as causas psicológicas e físicas desse processo. O gênero foi, neste processo histórico, um marcador de desigualdade e submissão das mulheres. Acreditamos, assim, que deva ser estudado e discutido em distintas etapas e modalidades de educação, bem como em outras esferas da vida. Isso se traduz em outra importante motivação científica que é provocar as discussões sobre gênero, em especial voltada para pessoas idosas, para as instituições acadêmicas e científicas.

Sabemos que há grande possibilidade de algumas mulheres idosas que frequentam, hoje, a Epjai, apresentarem uma trajetória de vida marcada por relações de poder, inseridas nas questões sobre o discurso de gênero que as impediram de frequentar a escola, em outras fases da vida (infância, adolescência, juventude, por exemplo). Dentre as muitas relações sociais de poder, as relações de gênero, sempre cercadas de tabus e pouco diálogo, representam o poder exercido pela sociedade machista e patriarcal sobre as mulheres.

Este tema, que afeta diretamente a vida e a escolarização das mulheres idosas presentes na Epjai, vem sendo pouco discutido, como mostra Nogueira (2003), que, ao investigar a influência da condição feminina na busca pela escolarização, salienta a escassez de estudos integrando as temáticas *Gênero e Educação de Pessoas Jovens e Adultas*. Para reforçar essa ideia, a autora se ampara em estudo realizado por Haddad *et al* (2000), no qual foram pesquisados trabalhos de pós-graduação na área da EJA, no período de 1986 a 1998, e ali não foi encontrado “[...] nenhum trabalho que aborde a discussão da EJA numa perspectiva de gênero” (NOGUEIRA, 2003, p. 73). Em 2019, essa realidade vem se modificando de forma discreta, mas ainda é muito comum o uso do substantivo masculino no plural para invisibilizar as mulheres e suas realizações. A afirmação coaduna com o que pensa Haddad (2000), pois, parece construída na contemporaneidade, ao explicitar que há uma corrente de pensamento que entende a “[...] construção de identidades singulares, como as de gênero, étnicas e culturais, que abordam a dimensão da subjetividade dos educandos”. (HADDAD *et al*, 2000, p.12).

Buscamos, ainda, as discussões sobre gênero na Epjai no âmbito de uma importante entidade que se dedica aos estudos científicos no Brasil, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), especificamente, nas reuniões científicas nacionais da entidade, considerando as apresentações de trabalhos realizadas no âmbito do Grupo de Trabalho 23 (GT 23), dedicado às discussões de Gênero, Sexualidade e Educação e no Grupo de Trabalho 18 (GT 18), voltado especificamente EPJA.

Tais apresentações foram analisadas por meio de um levantamento bibliográfico realizado para esta pesquisa, abarcando o período compreendido entre 2008 e 2017, período considerado, aqui, tempo substancial para um panorama da área, no sítio eletrônico da Anped. Por meio de tal levantamento, constatamos que, no GT 23, dos 125 trabalhos apresentados, nas reuniões científicas nacionais no período analisado, 50 (cinquenta) deles abordam o descritor *gênero* na mesma perspectiva teórica desta pesquisa, mas nenhum faz referência, em seu conteúdo, ao descritor EJA/Epjai ou foi desenvolvido nesta modalidade.

Entendemos que problematizar a ausência dessas discussões no GT 23 sobre este tema, no âmbito da Epjai, seja atender aos requisitos e obrigações contidos nos muitos estatutos legais de ofertar à pessoa idosa as mesmas condições e direitos que os demais públicos de outras modalidades da educação dispõem, além de considerar a pessoa idosa como cidadã/ão e parte integrante da sociedade, que merece atenção, respeito e uma educação que aborde os problemas sociais com equidade de condições, conforme estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2000, p. 6),

assegurando que devem ser observadas, na oferta e estrutura dos componentes curriculares dessa modalidade, “[...] a equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio”. Os trabalhos apresentados sobre gênero, no referido GT, em sua grande maioria, são voltados para a discussão no âmbito dos jovens e adolescentes que estão no ensino médio e, em menor proporção, direcionados à educação infantil.

No GT 18, que traz grandes contribuições para a ciência no campo da Epjai, encontramos 105 (cento e cinco) trabalhos, dois quais 3 (três) deles trazem relação com a temática *gênero*, a ser discutida no âmbito das mesmas reflexões e olhar advindos dos estudos contemporâneo de gênero que se alinham à vertente desta pesquisa, mas, em outras questões, se afastam dela à medida em que trazem uma abordagem, exclusivamente, voltada para a questão da inserção/manutenção da mulher no mercado de trabalho e/ou das dificuldades de conciliar o trabalho com o papel social ao de ser mãe.

Apesar de existirem estudos que abordem, no GT 18, gênero na Epjai, esses estudos são voltados, basicamente, para os adultos considerados, pelo IBGE (2017), como População Economicamente Ativa (PEA), que classifica assim pessoas entre 15 (quinze) e 60 (sessenta) anos de idade. No GT 18, as questões de gênero estão mais voltadas para a mulher, ao que se refere à sua inserção no mercado de trabalho e cuidado com filhos, demandas que já não estão incluídas, necessariamente, na pauta das sujeitas desta pesquisa. Por isso, fazemos questão de observar, nesta pesquisa, a multiplicidade, que é “[...] multiplicadora, ativadora e produtora de diferenças existentes na sigla EJA” (PARAISO, 2012, p.32). Neste contexto, o “A” de adultas não representa a todos os adultos presentes na sala de aula devido a complexidade dessas sujeitas e desses sujeitos. Utilizamos, assim, a escrita Epjai, pois o “P” de pessoas reforça a ideia da diversidade de gênero, enquanto o “T” de idosas reforça a necessidade de enxergar os adultos em suas diferentes fases e demandas da vida, fato que não é observado pela LDBEN 9394/96, que trata os adultos como um grupo homogêneo.

Assim entendemos que a comunidade científica necessita, também, se voltar para essa parte da população de pessoas idosas que vai para a sala de aula na Epjai, seja para ser incluída na sociedade como sujeito pleno de direitos, inclusive o de compreender os processos e percursos que afetam, direta ou indiretamente, sua vida e que a faz viver o presente da forma como ele se apresenta, seja para a concretização de sonhos e realização pessoal. Vale salientar que essas pessoas idosas serão, conforme apresentado anteriormente, nas estatísticas do IBGE, um número significativo da sociedade que, com o avanço da medicina e da tecnologia, propiciam uma longevidade maior ao ser humano. Vivendo mais e melhor, certamente, essas

sujeitas e sujeitos buscarão melhores condições de vida, incluindo, aqui, uma educação de melhor qualidade.

E, nessa busca, essas pessoas idosas precisarão contar, conforme anuncia o art. 2º da Resolução nº 3, de 15 de junho de 2010, que institui as Diretrizes Operacionais para a Epjai com políticas públicas de Estado e não de governo (OLIVEIRA, 2011), que assegurem a essas sujeitas uma educação ao longo da vida. Vida que se prolonga cada dia mais com a evolução da medicina e da tecnologia e que demanda reorganizações sociais em todas as suas vertentes; reorganizações estas melhores estruturadas quando (e se) essas pessoas idosas entenderem os processos que constituíram suas vidas e quando aprenderem a construir respostas às questões que as levem a refletir sobre suas vidas.

Considerando os aspectos anteriormente abordados, a questão nuclear desta pesquisa é: Que discursos sobre gênero e suas implicações foram e são construídos na trajetória de vida e de escolarização de estudantes idosas da modalidade Epjai? O objetivo geral, portanto, busca compreender os discursos sobre gênero e suas implicações na trajetória de vida e de escolarização de estudantes idosas da modalidade Epjai.

As mulheres idosas presentes na Epjai carecem de um olhar cuidadoso sobre sua situação como mulher, como estudante e como cidadã que, certamente, não buscam, apenas, se formar para um posto de trabalho, mas desejam a realização de seus sonhos, que, dentre os quais, encontra-se o de se tornarem cidadãs plenas. Entendemos por cidadã plena, não apenas o sujeito que tem o direito de aprender a ler e a escrever, mas aquele que tem seus direitos civis, políticos e sociais numa situação de igualdade entre os sujeitos e perante a lei. Relaciona-se com a participação consciente e responsável do sujeito na sociedade, zelando para que seus direitos não sejam violados.

De natureza qualitativa, desenvolvemos o processo de construção, organização e interpretação das informações nesta pesquisa, por meio de um estudo exploratório e descritivo. Para tal, realizamos 7 (sete) entrevistas narrativas e 2 (duas) sessões coletivas de diálogo com as sujeitas da pesquisa, mulheres idosas, regularmente matriculadas na modalidade Epjai, na Escola Municipal Antônia Cavalcanti Silva<sup>4</sup>, no município de Vitória da Conquista, Bahia<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> O nome da escola é verdadeiro, uma vez que tivemos autorização para tal, conforme Apêndice A.

<sup>5</sup> No capítulo 2, apresentamos, detalhadamente, todo o processo de construção, organização e a proposta de análise das informações produzidas na pesquisa.

Em linhas gerais, podemos dizer que a pesquisa busca, ainda, contribuir com o desenvolvimento de práticas e currículos, no contexto da educação básica, que favoreçam as relações humanas democráticas entre mulheres e homens.

### **Organização da dissertação**

Organizamos a dissertação em três capítulos, seguidos das considerações finais, referências, apêndices e anexos. No primeiro deles, intitulado *Gênero, educação de pessoas jovens e adultas e currículo: problematizando e articulando as temáticas*, apresentamos discussões sobre gênero, os três movimentos feministas e sua contribuição para o campo em questão, bem como reflexões sobre a relação entre Epjai, currículo e gênero.

No segundo capítulo, *No vai e vem da vida... os caminhos teórico-metodológicos da pesquisa*, apresentamos a natureza, tipo, campo e sujeitas da pesquisa, assim como as etapas percorridas no processo de construção, organização e análise das informações.

No terceiro capítulo, *Discursos sobre gênero de mulheres idosas da educação de pessoas jovens e adultas e seus projetos de vida*, apresentamos a análise das informações construídas ao longo da pesquisa, entendendo que os gêneros são construções sociohistóricas e culturais, produzidas nas relações de poder-saber. Fundamentamos a análise, especialmente, nas noções essenciais do pensamento de Foucault (1995; 1996; 2003; 2007; 2009), em diálogo, também, com autores do campo da Epjai.

Nas considerações finais, retomamos o objetivo geral da pesquisa e socializamos as principais conclusões a que chegamos. Entre outras questões, afirmarmos que muitos foram os discursos sobre gênero e, em não menor número, foram as implicações que esses discursos produziram ao excluir, limitar, regular e oprimir os percursos de vida e a escolarização de mulheres idosas, estudantes da Epjai.

# **1. GÊNERO, EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS E CURRÍCULO: PROBLEMATIZANDO E ARTICULANDO AS TEMÁTICAS**

Neste capítulo, apresentamos reflexões sobre o conceito de gênero, evidenciando nossas escolhas teóricas no percurso de desenvolvimento da pesquisa. Na sequência, apresentamos as características das três ondas (movimentos) feministas que contribuíram, significativamente, para as teorizações atuais sobre gênero. Por fim, socializamos discussões sobre a relação entre Epjai, currículo e gênero.

## **1.1 Situando e problematizando a discussão de gênero**

A ideia de um sujeito tido como universal, unificado, racional e centrado em seu núcleo interior, cuja identidade permaneceria inalterada, foi marcante no pensamento liberal durante o iluminismo no século XVIII. A aceitação da existência dessa universalização dos sujeitos induziu a crença de que há uma homogeneidade social e, também, como afirma Scott (1995), colaborou para esconder a verdadeira especificidade do sujeito que, além de burguês, era masculino.

A crítica a essa universalidade do sujeito é uma constante. Exemplo disso é a crítica apresentada por Simone de Beauvoir no livro “O Segundo Sexo”, publicado em 1949, cujas ideias, como se sabe, tornaram-se um dos principais marcos teóricos do feminismo. Nele a autora argumenta que, numa sociedade, há aqueles que, sem as marcas sociais impostas, ocupam seus lugares e se sobressaem na sociedade e há os que, por serem diferentes da maioria, carregam a pecha dessas marcas, sejam elas sexuais, raciais, religiosas, de gênero, dentre outras, que ficam aprisionados em suas especificidades, já que se tornam invisíveis socialmente e se constituem apenas em outros. O homem, sexo masculino, se enquadra socialmente no contexto daqueles que não carregam marcas sociais. Para Beauvoir (1949) "O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro". Ou seja, o masculino está investido, socialmente, de significados de representação e de totalidade, é o gênero que está à frente ao outro.

Essa discriminação que, historicamente, sempre existiu, não se releva de forma clara, mas está velada e inserida no pensamento liberal que carece, segundo Scott (1995), ser analisada sob uma perspectiva que incluísse as distintas categorias existentes como a de gênero, classe, de status social e até das categorias homem e mulher. Essa nova proposta, apresentada pela autora, evidencia a emergência de examinar essas categorias sob um novo

ângulo, o que originou o desenvolvimento das teorias de gênero pois, com o abandono desse ideal liberal e iluminista do sujeito universal e essencialista, representado e personificado pelo homem branco, heterossexual e detentor de propriedades, surgem o pensamento da diferença e o respeito às especificidades, incluindo as de gênero, classe, etnia, dentre outras. Para a autora, essas marcas particulares, à medida que eram generalizadas e instituídas como universais, do homem como sujeito, tornavam-se uma categoria opressora cuja normatização social era aceita, enquanto a mulher era invisibilizada e ausente. Mas se o essencialismo traz a ideia de que o papel social dos sujeitos é construído e definido, Butler (2002, p.12) questiona: "Si el sujeto es algo construido, ¿quién construye al sujeto?" a mesma autora pode nos responder:

la construcción tomó el lugar de una acción semejante a la de un dios que no sólo causa, sino que compone todo lo que es su objeto; es lo performativo divino que da vida y constituye exhaustivamente lo que nombra o, más precisamente, es ese tipo de referencia transitiva que nombra e inaugura a la vez. (BUTLER (2002, p.12).

Assim, de acordo com essa visão de construção, para que algo seja construído, deve ser criado e determinado.

Dessa forma, a teoria da performatividade (Butler, 2009) de gênero pressupõe que as normas atuam sobre nós antes mesmo que tenhamos a chance de agir, e quando agimos, reproduzimos as normas que agem sobre nós, ainda que, de diferentes formas e maneiras, mas sempre tendo como referência as normas que nos precedem. O performativo não é apenas uma prática ritual, mas sim um dos mais influentes rituais pelos quais os sujeitos são formados e reformulados que dita quais os corpos que importam na sociedade.

Em meados do século XX, com a pós-modernidade, o pensamento predominante no movimento liberal é desconstruído e essa identidade do sujeito universal deixa de ser vista como inata ao homem e é compreendida como sendo formada, historicamente, por processos do inconsciente de cada indivíduo.

Assim, a compreensão que trazemos para esta pesquisa é o conceito de gênero vinculado ao contexto histórico do movimento social feminista contemporâneo, que traz como foco a luta pelo equilíbrio nas relações entre mulheres e homens, minimizando, fortemente, as diferenças e constituindo-se numa luta por transformação de valores sociais.

Além do aporte conceitual à discussão sobre a diferença, buscamos na abordagem foucaultiana, a análise do poder, fazendo o diagnóstico das estruturas de saber-poder e da denúncia das tecnologias da dominação, produzidas e reproduzidas pelo saber. Saber que,

segundo Lopes (2013, p.12 ), “[...] é então interpretado como um discurso e conectado ao poder”; discurso, compreendido em Foucault, (2004, p.139) como:

Um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização: um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas “aplicações práticas”), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política.

Para Foucault (1996), o discurso não deve ser entendido como um agrupamento de signos que expressaria um pensamento, algo que distorceria a realidade ou mesmo que faria as coisas falarem. Ele propõe entendermos o discurso como discursos, no plural, e manter-se no que foi dito.

E por assim entender a formação dos discursos, autoras e autores de estudos contemporâneos sobre gênero consideram a ação dos sujeitos um aspecto crucial para a compreensão das políticas e enfatizam a fluidez do poder e sua materialização pelos diferentes agentes. Poder esse que, exercido nas relações que envolviam essas mulheres idosas, em diferentes épocas de suas vidas, as colocou, em dado momento histórico, num lugar que elas não queriam para si, numa relação direta com o pensamento de Foucault (2004), para quem o poder não é apenas repressivo, mas também, produtivo, visto que cria novos saberes que tanto podem oprimir quanto libertar.

Para Butler (2003), Scott (1995) e Louro (1997; 2004), autoras centrais nesta pesquisa, entender o conceito de gênero como processual tem grande importância por criticar o universalismo e o essencialismo, já que se afasta dos pressupostos modernos de universalidade, unidade e identidade, assumindo a diferença como categoria importante em sua análise.

Seguiremos essa linha de pensamento por acreditar que ela tem argumentos para explicar as relações dominantes que existem, historicamente, na sociedade. Dominação essa que perpassa o aspecto econômico, como afirma Louro (1997), para quem a mulher sempre foi vista como dependente, economicamente, de seus pais e depois dos maridos. Dominação aqui compreendida sob o olhar de Foucault (1995, p.19) ao afirmar que “[...] ela se constitui numa estrutura global de poder cujas ramificações e consequências, podemos, às vezes, encontrar, até na trama mais tênue da sociedade”.

Conforme Foucault (2007), a dominação vem por meio de um saber como construção histórica e, como tal, produz verdades que se instalam e se revelam nas práticas discursivas, enfatizando que as sínteses discursivas, que nos chegam e são aceitas como naturais, precisam

ficar em suspenso, ou seja, não é negá-las ou ignorá-las, mas trazê-las para o centro da discussão e mostrar que resultam de uma complexa trama que permite que elas apareçam num dado momento exatamente dessa forma, considerando todo contexto social existente. Assim, podemos ver a história das mulheres como uma dessas ramificações de dominação de gênero, que se constituiu num dado momento histórico da sociedade. O termo gênero, segundo Scott (1995, p.72):

[...] parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, contrapondo-se ao que era apontado pelo chamado determinismo biológico que está implícito no termo sexo.

Gênero, para a autora, se constitui em uma organização social construída sobre a constatação das diferenças sexuais e entrelaçada nas relações desiguais de poder, permitindo que os corpos sejam vistos como construções de significados sociais, contrapondo-se à ideia de gênero como algo imutável e, naturalmente, constituído.

Esse entendimento das diferenças sexuais existentes e o saber sobre essas diferenças se constituem na nova visão de gênero, que, segundo Scott (1995, p.89), “[...] fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana”, de forma que as relações entre mulheres e homens tornam-se “[...] um saber não absoluto ou eternamente verdadeiro, mas sempre relativo” (SCOTT 1992, p.89), permitindo o reconhecimento das distinções entre os corpos sexuados, mas consciente da importância de como os significados são constituídos, culturalmente, para essas diferenças.

Segundo Scott (1995), o mais simples era tratar gênero como sinônimo de “mulheres”. Pensamento que surge para substituir, principalmente na academia, o termo “mulher” que, com o fortalecimento do movimento feminista, incorpora um pensamento com grande apelo político. Historicamente, esse pensamento evoluiu e passou a incorporar, também, os homens, pois, para Scott (1995, p.3), “[...] as feministas estavam mais preocupadas com o fato de que a produção dos estudos femininos centrava-se, exclusivamente, nas mulheres de forma muito estreita e isolada”. Ao utilizar gênero, numa nova perspectiva, passa-se a debater e analisar a construção sociocultural do feminino e do masculino, das formas como esses substantivos se constituem e, como são constituídos os sujeitos em meio às relações de poder. Assim, gênero, nessa nova perspectiva, é visto como um conceito relacional, abandonando a visão onde falar de gênero significa apenas falar de mulher, remetendo à ideia, como diz Louro (2007 p.206), que deu condições para a emergência de um novo sujeito histórico coletivo – as mulheres – e de um novo campo teórico e político – o feminismo.

É importante atentar, afirma a autora, que essas desigualdades de gênero não contemplam apenas as questões das diferenças sexuais e biológicas entre mulheres e homens, mas também, as desigualdades de poder que a relação entre esses dois sujeitos revela, ou seja, a distinção entre sexo biológico, aspectos sociais e historicidade de gênero. Essa distinção se constitui para a autora no ponto central da divisão entre as questões do sexo e de gênero. Esse último é conceituado por Scott (1995, p.19) “[...] como sendo uma categoria de análise que serve para compreender a rede complexa de relações de poder que organizam as relações sociais e que justificam, ainda hoje, a exclusão das mulheres dos espaços de saber-poder”. Essa exclusão confere às mulheres participarem de atividades reprodutivas no âmbito privado e doméstico, assegura a autora, enquanto concede aos homens vantagens que os elevam à esfera produtiva pública, de visibilidade social. Pensamentos como estes, que os discursos se constituíram como verdades, possibilitaram a Foucault (2007), elaborar uma segunda ideia sobre os discursos, que se constituem em

Práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os tornam irreduzíveis à língua e ao ato da fala. E esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2007, p. 55).

Partindo dessa premissa, buscamos compreender os discursos em que o próprio sujeito é colocado como objeto do saber possível, assim, entendemos que as mulheres idosas que são estudantes da Epjai, sujeitas desta pesquisa, muitas vezes, levam, para o ambiente escolar, papéis socialmente construídos, por meio dos discursos, como o de ser mãe, ser esposa e ser avó, que podem influenciar no acesso, na permanência e, ainda, no abandono escolar por parte dessas estudantes. Configurando “[...] processos de subjetivação e de objetivação que fazem com que o sujeito possa se tornar, na qualidade de sujeito, objeto de conhecimento” (FOUCAULT, 2004, p. 236).

Comprendemos os processos de subjetivação como sendo a forma como o outro se compreende como sujeito legítimo de determinado tipo de conhecimento, ou seja, como o sujeito percebe a si mesmo na relação sujeito-objeto. E aos processos de objetivação como sendo o modo pelo qual o sujeito pode se tornar um objeto para o conhecimento. A objetivação e a subjetivação são, assim, processos complementares que se relacionam por meio do que Foucault resolveu chamar de jogos de verdade.

Podemos associar o abandono escolar a um dos procedimentos que, segundo Foucault (2007), é exercido tanto no exterior quanto no interior dos discursos: a exclusão. Uma das

formas que a exclusão opera é através da interdição que se configura no que pode ou não pode ser falado, em que circunstâncias pode ser falado e a quem é permitido exercitar essa fala. Para o autor, o desejo e o poder mantêm uma relação direta com a interdição, uma vez que os próprios discursos formam o objeto do desejo, ou seja, a luta é pela dominação dessa prática social. Tirar dessas senhoras, o direito de frequentar a escola é atender a interesses e desejos de terceiros e mantê-las distante do saber-poder que, certamente, ter-lhes-ia dado chances diferentes ao longo da vida. É a operacionalização do discurso na vida dessas senhoras.

## 1.2 Movimento feminista e sua relevância para a discussão de gênero

O feminismo é um conceito que surge, segundo Louro (1997), no século XIX, e se desenvolveu como movimento filosófico, social e político na busca pelo reconhecimento da igualdade entre mulheres e homens. Essa igualdade se constitui, inicialmente, como uma das primeiras lutas do movimento feminista que apresenta como sua principal bandeira a participação da mulher na vida social. Mulher que, historicamente, era vista, segundo Beauvoir (1949, p.9), “[...] como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação e sem reciprocidade”, enquanto o homem representava “[...] o positivo e o neutro, a ponto de dizermos ‘os homens’ para designar os seres humanos”. A autora recorre à metáfora do negativo e do positivo, que compõe a rede de energia elétrica, para demonstrar a realidade social existente à época, no tocante à mulher. Essa analogia ilustra bem a estrutura binária e desigual que foi dada ao conceito “gênero”, e que foi produzida, segundo Butler (2003), pelo regime vigente de poder e pelo discurso estabelecido pela heterossexualidade masculina compulsória e pelo falocentrismo (ALBUQUERQUE, 2003), sendo mantido pela linguagem. Linguagem que, uma vez interpretada, origina uma ideologia, que nesse caso, é a da supremacia do homem, a do patriarcado<sup>6</sup>.

Neste período, afirma Beauvoir (1949, p.18), as demandas feministas “[...] saem do terreno teórico e encontram fundamentos econômicos com a participação da mulher no trabalho, o que se constituiu numa das consequências da revolução industrial”. Até então, a fim de provar a inferioridade da mulher, “[...] os antifeministas apelaram não somente para a religião, a filosofia e a teologia, como no passado, mas ainda para a ciência: biologia, psicologia experimental” que tinham, cada uma sua explicação para manter a mulher no lugar

<sup>6</sup> Saffioti (2004) defende o uso do conceito de patriarcado, pois esse representa um tipo hierárquico de relação que presente em todos os espaços sociais e que é uma relação civil e não privada. Para a autora, a sociedade é perpassada não apenas por discriminações de gênero, como também de raça, etnia, classe social e orientação sexual.

socialmente a ela determinado, ou seja, “[...] o lugar da mulher ‘realmente mulher’, frívola, pueril, irresponsável, submetida ao homem”. (BEAUVOIR, 1949, p.18).

As estruturas jurídicas da linguagem e da política formam o campo contemporâneo de poder, afirma a autora supracitada. Diante desse discurso ideológico que instituiu o poder, outorgado aos homens, Butler (2003, p.18) enfatiza que “[...] o movimento feminista busca desenvolver uma linguagem capaz de representá-lo adequadamente a fim de promover a visibilidade política das mulheres”. Naquele contexto, ter visibilidade significava tornar-se cidadã, e isso implicava em ser uma mulher com instrução suficiente para saber ler, escrever, ter frequentado a escola, além de ter direito à vida pública, inclusive como trabalhadora remunerada. Essa última é uma questão crucial para a política e ainda mais significativa para o feminismo, pois, para Butler (2003), a construção política do sujeito está vinculada à finalidade de legitimação ou de exclusão, e o foco das feministas se constitui em legitimar o sujeito do feminismo, ou seja, as mulheres. Assim, o discurso do movimento se torna uma outra forma de dizer e de pensar o feminino e o masculino e, também, de reconstruir os laços entre esses dois sujeitos (substantivos) que constituem o universo das questões de gênero e que traz inserida uma ideologia.

Como um movimento, o feminismo é composto por diferentes bandeiras em distintos momentos históricos, incorporando ideias que buscam legitimar a existência, a importância social e o reconhecimento daquelas que o constituem. A falta dessa legitimação e reconhecimento sempre foi um problema que, segundo Saffioti (2005), era causado pela ideologia dominante, o patriarcado, que se esforçava para não deixar a mulher ter visibilidade e reconhecimento social afirmando a hierarquia entre mulheres e homens, com a primazia masculina. Para Saffioti (2005, p.71):

[...] o conceito de gênero carrega uma dose apreciável de ideologia. E qual é esta ideologia? Exatamente a patriarcal, forjada especialmente para dar cobertura a uma estrutura de poder que situa as mulheres muito abaixo dos homens em todas as áreas da convivência humana. É a esta estrutura de poder, e não apenas à ideologia que acoberta que o conceito de patriarcado diz respeito.

O patriarcado, como argumenta Saffioti (2005), serve a interesses dos grupos e classes dominantes, dotando os homens do poder de agir e naturalizando essa forma de agir socialmente sobre a mulher. Assim, é preciso reconstruir a visão de gênero sob uma nova perspectiva, como afirma Louro (1997), na qual o sujeito não tenha que seguir padrões socialmente construídos nem modelos hierarquizados, numa imposição da sociedade, mas na qual as qualidades femininas e masculinas sejam atributos da subjetividade do sujeito. Essas

qualidades, socialmente impostas aos gêneros, determinaram a superioridade do homem sobre a mulher reforçando o caráter político dessa relação e demonstrando as diferenças existentes na relação de poder, sempre desigual. Para Foucault (2009), a sexualidade, assim como o gênero,

[...] se constitui um domínio a conhecer. Foi a partir de relações de poder que a instituíram como objeto possível e, em troca, se o poder pode tomá-la como alvo, foi porque se tornou possível investir sobre ela através de técnicas de saber e de procedimentos discursivos. (FOUCAULT, 2009, p. 108-109).

Essas técnicas de saber e de procedimentos discursivos permitem o estabelecimento da diferença e ditam como as identidades são construídas, manifestando-se, com maior ou menor importância, a depender do momento e do espaço em que devem aparecer como prática discursiva. Como afirma Foucault (2009), importa questionar a fecundidade desses discursos para compreendermos “[...] que efeitos recíprocos de saber e poder proporcionam” (FOUCAULT, 2009, p. 113), pois a fala, repetida muitas vezes, acaba por construir aquilo de que fala, conforme evidencia Silva (2000, p. 93):

A linguagem não se limita a proposições que simplesmente descrevem uma ação, uma situação ou um estado de coisas. [...] mas pode ser performativa, na medida em que sua repetida enunciação pode acabar produzindo o "fato”.

Assim, é importante salientar que, segundo Foucault (2007), que tudo que é dito sobre como devem se constituir os gêneros vai ratificando a formação das identidades através de práticas discursivas que exercem seus efeitos para além do próprio discurso, interligando os elementos que estão a ele articulados.

E a essas práticas discursivas, que fomentam a formação de identidades, que o feminismo busca neutralizar, como pontuam Alves e Pitanguy (2003, p.9), “[...] no espaço doméstico, no trabalho e nos demais locais onde as mulheres precisem recriar relações interpessoais onde o feminino não seja o menor nem o desvalorizado”. O feminismo busca repensar e recriar a identidade de gênero observando que os sujeitos, sejam mulheres ou homens, não precisem se adaptar a padrões pré-estabelecidos, e onde ser mulher e ser homem seja fruto da subjetividade e não de imposições. Essa busca reflete a luta do movimento feminista em desconstruir a normalização e as conexões que envolvem poder inseridas nas diferenças entre os gêneros.

Partindo dessa premissa e contra a normalidade dos gêneros, o movimento feminista se lança na luta por equidade de direitos e pelo reconhecimento das mulheres como sujeitas de

direitos na sociedade. É comum falar em três ondas, ou momentos, do movimento feminista, pois, como afirma Louro (1997), as mulheres tinham diferentes demandas em cada momento histórico e isso alterava o teor das reivindicações. Dessa forma, um dos aspectos de associação das mulheres em determinada onda ou momento do feminismo é observando suas demandas em cada momento histórico.

Historicamente, a primeira onda ou momento do feminismo se refere a um período extenso de atividade feminista ocorrido durante o século XIX até o fim do século XX no Reino Unido e nos Estados Unidos. Louro (1997) enfatiza que a primeira onda tem início com os movimentos contrários à discriminação feminina. As integrantes do movimento pretendiam, nesse momento histórico, promover a equiparação, entre homens e mulheres, nos direitos dos contratos comerciais e de propriedade. Também, eram contra à imposição do casamento arranjado pelas famílias, que conferia aos maridos o direito de posse sobre a mulher e sobre seus filhos.

Já no fim do século XIX, o ativismo teve como foco principal a conquista de poder político, o voto tornou-se o direito objetivo a ser conquistado.

Dentro deste panorama político, a primeira Constituição republicana brasileira, de 1891, estabeleceu como asseguram Haddad e Di Pierro (2000, p.109), “[...] a exclusão dos adultos analfabetos da participação pelo voto, isto em um momento no qual a maioria da população adulta era iletrada”. E, apesar de não excluir, textualmente, as mulheres das eleições, em seu Art.70, deixava claro quem poderia votar: “[...] são eleitores os cidadãos maiores de 21anos que se alistarem na forma da lei.” O termo substantivo utilizado no masculino, cidadãos, normatizava como possuidores de direitos apenas os cidadãos do sexo masculino e alfabetizados. Como mostram Haddad e Di Pierro (2000, p.109), “[...] no período do Império só possuía cidadania uma pequena parcela da população pertencente à elite econômica à qual se admitia administrar a educação primária como direito, da qual ficavam excluídos os negros, indígenas e grande parte das mulheres”. Corrobora com essa afirmação o número percentual do censo de 1920, citado pelos mesmos autores e “[...] que realizado 30 anos após o estabelecimento da República no país, indicou que 72% da população acima de cinco anos permanecia analfabeta” (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p.110 ). Os autores afirmam, ainda, que “[...] até esse período, a preocupação com a educação de jovens e adultos praticamente não se distinguia como fonte de um pensamento pedagógico ou de políticas educacionais específicas” (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p.110), como esses jovens e adultos não faziam parte da elite econômica, essa preocupação em educar essas pessoas só foi se tornar uma possibilidade em meados dos anos de 1940, quando se inicia essa preocupação

em educar pessoas consideradas, socialmente, como de camadas populares, compreendida como a mera ação de instruir as crianças. Como colocado por Saffioti (2005), era o patriarcado ditando as normas sociais tanto de exclusão como de legitimação com base nas relações de poder, inclusive nas inseridas nas questões de gênero, já que, segundo Haddad e Di Pierro (2000), um número expressivo das mulheres estava nessa condição de exclusão. Ou, como afirma Louro (2000), estava na luta para tentar ser o que se esperava, socialmente, delas e desenvolviam atividades que lhes desagradavam, causavam desconforto ou não lhes satisfaziam, só para atenderem às exigências sociais que as posicionam em situações consideradas essenciais e naturalmente postas para seu gênero.

Outra luta encabeçada pelo movimento foi no campo político eleitoral. A luta pelo direito ao voto obteve sua vitória, ainda que em parte, se observada sob o ponto da alteração textual da norma legal, pois, em 1934, a Constituição é modificada na busca pela inclusão das mulheres no processo eleitoral. O texto constitucional deixa de utilizar a palavra cidadãos e passa a utilizar a expressão homens e mulheres. No entanto, observamos que a mudança é basicamente textual, uma vez que, em seu Art.109, a Constituição Federal de 1934 estabelece que: “O alistamento e o voto são obrigatórios para os homens e para as mulheres, quando estas exerçam função pública remunerada, sob as sanções e salvas as exceções que a lei determinar” (sic). Na prática, a mudança textual não trouxe uma participação efetiva de mulheres no processo eleitoral, pois, nos anos de 1930, eram poucas as mulheres que exerciam atividade pública e remunerada. Assim, uma mais vez, o discurso influenciava a realidade ao se pensar que haviam universalizado o voto com a inclusão das mulheres. Embora o movimento seja datado, percebemos que certas reivindicações ainda encontram ressonância em nosso cotidiano. Mesmo com toda evolução social, atualmente, há uma luta recorrente para assegurar às mulheres, maioria entre os eleitores, maior participação como protagonistas no processo eleitoral. Luta que conta com importante ferramenta legal, a Lei nº 9.504, de 1997 (Lei das Eleições), que estabelece que, nas eleições proporcionais, “cada partido ou coligação preencherá o mínimo de 30% e o máximo de 70% para candidaturas de cada sexo”. Essa Lei incentiva a eleição de mulheres a cargos legislativos, ao assegurar a cada sexo, pelo menos uma vaga do quociente partidário de cada partido ou coligação. Ainda assim, é proporcionalmente pequeno o número de mulheres que se candidatam, efetivamente, aos cargos eletivos no contexto brasileiro na contemporaneidade. Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (BRASIL, Tribunal Superior Eleitoral. TSE, 2019), as mulheres compõem a maior parte do eleitorado brasileiro, mas ainda estão longe de conseguir se eleger na mesma proporção dos homens. Ainda segundo o TSE (BRASIL, 2019), apesar da desproporção,

houve um avanço rumo à igualdade de gênero, pois, em 2014, “[...] foram escolhidas 190 mulheres, o que equivalia a 11,10% do total de 1.711 candidatos eleitos” para a câmara federal e assembleias legislativas. Já no último pleito, “[...] as 290 eleitas correspondiam a 16,20% do universo de 1.790 escolhidos”, o que representa um crescimento de 5,10% com relação à eleição anterior, mas ainda longe de ser um número satisfatório do ponto de vista da equidade no poder legislativo. Vale ressaltar que o (substantivo) continua a ser colocado no masculino plural pelo TSE, deixando invisíveis as mulheres.

A segunda onda do movimento feminista tem início após a segunda guerra mundial e avança até entre os anos de 1960 e 1980 do século XX, momento no qual encontra maior suporte. A guerra provocou uma grande mudança social, uma vez que muitas mulheres tiveram que trabalhar para garantir o sustento da família, assumindo, assim, um protagonismo antes negado a elas. Em 1960, começa o desdobramento dessa segunda onda aonde o movimento feminista se volta para as construções teórico-conceituais. Nesse período, Simone de Beauvoir, como já dissemos anteriormente, lança seu livro “O segundo sexo” (1949), considerado um marco para a teorização sobre gênero ao trazer a afirmação da autora de que “não se nasce mulher, torna-se mulher” e começa a construir um conceito sobre gênero, o que, até então, não era problematizado, pois os principais filósofos eram homens. Esse momento histórico do feminismo é caracterizado, também, por uma produção intelectual significativa.

Diferente da primeira onda, fase inicial do feminismo, que buscava a igualdade entre as mulheres e os homens, começando-se a construir e identificar uma unidade em torno da categoria Mulher, tornando-a universal, na segunda onda, afirma Louro (1997), lutava-se para romper com a dominação do homem e pelo reconhecimento da mulher. Ainda para problematizar e discutir sobre as diferenças existentes, também, entre elas, colocava-se a diversidade das mulheres em evidência. Assim, a luta deixa de ser por uma unanimidade de mulher e passa a ser sobre o conjunto de mulheres, sejam negras, idosas, pobres, dentre outras. De acordo com Louro (1997), as preocupações sociais e políticas dessa onda tinham como foco a luta pelo direito à saúde, à sexualidade feminina, ao aborto e à participação igualitária no mundo de trabalho que agora é visto como parte das discussões sociais.

As feministas que atuavam nesse momento histórico viam uma relação direta entre as desigualdades culturais e políticas das mulheres, razão pela qual trabalhavam, ativamente, para que outras mulheres compreendessem os aspectos que afetavam a vida de cada uma delas e buscavam fomentar a reflexão sobre as relações de poder existente entre os sexos. Reflexão esta que contou com a grande contribuição de Scott ao publicar, em 1986, um artigo na *The*

American Historical Review<sup>7</sup>, periódico da The American Historical Association<sup>8</sup>, traduzido para o português em 1995, com o título original de Gender: a useful category of analysis<sup>9</sup>, abordando gênero como “[...] um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Também essas questões de igualdade e de poder que foram combatidos pela segunda onda ainda são temas de discussão na atualidade. Recentemente, em 2018, a suprema corte brasileira, o Supremo Tribunal Federal (STF), realizou audiência pública com a intenção de debater sobre a descontinuidade da criminalização do aborto, e um de seus ministros, Luís Roberto Barroso, relator do caso em análise, disse à imprensa em entrevista coletiva: “[...] Se homens ficassem grávidos, o aborto já seria legal faz tempo. Criminalizar uma convicção diferente não é razoável. Criminalizar é forma autoritária e intolerante de lidar com o problema”. (PASSARINHO, 2018).

A discussão desse problema, na atualidade, e a afirmação da supremacia masculina, pelo STF, ao dizer que “[...] se os homens engravidassem isso já teria sido resolvido há muito tempo”, demonstram que as causas do movimento feminista não devem nem podem ser entendidas como estanques e pontuais, pois os problemas defendidos por ele não se resolvem nem se esgotam num determinado recorte histórico, mas causam discussões, problemas e repercussões sociais que perpassam gerações. Isto colabora, também, para reafirmar o que defende Saffioti (2005), ao dizer que o exercício da opressão masculina é beneficiado pela construção sociocultural da identidade feminina e a definição de seus papéis como figura passiva e submissa, a autora considera que o patriarcado é um caso específico das relações de gênero, pois são desiguais e hierárquicas, perdurando ainda hoje.

Louro (1997) pontua que a terceira onda ou momento do feminismo começou no início dos anos 1990, como uma resposta às supostas falhas da segunda onda, cujo objetivo, naquele momento, era de desafiar ou evitar, como ratifica a autora, aquilo que via como as definições essencialistas da feminilidade que formavam um sujeito político feminista universal. A abordagem da segunda onda recebeu críticas das feministas negras, latino-americanas, das feministas dos países de terceiro mundo e das feministas lésbicas. Essas críticas, segundo Louro (1997), dirigem-se ao feminismo branco ou dominante, colocando em questão “o que é ser mulher” e denunciando que a unidade entre as mulheres também é

---

<sup>7</sup> A História Americana Revisada [tradução nossa].

<sup>8</sup> Associação Histórica Americana [tradução nossa].

<sup>9</sup> Gênero: uma categoria útil de análise [tradução nossa].

excludente, opressora e dominante. Nascem aqui as discussões sobre a construção da diversidade de identidade, pois reivindicam não apenas a diferença entre mulheres e homens, mas as diferenças entre elas próprias, especificamente, as diversas identidades femininas. E isso se constitui não apenas como um problema político, mas, também, como um problema teórico.

Nesse momento histórico do movimento feminista há forte presença de uma concepção pós-estruturalista do gênero e da sexualidade, que, como afirma Louro (1997), se preocupa em responder ao que é, e o que não é importante para cada mulher.

Engajadas nessa nova ordem, as feministas da terceira onda se detiveram na desconstrução de estereótipos, nos retratos da mídia, que exibia o lugar de submissão da mulher, enfim, na alternância de práticas rotineiras e comuns, bem como na linguagem usada para definir as mulheres, uma vez que, para Louro (1997), a produção dos discursos é responsável pela visão social daquilo que é produzido, por isso são precisamente os gestos e as palavras banalizados que devem se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e de desconfiança. Gestos e palavras que, no passado, podem ter influenciado a vida dessas mulheres que hoje frequentam a Epjai na Escola Municipal Antônia Cavalcanti e Silva em Vitória da Conquista, Bahia, contexto específico de nossa pesquisa.

Todas essas ondas que colaboraram para o fortalecimento do movimento feminista contribuíram significativamente para ampliação do conhecimento, por parte das mulheres, sobre seus direitos e suas tantas possibilidades. O conhecimento e o poder, afirma Foucault (2009), estão tão intrinsecamente ligados que, no final, acabam sendo a mesma coisa. E como onde há poder, há resistência, essas mulheres que lutaram e se mantêm na luta pela igualdade de direitos persistem, ainda hoje, criando alternativas de resistência e têm na educação uma importante ferramenta de luta. Como assegura Foucault (1996), a educação se constitui num instrumento pelo qual o indivíduo pode ter acesso a todos os tipos de discursos. Por isso, na sua distribuição, ela segue as linhas que estão marcadas pelas diferenças e pelas lutas de classes sociais. Na concepção do autor, “[...] todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.” (FOUCAULT, 1996. p.44)

### **1.3 Epjai, currículo e as discussões de gênero: algumas aproximações**

O direito à educação é reconhecido no artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, como direito de todos ao “[...] desenvolvimento pleno da personalidade humana” e como uma necessidade para fortalecer o “[...] respeito aos direitos e liberdades fundamentais” (Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948, p.6). Com base nesses pressupostos, Gadotti (2013) sustenta que esse direito para ser pleno deve ser garantido pelo Estado, não se limitando às crianças e jovens, mas a todos, com especial prioridade, à atenção dos grupos sociais mais vulneráveis.

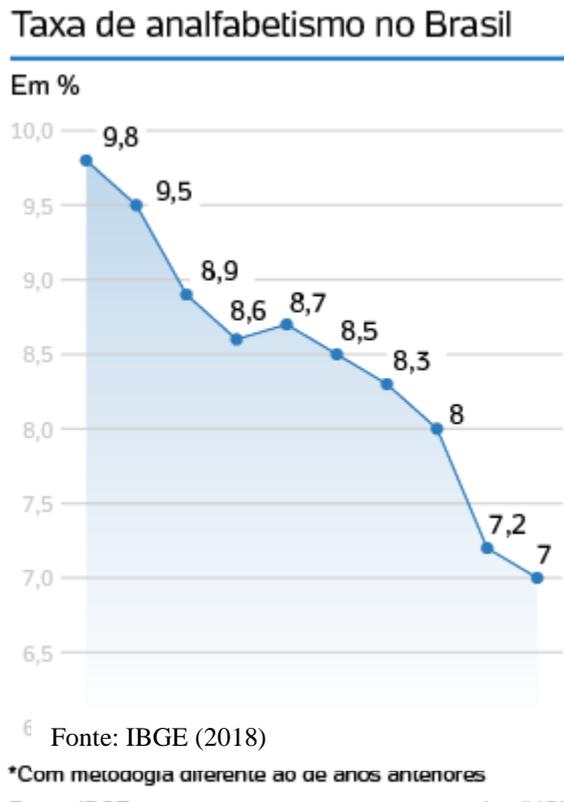
Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (BRASIL, IBGE, 2017), o Brasil apresenta queda para no índice de analfabetismo, entretanto, “[...] a taxa de analfabetismo persiste mais alta para as idades mais avançadas. Em 2017, entre as pessoas com 60 anos ou mais, a taxa foi 19,3%, 1,1 ponto percentual menor do que em 2016 que foi de 20,4%”, mas ainda muito elevada. Diante desse quadro, a Constituição Federal de 1988 tem importante papel no combate ao analfabetismo, que atinge grande número de brasileiros e teve grande importância em determinar que a educação seja direito público subjetivo. (BRASIL, IBGE, 2017).

O princípio da universalização da educação, estabelecido pela Constituição Federal de 1988, foi fundante para o combate ao analfabetismo no Brasil e para que estes cidadãos, como diz Gadotti (2013), tenham uma vida cidadã ativa e participativa. E como se trata de um direito juridicamente protegido, é preciso que sejam garantidas todas as condições necessárias à sua efetivação, que se dá por meio dos dispositivos legais como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) e do Plano Nacional de Educação (PNE); este último determina, por exemplo, diretrizes, metas e estratégias para a política educacional, no período de 2014 a 2024.

Apesar de toda questão legal, segundo aponta Beisiegel (2003), desde 1991, o Ministério da Educação formalizou a intenção de transferir toda a responsabilidade do atendimento da Educação de Pessoas Jovens e Adultos para os municípios, deixando de atuar nessa modalidade e focando recursos para a educação das crianças, numa concepção de que, ao centralizar recursos na educação infantil, acabaria, em médio prazo, a geração de novos analfabetos, fato que não aconteceu, pois, segundo o IBGE, em 2017, 11,5 milhões de pessoas com 15 anos ou mais não têm o domínio da leitura e da escrita. Apesar da redução dos índices de analfabetismo ao longo da história brasileira, conforme pode ser visto na figura 1, ainda são elevados os números de pessoas nessa condição. Esses dados são maiores se considerarmos as pessoas com 60 anos ou mais, pois, quanto maior a idade, maior, também, é

a quantidade de analfabetos funcionais. Em 2017, entre as pessoas com 60 anos ou mais, a taxa de analfabetismo foi 19,3%.

Figura 1: Taxa de analfabetismo no Brasil (2008 a 2017).



A não obtenção do objetivo do Governo Federal, o de reduzir os índices de analfabetismo, universalizando a alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas, o de eliminar a geração de analfabetos, não prosperou, pois, seja pelo baixo investimento realizado, como também, pela ausência de políticas de Estado para a Epcj, ou ainda, pela má qualidade da educação básica que gera a evasão e a retenção da educanda e do educando, causaram um efeito reverso do que se projetava e houve aumento na demanda por matrículas na Epcj. Esse aumento de demanda encontra forte dificuldade de oferta, pois como assegura Di Pierro (2012), persiste a ideologia que considera a Epcj uma educação de menor importância. A autora traz como exemplo de sua afirmativa o veto presidencial à inclusão da EJA no Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef), em 1996, por razões injustificadas

[...] deixava de fora o cômputo das matrículas no ensino fundamental de jovens e adultos nos cálculos do FUNDEF, estados e municípios foram desestimulados a ampliar a oferta dessa modalidade de ensino, e como

consequência redução da oferta, baixa qualidade e perda de identidade da Educação de Pessoas Jovens e Adultas. (DI PIERRO, 2012, p. 8).

Esses problemas trazidos com a retirada da Epjai do Fundef foram determinantes para que estados e municípios procurem, ainda hoje, alternativas de redução dos custos para satisfação da demanda por Epjai, seja mediante o incentivo a iniciativas de organizações da sociedade civil, seja recorrendo aos meios de ensino à distância, mesmo quando essas alternativas metodológicas não produzem os resultados esperados nos níveis de aprendizagem, permanência, progressão e conclusão de estudos. Ações negativas como essa, da exclusão da Epjai do Fundef, contribuem com uma ideologia que, segundo Di Pierro, (2005), nega a Epjai e reforça o mito da existência de uma idade própria para aprender, atribuindo ao adulto uma dificuldade natural de aprendizagem.

A mudança discursiva governamental começa a alterar seu enfoque com a eleição em 2002 e posse, em 2003, de um governo mais progressista e preocupado com as questões populares. Como salienta Di Pierro (2005, p.1128), com essa nova visão política, a “[...] alfabetização de jovens e adultos passou a ser mencionada no rol de prioridades governamentais, contando com recursos orçamentários limitados e operando com um conceito estreito de alfabetização”. Essa mudança discursiva produziu mudanças culturais e políticas positivas para a Epjai, propiciando uma maior participação na concepção e na execução de políticas públicas voltadas a essa modalidade educacional. Essa mudança de posicionamento e de intenção da gestão para com a educação, em especial à Epjai, foi percebida pelos movimentos sociais ligados à educação e relatada no documento do VI Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos (ENEJA), que discutiu, dentre outras questões, alfabetização, financiamento, políticas públicas, formação de professores, trabalho, geração de renda e diversidade, este encontro foi realizado no período de 8 a 11 de setembro de 2004, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e em seu relatório síntese deixa claro que:

O ENEJA se realiza, pelo segundo ano consecutivo, em conjuntura nacional favorável à educação de jovens e adultos, do ponto de vista político. Desde 2003, a inflexão causada nas políticas públicas no sentido de assumir o direito de todos à educação, especialmente em relação a jovens e adultos, produziu efeitos significativos no cenário nacional da área. Observa-se, com certo regozijo, que muitas demandas dos Fóruns organizados vieram sendo incorporadas nas agendas políticas [...] (RELATÓRIO- SÍNTESE DO VI ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, 2004, p. 2).

Ao traçar um histórico sobre a participação dos movimentos sociais na educação, Di Pierro (2005, p.1130), salienta que, os últimos 50 anos, a história da educação “[...] permite que se reconheça a existência de um movimento de educação de adultos, que assumiu diferentes configurações em cada período, mas em todos eles manteve relações de cooperação e conflito com os governos”. Esses movimentos, afirma a autora, atuaram de forma mais intensa e participativa junto aos governos com convicções progressistas. Essa participação dos movimentos para uma educação de adultos se deu, de maneira mais incisiva, “[...] na segunda metade da década de 1990, para se posicionar contra a desconstituição dos direitos educativos que foram conquistados desde a transição para a democracia” (DI PIERRO, 2005, p.1130), e passa a percorrer novos rumos quando da mobilização para a realização da V Conferência Internacional de Educação de Adultos (Confintea)<sup>10</sup>, realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em Hamburgo, em 1997. Como consequência desse movimento, afirmam Paiva, Machado e Ireland (2004), a sociedade organizada e os movimentos sociais começaram a criar, de forma sistematizada, fóruns de EJA e a promover os Encontros Nacionais de Educação de Jovens e Adultos (ENEJA). O primeiro dos ENEJA, afirmam os autores, aconteceu no Rio de Janeiro e tinha como objetivo:

[...] contribuir para a ampliação e a melhoria da qualidade da educação de pessoas jovens e adultas no Brasil, mediante o estabelecimento de políticas articuladas de cooperação entre as esferas de governo e os segmentos governamental e não-governamental. Ao renovar o interesse pela temática da alfabetização, da educação para a cidadania e a formação para o trabalho, o encontro pretendeu colaborar para a revisão e o alargamento do conceito de EJA, propiciando uma leitura brasileira da Declaração de Hamburgo. (PAIVA; MACHADO; IRELAND, 2004, p.84).

Segundo Di Pierro (2005), durante encontros que antecederam à V CONFINTEA, houve contradições entre os pensamentos daqueles que representavam o governo e os integrantes dos movimentos sociais. Os primeiros insistiam em deter o controle da coordenação política desses encontros e, diante das divergências, preferiram suspender o diálogo.

Em contraposição a esse fechamento dos canais de diálogo, ressalta Di Pierro (2005, p. 1130), “[...] o movimento adotou uma estratégia de articulação descentralizada e intersetorial constituindo, nos estados, Fóruns de Educação de Jovens e Adultos, que funcionaram e, ainda

---

<sup>10</sup> Realizada desde 1949, a cada 12 anos, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), seu objetivo é debater e avaliar as políticas implementadas em âmbito internacional para essa modalidade de educação e traçar as principais diretrizes que orientarão as ações neste campo. As cinco edições anteriores foram realizadas, respectivamente, na Dinamarca, Canadá, Japão, França e Alemanha.

assim permanecem, como espaços públicos de gestão democrática e controle social das políticas educacionais”. Segundo a autora, esses Fóruns são “[...] espaços abertos, que possuem baixo grau de institucionalidade, têm caráter suprapartidário, reúnem uma pluralidade de organismos governamentais e não-governamentais e combinam atividades de informação, formação, mobilização e intervenção” (DI PIERRO, 2005, p. 1130).

Desde a criação do primeiro fórum, como dito anteriormente, criado no Rio de Janeiro em 1996, os Fóruns destacaram-se com uma participação ativa no cenário nacional da Epjai, atuando efetivamente na preparação dos encontros regionais e nacional que antecederam a VI Confinteia, realizada em Belém do Pará, no ano de 2009, chegando fortalecidos e tendo sua legitimidade reconhecida pela sociedade na atualidade.

Apesar de toda luta para assegurar à Epjai uma nova centralidade, ainda há muito por fazer, e os Fóruns persistem exigindo reconhecimento e o efetivo desenvolvimento das políticas públicas para a Epjai que contemplem o atendimento adequado à oferta de vagas, que garanta financiamento, que estimulem a realização de pesquisas, que redefinam as concepções político-pedagógicas, o desenvolvimento de cursos de pós-graduação e a formação de educadores.

A Epjai vem, segundo Oliveira, Paiva (2009), se transformando e passando por mudanças significativas relacionadas a concepções e práticas que resultam na reorganização, ampliação e na constituição de novos sentidos, envolvendo práticas educativas amplas e novas ações de escolarização. Dentro dessa perspectiva, temos como afirmam Haddad e Di Pierro (2005 p.116), que o desafio da ampliação do atendimento na Epjai já não se resume apenas à população que nunca foi à escola, “[...] mas se estende àquela que frequentou os bancos escolares, mas neles não obteve aprendizagens suficientes para participar plenamente da vida econômica, política e cultural do país e seguir aprendendo ao longo da vida”. No município de Vitória da Conquista, onde, segundo Nunes, Santos e Souza (2017), a Epjai tem seu início em 1975, com um Programa intitulado Terceiro Turno, esses desafios não foram diferentes do restante do país. Para os referidos autores, que nos informam sobre o programa, o chamado Terceiro Turno:

[...] atendia em torno de 4.000 estudantes, distribuídos em 25 escolas na cidade, e mais de 600 estudantes nas 15 escolas de zona rural. Esses estudantes estavam na faixa entre 12 e 20 anos de idade. Do ponto de vista sociocultural, os estudantes formavam um grupo bem diversificado, apresentando, em muitos casos, uma relação conflituosa com as rotinas escolares. Em geral, já tinham repetido vários anos letivos ou, ainda, abandonado a escola por diversas razões, realizando o seu reingresso pelo programa 3º Turno. (NUNES; SANTOS; SOUZA, 2017, p. 117).

Já em 1997, quando acontece a posse de uma nova gestão administrativa no município, mais ligada às questões populares, foi realizada, segundo Lima (2018), uma ampla pesquisa na rede municipal de educação “[...] referente ao funcionamento do terceiro turno, verificando como organizar uma proposta que atendesse aos alunos trabalhadores”. Ressalta a autora que os dados apresentados pela Smed “[...] comprovavam a repetência e desistência dos alunos” e que, diante dos dados, coube a essa nova gestão:

[...] modificar completamente as características que eram ofertadas pelo Programa do 3º turno e alterar, inclusive, o horário de funcionamento, que era das 17 horas às 20h30min e passou a vigorar das 19 às 22 horas, atendendo a maioria dos alunos que eram trabalhadores e só podiam frequentar a escola a partir desse horário, bem como reconstruindo o trabalho pedagógico, fundamentado na concepção freireana. (LIMA, 2018, p.49).

Dessa reestruturação nasce como demonstra Lima (2018), a proposta do Programa Repensando a Educação de Jovens, Adolescentes e Adultos (Reaja) para contemplar os anseios, interesses e demandas dos estudantes. Essa proposta foi encaminhada ao Conselho Municipal de Educação de Vitória da Conquista e aprovada no final de 1998, salienta a autora.

Em 2006, a rede municipal de educação vive outro momento político e sua coordenação percebe a necessidade de reorganizar a proposta da Epjai. Lima (2018) relata que foram realizados fóruns de debates compostos por professores, estudantes, direção, comunidade do entorno da escola, representantes sindicais e equipe técnica da secretaria, nas unidades de ensino do município onde acontecia a Epjai, “[...] buscando, mais uma vez, ouvir os pontos positivos e negativos das questões acerca dela, a fim de reorganizar a proposta de maneira que pudesse sanar as dificuldades diagnosticadas nesses encontros” (LIMA, 2018 p. 49), fazendo uma reavaliação da educação que era ofertada aos estudantes trabalhadores.

Desses fóruns, surge uma proposta específica para os estudantes da Epjai e, em 2007, como afirma Lima (2018), a Epjai passa a “[...] funcionar como uma modalidade educativa nos parâmetros da LDBEN 9394/96 e não mais como Programa”. Proposta essa que “reafirmava a importância de se trabalhar com os princípios e propostas freirianos, tais como tema gerador e aspectos relacionados com a dialogicidade nas classes da EPJA”. (LIMA, 2018, p. 49).

Em 2009, há uma nova reformulação da proposta da Epjai que culmina com a elaboração de um documento que propõe mudanças específicas da proposta pedagógica no ano de 2010, e, em 2012, a SMED encaminhou, de acordo com Lima (2018), ao Conselho Municipal de Educação, a proposta de Resolução nº 18/2013, ainda em vigor no ano de 2019, e que dá direcionando os diversos aspectos da Epjai, tais como:

A idade inicial para matrícula, obrigatoriedade da presença dos alunos durante as aulas, a forma como a modalidade é oferecida na rede em dois segmentos e a proposta de organização (enturmação) dos alunos da EJA em consonância com a LDBEN nº 9394/96. (LIMA, 2018, p.51).

Desde 2009, afirma a autora, a Smed “[...] tem procurado construir uma proposta pedagógica direcionada ao público da EJA”. Ao longo do processo histórico da Ejai na rede municipal de ensino, especialmente a partir do ano de 1999, percebemos que a Smed vê a necessidade constante de pensar a Epjai de forma diferenciada, considerando a multiplicidade de seu público e buscando eliminar a visão estreita da Epjai que ainda figura como sendo apenas uma ação direcionada somente à alfabetização e ao avanço da educanda como uma forma de suplência, tornando-a, efetivamente, uma modalidade da educação básica, com característica própria, conforme definido pela LDBEN, n. 9.394/96.

Foi com a elaboração da Lei 9394/96 que se deu, de fato, a inserção da modalidade de Epjai na educação brasileira. No seu capítulo II, seção V, a lei torna essencial e, de responsabilidade do Estado, a democratização do acesso, a inclusão, a permanência e o sucesso de pessoas jovens e adultas nas instituições educacionais. Este instrumento legal tornou a educação básica um direito universal, incluindo, os que não tiveram acesso à escolaridade e daqueles que tiveram esse acesso, mas não puderam concluí-lo. Para que esse direito, ora garantido às cidadãs e cidadãos, sujeitos da educação, torne-se efetivo do ponto de vista de realização pessoal de cada um desses sujeitos da Epjai, precisa ser ofertado com qualidade e responsabilidade numa perspectiva de atender aos anseios previstos na Declaração de Hamburgo, Alemanha, sobre a Epjai:

A educação de adultos torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça. (PAIVA; MACHADO; IRELAND, 2007, p.37).

Na busca pela formação desse cidadão pleno, a LDBEN 9394/96 dedicou à modalidade os art. 37 e 38, imprimindo, no § 1º, do art. 37, que: “Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas [...]”. Com a aprovação das DCN para a Epjai (Resolução CNE/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000), estas oportunidades apropriadas foram reforçadas e ganharam critérios definidos e objetivos voltados a uma educação e formação cidadã e não, unicamente, para a visão estreita e mercadológica associada, muitas vezes, à Epjai.

Historicamente, a Epjai tem como objetivo a inserção de educandas e educandos, que não puderam efetuar os estudos na idade prevista em lei, no mundo do trabalho. Esse pensamento que leva a uma concepção estreita da modalidade é, segundo Barcellos (2012), possuir uma concepção pragmática da educação. Vivemos num mundo de grandes transformações tecnológicas, sociais e econômicas que ocorrem em um curto espaço de tempo e que transformam a vida de cada sujeito, de forma contundente. É nesse cenário, como afirma o autor, onde ocorrem os encontros e confrontos culturais e étnicos e é, também, onde se desenvolvem as atividades e processos educativos.

Para o autor supracitado, já nos anos de 1970, do século XX, Paulo Freire (1921-1997), uma das principais referências da educação brasileira, amplamente discutido e estudado na área acadêmica, já demonstrava grande preocupação com essa visão reducionista da educação, ao refletir sobre a Epjai, alertando sobre as perigosas adversidades que essa visão, unicamente tecnicista, construída pelo governo civil militar no Brasil, à época, traria para a Epjai. Tal visão, ainda muito presente nos dias atuais, influencia sobremaneira, o planejamento das políticas públicas voltadas para Epjai no Brasil e repercute nas dinâmicas estabelecidas na escola, por meio de práticas pedagógicas e das diretrizes curriculares vigentes.

As práticas pedagógicas, assim como as diretrizes curriculares de qualquer modalidade educacional e em todas as etapas, não devem ser direcionadas apenas para uma formação técnica e mercadológica, mas sim, trabalhar na busca por uma formação, como afirma Barcelos (2012 p. 3), “[...] que seja aberta à diversidade e que contemple as diferentes dimensões e possibilidades do humano, tais como a afetividade, o conhecimento geral sobre os processos culturais, o acesso aos bens e valores sociais e ecológicos do mundo em que vive”. O autor vai ao encontro do pensamento exposto na V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos, realizada em Hamburgo em 1997, e nos dá a certeza de concordar com

Freire, ao afirmar: “[...] a educação para ser educação precisa estar envolvida com o desejo de instituição de pessoas que não só busquem um posto de trabalho, mas que estejam buscando, também, a realização de seus desejos e mesmo de seus sonhos”.

Nesse mesmo contexto, Laffin (2012, p.145) ressalta:

[...] O desafio do processo educativo de idosos e adultos consiste em articular o conhecimento já apropriado pelos sujeitos nas suas atividades cotidianas com as novas aprendizagens escolares e com as formas sistematizadas de resolver problemas. Pensa-se, então, em desenvolver um ensino significativo e não somente funcional ou, restritivamente, utilitário.

Essa visão do ser humano em sua dimensão de inteireza, envolvido de subjetividade, para além do que necessita o mercado, é a realidade das senhoras idosas que estudam na Epjai na Escola Municipal Antônia Cavalcante Silva e que são as sujeitas dessa pesquisa. Os sonhos e realizações de cada uma delas se dão à medida que progredem nos estudos e conquistam coisas que, para muitos, é tida como normal ou insignificante, como saber pegar um ônibus, fazer uma receita ou poder emitir uma opinião após ler e/ou escutar e refletir sobre determinado tema. Uma dimensão exclusivamente mercadológica do currículo não contempla a realização dessas mulheres, idosas e estudantes da Epjai, nem serviriam de motivação para permanecerem na escola e tornarem-se cidadãs, uma vez que, já não servem mais à força de trabalho exigida pelo mercado; força (física) que elas próprias já não têm. As questões curriculares e as práticas pedagógicas precisam ser pensadas para a formação do sujeito emancipado e pleno. Assim, esses sujeitos estarão prontos para a vida, incluindo aí o mundo do trabalho, se for o caso.

A escola sempre foi o lugar onde a história da sociedade foi contada utilizando-se das narrativas científicas. Essas histórias tornaram-se hegemônicas no espaço escolar invisibilizando outras possibilidades de visão e compreensão de um mesmo fato. Ao optar por selecionar este ou aquele conteúdo, o currículo institui, como afirma Paraiso (2016), o que é verdadeiro, dando uma visão única da história e da vida. Dessa forma, o currículo não se constitui apenas numa seleção de conteúdos e objetivos, ele traz significados pré-estabelecidos, podendo excluir ou incluir os sujeitos (LOURO, 2004).

Assim, para que a escola e o currículo deixem esse lugar de reprodução, é necessário pensar na construção de um ensino significativo, que, para Laffin (2012, p.145), se constitui em trabalhar com “[...] conteúdos úteis e motivadores, voltados para o desenvolvimento de um grande número de relações com outros conteúdos [...] ampliando as possibilidades de

leitura do real e de melhor criticar, decidir suas ações e agir”. Para a construção de currículos significativos, as teorias educacionais e as políticas públicas precisam buscar alternativas que respeitem a multiplicidade dos sujeitos presentes na educação.

Sobre as teorias educacionais, Barcelos (2015) faz questão de ressaltar que, para diferentes teorias educacionais, as questões presentes no currículo nem sempre são compreendidas como centrais na relação educativa ocorrida nas escolas. As teorias tradicionais aceitavam as coisas como estavam, e os conhecimentos centravam-se nas questões técnicas, no preparo do indivíduo para atender ao mercado e não o viam como agente transformador, mas como sujeito de trabalho, mecanicamente um sujeito que faz parte de um sistema de massas. Nessa visão, o currículo era entendido como uma forma sutil e capaz de estabelecer uma relação de dominação sem que os dominados a percebessem, fazendo da escola uma transmissora de ideologia carregada de crenças que docilizava o indivíduo a aceitar as coisas como eram colocadas. É dócil um corpo que, como afirma Foucault (2009), “[...] pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Em oposição, as teorias críticas apontam o caminho para um debate mais reflexivo sobre o papel do indivíduo na sociedade e mesmo sobre a própria sociedade. Para Silva (2002), supostamente, os estudos sobre currículo deram origem às teorias tradicionais como ela são conhecidas.

As teorias críticas, como o próprio nome diz, vêm não apenas para criticar, mas para transformar o currículo tradicional, oferecendo, para o currículo, uma nova visão política, cultural e que tem relação direta com a importância de se trazer a cultura para o espaço da sala de aula, o que, na concepção de Silva (2002), propiciaria a devolução dessa cultura transformada à sociedade, a partir da reflexão e do debate que a sala de aula oportuniza. Neste contexto, o currículo leva a uma educação política e transformadora, preconizada e defendida nos estudos freirianos.

No processo de evolução, as chamadas teorias pós-críticas do currículo vêm reforçar as críticas feitas às teorias tradicionais e trazem para o debate as novas questões que emergem da sociedade, que agora se vê não mais como hegemônica, mas com diferenças e identidades claras. Assim, um novo currículo é concebido para representar essa sociedade que quer ser mais humanista e se libertar da visão estreita do tecnicismo, um currículo multiculturalista onde relações de poder não estejam ocultas, e sim abertas para o debate. Questões sobre relações de gênero, as demandas do movimento feminista, dentre outros, estão agora contempladas pelas teorias pós-críticas do currículo, que deve ser pensado para problematizar a multiplicidade e a identidade cultural, possibilitando a constituição do humano histórico.

Para Laffin (2012), pensar as questões curriculares implica em definir que concepção educativa se quer; para quem e para quê. Assim, por muitas vezes e ao longo do tempo, o currículo, considerado pouco democrático e mesmo antagônico aos reais interesses dos sujeitos da Epjai, não colaborou para que o ensino e aprendizagem se deem de forma efetiva. Como afirma Barcelos (2015), “[...] pesquisas sobre currículo têm demonstrado a força e a importância que determinadas diretrizes acabam imprimindo às relações didáticas, pedagógicas, metodológicas e organizativas dos espaços educativos escolares”. Afirma também que, ainda hoje, é bastante corriqueira a associação de procedimentos que intimidam, repreendem o estudante e acabam por gerar altos índices de abandono escolar, em especial na Epjai em todas as regiões do país, evidenciando a importância das diretrizes, das práticas e do currículo não só para a inclusão, mas, também, para a permanência dos educandos na escola e para a plena formação dos sujeitos. Essas diretrizes e práticas, como afirma Laffin (2012), devem ser pensadas numa visão emancipatória que constroem seu currículo em processo e não abram mão do tempo histórico em que vivem os educandos.

Laffin (2012, p.146) lembra, ainda, que “[...] Os conteúdos do currículo de um projeto educativo para idosos e adultos deverão trazer as temáticas sociais para a sala de aula, com conteúdos sistematizados, capazes de favorecer a visão interdisciplinar que permita a compreensão da totalidade concreta”. Concordamos com a autora ao passo em que entendemos que as discussões sobre gênero devam estar presentes nas discussões acadêmicas e no dia-a-dia da sala de aula, integrando essa totalidade.

Nesta vertente de pensamento, as teorias pós-críticas do currículo trabalham para que este venha a ser um componente que contemple todas as interações sociais e não apenas que seja um instrumento de análise dos processos de aquisição do saber, de significação e da linguagem utilizada para tal. Processos que, no caso da Epjai, precisam ser tratados e planejados de forma a respeitar a multiplicidade dos sujeitos ali presentes, em especial às pessoas com mais idade, pois o envelhecimento populacional se confirma como uma crescente no mundo e, em especial, no Brasil.

Esse envelhecimento populacional é, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU, 2017), um dos fenômenos de maior impacto do século XXI. Em 2018, a população mundial de idosos somava cerca de 962 milhões de pessoas com 60 (sessenta) anos ou mais. Esse número representa, aproximadamente, 13% da população total e, no Brasil, o percentual se repete: “13% da população brasileira corresponde às pessoas com mais de 60 anos, e esse índice deverá chegar a 29,3% em 2050.” (ONU, 2017, p.17).

Esse fenômeno do envelhecimento que, por questões distintas, aguça o interesse de setores como economia, saúde, entretenimento e educação, preocupa grande parte do mundo, inclusive no Brasil. E como materialização dessa preocupação já há, no país, dispositivos legais, como o Estatuto do Idoso, Lei nº. 10.741/ 2003, que começam a olhar com cuidado e a tratar de forma diferenciada para essa população, ainda que, atendendo apenas, ao mínimo existencial, que, conforme indica Barcelos (2002), é composto pelos direitos à saúde, educação, assistência aos desamparados como moradia, vestuário, alimentação e acesso à justiça na orientação das metas prioritárias do orçamento e na formulação e execução das políticas públicas. A esse conceito, soma-se a ideia de Gadotti, (2013, p.22) de que “[...] a educação é necessária para a sobrevivência do ser humano” e, assim sendo, Camargo Junior (2017, p.31) reforça a compreensão de que:

O direito à EPJA, além de configurar-se como direito fundamental, dada a sua íntima relação com a dignidade do ser humano, compõe o núcleo essencial dos direitos fundamentais, representando uma parte do seletor rol daquilo que se convencionou a chamar de mínimo existencial.

No Brasil, essa parte da população, formada por pessoas idosas, vem ganhando espaço na legislação, que começa a inclui-las. Mas o faz sem respeitar as demandas específicas desse público, como a de ter uma política educacional que desenvolva currículos e práticas pedagógicas que ultrapassem ao mínimo existencial e atendam a essas demandas de forma ampla. Como salienta Camargo Junior (2017, p.30), “[...] não podemos aceitar que a construção de um conteúdo que compõe o núcleo de direitos fundamentais (mínimo existencial) venha a ser utilizada como justificativa para o estado oferecer apenas o mínimo”, ou seja, devemos evitar que os direitos sociais sejam transformados em mínimo existencial, impedindo, conseqüentemente, a adoção de visões minimalistas em detrimento de uma visão mais global. Para fugir dessa perspectiva minimalista da educação, não basta ofertar a Epjai apenas por uma imposição legal, é preciso que essa oferta seja feita com toda a infraestrutura e qualidade que tanto a modalidade como seus professores, educandas e educandos demandam. Essa oferta precisa contemplar, ainda, um currículo que seja construído e desenvolvido por práticas pedagógicas que respeitem as diferenças e especificidades desse público, pois, como mostra Laffin (2012), o idoso acredita que a educação é um caminho para a inclusão social.

Dentro dessa perspectiva, sabemos que no currículo e nas práticas pedagógicas, sexo, sexualidades e gênero são temas que não são abordados de forma livre e tranquila. Ao contrário, são temas que sempre envolvem polêmicas e, independentemente da idade, são

demandas que constituem os sujeitos e interferem na vida de cada um, levando a implicações das mais variadas e de inimaginável alcance e, como tais, deveriam ser abordados de forma ampla na sociedade, inclusive na escola, pois, todos os problemas sociais passam pela escola. Entretanto, sabemos que a sociedade, conservadora em sua origem, não permite que se abordem temas de cunho moral e religioso como esses, já que as práticas curriculares que regulam, hierarquizam e classificam corpos e gêneros nas escolas precisam continuar a serem reproduzidas como sempre foram. Como afirma Butler (2003, p.70), para as pessoas que fazem parte dessa sociedade conservadora, o gênero é compreendido como “[...] um mecanismo através do qual se produzem e se naturalizam as noções de masculino e de feminino”, que também regula as condutas de meninas e meninos nas escolas. Escolas que se tornam um importante espaço social, em que as normas reguladoras do gênero marcam importante presença no processo de aprender e de ensinar aquilo que é tido como o certo, o errado, o adequado e o inadequado para as condutas de cada um dos gêneros.

Olhando mais de perto para a política educacional brasileira, temos que a educação e as práticas curriculares colaboram para reproduzir, nos diferentes corpos, as normas prescritas para o seu sexo. Dentre essas normas, estava, como enfatiza Louro (2004, p. 445), a de que “[...] as meninas das camadas populares estavam, desde muito cedo, envolvidas nas tarefas domésticas, no trabalho da roça, no cuidado dos irmãos menores, e essas atribuições tinham prioridade sobre qualquer forma de educação escolarizada”.

As expectativas sociais e as construções discursivas que se tem sob as diferentes perspectivas econômicas, políticas, sociais e históricas, do masculino e do feminino, é fundante na formação da identidade de gênero; afinal, ser homem ou ser mulher vem como uma fórmula pronta a ser seguida. E aqueles que se afastam dessas normas são chamados, segundo Butler (1995) de estranhos, diferentes, errados e até anormais, por isso, não fazem parte das preocupações curriculares e constituem um grupo que, como afirma Butler (1995, p. 124), “[...] deixam de contar como corpos por não ser aquilo que é esperado para o seu sexo”. Mas esses mesmos corpos, denominados estranhos e até anormais, são necessários para a pedagogia e para o currículo, porque “[...] servem para circunscrever os contornos daqueles que são normais: os sujeitos que importam” (LOURO, 2004, p. 5).

A discussão sobre gênero nas políticas educacionais parte da premissa, segundo Paraiso (2016), de que gênero, sexualidade e identidade de gênero são invenções ideológicas constituídas pela governamentalidade, que, segundo Foucault (2003), pelo desenvolvimento de uma série de aparelhos específicos de governo e de um conjunto de saberes. Para Foucault (2003), governamentalidade é o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os

outros e as técnicas de si. E designa, segundo Veiga-Neto e Lopes (2007, p. 952), “[...] todo o conjunto das ações – dispersadas, disseminadas e microfísicas do poder – que objetivam conduzir ou estruturar as ações”.

Em contraposição a essa ideia de invenção ideológica, Paraiso (2016), assim como Silva (2003), entende que o currículo deve fazer parte de uma escola para a qual discutir gênero é conscientizar o outro da diversidade que nos constitui, é recusar-se, como afirma Silva (2003), a conceber o mundo em termos de negações que afirmam o mesmo e o idêntico.

Um currículo, que entendemos também ser um instrumento da governamentalidade, é um artefato que, conforme Paraiso (2016, p.210), ensina porque uma de suas funções é socializar conhecimentos, saberes, valores e, ao exercer essa função, “[...] diferencia corpos, governa condutas, produz práticas, inclui e exclui, normaliza e produz divisões e separações: quem sabe e quem não sabe, quem é bom/boa e quem é mau/má aluno/a, quem tem alto e quem tem baixo desempenho”. Torna-se, assim, uma ferramenta que tem como objetivo produzir, como afirma Butler (2003, p, 151), um espaço que busca o tempo todo produzir os “corpos que pesam” e que “importam”, isto é: “corpos que materializam as normas”. Normas essas que, uma vez reproduzidas pela escola, contribuem para formar capacidades distintas a meninos e meninas, a homens e mulheres; cobrar condutas adequadas a cada um dos sexos e a confinar certos/as estudantes a uma compreensão de si mesmo como faltosos, problemáticos e fora da regra. (PARAÍSO, 2016).

Essas normas, que reelaboradas e incorporadas ao currículo, davam às mulheres, salienta Almeida (2004), “[...] uma educação que se concentrava nas aulas de ensino elementar com um pouco de gramática e aritmética, dando-se preferência, para as prendas domésticas que visavam preparar as meninas para o casamento”. Não eram raros, afirma a autora, os casamentos acontecerem com noivas ainda criança que não conseguiam ir além dos rudimentos das primeiras letras e logo estavam tomando conta de suas residências e cuidando de filhos. Essa mentalidade, presente na cultura vigente no período de tempo entre os séculos XVIII e XIX, que, como afirma Almeida (2004), é herdeira legítima do colonialismo, dava pouco valor à instrução feminina, concentrando sua atenção nas normas sociais que impediam as mulheres de ocupar espaços sociais e, muitas vezes, como nos faz refletir Di Pierro, Galvão (2013), as pessoas cujo direito foi violado não se veem dessa forma. Elas sempre se autoatribuem essa condição de exclusão, se autoimputam essa responsabilidade e não cobram, do poder público, de forma que muitas mulheres, ainda hoje, carregam essa ideia cultural.

Assim, entendemos que, não apenas as mulheres idosas e estudantes da Epjai que frequentam a Escola Municipal Antônia Cavalcante, mas grande parte das mulheres idosas

matriculadas na Epjai, pelos pais, foram afetadas pelos estabelecimentos de normas e comportamentos sociais impostos e vivem, ainda hoje, o reflexo da aceitação passiva dessas normas que, muitas vezes, foram incorporadas ao currículo, nas escolas. Para Foucault (2009), esses mecanismos de poder funcionam articulados para produzir, não apenas, sujeitos fortes e saudáveis, mas também, dóceis e fáceis de serem sujeitados e governáveis. Foucault (2003) chama essa nova configuração de exercício do poder de biopoder ou biopolítica, e diz que esse seu exercício só foi possível pela gestão do corpo objetificado a fim de submetê-lo a uma conjugação física e moral de forma a fazê-lo funcionar de maneira eficaz.

No capítulo seguinte, dando sequência à escrita da dissertação, apresentamos as etapas desenvolvidas no processo de construção, organização e análise das informações.

## 2. . NO VAI E VEM DA VIDA... Os caminhos teórico-metodológicos da pesquisa

Neste capítulo, apresentamos o percurso metodológico desta pesquisa, considerando a natureza, o tipo, o *lócus*, as sujeitas do estudo, bem como, as etapas percorridas para construção das informações como o levantamento bibliográfico, sessão coletiva de diálogo, entrevistas narrativas e a escrita de memórias de pesquisa-formação.

Ao utilizarmos os verbos ir e vir, no título deste capítulo, na forma do presente do indicativo, fazemos referência à constante e efervescente alternância temporal entre o presente, o passado e o futuro, que se deram os momentos de desenvolvimento desta pesquisa. “Vai e vem da vida” era, também, uma expressão muito utilizada por minha avó, Áurea Lacerda Campos, carinhosamente chamada Dona Lora, hoje com 100 (cem) anos e nenhuma memória (a quem homenageamos nesta dissertação). Mas, no passado, mulher com muitas lembranças e histórias para contar (Eu pude ouvir todas!). Mulher que, como muitas aqui retratadas, foi subjugada ao poder dos mesmos discursos de gênero e teve implicações semelhantes às que afetaram as senhoras, sujeitas desta pesquisa: Viu-se casada aos 13 (treze anos) e, após o casamento, ainda brincava de bonecas com a cunhada. Teve o primeiro dos 12 (doze) filhos biológicos aos 14 (quatorze) anos de idade (esse não chegou a nascer); outros 3 (três) morreram no pós parto, restando 8 (oito) que a acompanharam pela vida. Criou outros tantos; alguns, no sentido estabelecido nas relações de poder pelos discursos, onde criar significava alimentá-los e contar com seus serviços na fazenda ou na casa; outros, temos, ainda hoje, no contexto da família.

“Vozinha”, como costumamos chamá-la, ao se referir ao entrar e sair dos netos pela casa dizia: “Esses meninos ficam num vai e vem danado”. Desse modo, vimo-nos, nesta pesquisa, entrando e saindo da “casa” dessas mulheres idosas; entramos no presente, ao convidá-las a participar da pesquisa e ao saber de suas realidades atuais; entramos um pouco mais e fomos ao passado, por meio da escuta das narrativas e demos um pulo para sair rumo ao futuro, quando procuramos conhecer seus planos e perspectivas de vida. Também entramos e saímos, muitas vezes, da “casa” que se tornou a escola; entramos no intuito de construir informações e saímos carregados de histórias, de lembranças, de reflexões, de angústias, de desejos e de tantas outras emoções e (res) sentimentos.

## 2.1 Natureza e tipo de pesquisa

Por considerar que o discurso sobre gênero e suas implicações na vida e na escola de mulheres idosas estudantes da Epjai se constituem em questões muito particulares, subjetivas e que não podem ser quantificados, o estudo situa-se no contexto de uma pesquisa de natureza qualitativa. Para o processo de construção, organização e interpretação das informações, utilizamos da abordagem narrativa, uma vez que buscamos compreender, nas diferentes fases de vida, as implicações que os discursos sobre gênero, trazem para a realidade e afetam a condição de mulher e de estudantes. Afinal, como acredita Foucault (2009), o passado está vivo no presente, e ensejamos compreendê-lo partindo de fatos particulares e experienciados por elas, problematizando as subjetividades e as possibilidades de cada uma para superar as adversidades da vida frente aos constantes processos de inclusão e exclusão social por que passaram.

Neste contexto, buscamos dotar este trabalho de uma visão ética e política, importantes para a construção de uma cidadania plena, no tocante aos direitos e deveres, na perspectiva teórica adotada no capítulo anterior, que será aqui constantemente perseguida para evitar o reducionismo e compreender os discursos de gênero e suas implicações na trajetória de vida e de escolarização de idosas da Epjai como uma construção social da realidade. Realidade que compreendemos ser, como afirmam Bogdan e Biklen (1994, p. 284), uma “[...] construção das pessoas, à medida que vão vivendo as suas vidas” e, em vivendo, as pessoas constroem histórias narrativas que falam “[...] de experiências individuais que podem lançar luz sobre as identidades [...] e a imagens que eles têm de si mesmas” (CRESWELL, 2014, p.69). Esta é uma das possibilidades que esta pesquisa tenta buscar de que essas senhoras, ao falarem de si, olhem para si e percebam quem são e como foram construídas (e como vêm sendo) suas identidades.

Por fundamento, “[...] as narrativas se caracterizam como formas orais e/ou escritas de contar histórias relacionadas à vida pessoal ou a do outro, não necessariamente de sua vivência, mas a partir dela” (EUGENIO; TRINDADE, 2017, p.125) e, na busca por essas vivências, utilizamos o método narrativo por entendermos que esse seja o mais apropriado para a construção das informações da pesquisa, pois “[...] ele começa com as experiências expressas nas histórias vividas e contadas pelos indivíduos” (CRESWELL, 2014, p. 68), e terminará por permitir que compreendamos a produção dos discursos produzidos que

conduziram essas histórias. Para tanto, agrupamos as narrativas e fizemos uma análise temática ao passo em que foram emergindo os discursos narrados pelas sujeitas da pesquisa.

De forma mais geral, a pesquisa narrativa, segundo Creswell (2014), consiste no registro de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. Assim, buscamos registrar as narrativas das senhoras sobre suas vivências, conhecendo as implicações em torno dos discursos de gênero vigente em cada período de sua trajetória de vida e cada uma delas.

## 2.2 Contexto da pesquisa

O primeiro passo realizado pelo pesquisador para aproximação com o *locus* e com as sujeitas da pesquisa, foi uma visita à instituição para apresentação, no dia 02 de abril de 2019, pela manhã, da pesquisa ao grupo gestor. Estando presentes, na sala da diretoria, a diretora e vice-diretora, o pesquisador apresentou a concepção da pesquisa, que foi muito bem aceita. A formalização da parceria de trabalho para a realização desta pesquisa ocorreu com assinatura da *autorização para coleta de dados* (Apêndice A), documento padrão utilizado para a realização de pesquisa, instituído pelo comitê de ética da Uesb assinado no mesmo dia da apresentação.

Figura 2: Localização geográfica do *locus* da pesquisa



.Fonte: Google maps, 2019

Esta pesquisa tem como *locus* a Escola Municipal Antônia Cavalcanti e Silva (EMACS), reconhecida como escola municipal de ensino fundamental por meio do Decreto Municipal nº 687, de 05 de abril de 1974, e fica localizada na Rua Alice Veloso, s/n no bairro

Pedrinhas, hoje denominado bairro Cruzeiro, no município de Vitória da Conquista, Bahia, situado ao norte da cidade, como mostra a figura 2, a 540 quilômetros da capital baiana (Salvador). Nesta área, localizam-se antigos prédios de escolas tradicionais como o Ginásio do Padre Palmeira, hoje um museu administrado pela Uesb (O Museu Pedagógico), o Colégio Diocesano, antigo colégio católico e a representação, local, do exército; além de ser passagem para o centro industrial da cidade e para a capital do Estado.

Figura 3: Fachada da escola.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2019.

A EMACS, cuja fachada é mostrada na figura 3, busca oferecer, segundo a atual diretora, Lucinéa Gomes de Jesus<sup>11</sup>, “[...] uma educação voltada para o desenvolvimento de práticas que oportunizem a tomada de consciência e que propiciem o exercício da cidadania em suas/seus estudantes, [...] produzindo senso crítico em cada sujeito de forma que essa criticidade o leve a compreender e a transformar a realidade em que está inserido” (OLIVEIRA, MPF, 11 jul., 2019)<sup>12</sup> e foi escolhida como *lócus* da pesquisa por apresentar um número considerável de mulheres idosas numa mesma instituição da rede municipal de educação. Aproximadamente, cerca de 14% das idosas matriculadas na Epjai, na rede municipal de ensino de Vitória da Conquista, encontram-se na EMACS. O número de alunas com 60 (sessenta) anos ou mais matriculadas nas demais escolas municipais pode ser vista no Quadro 1 a seguir.

<sup>11</sup> A diretora e a vice-diretora do turno noturno, Ivanelza Nepomuceno Batista, da EMACS concordaram que seus nomes verdadeiros estivessem presentes na escrita desta dissertação.

<sup>12</sup> Informação verbal recolhida no dia 11 de julho de 2019, em diálogo com a direção da instituição. As falas da direção da escola foram registradas em nossas Memórias de Pesquisa-Formação (MPF) ao longo do desenvolvimento do trabalho de campo. No corpo deste trabalho, citamos as referidas falas seguidas do sobrenome do autor desta dissertação (OLIVEIRA), das siglas MPF, com a data de diálogo construído nos momentos de pesquisa.

Quadro 1: Número de alunas idosas matriculadas, em 2019, por escola municipal.

ZONA URBANA		ZONA RURAL	
Escola Municipal Milton de Almeida Santos	10	Escola Municipal Fábio Henrique	4
Escola Municipal Lycia Pedral,	8	Escola Municipal Tobias Barreto	4
Escola Municipal Fidelcina Carvalho Santos	6	Escola Municipal Erathosthenes Menezes	2
Escola Municipal Maria Rogaciana da Silva	5	Escola Municipal Padre Isidoro	2
Escola Municipal Frei Serafim do Amparo	4	Escola Municipal Francisco Antonio Vasconcelos	1
Escola Municipal Idália Torres	3	Escola Municipal José Rodrigues do Prado	1
Escola Municipal Juiz Dr. Antônio Helder Thomaz	3	Escola Municipal Baixa da fartura	1
Escola Municipal Profa. Maria da Conceição Meira	2	Centro Educacional Moises Meira	1
Escola Municipal Profa. Lisete Pimentel Mármora	1		
Total	42		16

Fonte: Relatório de alunos/Smed. Elaborado pelo autor, 2019.

No dia 08 de abril de 2019, solicitamos à SMED o quantitativo geral de mulheres idosas matriculadas na rede municipal de ensino. Na resposta, foi informado o número de 73 (setenta e três). Ao solicitar para a mesma instituição o quantitativo por escola, em 06 de janeiro de 2020, o total, conforme Quadro 1, chega a 58 (cinquenta e oito), somado as 10 da EMACS, totaliza 68 (sessenta e oito) senhoras. Esta diferença está nas matrículas da EMACS, que, no segundo documento, não incluiu Alice, Cecília e Idelice, sujeitas desta pesquisa e mais outras duas senhoras que não tivemos como identificar a origem. Assim, consideramos, para efeito de percentuais, o total informadas no primeiro documento que é de 73 (setenta e três) senhoras matriculadas na Epjai, conforme quadro 3, nas escolas da rede municipal de ensino de Vitória da Conquista.

Como boa parte das escolas públicas deste país, a estrutura física da EMACS carece de cuidados e atenção por parte do poder público e, apesar das carências existentes, a direção busca otimizar os recursos e oportunizar um ambiente salutar e digno à comunidade escolar. A escola possui seis salas de aulas, sala da diretoria, sala de professoras, laboratório de informática, cozinha, sala de leitura, banheiros, sala de secretaria, despensa e pátio descoberto. Colaboram para o bom funcionamento da instituição 28 (vinte e oito) pessoas envolvidas diretamente com sua organização e funcionamento; sendo 25 (vinte e cinco) mulheres distribuídas entre professoras, diretora e vices, merendeiras e apoio geral, e mais 3

(três) homens, sendo 2 (dois) exercendo a função de porteiros e 1 (um) na função de monitor para acompanhar alunos com necessidades especiais, sendo 3 (três) alunos nessa condição.

No ano de 2001, a EMACS mantinha em funcionamento, segundo a atual diretora, três salas de aula dedicadas à Epjai, no ensino fundamental. Ao fim daquele mesmo ano, por orientação da Secretaria Municipal de Educação (SMED), as turmas foram fechadas e a Epjai deixou de ser ofertada nesta instituição. Ainda segundo a diretora, “[...] no ano de 2005 a Epjai volta à EMACS com uma turma multisseriada composta com alunos de outra instituição localizada no mesmo bairro que teve suas turmas da Epjai fechadas pelo poder público e, desde então, [...] a EJA é uma realidade e se fortalece” (OLIVEIRA, MPF, 11 jul., 2019),

No ano de 2019, a escola contou com seis salas de aula dedicadas à Epjai sendo três delas voltadas para o segundo segmento do ensino fundamental II (anos finais). Para a diretora “[...] Isso reflete o compromisso da comunidade escolar para com a continuidade da oferta e para com o direito ao avanço do conhecimento para as alunas e alunos da EJA matriculadas na instituição”. (OLIVEIRA, MPF, 11 jul., 2019). O quadro 1 mostra os números relativos à Epjai, no período de 2014 a 2018, evidenciando uma tendência de crescimento no número de matrículas na Epjai.

Quadro 2: Números da Epjai na EMACS nos cinco últimos anos (2014 a 2018)

ANO	MATRÍCULAS	HOMENS		MULHERES		EVASÃO		APROVADOS		REPROVADOS	
		-	60*		60*	H	M	H	M	H	M
2014	0	-	-	-	-	-	-	-	-		
2015	35	20	0	15	0	7	5	4	6	9	4
2016	54	30	0	22	2	6	4	10	14+2*	14	2
2017	87	42	2	36	7	25	28	10+2*	6+3*	5	6
2018	69	31	0	28	10	6	10	10	12+10*	15	6
2019	187	87	0	90	10	-	-	-	-		
TOTAL		210	2	193	27	44	47	36	54		

\*Número de alunas e alunos com 60 anos ou mais.

Fonte: Secretaria da EMACS, 2019.

Como mostra o quadro 1, há, na EMACS, uma variação, com tendência de crescimento, no número de matrículas na Epjai. Observamos, ainda, que é recorrente um número maior de mulheres com 60 anos ou mais a buscar essa inserção na educação formal, se comparado com os homens na mesma faixa etária. Fato que se repete nos dados sobre a Epjai, encontrados no âmbito do município de Vitória da Conquista. Assim como na EMACS, os números da evasão escolar também se assemelham nos encontrados no município, conforme Quadro 6 a seguir.

Quadro 3: Dados gerais da Epjai no município<sup>13</sup>

ANO	2014		2015		2016		2017		2018		2019
TOTAL DE MATRÍCULAS	4.680		4.192		4.137		3.673		4.015		4.665
EVASÃO EFETIVA	2.060	44%	1.615	39%	1.655	40%	1.322	36%	1.646	41%	-
MULHERES	2.004		1.945		1.902		1.724		1.879		2.024
MULHERES 60	91		83		51		85		79		73
MULHERES 60 CONCLUINTES	29	32%	28	34%	17	34%	56	66%	26	33%	-
HOMENS	2.676		2.247		2.237		1.949		2.136		2.641
HOMENS 60	40		38		36		50		29		32

Fonte: SMED, 2019. Elaborado pelo autor.

Além do crescimento em número de matrículas da Epjai, a EMACS também apresenta significativos resultados quando analisadas as avaliações divulgadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), especificamente, o Indicador de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), observando-se os números deste indicador projetado pelo Município para suas unidades escolares, como mostra o quadro 3.

Quadro 4: Índice do Ideb da EMACS (2005 a 2019).

Ano	Ideb	Projeção Ideb	Município Ideb
2005	0.0	-	2.5
2007	2.0	0.0	3.1
2009	1.0	2.0	2.5
2011	2.0	3.0	3.1
2013	3.0	3.0	3.3
2015	4.0	3.0	3.6
2017	0.0*	4.0	4.1
2019	-	4.0	4.4

Fonte: Inep, 2019. Elaborado pelo autor.

Apesar de ter participado da avaliação do Inep em 2017, a escola não obteve nota naquele ano por haver, segunda a direção, incongruência nos dados informados ao Inep, uma vez que “[...] o número de alunos matriculados na escola era um e o número de alunos informados no censo foi outro, ou seja, o Ideb da escola apresentou alto índice de evasão” (OLIVEIRA, MPF, 11 jul. 2019), na data da realização da prova avaliativa. Apesar da tentativa, por parte da direção, da correção dos dados, “[...] que não se sabe ao certo como e por quem foram informados”, a correção não foi aceita pelo Inep, que não incluiu a escola no cômputo daquele ano, “[...] fica valendo o dado do ano anterior”, ou seja, nota 4 (quatro).

<sup>13</sup> Os quadros sobre *evasão efetiva* e *concluintes* referentes ao ano de 2019 estão sem informações por se tratarem de dados que serão contabilizados ao final do ano letivo, ainda em curso.

Porém, “nós temos dados internos que superamos a nota do município”, afirma a diretora. (OLIVEIRA, MPF, 11 jul. 2019).

O trabalho realizado na EMACS, por meio de seu corpo diretor e da comunidade escolar se traduz, não apenas no crescimento nos índices avaliativos como o Ideb, que, como pode ser visto no quadro 6, atingiu, em 2015, nota maior que a projetada pelo Inep e pelo município para a unidade, alcançando o patamar projetado para o exame seguinte com dois anos de antecedência, mas também, pode ser percebido na mudança de práticas pedagógicas e do currículo com vista à inclusão de atividades como “[...] cine clube, nas sextas-feiras, interclasse nos fins de semanas, projeto de reforço escolar e na parceria com instituições e órgãos públicos, principalmente com o núcleo de direitos humanos” (OLIVEIRA, MPF, 11 jul. 2019). Todas essas atividades e colaborações buscam não apenas atender aos índices externos de avaliação, mas, sobretudo, propiciar às alunas e alunos da instituição uma educação que, como dito anteriormente, possa propiciar a formação de senso crítico em cada sujeito de forma que esse pensamento crítico torne a cada uma delas e deles aptos a compreender e dispostos a transformar a realidade em que estão inseridos.

### **2.3 Sujeitas da pesquisa: aproximações e definições**

Definimos como sujeitas desta pesquisa senhoras idosas, como dispõe a Lei No 10.741, de 1º de outubro de 2003, Estatuto do Idoso, que estejam regularmente matriculadas na modalidade da Epjai na Escola Municipal Antônia Cavalcanti e Silva na cidade de Vitória da Conquista, Bahia. Como define a lei, são consideradas idosas as pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. De posse desta informação, fomos ao campo da pesquisa considerando o ano de nascimento (e não o mês) para selecionar as senhoras participantes deste trabalho. Importa fazer essa referencia, porque há, no grupo de senhoras, duas delas que fazem aniversário no final do ano de 2019, tendo assim sessenta anos incompletos, pois, apesar de nascidas em 1959, ano limite para serem aceitas, completam 60 anos em meses vindouros. Assim, além do requisito legal, foi necessário, ainda, que elas estivessem dispostas a aderir à pesquisa. Isto porque, para construção das informações, seria preciso que elas se despissem de possíveis constrangimentos e vergonha ao falarem de si para um homem (o pesquisador), ainda desconhecido, até então. Este se constituiu no mais forte receio durante todo o processo de desenvolvimento da pesquisa, a rejeição inicial por parte das senhoras. Para superar esse desafio, que inviabilizaria a pesquisa, todos os passos foram dados no sentido de desconstruir uma imagem social que tem um homem, alto, forte, cara sisuda, para

alguns, até intimidador. Neste sentido, a apresentação da pesquisa foi feita na presença da diretora, que goza de extrema confiança e respeito das senhoras. Planejamos, aqui, um café para um momento de descontração e toda a fala do homem pesquisador tinha por objetivo ser claro e respeitoso para evitar constrangimentos. Podemos afirmar que todo o planejamento obteve sucesso, afinal, as senhoras não se furtaram em responder às perguntas ou a desenvolver suas narrativas, exceto por duas ocasiões com Maria de Fátima e Maria do Carmo. Acreditamos que a recusa das informações, nestes casos, tem mais a ver com o fato em si do que com o fato de ser homem o pesquisador. Consideramos importante salientar que Maria de Fátima, ao narrar sua trajetória sobre o casamento, se viu sem palavras para se referir à sua primeira noite com seu marido, um ano após a celebração da cerimônia. Vemos aí uma forte influência do discurso social e religioso, construído historicamente, em que falar de sexo é tido como feio, sujo, pecaminoso, imoral.

A despeito de ser um homem a falar do feminismo e da luta do movimento feminista em busca de direitos e reconhecimentos, consideramos ser possível pensar em homens participando de diversas formas dos espaços de atuação desse movimento, mas não a pautar a luta feminista, pois não cabe aos homens (nós) ocuparem espaços de poder como representantes das demandas do movimento. O lugar do homem nesse cenário é o de enfrentar o machismo no seu ambiente e situações do cotidiano. Como forma desse enfrentamento é que desenvolvemos esta pesquisa, enquanto homens engajados que somos. Não nos intitulamos como feministas, pois acreditamos que os homens não passam, necessariamente, pelos mesmos percursos de opressão a que são sujeitadas as mulheres.

Apesar de não nos reconhecermos como feministas, buscamos galgar esse degrau, pois, como afirma Beauvoir (1949, p.86), “[...] o homem feminista é aquele que enxerga a mulher como sujeito”. E intentamos nesta pesquisa assegurar às senhoras idosas que estudam na Epjai o papel de sujeitas.

Dando seguimento aos passos metodológicos, identificamos, na instituição, as possíveis senhoras, que estivessem com 60 anos ou mais de idade, conforme critérios estabelecidos na pesquisa. Nesta etapa, o pesquisador foi à escola no dia dois de abril de 2019, no turno noturno, às 18h e 30m, turno em que acontecem as aulas da Epjai e, juntamente com a vice-diretora, selecionaram as possíveis candidatas, tendo como base de análise as listas de alunas/alunos, matriculadas, emitidas pela secretaria escolar que se apresentava divididas por turma. Ao final desta etapa, foram encontradas 10 (dez) possíveis candidatas a sujeitas da

pesquisa, a saber: Alice<sup>14</sup> (completou 60 anos de idade em novembro de 2019), Maria do Carmo (74 anos de idade), Maria de Fátima (62 anos de idade), Cecília (completou 60 anos de idade em novembro de 2019), Idelice (62 anos de idade), Diva (72 anos de idade), Dejanira (62 anos de idade) e Rose (60 anos de idade). Esta última, apesar de todos os esforços de convencimento por parte do pesquisador e das demais colegas, não se dispôs a participar da pesquisa. Outras duas senhoras, que apesar de habilitadas a participar, não frequentavam mais a escola.

Realizado esse procedimento de identificação das sujeitas, no mesmo dia 02 de abril de 2019, o pesquisador, acompanhado da vice-diretora do turno, Ivaneuza Nepomuceno Batista, foi às salas de aula para formalizar o convite a cada uma delas para que comparecesse à sala de informática, local disponibilizado pela escola para ocorrer o primeiro encontro. Dado o número de senhoras e o curto espaço entre as salas, essa etapa durou cerca de 20 minutos. A esse encontro coletivo com as senhoras denominamos de Sessão Coletiva de Diálogo (SCD), que se constituiu em um “[...] espaço-tempo de estudo, de reflexão crítica sobre a prática. Momentos nos quais o grupo se desafia a problematizar as práticas desenvolvidas, a estudar conceitos”. (SANTOS, 2011, p.51). Após a SCD utilizamos um dispositivo sistematizador chamado de Memória de Pesquisa-Formação (MPF), escrita pelo pesquisador (um exemplo encontra-se no apêndice B). Esta primeira SCD, figura 4, foi planejada para que, concluída a apresentação da pesquisa às senhoras, houvesse uma reflexão sobre o tema e para que elas se posicionassem sobre esse processo colaborativo da pesquisa e, também, para possibilitar uma maior aproximação do pesquisador ao contexto da instituição e das sujeitas.

---

<sup>14</sup> Tivemos autorização para apresentar os nomes verdadeiros das sete primeiras candidatas a sujeitas da pesquisa, razão pela qual eles aparecerão ao longo desta dissertação. Rose é o único nome que não é verdadeiro, uma vez que a estudante não aceitou participar deste trabalho.

Figura 4: 1ª Sessão coletiva de diálogo



Fonte: Acervo da pesquisa. Foto: Roberto da Silva Reis Júnior<sup>15</sup>, 2019.

Da esquerda para a direita: Idelice Antônia dos Santos Lima, Alice Batista dos Reis, Maria de Fátima de Jesus Souza, Cecília Marina Novais, Dejanira Santana Amaral, Marcelo Oliveira Lacerda e Maria do Carmo Moreira da Silva.

A primeira SCD foi importante também para construir um clima de confiança e credibilidade para a o desenvolvimento das etapas seguintes da pesquisa, a realização de entrevistas. Para isso, procuramos utilizar uma linguagem que fosse facilmente compreendida e buscamos uma dinâmica de grupo que servisse para uma apresentação inicial, oportunizando que as senhoras se percebessem de outro ponto de vista, o da valorização, que as fizessem se sentir, ainda mais, importantes e merecedoras de atenção. Essa primeira SCD teve duração de 55 minutos, sendo iniciada às 20 horas e 05 minutos e finalizada às 21 horas.

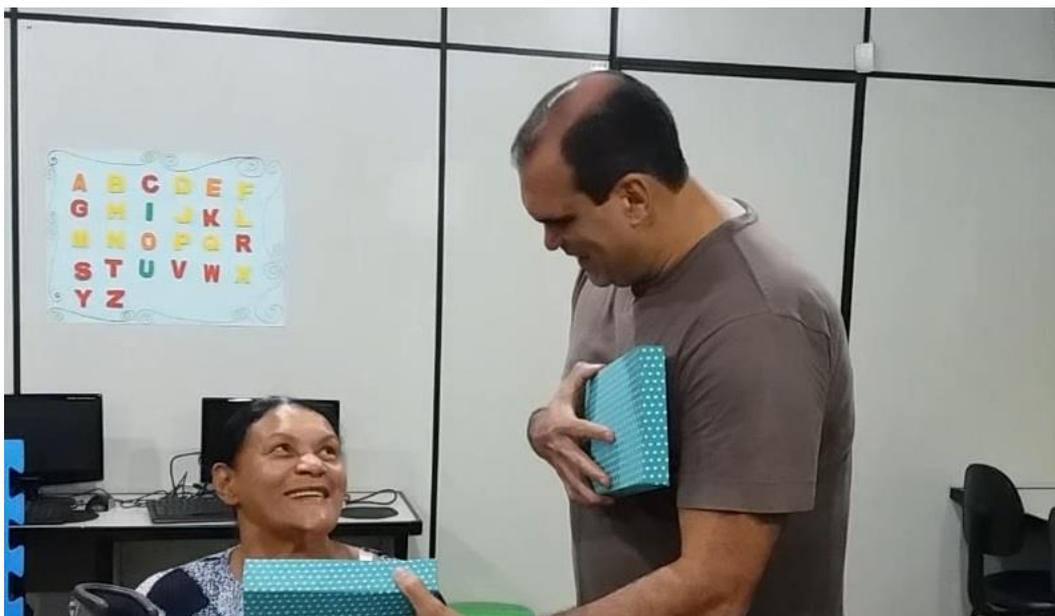
Além da apresentação do pesquisador às participantes e delas, cada uma, a sua vez, ao pesquisador, planejamos para essa SCD a explanação sobre a pesquisa e seus objetivos; e a execução da dinâmica, que foi planejada como forma de estabelecer uma relação amistosa de parceria entre os presentes. Nesse momento, criamos um tempo para a realização de um lanche coletivo no final do encontro, providenciando sucos, bolos, café e biscoitos. Esse momento foi muito agradável e contou com a presença das senhoras e da equipe de gestão da escola. Durante o lanche, algumas senhoras participaram de forma mais rápida, já que teriam que sair, pois alguém de suas famílias as aguardava no portão; outras se detiveram um pouco mais a comer e a interagir numa conversa agradável.

A primeira SCD foi iniciada com as apresentações de cada um dos presentes, seguida da apresentação da pesquisa, com seus objetivos e ideias mais gerais. Após explanação, o

<sup>15</sup> Colaborou na fase de registro fotográfico e de gravação em áudio e vídeo o profissional Roberto da Silva Reis Júnior, jornalista de formação que atuou, voluntariamente, nesta pesquisa.

pesquisador deixou o tempo livre para que as senhoras se posicionassem, tirassem dúvidas e se sentissem à vontade em participar. Após um período de compartilhamento de ideias, foi proposto, pelo pesquisador a realização da uma dinâmica. A dinâmica escolhida foi a do espelho, que consistia em colocar um espelho dentro de uma caixa com tampa e dizer às participantes que ali havia fotos de personalidades, pessoas conhecidas por todos os presentes, e que, ao abrir a caixa, cada uma delas falava 3 (três) coisas boas positivas sobre aquela personalidade, e que deveria permanecer anônima para as demais. Esta dinâmica foi escolhida por ser uma excelente oportunidade para que as senhoras se vissem sob outras perspectivas, o que lhes permitiu ampliar a visão de si mesmo e também de mundo. O objetivo foi que, ao abrir a caixa e ver sua imagem refletida no espelho, a pessoa tenha oportunidade de refletir sobre como ela se percebe, para que possa reconectar-se consigo mesma e olhar um pouco mais para dentro de si, de forma que ela possa vivenciar um importante momento de autorreflexão e expandir seu autoconhecimento, além de poder interagir e socializar com o outro ao se expressar publicamente, emitindo opiniões e conceitos, o que, para alguns, é uma tarefa complexa. A escolha por esta dinâmica se deu por entendermos que essas senhoras, muitas arrimo de família, têm, muitas vezes, pesadas ocupações diárias, incluindo as atividades escolares, que lhes impedem de olhar para si mesmas e não percebiam quantas qualidades e histórias possuem. Este entendimento se confirmou durante a conversa na SCD.

Figura 5: Realização Dinâmica com Maria de Fátima



Fonte: Acervo da pesquisa. Foto: Roberto da Silva Reis Junior

Ao se expressar, cada uma das participantes teceu comentários sobre si que as fizeram ter as mais variadas reações. Desde risos e algumas gargalhadas, a lágrimas de choro pela emoção de se (re) ver ali e, mesmo por poderem se observar, após muito tempo, como elas próprias afirmaram. Essa dinâmica contribuiu para reforçar a importância de (re) conhecer a si e à sua história para fazer dela um incentivo ao conhecimento crítico de forma que este possa transformar a realidade, atual e futura, delas e de outras mulheres.

Figura 6 : Realização Dinâmica com Cecília



Fonte: Acervo da pesquisa. Foto: Roberto da Silva Reis Junior

Ao final da SCD, o pesquisador indagou cada uma sobre o desejo de participar da pesquisa e, dentre as sete senhoras presentes, apenas uma delas se recusou a participar (Rose, conforme indicamos anteriormente), alegou os mais variados motivos e, mesmo com a desconstrução de cada um deles, pelo pesquisador e a insistência das colegas, ela declinou do convite. Aceitamos e seguimos na sessão com o agendamento das 6 (seis) entrevistas individuais, momento no qual cada uma nos contaria sua história, colaborando, assim, com as discussões sobre nossa temática central da pesquisa.

No dia de nossa SCD, uma das senhoras, identificada previamente na lista, não foi à escola. Resolvemos que ela seria oportunamente convidada, o que se concretizou e contamos com sua participação, sendo ela, a última das entrevistadas, totalizando, desse modo, sete participantes desta pesquisa. As entrevistas foram agendadas para acontecer sempre as terças e quintas-feiras, no turno noturno, dias e horário escolhidos pelas participantes. Combinamos, naquele momento, que se alguma delas utilizasse todo o tempo da noite para realizar a sua

entrevista, a próxima senhora seria ouvida na terça ou quinta subsequente, respeitando a ordem agendada, fato que não aconteceu.

## **2.4 Processo de construção de informações**

Foi realizado levantamento bibliográfico sobre a temática da pesquisa, bem como, foram pensadas 3 (três) sessões coletivas de diálogos (SCD) e 7 (sete) entrevistas narrativas individuais, 1 (uma) com cada senhora. Na sequência, descrevemos as referidas etapas.

### **2.4.1 Levantamento bibliográfico**

A categoria gênero abrange atributos e funções, construídos socialmente ao longo do tempo que configuram diferenças e relações mútuas entre os sexos que perpassam o campo biológico no tocante ao que se convencionou chamar de definição do que é ser homem ou ser mulher. Essa definição social carrega consigo a representação desses atributos e funções que são exteriorizados pelos sujeitos como a forma de se apresentar, de se valorizar e de atribuir significado ao seu existir.

As discussões sobre as questões de gênero e suas implicações na vida e, em especial, na escolarização das pessoas, nunca foram temas dos mais fáceis de serem discutidos na escola, seja pela oposição religiosa, seja pela questão moral. Dificuldade essa que se avoluma na atual conjuntura política onde as políticas educacionais tendem ao conservadorismo e a expressão gênero ou “ideologia de gênero” tornou-se objeto a ser banido das escolas por essa visão conservadora que se instalou no país com o início do governo eleito que tomou posse em janeiro de 2019. Esse tema torna-se ainda mais difícil de ser abordado com estudantes idosas, pois estas têm seu percurso de vida e visão de mundo construído sobre alicerces sólidos edificados por preconceitos, pela ideia de pecado, sob o qual sua base cultural, formativa ou educacional, em geral, foi alicerçada.

Na perspectiva de que as discussões sobre as questões de gênero estão inseridas numa relação de poder que afeta a vida, em especial, de mulheres idosas, que cresceram numa sociedade onde o peso dessas relações foi ainda mais acirrado, iniciamos esta pesquisa por meio de um levantamento bibliográfico, considerando a temática central de nosso estudo, conforme apresentamos na Introdução deste trabalho.

O levantamento das informações foi feito a partir dos dados disponíveis on-line no sítio da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) e, como

aponta Triviños (2009), fizemos o levantamento bibliográfico como uma possibilidade de ampliar o leque de informações a respeito dos artigos e temáticas publicadas em torno dos descritores gênero, EJA/Epjai e idosa/o, considerando os trabalhos apresentados nas reuniões nacionais, nos grupos de trabalho 18 (GT 18) que discute, especificamente, a modalidade de Educação de Pessoas Jovens e Adultas, e do grupo de trabalho 23 (GT 23), que se dedica às discussões sobre Gênero, Sexualidade e Educação. Neste contexto, buscamos localizar as apresentações de trabalhos científicos voltadas, especificamente, para discussões das questões de gênero na modalidade de Epjai que envolvam as pessoas idosas.

Os critérios para seleção dos trabalhos analisados, nos GT 18 e 23, foram: 1) Terem sido apresentados, nas reuniões científicas nacionais, no período de 2008 a 2017, tempo substancial para um panorama da área, critério este comum para os dois GT; 2) trazer, evidenciado, no título, no resumo e/ou palavras-chave, no GT 18, os descritores *Gênero e/ou Idosa/Idoso*; e, para o GT 23, os descritores *Gênero, Idoso/Idosa e/ou EJA/Epjai/EPJA*. O descritor EJA/EPJAI/EPJA não foi aplicado ao GT 18 por ser este o único tema do grupo de trabalho e porque a maioria dos trabalhos traz a modalidade no contexto dos títulos, resumos e/ou palavras-chave.

As reuniões científicas nacionais da Anped aconteceram, anualmente, entre 1978 a 2013. A partir daí, passaram a ter sua periodicidade de realização a cada dois anos em diferentes localidades do Brasil. O caráter itinerante das reuniões nacionais possibilita uma participação mais democrática de pesquisadores/as das diversas regiões do Brasil e permite uma melhor circulação de informações em todo o território nacional.

Para a pesquisa dos trabalhos apresentados em cada edição da reunião nacional da Anped, entre os anos de 2008 e 2017, visitamos o sitio da associação e, na página principal, onde há uma barra superior com *links* para várias buscas, optamos pelo link de “reuniões científicas”, que, uma vez alcançado, oferece as opções “nacional” ou “regional”. Foi escolhido o item “nacional” que dá acesso a uma tela onde se pode ter a visualização de todas as edições do evento.

Na sequência, ao passo em que acessamos cada um das edições pretendidas para análise, tivemos acesso, também, a uma página com informações gerais do evento, na qual buscamos a programação de cada GT, que, no caso desta pesquisa, foram os GT 18 e 23. Cada um dos ícones dá acesso à programação dos GT em seu referido ano de realização. Ao clicar no ícone escolhido, aparece toda a programação com local e horário das apresentações, bem como os títulos dos trabalhos e seus respectivos autores. O passo seguinte foi realizar a leitura de todos os títulos, palavras-chave e resumos dos trabalhos apresentados.

Nos Quadros 4 e 5 a seguir, apresentamos os números de trabalhos encontrados no recorte temporal com vinculação com algum dos descritores pretendidos, e que foram apresentados nas reuniões nacionais da Anped, no âmbito dos GT 18 e 23 em cada ano. Todos os trabalhos encontrados foram arquivados e organizados, por ano de apresentação.

Quadro 5: Quantidade de trabalhos encontrados no GT 18 por ano e número de ocorrências dos descritores.

ANO	QUANTIDADE TRABALHOS	DESCRITOR GÊNERO	DESCRITOR IDOSA/IDOSO
2008	13	0	1
2009	14	0	0
2010 <sup>16</sup>	NÃO FORAM LOCALIZADOS DADOS		
2011	12	1	0
2012	14	0	1
2013	12	0	0
2015	23	2	0
2017	17	0	2

Fonte: Pesquisa direta do autor, 2019.

Quadro 6: Quantidade de trabalhos encontrados no GT 23 por ano e número de ocorrências dos descritores.

ANO	QUANTIDADE TRABALHOS	DESCRITOR GÊNERO	DESCRITOR EJA/EPJAI/EPJAI
2008	10	7	0
2009	12	5	0
2010	16	7	0
2011	15	6	0
2012	14	5	0
2013	14	2	0
2015	23	11	0
2017	21	7	0

Fonte: Pesquisa direta do autor, 2019.

O pequeno número de trabalhos apresentados no GT 18 envolvendo as discussões sobre questões que envolvem as pessoas idosas nos faz ver a emergência de trazer para a academia a visibilidade da pessoa idosa na escola, uma vez que, como demonstram as

<sup>16</sup> O link para acesso ao referido ano apresentou erro e não permitiu acesso à programação do GT, quando da pesquisa.

estatísticas, há um crescimento da população idosa no Brasil e, conseqüentemente, essa população vem ocupando diversos espaços sociais, entre estes, a escola. No período de tempo pesquisado, apenas 3 (três) trabalhos foram apresentados, nas reuniões anuais da Anped, abordando as idosas/idosos em sua temática, mas sem relação com o objeto desta pesquisa, pois, enquanto o primeiro deles tem como foco potencializar as vozes dos “[...] sujeitos pesquisados, admitindo que suas vivências, opiniões e entendimentos constituem fonte importante de reflexão sobre o fenômeno que envolve o envelhecimento da população mundial e a tecnologização da sociedade” (ARREVABENI, 2012). O segundo trabalho apresentado que “considerando a educação de jovens e adultos/idosos como prática de inserção social [...] se pauta em desvelar o contingente de pessoas analfabetas, a permanência da condição de analfabeto, bem como o que significa para estes sujeitos analfabetos a exclusão do mundo” (SIRAICHI; FERNANDES, 2017). O terceiro trabalho traz o percurso que propiciou “[...] conhecer o processo de formação de um sujeito adulto” (BARBOSA, 2017) que, além de ser um adulto, também é idoso, mas essa particularidade não é objeto do trabalho. Assim, constatamos que há uma pequena ocorrência de trabalhos voltados para as questões das pessoas idosas, presentes e visíveis na letra “A” da sigla EJA, mas invisibilizados diante da amplitude e diversidade que constitui o mundo que a letra “A” representa.

Sabemos que as discussões sobre gênero têm ganhado, nas últimas décadas, grande repercussão no meio acadêmico com substancial suporte teórico e publicações. Mas, na contramão desse avanço, essas discussões parecem não ganhar a mesma proporção, quando se fala em discutir com e para os estudantes da Epjai, que estão na escola, especialmente, com idade mais avançada, nas apresentações de trabalhos, dentro do GT 23, nas reuniões nacionais da Anped.

Os trabalhos apresentados nas reuniões nacionais da Anped, no período analisado, têm abordado gênero sob o olhar do pós-estruturalismo que traz para a cena autoras e autores que, por serem referência e apresentarem bases teóricas muito discutidas, servem para embasamento de numerosos estudos e tornaram-se referências para esta pesquisa como: a) Judith Butler, filósofa norte-americana e uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, teoria *queer*, filosofia política e ética; b) Joan Scott, historiadora norte-americana e professora da Escola de Ciências Sociais do Instituto de Altos Estudos de Princeton, Nova Jersey, EUA, além de especialista na história do movimento operário no século XIX e do feminismo na França; c) Guacira Lopes Louro, Doutora em

Educação e Professora Titular aposentada do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul;

Em geral, as discussões de gênero trazem, em sua grande maioria, o olhar de Michel Foucault que foi professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no célebre *Collège de France*, cuja abordagem é feita, na grande maioria dos trabalhos, sobre a relação entre poder e saber, e como estes são usados como uma forma de controle social por meio das instituições sociais através do discurso. Ideia que ganha reforço com Helena Hirata, filósofa brasileira especialista em sociologia do trabalho e do gênero, professora da Universidade de Paris VIII. Concordamos com a afirmação de Hirata (2002), quando diz que, apesar do progresso na situação das mulheres, o poder continua em mãos masculinas e apresenta uma importante discussão para a ciência sobre as relações de gênero, principalmente no campo profissional.

Apesar de o número geral de trabalhos apresentados no GT 23 demonstrar oscilações com tendência de crescimento dentro do recorte temporal pesquisado, notamos que há a necessidade de avançar com abordagem e discussão de gênero voltadas para a modalidade Epjai. A falta de trabalhos produzidos sobre gênero voltado Epjai demonstra a necessidade de se discutir e problematizar com e para esse público. Na análise realizada, constatamos que as discussões sobre gênero, associada às questões de sexualidade, com ênfase de abordagem no público infantil e juvenil, concentram maior preocupação com o tema no âmbito das escolas de ensino regular fundamental e médio. A sexualidade, conforme assegura Foucault (2009), é parte integrante do ser humano, influenciando seus pensamentos, sentimentos, ações e interações. Assim sendo, é determinante na saúde física e mental de uma pessoa, independentemente da idade e do gênero, devendo ser tratada não apenas com o público jovem, mas com e para todos os públicos. A relação da pessoa idosa e sexualidade na Epjai é também um tema pouco abordado nas reuniões nacionais do GT 23. Essa é apenas uma constatação que poderá ser discutida com maior afinco em outra oportunidade já que sexualidade não é um descritor utilizado por nós e não temos a pretensão de aprofundar o assunto.

Diante da ausência de abordagens do tema gênero, nas reuniões científicas nacionais da Anped, voltado para as discussões que envolvem as pessoas idosas que frequentam a modalidade de Epjai, especificamente no GT 23 que trata de *Gênero, Sexualidade e Educação*, constatamos ser essa uma lacuna que carece de maior investimento científico.

#### 2.4.2 Sessão Coletiva de Diálogo (SCD)

As SCD são , segundo Santos (2011, p.51), “espaço-tempo de estudo, reflexão crítica sobre a prática. Momentos nos quais o grupo se desafia a problematizar as práticas desenvolvidas, estudar conceitos, flexionando o pensamento em torno de interesses e necessidades do coletivo”. Nesta etapa da pesquisa, buscamos reunir todas as senhoras para realização de reflexões e conversas de interesse geral do grupo. Foram realizadas 3 (três) SCD. A primeira delas, realizada em 02 de abril de 2019, na EMACS, foi dedicada à apresentação da pesquisa e aproximação do pesquisador com as sujeitas.

Figura 7: Segunda sessão Coletiva Diálogo (SCD)



Fonte: acervo da pesquisa. Foto: Roberto reis da Silva Junior

Na segunda, realizada em 11 de novembro de 2019, a perspectiva era de que o pesquisador fizesse a leitura, em voz alta para as senhoras, do texto organizado para compor a apresentação de cada uma delas. Este momento foi pensado, também, para obter, de forma verbal e pública, a validação de cada uma delas em relação ao conteúdo do texto sobre as narrativas de si. Ao iniciar a leitura, o pesquisador fez questão de deixar claro que poderia ser interrompido a qualquer instante para sanar dúvidas sobre palavras e expressões que, por ventura, não fossem compreendidas, colocando-se à disposição para explicar o que fosse preciso. Ao final da leitura de cada texto, foi solicitado à partícipe interessada que se pronunciasse sobre o que ouviu. Aqui cada uma concordou com a escrita apresentada e com a publicação do texto conforme elaborado, o que pode ser constatado nos registros de áudio e vídeos nos arquivos transcritos e apresentados nos apêndices desta dissertação. A partir desde

momento, não contamos mais com a participação de Idelice, que, por motivos não conhecidos pela escola e por nós, não mais compareceu à escola.

A terceira SCD aconteceu em 19 de novembro de 2019 e foi pensada para oportunizar um momento de reflexão sobre o que foi dito nas entrevistas narrativas, com frases extraídas de cada encontro individual, sem a identificação de autoria. Foi solicitado que cada uma refletisse e falasse o que entendia sobre frases ditas por elas próprias. Exemplo: “Mulher tem que se comportá” (Alice). “As vezes a mulé fala um coisa com o home que não é pra ela falar, o home num vai guentá isso” (Dejanira). “Os menino home já estudava” (Dejanira). “Tem uns homes que vai toma banho, a mulé tem que pegá a toalha” (Idelce). “Meu pai perguntô ele (o noivo) não pra mim se queria casá” (Maria de Fátima). “Você tem que ficá aqui acordada, pra na hora que os menino chegá, você servir a janta” (Maria do Carmo). Além destes fragmentos de narrativas, outros fizeram parte das reflexões com as sujeitas da pesquisa, especialmente aqueles com conteúdo machista, reproduzidos em seus discursos. Este momento foi de grande importância para fomentar reflexões que elas, ainda, não tinham trazido à luz, sendo útil, ainda, para que reconhecessem que os discursos presentes ali fabricaram muitas de suas ações e momentos na vida. Nesta SCD, as reflexões as fizeram pensar nos momentos dos quais não se orgulham ou se arrependem, bem como nas muitas implicações que os discursos de gênero impuseram às suas vidas. Desta SCD não participaram Idelice (considerada desistente pela instituição), Alice e Diva. Desta data em diante, também foi considerada desistente Diva, que, por motivos de ordem pessoal, não nos sentimos autorizados a dizer.

Uma quarta SCD foi pensada para ocorrer no dia 26 de novembro de 2019, em que cada senhora responderia a questões sobre o futuro e perspectivas de vida. Porém, quando da realização da 3ª. SCD, realizada para discutir os discursos de gênero e as implicações que permearam suas vidas, percebemos que, por estarem juntas naquele espaço coletivo, algumas delas omitiram ou mudaram de ideia e de discurso quando se pronunciavam publicamente, deixando de lado o que haviam narrado nos encontros individuais e que estava registrado em nossos arquivos. Assim, optamos por organizar encontros individuais para tratar dos sonhos e perspectivas de futuro, no intuito de evitar interferências de uma no pensar e querer das outras. Desta última etapa da pesquisa, contamos com a participação de Alice, Cecília, Maria de Fátima e Dejanira. As demais desistiram da escola, exceto Maria do Carmo, que procurada, não quis mais se pronunciar no contexto da pesquisa, mas segue seu percurso na escola.

### 2.4.3 Realização de entrevistas narrativas

Nesta pesquisa, propusemo-nos a trabalhar com histórias de vida, em especial, com aquelas que afetaram diretamente o contexto da trajetória de vida e de escolarização de estudantes idosas da modalidade Epjai. Acreditamos que essas histórias de vida, a nós contadas de forma oral, pelas senhoras que frequentam a modalidade na EMACS, devem ser entendidas como um instrumento de compreensão das experiências e dos percursos que as trouxeram até este tempo presente. Assim, definimos como proposta de construção de informações a pesquisa narrativa, pois “[...] a técnica de narrativas não só nos fornece histórias individuais, mas também, uma ideia de coletivo, pois, estrutura e ação se fazem presentes no momento em que a trajetória do indivíduo é reconstruída pela narração”. (EUGÊNIO; TRINDADE, 2017, p. 121). Visto dessa forma, acreditamos que há uma simbiose indissociável entre o pessoal, a subjetividade dessas senhoras, e o social, a estrutura que se apresentou quando de suas experiências narradas. E como a vida é um continuar de coisas, de processos e de histórias, essas experiências que as trouxeram ao presente, da forma como ele é, certamente, tendem a projetar o futuro, sempre inseridas em um contexto social e vistas, agora, do lugar de mulheres idosas que são. Escolhemos a entrevista narrativa, também, por concordar com Eugênio e Trindade (2017, p.121) ao afirmarem:

Nesse percurso não é suficiente só captar as experiências individuais e coletivas, é preciso compreender as nuances, o contexto sócio-político-cultural que produz as experiências narradas. Cada narrativa nos revela uma singularidade, lança um novo olhar sobre o tema a partir da trajetória de cada entrevistado.

Para melhor captar toda essa singularidade presente nas narrativas, tivemos o cuidado de não seguir na direção de uma abordagem fechada e elaboramos questões que possibilitassem essa abertura de forma que as sujeitas pudessem detalhar suas experiências de vida e para podermos perceber e registrar as narrativas cheias de singularidades dessas senhoras, a cada dia de entrevista, preparávamos o ambiente: Câmera filmadora e celular eram posicionados de forma que não tirassem a atenção da entrevistada, evitando que o registro daquela conversa, pelos equipamentos, não causasse constrangimento ou timidez excessiva. Além da câmera, que grava áudio e vídeo, o celular foi utilizado, mais próximo da entrevistada para garantir a qualidade do áudio no momento das transcrições, pois o ambiente não dispunha das condições necessárias para uma gravação de melhor qualidade, uma vez

que, com frequência, sons de conversas e bater de panelas eram recorrentes, vindos da cozinha, que fica anexo à sala de informática e cuja parede divisória é formada por tijolos vazados.

Feito a preparação da sala e com anuência da entrevistada, iniciávamos a conversa seguindo o roteiro da entrevista narrativa planejado para esse momento (Apêndice C). Este roteiro serviu como base para que a entrevista se mantivesse no seu foco, mas as conversas seguiram, também, por perguntas geradas durante as falas das entrevistadas, o que contribuiu para enriquecer os diálogos. As entrevistas tiveram duração entre 27 (vinte e sete) e 60 (sessenta) minutos, não havia limite imposto pelo pesquisador para a duração de cada entrevista. O único limite era respeitar sempre a vontade e a disposição da entrevistada em se expressar. Após a realização de cada entrevista, o próprio pesquisador foi transcrevendo-as, respeitando a forma linguística de todos os discursos pronunciados pelas entrevistadas. Desse modo, existem, em todos os registros de transcrição, palavras e expressões escritas de forma não convencional (português não padrão<sup>17</sup>), respeitando os distintos modos de falar de cada sujeita da pesquisa.

O primeiro dia de entrevistas, 04 de abril de 2019, uma quinta-feira, foi aberto por Maria de Fátima. A conversa durou cerca de 40 minutos, começando às 19h 30 min e acabando às 20h 07min, resultando numa transcrição com 14 páginas, conforme consta no Apêndice D. Seguimos, nesta noite, com a presença de Maria do Carmo.

Mesmo apressada em retornar à sala de aula e fazer suas atividades, ela nos proporcionou uma das mais curtas conversas, iniciando às 20h 18min e terminando às 20h40min (menos de 22 minutos), sintetizada em 8 páginas de transcrição (Apêndice E). A curta duração desta entrevista não tirou a importância e a força do conteúdo ali expressado. Foi uma das conversas mais impactantes e emocionantes para o pesquisador e que, sem dúvida, expõe a opressão existente nas relações sociais que têm o gênero como definidor de papéis.

---

<sup>17</sup> A leitura da obra de Marcos Bagno, *A língua de Eulália: novela sociolinguística*, foi referência para manter a linguagem não padrão dos discursos das sujeitas da pesquisa.

Figura 8: Maria do Carmo em entrevista individual



Fonte: Acervo da pesquisa.

Foto: Roberto da Silva Reis Júnior, 2019

No segundo dia de entrevistas, 09 de abril de 2019, terça-feira, a primeira delas teve a duração de 23min e 57s, começando às 19h e 30min e terminando às 19h 53min. A entrevistada foi Dona Alice, que nos contou sua história, transcrita em 9 páginas (Apêndice F).

A segunda entrevistada deste dia, Cecília, figura 5 chegou às 20h e, depois de decorridos 30 minutos de conversa, em razão

de demandas da escola, tivemos que ir para outro espaço físico. No novo ambiente, conversamos por mais 30 minutos, totalizando cerca de 1 hora de entrevista, que acabou às 20h 59min, resultou numa transcrição de 15 páginas (Apêndice G).

11 de abril de 2019, quinta-feira. No nosso terceiro dia de entrevistas, tivemos a participação de Idelice, iniciando às 19h 15min e totalizando cerca de 30 minutos. Desta entrevista, transcrevemos 9 páginas (Apêndice H). Em seguida, recebemos para diálogo Dejanira, que nos proporcionou um momento de quase 23 minutos e 9 páginas de transcrição, iniciado às 20h e concluído às 20h 22min (Apêndice I). Já eram 20h 40min, quando Diva começou a nos contar sua história, cuja transcrição resultou em 7 páginas. Esse diálogo durou, aproximadamente, 21 minutos e acabou às 21h 02min (Apêndice J).

Todas as entrevistas foram, oportunamente, validadas pelas sujeitas da pesquisa, em SCD, foi realizada no dia 11 de novembro de 2019, na EMACS, ocasião em que o pesquisador leu o texto extraído das narrativas e, por sua vez, cada uma das senhoras, após ouvir sobre si, concordou com o teor a elas apresentado.

#### 2.4.4 Escrita de memórias de pesquisa-formação

Nos encontros com as senhoras sujeitas desta pesquisa, e com a direção da escola, realizamos a escrita das memórias de pesquisa-formação, tanto da SCD, como das entrevistas individuais. Essas memórias se tornaram

Fonte: Acervo da pesquisa - foto produzida pelo autor, 2019.

Un instrumento de reflexion y diálogo com otros que em la misma situación buscan comprender y transformar sus prácticas. [...] e passa así, a hacernos pensar sobre nosotros mismos, sobre nuestros desafios y posibilidades

cotidianas[...] e com su experiencia puede despertar reflexiones e incluso câmbios em cualquier outro. (SANTOS; WESCHENFELDER; LEITE, 2018, p. 36).

A escrita de memórias foi pensada, também, para tornar mais presente, durante o processo de análise, as sensações e observações que os aparelhos eletrônicos utilizados não são capazes de registrar. São sentimentos e emoções que só a sensibilidade e percepção humanas podem perceber.

Figura 9: registro de momentos da SCD



Ao rememorar o passado em cada silêncio, em cada pausa prolongada, em cada olhar ou gesto das senhoras ao contar suas histórias, O pesquisador pode, mais uma vez, refletir sobre como os discursos de gênero e suas implicações contribuíram para dar rumos e afetar a vida dessas mulheres idosas.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto Roberto da Silva Reis Junior

Como salienta Santos (2017, p.79), “[...] a produção de uma memória não se restringe meramente à descrição de um tempo que passou, ao contrário, representa um espaço de construção de processos críticos e reflexivos”, que nos serão úteis no processo de elaboração de nossa análise. Com esse propósito, escrevemos 8 (oito) memórias com o objetivo de que venham reavivar os momentos experienciados junto às senhoras e a traduzir em palavras e nuances que nos ajudarão nesse percurso analítico.

## 2.5 Organização e análise das informações

Nesta fase da pesquisa, buscamos construir núcleos temáticos oriundos das entrevistas realizadas e da sistematização presente em nossas MPF. Buscamos, ainda, noções essenciais foucaultiana, assim como, autores/as que discutem questões de *Gênero* para realizar a etapa de análise das informações.

Desse modo, analisamos as informações sob o olhar do discurso, no qual a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos que são ecos da memória, tendo como objetivo buscar a compreensão sobre o discurso de gênero e suas implicações na vida e na

escolarização das mulheres idosas da Epjai. Trabalhamos na perspectiva do pensamento de Foucault (1984), principalmente, com o da noção de que a subjetividade é constituída no e pelo discurso. Fizemos essa busca confrontando os discursos dos sujeitos com a literatura científica que dá sustentação a esta pesquisa. Na perspectiva aqui colocada, a subjetividade está estreitamente relacionada às relações de poder, que, para Foucault (1995), não atuam apenas oprimindo ou dominando as subjetividades, mas, principalmente, participando do seu processo de constituição.

Para Foucault (2009), à medida que a sociedade moderna evoluiu, também as relações de poder evoluíram, se transformaram e utilizaram do aparato ideológico e burocrático para exercer o poder que, em certos momentos, parece existir por si só, independente do indivíduo, passando este a ser um instrumento de reprodução e transmissão desse poder.

Às mulheres, sempre subjetivadas e moldadas para atender aos interesses dos homens, dominantes, foram impostos os papéis de obedientes, dóceis e servis. E esses papéis definiram a subjetividade dessas senhoras, partícipes desta pesquisa, tendo reflexos diretos na vida e na escola por onde elas passaram.

Para organização e análise das informações construídas neste trabalho, elaboramos um quadro-síntese (apêndice K), destacando aspectos como: a) as questões e núcleo temático da pergunta das entrevistas; b) as enunciativas; c) os discursos das enunciativas; d) as noções essenciais foucaultianas para diálogo; e) conceitos e autoras/es sobre Gênero para diálogo; f) Conceitos e autoras/es sobre Epjai. Este quadro foi importante para sistematizar as narrativas e orientar nosso olhar para a construção de sumário para escrita do capítulo subsequente, que tem como subtítulos: 1) Sobre as sujeitas da pesquisa: narrativas de si; 2) Mulheres idosas e suas reflexões sobre relações familiares, infância(s) e trabalho(s); 3) Mulheres idosas e suas narrativas sobre a(s) infância(s) vivida(s); 4) Relações entre escola, trabalho, poder e gênero em discursos de mulheres idosas; 5) Mulheres idosas e seus projetos: a vida como um *continuum*. No terceiro capítulo, apresentamos, portanto, a análise das informações, tomando como referência os subtítulos anteriormente citados.

### 3 DISCURSOS SOBRE GÊNERO DE MULHERES IDOSAS DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS E SEUS PROJETOS DE VIDA

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados produzidos por meio das narrativas das sete sujeitas da pesquisa, num diálogo crítico permeado a todo o momento, por ideias, conceitos e discussões dos autores que fundamentam o estudo. O capítulo socializa análises sobre aspectos como: a) quem são as sujeitas desta pesquisa; b) relações familiares, infância(s) e trabalho(s) de mulheres idosas; c) narrativas de mulheres idosas em relação à(s) infância(s) vivida(s). Problematisa e situa, ainda, as relações entre escola, trabalho e gênero de mulheres idosas da EPJA, finalizando com a indicação de alguns projetos de vida destas mulheres no contexto contemporâneo.

#### 3.1 Sobre as sujeitas da pesquisa: narrativas de si

Figura 10: Momento de socialização com as senhoras.



. Da esquerda para direita: Maria do Carmo, Alice, Marcelo, Cecília, Diva, Maria de Fátima e Dejanira.  
Foto: Roberto da Silva Reis Junior.

Historicamente, o conceito de infância existente na sociedade foi tornado naturalizado e homogêneo, como produto pronto e acabado, por meio das relações de poder e saber existentes que o atravessam e o perpetuam. Tornou-se comum e necessário instruir, controlar

e subjetivar as crianças para atenderem aos interesses daqueles que têm a dominação sobre elas ou seja, torná-las seres produtivos e úteis. As crianças entram no processo de produção de sujeitos e, como afirma Foucault (2009, p. 164), “[...] o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe”. Esse é um processo que tem início na infância e vai durar por toda a vida, numa alternância de interesses, poder e saber, por meio de práticas não discursivas. Essa engrenagem se constitui, segundo o mesmo autor (2009, p.165), numa “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, que “define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros”. A estrutura construída pelo poder tem como alicerce a disciplina que, para Foucault (2009, p. 165), “[...] fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’”. Nesta estrutura, as sujeitas desta pesquisa foram objetivadas (FOUCAULT, 2009), por meio de um conjunto de técnicas minuciosas para ajustá-las ao sistema de produção, como a adaptação de instrumentos de trabalho e subjetivadas como dóceis para não resistirem, aplicando-se castigos para as que infringissem as normas.

A fase da infância das senhoras idosas, sujeitas desta pesquisa, se deu essencialmente, na década dos anos de 1960, onde o modelo de construção familiar dominante se constituía a partir de distinções das relações desiguais de gênero que concedem aos homens autoridade e poder sobre as mulheres, considerados, no âmbito civil, como chefes da casa ou/e no âmbito religioso, como “o cabeça”, uma vez que “[...] porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da Igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo” (EFÉSIOS, 5:23). Muda-se o adjetivo, mas permanece a subordinação da mulher que, pelo discurso social ou religioso, dependente do homem, é incapaz de pensar e agir por si e só encontra o caminho se for conduzida pelo “cabeça”. O próprio substantivo feminino “cabeça” é configurado, neste modelo desigual, por meio do discurso, para se tornar masculino, “o cabeça”, deixando clara a intencionalidade do discurso em revelar que, como afirma Scott (1995, p.89), a “[...] função de legitimação do gênero age de várias maneiras, [...] e baseia-se em definições específicas da oposição entre masculino e feminino”.

No modelo de família existente, à época, cabia às mulheres, segundo Faria (1997, p.34), o papel vocacional da “dócil e casadoura professorinha”, isso para aquelas que conseguissem ultrapassar as barreiras do acesso e da permanência na escola. Para as que não estudavam, restava-lhes desenvolver a mesma docilidade, mas em funções diferentes como a de doméstica, babás e cozinheiras nas casas das famílias mais abastadas, como foi o caso de todas as sujeitas desta pesquisa e de algumas de suas mães. Cabe salientar que, assim como Santos e Ribeiro (2014, p.90), entendemos que “[...] o magistério é uma profissão que se

aprende que não nascemos prontos para ensinar: vamos nos forjando como sujeitos históricos e envolvidos em um contexto socioeconômico e cultural específico”.

Para além das funções estabelecidas para as mulheres, estas deviam, ainda, possuir características essenciais. Às mulheres, como afirma Louro (2004), eram estabelecidos os papéis femininos tradicionais como o de ser mãe, dona de casa e esposa; papéis constituídos socialmente por características como a pureza, a fragilidade, a doçura, a resignação, dentre outras, e associadas ao termo feminilidade e que, portanto, deveriam ser “natas” a todas as mulheres, o que Butler (2006, p. 70) chama de “[...] um mecanismo através do qual se produzem e se naturalizam as noções de masculino e de feminino”.

Essa visão essencialista da mulher foi e continua a ser bandeira do movimento feminista e vem sendo fortemente combatido desde então. Dentre as muitas características impostas, socialmente, às mulheres, a fragilidade é um adjetivo que as mulheres idosas, aqui retratadas, não demonstraram ao longo de suas vidas, como observamos nas narrativas de cada uma delas que, em diálogo com o pesquisador, compõe a apresentação das sujeitas. A cada apresentação, construída com falas do pesquisador entrelaçadas a recortes de narrativas das sujeitas, seguem-se trechos das Memórias de Pesquisa-Formação (MPF), escritas nos diferentes momentos desta pesquisa. Na apresentação das sujeitas da pesquisa, socializamos fragmentos de discursos de suas narrativas e, ao mesmo tempo, fragmentos de nosso próprio discurso escrito após cada entrevista realizada, evidenciando, assim, marcas afetivas, sensações e percepções construídas de forma situada e crítica.

Salientamos que compreender o que é um discurso, segundo Veiga-Neto (2003), é tentar entender como as práticas sociais podem constituir formações discursivas que, por sua vez, influenciam na formação das subjetividades de diferentes indivíduos. Assim, apresentamos as sujeitas desta pesquisa:

### **Cecília Marina Novais**



Natural de Dom Silvério, Minas Gerais, o que lhe confere um sotaque muito característico, tem 60 (sessenta anos), não foi registrada. Talvez a falta do registro tenha sido porque quando nasceu, “não pesava nem um quilo, onde eu fui batizada rápido com medo que eu morresse. Diz ela (a

mãe)<sup>18</sup> que via minhas tripa dentro de minha barriga”. Como o batismo era tido como um documento válido, assim ficou até seus 18 anos, quando “[...] eu mesmo me registrei, né, com dezoito anos eu me registrei”. É “solteira até hoje”, civilmente falando, pois já foi “amigada” com um cidadão por 11 (onze) anos. O relacionamento que lhe deu dois filhos acabou por sua decisão, afinal, “não nasci pra ser mandada”. Cecília, a terceira entre os 9 (nove) filhos do casal, trabalha desde criança. “Antes de oito ano já trabalhava, mas na casa dos outro foi com 8 ano olhano o fi dos outro, já olhava fi dos outro”. Ela é grata ao pai por ter sido “criada com regime militar. Meu pai era muito bravo”, afinal, para ela, “um pai com nove filhos, cinco filha mulher, se ele não fosse bravo, ele não daria conta.” Apesar de prejudicada por essa braveza, pois “quando meu pai pegava pra bater, batia de verdade. Inclusive eu tenho problema de vista, por conta de couro”, ela se sente grata pela forma de criação que teve, e até se recorda com carinho de momentos de justiça do pai, uma vez que “se ele comprasse uma bala, ele trazia e dividia com todo mundo. Se não pudesse dividir com todo mundo, ele jogava fora. Nem ele, nem ninguém”. Talvez a braveza se justifique pela origem, afinal, o “pai foi criado em fazenda, pela mão de fazendeiro, então, ele dormia nos paiol”. Sobre a escolarização dos pais, ele “sabia muito pouco ou quase nada. Minha mãe já não sabia nada”. Apesar de nunca ter sido, clinicamente, diagnosticada, é certo que Cecília teve menstruação precoce, pelo fato de “que eu menstruei muito nova, com sete anos e meio, então, eu era obrigada a trabalhar e as outras não.” Menstruar era sinônimo de “virar moça” e moça não brincava mais, apenas trabalhava. E a ela todo trabalho foi permitido, tanto que “cê (se você) me perguntá de roça, de plantação eu sei. Sei cortá lenha, como fazer um metro de lenha, tudo isso eu sei. Como fazer um telhado, eu fui ajudante de carpinteiro”. Ainda menina, mesmo considerada moça aos olhos dos pais, pois já menstruava, Cecilia gostava de jogar, “jogar birosca. Uns fala birosca, outros fala bolinha de gude. Eu tinha uma lata de bolinha de gude e eu não perdia pra ninguém e meu pai detestava, porque ele falava assim: isso é brinquedo de homem, não de mulher, e pegava minha latinha de bolinha de gude e jogava fora. Apanhei por isso”. Sobre os “brinquedos de menina”, “eu fui ter uma boneca, eu tinha vinte e seis anos, eu ganhei uma boneca de presente. E tenho ela até hoje! Daí ela fica na minha cama”.

Com dez anos, já não estava mais “olhano fi dos outro”, estava “mexendo com salgado” e trabalhando na casa de uma pessoa que tinha um bar, ainda criança, sem altura para alcançar móveis e utensílios. “Eu lembro que subia em cima de um caixote, isso era

---

<sup>18</sup> Entre parêntesis acrescentamos, em alguns momentos das narrativas, algumas palavras ou expressões visando deixar mais clara a ideia apresentada. Em geral, é a inserção de palavras do autor desta dissertação para dar sentido às falas retiradas das narrativas das sujeitas da pesquisa.

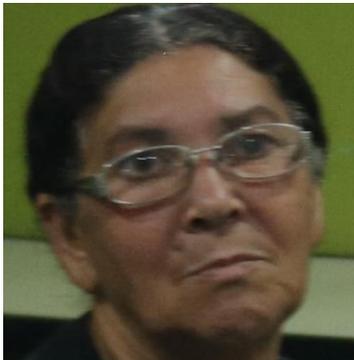
depois que eu arrumava casa e tudo, aí eu vinha pra cozinha ajudar ela” pelo corpo franzino, pouca idade e excesso de trabalho, ela afirma que “teve um dia lá que eu passei mal. Eu cheguei a desmaiá”. Foi para casa relatar à mãe o ocorrido, teve o seguinte retorno: “cê não quer trabalhá, isso é preguiça”. “Eu numa fraqueza do cão, eu peguei voltei de novo pro trabalho”, onde permaneceu por 30 (trinta) dias seguidos aos cuidados da patroa, orientada por farmacêutico, pois não havia médico na região. A recusa da mãe em acreditar no relato da filha sobre seu estado de saúde a marcou profundamente: “Eu já fui no psicólogo, no psiquiatra, mas não sai. Já rezei, mas não sai. Amo minha mãe, eu sou apaixonada por ela. Minha mãe é viva, ta com oitenta e quatro anos. Mas, mais toda vez que eu olho no rosto dela, eu vejo esse som dessa palavra: ‘A preguiça’, ela não podia ter falado aquilo comigo, ela tinha que ter ido procurado minha patroa...cadê? Como é que foi? E ela não foi”.

Na adolescência, saiu de Dom Silvério e vai para Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais, “morar com minha tia, praticamente fugida, “que meu pai arrumou um cara pra mim casá. Eu tinha de 18 e 19 anos, ele queria que eu casasse com esse cara. Era dizer sim ou apanhar”. Dessa forma, ela disse sim e fugiu. E lá foi trabalhar “em casa de família”. Numa delas, “levantava 6 da manhã e ia dormi, deitá as 2 hora da madrugada” e tudo que ganhava “era para mandar para o meu pai, minha mãe e meus outros irmãos pequeno”.

Sobre estudar, Cecília relata que outra coisa que marcou muito sua vida “foi o estudo” (a falta dele), afinal, “a gente não tinha condições. Que na minha época não tinha formação. Tinha, assim, quem estudava fazia só até o quarto ano primário” (antiga quarta série do fundamental I, hoje, quinto ano do Ensino Fundamental) e depois, no quinto, “se você quisesse estudá, você tinha que pagá. Mas meus irmãos todos e minhas irmãs fizeram até o quarto ano primário e ela (a mãe) nunca teve tempo de poder me ensinar nem sequer as vogais”. Hoje, Cecília encontra-se na sala de aula e sabe ler e assinar seu nome: “Eu sei assim, né, assinar meu nome porque eu decorei meu nome, eu tinha tanta vontade de aprender lê”. Sua maior dificuldade é justamente fazer a leitura do que consegue escrever, porque “escrevê, se dá um lápis e for falando as letra daquela palavra, eu escrevo ela; agora, me manda lê ela, eu não leio”. Pergunta-nos Cecília: “Sabe mode que eu quero aprendê a lê?”. Ela mesma responde: “as vez pinta uma receita nova, as vez tem um curso de salgadeira, de confeitira. Coisas nova, eu quero entrar, eu quero vê, eu quero aprendê, aí eu já não posso. Porque o estudo me faz falta”. E reforça sua afirmação: “Faz falta, sim! Pra qualquer idade. Pra mim é importante (estar na escola)”. Tudo o que ela espera da escola é que “eu consiga a lê. É a única coisa, que com número eu não tenho dificuldade”.

*Cecília me pareceu a mais segura das entrevistadas, tanto do ponto de vista de estar na situação de entrevistada, como segura em dizer o que pensa e sente. Estava serena e à vontade. Recostada na cadeira, parecia que recebia um velho amigo para um café com pão de queijo e um dedo de prosa, como toda boa mineira. A fala mansa, clara e o sotaque característico de Minas Gerais ficaram registrados em minha memória, sou um admirador dos diferentes sotaques desse Brasil. [...]. As dificuldades sofridas por Cecília não a fizeram desistir de seus sonhos nem a perder a esperança em dias melhores. Apesar da dureza da vida, Cecília é uma pessoa que não guarda rancor dos que a fizeram sofrer e tem consciência que há traumas que persistem, ainda hoje, e dos quais ela tenta se libertar. Aos trinta e seis anos de idade, a pedido de seu pai, Cecília se anula, enquanto mulher, por uma questão de sobrevivência, sua e de sua prole. A esse fato, ela alega que o pedido do pai não teve peso, pois ela mesma já não desejava outra coisa senão cuidar dos filhos [...]. Na sua altivez, ela reconhece que o desejo da mulher que havia em si foi se acostumando, biologicamente, à falta de homem. Fica evidente que sua fala tem a intencionalidade de fazer referência ao papel sexual masculino, e ao se “acostumar” sem relação sexual, dedicou-se unicamente ao papel de ser mãe. (OLIVEIRA, MPF, 09 abr., 2019).<sup>19</sup>*

### **Dejanira Santana Amaral**



62 (sessenta e dois) anos, é uma das senhoras entrevistadas que fala sua data de nascimento completa, apesar de dizer que tem problemas de memória. É natural de “um lugar chamado Emiliano, Riacho da Onça, depois de Jequié”, e afirma com convicção vibrante: “Casada. Tenho 40 ano de casada”. Criada na roça, ela diz que “tinha, acho que, uns 8 irmão”, mas, infelizmente, hoje já “morreu tudo, só tem eu”.

Seus pais “trabaiava em roça” e, segunda ela, “minha mãe não sabia fazer um ‘O’. Meu pai ainda estudô até a 5<sup>a</sup>. série”. Quando menina, “morava com meus pais”. Mas não teve infância, pois a “vida era atrás de bicho pelos mato, pegá comida de uma fazenda pra outra pra dá de comê os porco”. Como muitas outras, sua vida não foi fácil, afinal, “derne 8 ano de idade que eu comecei trabaiá. Com 8 ano de idade eu já tinha um biscó, um facão, uma enxada”. Questionou se conhecíamos o primeiro instrumento narrado, o biscó. Diante de nossa negativa, põe-se a explicar: “é um facão comprido, tira o facão do cabo e bota outro cabo bem grande pra gente roçá. Eu roçava, eu tinha o gancho de puxá o mato. Com 8 ano de idade

<sup>19</sup> Em itálico, trazemos trechos de MPF, construídos pelo pesquisador ao longo da pesquisa.

fazia essas coisa tudo”. Como grande parte das crianças, naquela época, buscava garantir o sustento da família. O trabalho ocupava todo seu tempo e não sobrava tempo para brincadeiras. “Não tinha tempo de brincá, não. Era pescano lá pelas roça, pelos rio pra pegar uns pexinho pra fazê a comida”. O trabalho na roça nem sempre era em terras próprias, “tinha vez que era nossa, tinha vez que era de empreitada, tinha vez que era de meia - plantava pra dividir com o dono do terreno. Era assim”. Hoje fala com orgulho de sua constituição familiar, pois mora com “marido, meus filho e meus neto. Mora tudo ai na minha casa. É um terreno só, agora, cada um te meu lugazin”, e ressalta: “Dentro da minha casa tem eu, meu marido e meu caçula”. Os outros 3 (três) filhos moram ao redor no mesmo terreno. Sobre as marcas de dor que carrega na vida diz que “o que mais me marca é deu não ter estudado de nova”. Embora tivesse uma chance para estudar, a mãe não permitiu, pois “tinha uma tia, era professora; aí (a tia) pediu minha mãe pra ir morar com ela, pra me insiná; ela (mãe) falou que não. Que lá tinha os menino home que não podia estudá mulé junto com os menino não”. Afirma que “quando eu fui na escola, acho que eu tinha uns 18 ano. A primeira vez acho que eu tinha uns 18 ano”. A dor que carrega por não ter frequentado a escola a faz narrar sua rotina, até a hora de ir para a escola da época, com uma clareza que parecia que os fatos haviam ocorrido fazia pouco tempo. “Premero eu ia pra roça, trabaiava, depois eu vinha, pra ir na escola. (Antes) eu tinha que ir pro rio lavar roupa, outra hora era prato, na hora que eu ia toma o banho pra ir pra escola, chegava lá era 3 hora, ai não deu tempo eu estuda nada”. Ainda que chegasse a tempo, a exaustão do trabalho a que era submetida aquela criança, certamente a proibia, a negava o direito de estudar. Apesar de dizer que sua primeira vez na escola foi aos 18 anos de idade, ela frequentou a escola quando criança pois “foi minha mãe que boto nois na escola, que já tinha os menino home, já, em outra escola e eu fui estudá ne outra”. Acreditamos que ela não se refere a esse tempo escolar como sendo a primeira frequência à escola, por não ter podido desfrutá-lo como esperava e que, portanto, parece nunca ter existido em sua vida. Para Dejanira, seus pais “pensava que a gente ia pra escola era atrás de home, ia namorá, ia fazê coisa... carta pra home”. Estar na escola “agora eu acho bom. Eu acho bom estuda. Porque se a gente num estuda, quando a gente chega num ponto de um ônibus, você num sabe pegá um ônibus”. A autonomia que a escola lhe trouxe permite a ela andar pela cidade descobrindo um mundo novo de coisas novas, como “essa semana mermo eu passei num lugá e vi uma bolinha pareceno uns coquim de licuri, eu oiei praquilo ali, eu vi lá, na pracazinha, o nome ‘pitomba’, eu falei assim: ué, que coco é esse que eu nunca vi, nunca vi esse coco. Não sei se é um coco ou é um frutinha”. Essa narrativa da descoberta nos fez vibrar com os sentidos que a educação tem para cada uma delas e, assim

como ela nos explicou o que era e para que servia o “biscó”, foi a nossa vez de dizer a ela o que era a tal “frutinha”, uma pitomba. E esperamos poder proporcionar-lhe a experimentação do fruto, em momento oportuno. “Agora eu já sei”, disse ela, satisfeita. E reforça: “Tem umas palavra na Bíblia que é muito ruim de lê; aí eu vou estudá porque eu quero lê a bíblia”. Para grande parte das senhoras da Epjai, a fé também é uma motivação para ir e estar na escola.

[...] *D. Dejanira foi uma das mulheres que ao falar do mundo, da violência e coisas afins, deixou claro, apesar do não explicitar, que ela tem alguma vivencia com as drogas ou com suas sequelas deixadas. Afirmo isso por que ela, ao tentar falar que evita “certas coisas” e que, muitas vezes, “é preciso fazer de conta que não vê, mesmo vendo”, deixava claro esse convívio. Eis aqui uma senhora que se adaptou à sua realidade. (OLIVEIRA, MPF, 11 abr., 2019).*

### **Diva Santana Santos**



72 (setenta e dois) anos de idade, é a mais velha entre nossas entrevistadas. Nasceu “aqui em Conquista mesmo”, é viúva e Teve “13 filho! Um é mais velho 1 ano um pra oto. Era uma escadinha que eu tinha”. Nem o “pai nem minha mãe estudô”, e sua narrativa traz na voz o tom de pesar, pois seus pais “sofreram muito na roça, né? Eles morava ne roça, sofreram muito ne roça”. Todo esse sofrimento foi compartilhado com a numerosa família em que D. Diva foi criada, afinal “era 21 irmão. Agora, hoje já morreu um bocado. É mais pouco, agora”, ela lembra com pesar do período de sua infância “era vida de sofrimento, como eu falei. Meus pai sofria, eu também sofria junto, né? Meus pai foi muito sofredô e eu também sofria junto. Que o sofrimento que era deles, era nosso também”. Essa consciência sobre sua condição de vida veio mais tarde afinal, “quando nois era tudo menino, nois brincava, né, por que criança não se importa com nada, tudo pra ele ta bom, né? E agora quando ia ficano maiozim, ai meu pai botava nois na roça, era pra roça capiná”. Nessa época “não brincava não. Era nas roça capinano, na enxada. Nois morava numa roça, não tinha escola. ai, naquele tempo o povo ficou tudo sem estudá, por isso que nois não aprendeu’. Já aos “10 anos a gente já tava trabalhano em roça capinano. meus pai ia arrancá mandioca, a gente ia ajudá, panhava de um canto botava no oto”, assim como D. Dejanira, D. diva também é preocupada com minha compreensão sobre sua fala e me questiona: “você sabe o que é panicum?” e, didaticamente, me explica “aquele negócio que botava do lado do jegue, um de um lado, oto de oto. A gente ia botá as pia (pilhas) lá pra meu pai leva pra casa de farinha. Já tudo desse tamaninho, desse tamaninho nois já trabalhava”

Quando ela fala “desse tamaninho”, ela se refere a ser criança, e enquanto criança ela “nunca fui. Nois, meus irmão nenhum. Meus irmão nenhum foi pra escola” Hoje ela mora “com 2 filhos e 2 netos...É. Com 2 filho e 2 neto.”. E tem uma rotina mais leve que quando criança, e diz achar bom estar na escola, “agora é bom. Eu acho bom. eu acho bom por que eu sou costureira, né? de dia to na máquina, quando é 5 hora paro a máquina, vou fazer a janta, ‘menino vem me ajuda que eu to fazendo pra ir pra escola’ (diz ao filho). ai, quando eu acabo de arrumar tudo, deixo tudo tampadim em cima do fogão, boto a bolsinha de um lado e discambo pra escola” a narrativa dessa rotina vem acompanhada de um largo sorriso que deixa claro a satisfação por estar ali, na escola. afinal na escola “a gente diverte na escola, a gente arruma amigo na escola, né? É muito bom a gente estudá. Eu gosto de estudar”. Quanto a conciliar a rotina escolar com a vida fora da escola, com o mesmo sorriso ela diz “dá conta, dôôô, dô conta de tudo em casa. Eu trabalho, eu barro casa, eu lavo roupa, eu costuro, eu faço comida, limpo casa e ainda venho pra escola. dô conta de tudo. eu fico cansada. Mas é a idade já, né?”. D. Diva nos conta que volta a escola com essa idade com “o interesse de num chegar ne tudo quanto é quanto e botá o dedo. É fei chegá num canto: ‘o fulano assina aqui’. Eu não sei, lá vai o dedo” o pesar da voz nesse momento nos faz crer, ainda mais no quanto o não saber assinar o próprio nome doe para essas senhoras. O “lá vai dedo” é pronunciado com um pesar ainda maior, pois entendemos que ele significa assumir, publicamente, sua ignorância diante do mundo letrado. “Eu estudo com esse interesse, de fazê meu nome direitinho. Pra onde eu chegá eu fazê meu nome”.

*[...] Diva, muito tranquila e calma, foi conversando e respondendo às nossas perguntas. Se Dejanira foi uma das poucas que soube o ano de nascimento, Diva foi, certamente, a mais segura em fazê-lo, sem piscar olhos, disse: 7/12/1947. De imediato e involuntariamente, veio à minha mente, que aquela senhora era, apenas, cinco anos mais nova que minha mãe, ainda que sua aparência negue essa pequena diferença. Minha mãe e Diva tiveram, seguramente, diferentes percursos de sofrimento na vida. O semblante cansado e marcado pelas expressões do tempo de Diva foi adquirido pela labuta, de sol a sol, na roça, desde criança; o de minha mãe não passou por esse caminho. A conversa com Diva foi uma das mais curtas que tivemos. Ela deixou de responder a algumas perguntas, apesar da minha tentativa de explicação de várias formas. Mas nos deixou a alegria de saber que mulheres como ela existem e resistem. (OLIVEIRA, MPF, 11 abr., 2019).*

### Maria de Fátima de Jesus Souza



62 anos, nasceu “aqui pertinho, no Capinal” e morava “com minha mãe e com meu pai” e, como muitas outras, teve uma infância difícil, pois “quando eu convivía com meu pai, na idade 10 anos que trabalhava na roça né, já capinava. Ele (pai) pegava a enxada e fazer o cabinho pequeno pra gente ir para a roça capinar”. Mas não era só capinar, pois “a gente ia pra roça capinar e no outro período eu ia tomar conta dos meu irmão, né”. Naquele contexto, a jornada dupla já fazia parte de sua vida. Sobre ir à escola quando criança, narra que “até que tinha escola na roça, né, tinha uma escola. Eu mais meu irmão saía escondido para ir para escola; aí, quando ele (pai) chegava, pegava nois e batia, falava com nois que nosso trabalho tinha que ser a roça”. Como grande parte das crianças, a teimosia e a resistência em aceitar regras imperavam e, apesar das ordens em contrário, ela e seu irmão “pegava as roupas, colocava num saco plástico e escondia debaixo dos pé de batata, suspendia as rama e colocava debaixo” e, como há sempre uma luta entre resistência e o poder, que a pretendia debelar, “toda vez que nós ia, ele chegava e dava uma surra em nois”. E, para esclarecer o papel daquele que tem o poder, além da ação de correção, era aplicado, também, o poder social estabelecido e exercido pela figura paterna que, além de castigar, “foi e conversou com a professora. A professora conversou com ele e não aceitou mais nois, na escola”. A resistência, mais uma vez, se faz presente e as crianças insistem em frequentar a escola, mas “nois saiu escondido de novo, e chorou, chorou e ela ficou com nois la na escola; aí, quando ele (pai) chegou lá bateu tanto em nois que as mão inchou de palmatória que aí nois desistiu, nois não foi mais não, causa que nois tinha medo dele”. Esse pai severo que tinha uma prole extensa, “em tudo meus irmão são doze irmãos. E a mais velha era eu”, não estudou, assim também como sua esposa, mãe de Maria de Fátima. Segundo ela, “a mais velha sempre sofre, né; aí quando eu voltava tinha que barrê a casa, lavá prato, final de semana a gente ia pro rio lavá ropa, aquelas calça jeans”. Neste contexto, sua mãe também exercia seu poder de controle e “quando eu lavava mal, porque eu não guentava esfregar né, aí minha mãe pegava e esfregava no meu nariz que chegava sangrar e fazia voltá e botava eu pra lavá de novo”. E como o serviço não cessava “a gente continua assim, né, trabaiano em roça, prantano impim, prantano batata, prantano feijão, prantano abroba. Aí meu pai pegava muita manga (grande área de terra também chamada de pasto) naquela época e ele (pai) botava muita gente pra trabaia e, naquela época, os povo que trabaia, era pai que tinha que dá comida ao povo, né. Aí fazia aquelas feijoada, aquelas coisa toda e minha mãe botava a gente

pra fazer as coisa, inté que hoje eu tenho muita cicatriz no braço, na perna, por conta que eu botava o tamborete pra ir mexer aquelas panela; aí eu não conseguia, que eu era pequena, e queimava, né. E se nois não fazia, né, pau ne nois”. A infância roubada pela labuta na roça, onde “eu era ali prisioneira, não sabia o que era saí, não sabia o que era passeá, não ia na casa de ninguém; eles não deixava, não tinha amizade com ninguém”, deu lugar a uma adolescência também usurpada, dessa vez, pelo casamento, pois “eu ia completá 14 para 15 ano [...] eu era bem magrinha, bem pequenininha, [...] eu não sabia o que era casá, o que era namorá, o que era nada”. Quando o pai chegou trazendo seu futuro marido, que, segundo ela mesma narra, “Eu oiei pra cara dele (futuro marido) eu pensei que ele era meu avô, e quando eu peguei na mão do home, eu tava temeno. O home era véi, vei, véi, bem véi”, a resistência daquela adolescente, quase menina a leva a tentar se libertar, mais uma vez, da opressão, tanto que “no dia do meu casamento, quando a gente desceu do carro que foi pra ingreja eu corri e bati a cabeça. Eu corri pra não casá, eu fugi, mas o povo segurou. De forma que, cerceada pelo trabalho, que a consumia tanto na infância quanto depois no casamento e para mantê-lo também, atuando como doméstica em casas de família, ela não pode frequentar a escola quando criança e adolescente. Essa marca ela traz consigo e afirma que “o que mais me marcô na minha infância foi o sofrimento que eu tinha. Não saia, não passeava, que eu queria (estudar). Eu tinha, assim, uma força de vontade de estudá, não estudava, não queria casá nova, eu queria casá assim, véa, depois que eu tivesse assim, sabe? Um futuro”. E essa marca fica, ainda mais clara, quando ela afirma “oxe moço, eu sofri na mão de minha mãe mais de meu pai”. O sofrimento foi tanto que, como ela mesma ratifica, se alguém “falasse assim: tu qué voltá aos quinze ano, o que tu é hoje? Aos quinze ano eu voltaria, mas sem ter pai nem mãe para tá mandano ne mim. Que Deus o tenha, né? Já casada, ela nos conta que “eu peguei uma menina e adotei uma menina. Depois dela, eu tive quatro filho: dois home e duas mulhé. E depois eu adotei, depois, depooooois eu com esses menino tudo eu adotei um sobrinho meu que é meu filho, que eu considero meu filho. Esse tá nos Estados Unidos, peguei com três dias de nascido; é o amor da minha vida”. Dessa forma, somam-se (seis) os filhos de Maria de Fátima, todos casados e morando em suas casas. Ela mora, hoje, com seu atual companheiro, que, devido a problemas de saúde, impossibilitando a locomoção dele, depende de Maria de Fátima a maior parte do tempo.

Ainda que muito ocupada com os a fazeres de casa e com os cuidados com o companheiro, ela busca motivação para ir à escola, pois, ao voltar para a escola “eu se sinto meu sonho realizado, porque meu sonho mesmo é aprendê lê e escrevê”. Para além da motivação de independência e autonomia, que propicia a ela “tomar um ônibus, né, pegá uma

receita de um bolo pra aprendê, né, vê outras coisa, assim, mais diferente”, há a motivação religiosa nesse retorno à escola, afinal, “por mais que o pastor exprica, por mais que a missionária exprica, eu fico pensano pra eu entendê mais a palavra. E pra mim entendê mais a palavra e vê como é que é, assim, a história de Jesus, eu, eu vou estudá, eu tenho que estuda. Eu não vou menti, eu falo lá em casa, eu tenho que estudá d’eu ler a Bíblia. Maria de Fátima, assim como muitos que pensam que a EPJA é mais difícil que a de crianças, diz que “nessa idade a gente voltá a estudá, mais eu no meu pensamento, no tempo de criança, a gente aprende mais rápido e melhó estudado de que véi. porque criança não tem preocupação, criança não ta preocupada com outras coisa”

*[...] Não sei se pelo nervosismo ou se por desconhecimento, mas Maria de Fátima não soube dizer o ano em que nascera [...]. Neste dia, parecia um tanto nervosa, o suor agora aumentado, o rosto brilhante contra a luz, o cabelo bem preso num rabo de cavalo dava sinal de que ela se preocupava em se arrumar para ir à escola. [...] À medida que fomos conversando, o nervosismo inicial foi serenando e ela parecia agora à vontade diante de mim. Observei que naquele momento a câmera parecia não existir para ela. [...] Em certo momento da conversa, ela baixou um pouco a cabeça, fez um silêncio mais alongado e se recusou a dizer algo que, certamente, tem a ver com o que tinha me levado até à escola, nesta pesquisa, as implicações dos discursos de gênero, mas respeitei sua decisão de deixar o fato reservado para si. (OLIVEIRA, MPF, 04 abr., 2019).*

### **Maria do Carmo Moreira da Silva**



71 anos, nasceu em “Belo Horizonte. Mas eu vivo aqui desde pequenininha. Criada aqui (em Vitória da Conquista)”, é solteira, pois “a gente ia casar, mas deu certo não; aí, antes de casar, a gente acabou logo”, não conheceu seus pais, uma vez que “quando eu me entendi por gente, eu não tinha nem pai, nem mãe. Eu fui criada pelos outro”. Durante a infância “eu morava mais um, mais outro. Aí certo tempo eu encontrei uma pessoa que simpatizou comigo; aí me chamou pra morar na casa dela, uma família”. E, na casa dessa família, “eu fiquei trabalhando e sendo até humilhada pelo patrão, patroa me humilhava, xingava até e eu guentano aquilo calada”, quando criança, “na época de menina e foi muito judiada. Muito judiada mesmo. O povo me maltratava, né, o padrinho mesmo como eu falei que ele era ruim para mim, me maltratava, filho dele me maltratava, a mulher dele me maltratava. Essa menina que foi tanto mal tratada teve sua infância roubada, pois “eu não tinha direito de brincar. Eu tinha que panhá água, ele queria que eu fosse panhá lenha, era

assim. Tudo isso eu tinha fazer, pisar café, penerá sal, fazer tudo, limpá arroz, embalá coisa pra botá em armazém e era desse jeito”. Das brincadeiras de criança a de que mais gostava era “de tomar banho de rio; e quando eu ia tomar banho de rio, a mulher dele ia atrás de mim, e tome-lhe taca, me batia.....foi difícil”. Nem olhar para fora da casa lhe era permitido e se ela insistisse, “se eu fizesse ‘assim’ (olhar para fora) era um castigo o dia todo. Ele perguntava: ‘O que que eu queria olhar para fora?’” Já adolescente, viu-se obrigada a sair dessa casa “antes da dona da casa falecer [...], o que é uma certa coisa que eu não quero falar, mais ele (não quis) assumir uma responsabilidade que tanto precisava”. A partir daí, “eu já tava moçona, né, aí comecei a trabalhá nas casa dos outro. Ficava trabalhano nos canto, trabalhava num canto, trabalhava no outro, e fui vencendo minha vida assim e criano meus filho”, que são seis no total.

Numa dessas casas, de sobrenome muito conhecido na cidade, “fui muito escravizada lá também, rapaz. Eu fui muito escravizada lá. Eu trabalhava lá. Os filho tudo dentro de casa, nenhum tinha casado ainda, e eu moça, moça assim, bem moderninha, sabe? Então, era assim: eu fazia comida, eu fazia mandado, limpava a casa, eu cozinhava de fogão de lenha, era desse jeito minha vida. E homilhada, né, porque tinha uma filha dela que não gostava de mim, ela me homilhava muito”. Sobre sua vida escolar, ela nos conta que “nessa casa que eu cabeí de criar, nessa casa, sim, eu me matriculei na escola e falei assim: ó dinha, eu vou estudá. Aí ela falou assim pra mim: ‘estuda!!! (mudou o tom da fala, como se irada) Você tá aqui é para trabalhar, não é para estudar, não. Que você tem que ficar aqui, acordada, pra na hora que os menino chegar você servir o jantar’. Mais eu falei assim: eu quero tanto estudá, eu tenho um sonho na minha vida, eu quero estudá. ‘Não, aqui não’. De forma que “se eu fui na escola, eu fui assim, uma, uma semana”.

Hoje, “eu moro na minha casa e tem um neto mora comigo e os outro já tão tudo casado na casa deles”. E voltando para a escola, “eu me sinto feliz. Eu to feliz aqui, todo mundo aqui gosta de mim. As professora gosta de mim, eu gosto muito deles, os professô daqui são ótimos. Não tenho o que dizer dos professô e nem tão pouco dos meu colega. Todo mundo aqui é legal comigo”. Feliz com seu retorno à escola, ela agora quer “aprendê lê e escrevê. Pra mim, é muito bom (voltar à escola) porque eu levei muitos anos sem estudá. Boa coisa você puxou, eu levei muitos anos sem estudá porque eu tinha vergonha de ir para escola”. Vergonha que se justificava, pois, para ela, a escola “só ficou pra uma criança, criança que estuda”. Após passar muitas vezes na porta da escola e ver que ali não tinha só crianças, ela resolveu se matricular e “graças a Deus que Deus abriu as portas, assim, pra todo mundo, uma felicidade de quem vai para escola, de quem quer aprendê lê e escrevê”. Ler e

escrever trazem, para esta senhora, assim como para as outras, uma autonomia e independência que lhes permitem sair “na rua, você quer comprar uma coisa, você sabe olhar o preço, você sabe o que você tá fazendo, né; você não precisa tá perguntando os outros”. Ler e escrever são saberes que a tornam “uma pessoa diferente. E vou poder ajudá alguém que não sabe fazer o nome deles, né, que é muito importante a gente saber lê e escrever. Chegá em qualquer canto e sabê lê e escrever qualquer coisa. Isso é muito importante”.

[...] *Mulher, magra, branca de olhos claros, cabelos alvos e não volumosos ornados por um lenço claro que fora colocado por detrás da cabeça culminando com um laço acima da testa, Maria do Carmo se mostrava uma mulher forte, apesar do corpo franzino. [...] Olhava no meu olho a todo o momento, exceto quando disse que “tinha certa coisa que não ia falar aqui”. Pelo contexto da conversa e pela expressão de tristeza que tomou seu rosto, percebi que se tratava das implicações que os discursos de gênero trazem à vida das mulheres. [...] Maria do Carmo fez questão de afirmar o que havia falado na SCD, que foi escravizada quando criança e adolescente. (OLIVEIRA, MPF, 04 abr., 2019).*

### **Alice Batista dos Reis**



60 anos, casada, na infância teve boa convivência com os pais, pois “foi uma convivência muito boa, né? Tive muito de aprender com eles. Eles soube me ensinar, graças a Deus! Respeitar as pessoas, né, ter educação com as pessoas, tudo isso eles me ensinaram”. E a infância foi vivida com muita alegria, afinal, “eu brinquei de boneca até os quinze anos. Até os quinze anos eu tinha brincadeira, daquelas brincadeira mesmo de criança, né, brincá de roda, boca de forno, brinca de um bocão de brinquedinho, assim, aí a gente fazia assim: um dia pras bonecas, outro fazia piquenique, essas coisas. A minha mãe levava a gente pra passá, né, às vezes tinha a exposição ali, minha mãe levava nós. A infância foi muito boa, graças a Deus!” E desde pequena “a minha mãe, ela me criou na escola, me botou na escola quando eu era pequena”, mas conta que, apesar de frequentar a escola “eu tenho problema, assim, parece que a minha mente [...] tenho um bloqueio na mente, sabe? Eu nunca fiz, assim, um exame, essas coisas não, mas eu tenho, sim, um bloqueio na mente”. Para justificar sua alegação, ela diz que “tanto que meu irmão, eles todo sabe ler, meu irmão é formado, minha irmã não tem formatura, mais tem um bom estudo e eu, só eu, que sou assim”. E por se considerar assim, “só sei que quando eu desisti da escola eu tava com 15 (quinze) anos, acho que foi falta de interesse meu mesmo”. Mas deixa a entender que não foi falta de interesse como ela narra, porque, com a mesma idade, já trabalhava em casas de

família, não conseguindo conciliar trabalho e escola, pois “na epa, onde eu trabalhava era muito longe”. Sobre o casamento, diz que “Me casei eu tava com vinte anos, né, casei cedo, e é uma historia muito linda, muito linda!”. Casou-se com seu primeiro namorado que conheceu quando “ele servia o tiro e eu trabalhava na casa da pessoa; aí sempre que eu passava, a gente via ele lá, no tiro de guerra (representação local do exército) e tal; aí depois a gente começou namorar firme”. Teve dois filhos, um mora no estado do Rio de Janeiro e outra no bairro vizinho ao seu. Hoje reside com o esposo e dois netos e permaneceu a trabalhar “pros outro” até o ano de 2012, quando se aposentou. Sentiu o desejo de voltar para a escola porque deu vontade de “saber alguma coisa assim [...] Eu sempre eu gostava de tomar curso, curso de culinária, essas coisa. Aí falei assim: mais meu Deus, eu vim prum curso de culinária sem saber lê, como é que eu vou notá as coisa, né?, Falei assim: ah não! Eu vou voltá a estudá” e depois “aqui fica perto de casa, muito perto de casa. E, também, gostei dos modo das pessoa daqui.” Estar na escola é, para ela, muito importante, pois “você chegar num lugar vê alguma coisa assim e você olhá ali e falar assim: isso aqui é pra isso, aquilo ali é praquilo, né? (É) importante saber das coisa, não depender de ninguém. Eu sinto muito feliz. Eu sinto muito bem”. Depender de alguém, a ausência de autonomia para resolver questões do cotidiano, tem lugar marcante na vida de Alice, pois ela já passou por situações que a deixaram constrangida quando, na igreja que frequentava, havia uma caixa contendo textos, “versículo da Bíblia; aí todo mundo tinha que tirar aquele versículo e lê pros outro. Eu fiquei tão vergonhada que eu vim embora, sabia? Porque eu não lia, eu não sabia lê aquele versículo, versículo pequenininho [...] e era um versículo bem pequenininho mesmo. E ali eu me senti vergonhada”. A volta para a escola fez Alice não depender mais de ninguém, pois “hoje em dia já faço leitura, já vou, faço visita, né? Ali eu já abro o versículo da Bíblia, já lêo, né? Intão, uma coisa muito importante” (saber ler).

*[...] Alice me contou uma historia que muito se pareceu com as que eu ouço em casa, nas conversas entre minha mãe e minhas tias, de uma infância vivida com alegria e brincadeiras, como deveria ser com todas as crianças. Ela se mostrava muito feliz ao falar dessa época da vida. [...] Sua preocupação maior era em poder ler e escrever para ter maior autonomia. Ela me contou que passou por um grande constrangimento por não saber ler e, nessa hora, percebi, na sua expressão, uma grande tristeza ao lembrar o fato: cabeça baixa, voz embargada, olhos avermelhados. Naquele momento, me coloquei em seu lugar e percebi o quanto pesa se sentir, como na concepção de Freire (2005), um quase não ser ou ser menos, a ponto de se retirar de um espaço e do convívio com outras pessoas. [...] Fiquei muito comovido com essa parte da narrativa e, confesso, precisei segurar a emoção para não*

*atrapalhar nossa conversa, principalmente pelas pausas que ela fazia enquanto narrava. Eram pausas de vergonha, pausas de dor. Emoção que retorna na manhã seguinte ao nosso encontro, mesmo já passadas doze horas, enquanto escrevo essas memórias.* (OLIVEIRA, MPF, 09 abr., 2019). E me tomam, mais uma vez, meses após, ao colocá-las aqui, neste capítulo de análise.

### **Idelice Antônia dos Santos Lima**



Tem 62 (sessenta e dois) anos de idade, é casada, sergipana de Lagarto e cresceu numa família formada por, além dela e dos pais, mais tinha 10 (dez) irmãos. Seus pais, trabalhadores da roça, não frequentaram a escola, “que eu lembro, não”. Mas isso não a impediu de ter “uma convivência muito boa” entre todos os membros família. Morou em Sergipe até os 18 (dezoito) anos e nesse intervalo de tempo brincou “de roda, de pular, depois começou andar de bicicleta, mais aí a gente já estava grande, né, de roda [...] e, assim, brincadeira de criança mesmo”. Idelice foi a primeira a relatar uma infância vivida. Lembra com carinho e até chora ao falar desse tempo e da família. Perguntada sobre sua atual configuração familiar, no contexto da casa, ela responde: “Hoje mora comigo 2 filhos e 1 neta”. Como havia dito que era casada, indagamos sobre esse contexto, ao que ela me responde: “Mora em S. Paulo, mas vem ele, vem 1 vez por ano”. Sobre o trabalho em sua vida, ela nos conta que “quando mora assim, na roça, a gente ajuda os pais, e tudo, na adolescência, né? Mais trabalhá mesmo, eu comecei com 18 anos. Mais antes não era tabalhá, assim, mesmo não. A gente ajudava, assim, em casa, mais não era trabalho não”. Apesar de colaborar nos afazeres da casa e da roça, ela não via aquilo como uma obrigação, poia, “eles nunca obrigô eu fazer nada. A gente fazia por que queria ajudá os pais, né? Mais assim, meu pai de obrigar, não, nunca levei uma surra de meu pai nem da minha mãe”. Aos 18 (dezoito) anos, como grande parte dos jovens, ela queria conhecer mais da vida e “eu queria trabalhá, conhecer, sei lá assim, a pessoa jovem, né, quer sair pra conhecer outros lugares; aí eu fui trabalha e deixei meu pai e minha mãe”. Ressaltamos, aqui, que era uma época em que não havia tantas facilidades de comunicação e “essa época não tinha telefone, a gente só conversava através de carta. Depois recebi uma carta que meu pai tava muito mal, doente mesmo; aí eu viajei de volta pra ve meu pai lá em Lagarto e com uma semana ele faleceu. Assim, me dava muito bem com meu pai, tinha muito amor por toda minha família, até hoje nos somo, é uma família muito unida”. Essa parte da vida é narrada com lágrimas escorrendo pela face. Lágrimas também que escorrem ao narrar a vida escolar,

que frequentou “muito pouco, porque eu mesmo nunca me interessei, assim, quando eu era menina, mais meus pais tinha me colocado na escola”. Segundo Idelice, a “escola de roça, essas coisa, né, a gente, nunca me interessei de estuda; aí só agora que eu quis vim estudá, mais os outro meus irmão estudaram. Só um irmão, esse único, que não estudou. Agora, as outras minha irmã estudaram”. Percebemos que, como grande parte da população, Idelice usa o substantivo masculino “irmãos” para designar o conjunto das irmãs e mais o único irmão do sexo masculino. Após deixar a escola, apesar do incentivo dos pais, “meus pais incentivava, a gente que não se interessou mesmo. Eu, inclusive eu”. Ao voltar a estudar, ela se sente “a pessoa mais feliz do mundo, né?. Muito contente de voltá pra escola depois de 62 anos”. Como grande parte das senhoras, ela considera “uma bença muito grande, né? porque é difícil uma pessoa dessa idade, com tanta luta que tem em casa, não existe cansaço pra nada, assim, que faça e que me impeça de vim pra escola, que é uma alegria muito grande”. Toda essa alegria encontra motivação na fé, pois “as razões de eu querer volta pra escola é porque eu participo de grupo da igreja, né? Eu sou legionária. Fico até emocionada um pouco”. E as lágrimas voltaram a escorrer pela face, como ao falar da morte do pai, e essas lágrimas também são de dor, dor que está marcada pela “vergonha de participar do grupo e não sabê lê, não sabê fazê uma leitura que passa pra gente, né? Aí, às vezes, eu queria me afastá, aí eu falei: não, pra Deus eu vou da o meu melhor”. E conforme prometido, Idelice continua perseverando em dar o seu melhor e “hoje eu já faço leitura no meu grupo, já faço refle, reflí, refleti tudo que li, da Bíblia, aquela leitura que fiz eu já posso explicá, entendeu?” Ciente do poder que a educação pode lhe proporcionar, ela não se contenta apenas em ler, mas também “tem que refreti tudo que a gente leu da Bíblia, de tudo. Então, foi esse o meu motivo de eu entrá na escola, de aprede pra podê levar a palavra do senhor pras pessoa que tá precisano”. Aprender a ler e refletir não são os únicos objetivos de Idelice, como ela mesma afirma, “meus interesse é aprendê cada vez mais. “Quero aprendê cada vez mais, quero ir até o topo, até a faculdade”.

*[...] Não sei se pelo nervoso, ou por falta de exercício do rememorar, mas Idalice começou a nos contar sua história de forma resumida. Para deixá-la mais à vontade, pedi que ela me contasse histórias e incentivava puxando o fio da meada de onde eu podia. Creio que ela não esteja acostumada a ser ouvida atentamente. [...] Ela, ao falar da família, se emocionou ao ponto de correr lágrima pelo rosto. Apesar das muitas irmãs e irmãos de diferentes idades e regiões do país, percebemos que os laços familiares ali são intensos. Idelice mistura sorrisos com lágrimas com muita facilidade. [...] Assim como a maioria das senhoras que entrevistamos, Idelice também traz um forte sentimento religioso, no caso dela,*

*de origem católica. Ela fez questão de dizer fazer parte do apostolado da oração. [...] Na sessão coletiva de diálogo, Idelice se mostrou a mais calada das participantes e me pareceu uma pessoa tímida, hoje se confirma essa sensação.* (OLIVEIRA, MPF, 11 abr., 2019).

Todas essas narrativas apresentadas por essas 7 (sete) mulheres idosas, presentes na sala de aula da Epjai na EMACS, que foram convidadas a participar desta pesquisa, nos contaram suas vidas em passagens que confundem a infância, os sonhos da juventude e a maturidade. No percurso dessas narrativas, muitas recordações e alguns (res)sentimentos vieram à tona e acreditamos poder, hoje, entender melhor, sob o olhar de noções essenciais do pensamento de Foucault, esses sentimentos e recordações para compreender as implicações dos discursos de gênero na vida e na escolarização dessas senhoras idosas da Epjai. Na sequência, optamos em apresentar, no diálogo com a literatura especializada, trechos das diferentes narrativas em questão, visando ampliar e aprofundar, teoricamente, a análise das informações construídas nesta pesquisa.

As mulheres idosas, que eram crianças na década de 60 e hoje são sujeitas desta pesquisa, são de família de classes populares e como tal vivenciaram elas próprias e, também, suas mães o sofrimento causado por opressões de classe, de gênero e, muitas vezes, de raça e não tinham as mesmas demandas e perspectivas que as mulheres de classe sociais mais elevadas, que encontravam na escolarização, na possibilidade de trabalho ou da política diferentes formas de sair do ambiente privado familiar e assumir seus lugares na esfera pública, neste período histórico.

Há, ainda, outra perspectiva que consideramos importante e que se constitui, originalmente, segundo Barcelos (2015), em possibilidade real de existir na escola e no currículo práticas, conteúdos e procedimentos que intimidam, que repreendem o estudante e podem gerar altos índices de abandono escolar, conforme aconteceu com Alice e Idelice, quando crianças e adolescentes. Por isso, consideramos importante dar especial atenção, como aponta Laffin (2012), a diretrizes e práticas progressistas e emancipatórias que construam um currículo em processo e considerem as questões do tempo histórico em que vivem os educandos, pois não podemos afirmar que Alice ou Idelice, efetivamente, tiveram problemas de aprendizado, no caso de Alice, e que houve, apenas, desinteresse por parte de Idelice. Isto porque essas meninas que foram à escola levadas pelas mães e/ou pelos pais podem muito bem serem produto de um discurso que há muito impera em nossa sociedade: o da exclusão da mulher do campo do saber e da sua submissão para atender ao poder masculino.

### 3.2 Mulheres idosas e suas reflexões sobre relações familiares, infância(s) e trabalho(s)

Cinco das senhoras, ao narrar sobre suas infâncias e a convivência com as pessoas com quem habitavam, naquela época, contaram que passaram por grandes dificuldades e diferentes formas de castigo sofridas que repercutem em suas vidas, ainda hoje. Sobre a infância e constituição familiar, afirmaram:

Nasci não pesava nem um quilo, onde eu fui batizada rápido com medo que eu morresse. [...] (Morava) com minha mãe e meu pai que era uma pessoa [...] apesar que eu fui criada com regime militar. Antes de oito ano, já trabalhava nas casa dos outro. Quando eu tava com dez anos, tava mexendo com salgado mesmo, na casa de uma mulher (Cecília).

Morava com pai e mãe. Era vida de sofrimento. [...] Meus pais sofria. Eu, também, sofria junto, né. Meus pais foi muito sofrido e eu também sofria junto. Era nas roça capinano. Na enxada. A gente quando foi ficando maiozim...ai meu pai botava nois roça (Diva).

Morava com meus pais. Eu não tive infância. Minha vida era atrás de bicho pelos mato. Derne 8 anos de idade que eu comecei trabaiá. Com 8 anos de idade eu já tinha um biscó, um facão e uma enxada (Dejanira).

[...] Eu morava com minha mãe e com meu pai. Quando eu convivia com meu pai, na idade 10 anos, eu trabalhava na roça, né, já capinava. Ele pegava a enxada pra fazê o cabinho pequeno pra gente ir pra a roça capiná.[...] a gente ia pra roça capiná e no oto período eu ia tomá conta dos meus irmão. Eu só sei que eu só libertei de meu pai e mais minha mãe quando eu se casei (Maria Fátima).

[...] Eu morava mais um, mais outro. Aí um certo tempo eu encontrei uma pessoa que simpatizou comigo. (eu ainda) Criança, simpatizou comigo, aí me chamou pra morar na casa dela, uma família. (Maria do Carmo).

Cecília começa sua narrativa desconstruindo a ideia de essencialismo da fragilidade feminina, ao mostrar que desde muito cedo já lutava pela vida, uma vez que, após nascer, teve que ser batizada às pressas antes que morresse pagã. Vemos aqui a forte influência do discurso religioso, presente na cultura familiar de Cecília, e que foi histórica e fortemente exercitado pela igreja, com mais potência nas pequenas localidades, como a que Cecília nasceu, que considera impuro e não merecedor da dádiva divina, da vida eterna, aquele que não se batizasse na igreja católica. O processo de construção do discurso religioso foi muito bem articulado, pela igreja, que, como instituição social, dispõe de complexa estrutura de

instrumentos de controle sobre os sujeitos, como o jejum, a confissão, as penitências, as provas de obediência e, inclusive, o batismo.

Outra luta constante, tanto de Cecília como das outras seis mulheres idosas, era a condição de opressão social a que estavam submetidas as suas famílias, todas das classes populares e de trabalhadores braçais, moradores da zona rural, pois não tinham condições financeiras de se manterem, adequadamente, a ponto de possibilitar uma gravidez saudável e um parto tranquilo à sua mãe, no caso de Cecília.

A interpretação que fazemos de sua fala sobre dizer que não “pesava nem um quilo que as tripas eram vistas até por fora da barriga” (Cecília), era de que a família não tinha condições alimentares suficientes para nutrir a mãe e, conseqüentemente, àquela criança que precisaria nascer forte para enfrentar as dificuldades que estavam por vir. Será que, conforme questiona Butler (2007), os corpos não importam? Tentamos responder a esta questão com base no que diz Arroyo (2015, p.9) ao afirmar:

[...] Não dar a devida centralidade à pobreza, como elemento capaz de comprometer as bases materiais do viver humano, tem levado o pensamento social [...] a desconsiderar, em grande medida, as carências materiais que chegam às escolas e a se preocupar, prioritariamente, com as conseqüências morais e intelectuais da pobreza.

O corpo de Cecília, assim como e de sua mãe, das outras sujeitas da pesquisa e das muitas mulheres pobres, que deram à luz em situação semelhante, importava e importa, sim. E, como afirma Arroyo (2015, p. 10), a “[...] insensibilidade dessa visão reducionista sobre os(as) pobres leva a [...] efeitos desumanizadores da vida na pobreza material, ou da falta de garantia de cobrir as necessidades básicas da vida como seres humanos”.

Dejanira, Diva, Maria do Carmo, Maria de Fátima e Cecília tiveram uma infância difícil, e se viram, precoce e compulsoriamente, levadas a colaborar com a manutenção da casa e da família, por meio do trabalho braçal. Isso fica evidenciado nas falas anteriores de Cecília, Diva, Dejanira, Maria de Fátima e Maria do Carmo. Estamos abordando a década dos anos de 1960, quando as sujeitas desta pesquisa eram ainda crianças e, apesar de já existir a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT (BRASIL, 1943), não existia dispositivo legal, como a Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990, conhecida como Estatuto da Criança e Adolescente, que representa um avanço, quando estabelece, em seu Art. 4º, como dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público:

Assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990).

E que normatizasse ou proibisse o trabalho e/ou a exploração e infantil. Como mostra Del Priori (2012, p.233), há, historicamente, na “[...] condição da criança no Brasil uma enorme distância entre o mundo infantil descrito pelas organizações internacionais e por organizações não governamentais ou autoridades, e aquele no qual a criança encontra-se quotidianamente imersa”, e essa diferença sempre foi uma realidade na vida das senhoras sujeitas desta pesquisa.

Como o papel da mulher na sociedade daquela época era voltado, principalmente, para os afazeres domésticos, todas elas viram suas mães serem submetidas a esse discurso de opressão e depois foram elas próprias a serem subjugadas a ele. Elas deixaram evidente, em suas narrativas, a forte presença da figura paterna na condução de sua casa e da família. Isso demonstra o poder do discurso inserido no contexto da sociedade de então, onde a ditadura militar agia para o endurecimento dos instrumentos de controle social que eram voltados para normalizar as estruturas de poder e, assim, tornar dóceis as sujeitas e os sujeitos.

A rigidez militar do pai dava a Cecília a ideia de que seu pai foi um herói capaz de conduzir a família, com “cinco filha mulher”. O destaque feito sobre as “cinco filha mulher” (na repetição da frase e na mudança no tom de voz) denota, a nosso ver, o quão pesado era, para um pai, ter crianças do sexo feminino, tidas pela sociedade como inferior, que davam muito trabalho e despesa. As práticas discursivas, que influenciam na formação das subjetividades de diferentes indivíduos, encontraram campo fértil na vida das meninas, hoje mulheres idosas, para a efetivação de discursos. Temos assim que os corpos infantis seriam, de acordo com Arroyo (2015, p.8), “[...] um território em disputa que é apropriado pelo Estado, escola, família, mídia e religião e, nas práticas pedagógicas oriundas dessas instâncias, estão expressas as marcas e tatuagens históricas das subjetividades e coletivos sociais”. E assim foi, não apenas com as sete senhoras aqui apresentadas, como nos mostra Del Priori (1992), as marcas estão, emblematicamente, cunhadas na história do corpo e na história da infância. E acrescentamos: estão marcadas na alma e na memória das sujeitas e sujeitos que hoje adultas e adultos, buscam formas de amenizar, camuflar e, em alguns casos, ressignificar essas marcas.

Outro ponto a ser refletido nesta pesquisa é a relação da infância com o trabalho, muito marcante na vida de cada uma das senhoras. Como enfatiza Arroyo (2015, p.12):

Perpetua-se a ideia de que os (as) pobres estão nessa condição por não trabalharem e não encontram trabalho porque não teriam a qualificação e a competência exigidas pelo mercado, cada vez mais seletivo. Logo, acabam no desemprego, no subemprego, no biscate informal ou explorando de maneira tradicional e improdutiva a terra e os recursos que possuem.

Todas as sujeitas desta pesquisa têm origem simples na zona rural e seis delas passaram pela experiência de explorar propriedades onde moravam, suas ou de terceiros, ao tempo em que eram elas próprias, também, exploradas enquanto crianças. A exploração do trabalho possibilita, como afirma Arroyo (2015, p.13), a “[...] produção de desigualdades sociais, raciais, de gênero” e ainda hoje, permite

[...] concentração, apropriação e expropriação de renda é um modelo de trabalho que continua racista, sexista, empurrando ao desemprego e aos empregos mais precarizados os coletivos sociais, étnico-raciais, de gênero, das periferias e dos campos. Esse padrão racial e sexista de trabalho continua produzindo milhões na pobreza extrema, cujos(as) filhos(as) estão no Programa Bolsa Família. (ARROYO, 2015, p.13).

Ou participando de outros programas como o Benefício de Prestação Continuada (BPC), que é um benefício da assistência social, pago pelo Governo Federal e assegurado por lei 8.742/93 - Lei Orgânica da Assistência (LOAS), assegurando o acesso de idosos e pessoas com deficiência às condições mínimas de uma vida digna, que é o caso de quatro, ou seja, mais de 50% (cinquenta por cento) das senhoras participantes desta pesquisa e cujos nomes não serão mencionados em respeito à vontade delas. Acreditamos que essa omissão solicitada durante as entrevistas se deva, como mostra Arroyo (2015, p.14):

[...] às críticas que rotulam de assistencialistas as políticas de transferência de renda, como o Bolsa Família. Contudo, se a vida é o primeiro direito do ser humano e garanti-la é o dever mais elementar do Estado, não pode ser considerado assistencialismo algo que efetive essa garantia.

Concordamos com o autor e entendemos que essa visão estreita sobre as políticas de transferências de renda só se dissiparão com a oferta de uma educação construída tendo como ponto de partida um currículo que, além dos conteúdos essenciais à formação, se preocupe também com a formação cidadã e política dos indivíduos e com a transformação do ser humano em cidadãos.

Quando Dejanira e Diva buscam nos fazer entender sobre seus instrumentos de trabalho, detalhando momentos de sua vida laboral, ao explicar o que é e para que serve o

“biscó”, instrumento de trabalho, adaptado, no caso de Dejanira; e o que é um “panicum”, no caso de Diva, acreditamos que essa ideia foi-lhe ensinada por seus pais para que ela desempenhasse bem seu papel. Elas, a nosso ver, reproduzem o discurso que subjetiva, que dociliza, afinal, na perspectiva aqui colocada, a subjetividade está relacionada às relações de poder. Para Foucault (1995), o poder não atua apenas oprimindo ou dominando as subjetividades, mas, principalmente, participando do processo de construção dessas mulheres que foram colocadas na parte inferior da hierarquização social.

A caracterização das mulheres pobres, segundo Arroyo (2013), como inferiores em moralidade, cultura e civilização tem sido uma justificativa histórica para hierarquizar etnias, raças, locais de origem e, assim, alocá-las nas posições mais baixas da ordem social, econômica, política e cultural. Infelizmente, Cecília, Dejanira, Diva, Maria de Fátima, Maria do Carmo, Alice e Idelice trazem na pele, no rosto e, principalmente, nas lembranças as marcas desse lugar último na ordem social; seja por não serem respeitadas em seus direitos, como de ir e permanecer na escola, ou pela execução forçada das tarefas no campo ou em casa, seja como doméstica, em “casa de família”.

Apesar de temos cinco senhoras com trajetórias infantis semelhantes, no que se refere ao trabalho e dureza vivida nessa fase da vida, temos Alice e Idelice que se distanciam da linha que demarca o percurso traçado pelas demais e puderam ter seus direitos à infância e do ser criança respeitados, ao narrarem que tiveram uma infância sem a obrigação do trabalho para ajudar nas despesas de casa. Vale salientar que os diferentes contextos sociais que as permitiram brincar, quando criança, não as livrou da instituição patriarcal vigente.

[Morava] só com minha mãe e meu pai. Graças a Deus foi uma convivência muito boa, né. Tive muito de aprender com eles. Eles soube me ensinar, graças a Deus. (Alice)

Morava com meus pais. Antes eu morava em Lagarto, Sergipe, até a minha infância. Aí, quando eu completei dezoito anos, fui morar em São Paulo. (Idelice)

As outras cinco, ao narrarem suas trajetórias, deixam claro que a vida não foi fácil e que a infância foi-lhes suprimida para dar lugar ao trabalho e à sobrevivência, suas e de suas famílias.

Os recortes de fala anteriores mostram que cinco senhoras, quando meninas, conviviam, em seus lares, com a família constituída por pai, mãe e irmãos. Ao narrarem seus percursos de vida, todas elas deixam claro que a figura masculina, seja paterna ou a que ocupou esse lugar, como o padrinho, caso de uma das nossas sujeitas, traz à tona o poder do

homem na condução da casa e a dependência, dos demais membros, dessa figura masculina, detentor de poder e figura central da família.

A força e virilidade do homem, na figura do pai ou responsável, manifestada nas falas, pelas senhoras, principalmente nas falas de Cecília e de Maria de Fátima, deixam clara a existência e efetividade do patriarcado, uma das muitas relações de poder, em suas vidas, e nos mostra, como afirma Safiotti (2005, p. 71), que a ideologia patriarcal é

[...] forjada especialmente para dar cobertura a uma estrutura de poder que situa as mulheres muito abaixo dos homens em todas as áreas da convivência humana. É a esta estrutura de poder, e não apenas à ideologia que a acoberta, que o conceito de patriarcado diz respeito.

O patriarcado, como uma relação de poder, tem suas raízes na fabricação de um corpo dócil que é obtido através do adestramento social. Para Foucault (2003), o poder não existe senão em ato, e o patriarcado como modo de aplicação desse poder e a pedagogia da violência, como sua modalidade de exercício, intervêm de forma a desenhar a configuração social e as implicações desejadas por aqueles que o exercem, sujeitando as senhoras idosas, na época crianças, à condição de vida que, muitas vezes, elas próprias não desejavam para si em dado momento da vida, como vimos, principalmente, nas falas de Maria de Fátima e Cecília, que viram de perto e sentiram na pele e em outras partes do corpo, a força e poder dessa relação social. Essa pedagogia da violência ainda que não recorra, como afirma Foucault (2009, p.28), “[...] a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos “suaves” de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata — do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão”. Os instrumentos agrícolas adaptados aos corpos infantis, narrados por Maria de Fátima e Dejanira, tinham seu papel nesse processo de submissão e controle.

Para Safiotti (2005), na sociedade patriarcal, marcante, principalmente, na fala de Cecília, há uma banalização da violência de maneira acentuada, o que acaba por instituir uma tolerância e até mesmo um incentivo da sociedade para que a virilidade masculina seja exercida com base na dominação, tendo como princípio a organização social de gênero. Essa tolerância e incentivo social ficam muito evidenciados no depoimento de uma das entrevistadas:

[...] apesar que eu fui criada com regime militar, meu pai era muito bravo, mas eu agradeço ele, hoje, por ele ter sido bravo. Por que um pai com nove filhos, cinco filha mulher, se ele não fosse bravo, ele não daria conta (Cecília).

Cecília entende a braveza do pai como essencial para manter a estrutura familiar e orientar seus dependentes. Como afirma Bourdieu (2019, p.26):

[...] a virilidade em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto quiddidade do vir, virtus, questão de honra, princípio de conservação ou aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física através, sobretudo, de provas de potência sexual – defloração da noiva, progenitura masculina abundante [...] que se são esperadas de um homem que seja realmente um homem.

O patriarcado consiste, segundo Safiotti (2005), numa crença da autoridade, dada à figura masculina que retira das relações de poder todos os que não se enquadram no padrão de masculinidade definido, restando aos outros, a subordinação e a obediência. Assim, torna-se uma questão privada, normal e naturalmente comum que os homens maltratem, como afirma Safiotti (2004), suas mulheres, assim como pais e mães maltratem seus filhos, ratificando, deste modo, a pedagogia da violência, que foi exercida sobre essas senhoras, quando meninas, fazendo-as passar pelo que Freire (2000) chamou de experiência da “violência da interdição do corpo”, dentro de uma realidade social que surge, ensinando-as a rejeitarem seus próprios corpos e a tornarem-se não sujeitas. Isto fica mais evidente, ainda, no tópico a seguir, ao tratarmos das infâncias roubadas (ARROYO, 2015). A visão de Cecília sobre seu pai e a forma como ele agia para controlar sua família, revelam o peso que tem a concepção bancária da educação, exercida no interior dos lares, à medida que nega o diálogo, afinal, os pais eram quem detinham o saber e o poder. E como afirma Freire (2005, p. 68), neste tipo de educação, “[...] o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados”. A educação passa a se constituir, assim, segundo Freire (2000, p.101), como “[...] puro treino, é pura transferência de conteúdo, é quase adestramento, é puro exercício de adaptação ao mundo”.

### **3.3 Mulheres idosas e suas narrativas sobre a(s) infância(s) vivida(s)**

Del Priori (2012, p. 233) afirma que o “[...] mundo do que a ‘criança deveria ser’ ou ‘ter’ é diferente daquele onde ela vive, ou no mais das vezes sobrevive” pois, como enfatiza a própria autora, no mundo onde ela vive e muitas vezes sobrevive, “as crianças são enfaticamente orientadas para o trabalho, o ensino, o adestramento físico e moral, sobrando-lhes pouco tempo para a imagem que normalmente se lhe está associada: aquela do riso e da

brincadeira” (DEL PRIORI, 2012, p.233). Neste abismo que separa esses dois mundos, temos a segregação criada por discursos que normalizaram as imagens de

[...] crianças empobrecidas “brincando” em meio aos esgotos, palafitas e lajes. Nessa mesma perspectiva, podem-se ver crianças da classe média brincando em apartamentos, ‘ligadas’ na internet e na televisão; e, por fim, crianças filhas das elites, em seus condomínios fechados, fazendo o exercício de ser mais um jogador do jogo capitalista. (ARROYO, 2015, p.8).

As senhoras sujeitas desta pesquisa, enquanto meninas pobres, não estavam em meio aos esgotos, palafitas e lajes, mas, em situação análoga de abandono na zona rural, de onde eram, igualmente, invisibilizadas enquanto crianças, pois não puderam viver a infância no mundo onde a “criança deveria ser ou ter” (DEL PRIORI, 2012), e tiveram seus corpos como alvo de uma subjetivação contínua, sendo visibilizados, unicamente, enquanto sujeitos produtivos. O processo de subjetivação, segundo Veiga-Neto (2003), se constitui naquilo que está sendo permanentemente constituído culturalmente, via interpelações discursivas e lutas pela imposição de significações.

Esses processos possibilitaram infâncias, como afirma Arroyo (20015, p. 336), que foram “[...] vitimadas sem direito a viver a infância digna, obrigadas a viver uma infância sempre ameaçada pelos tempos difíceis de vir ao mundo, de viver-sobreviver neste mundo”. Essas intervenções estavam ligadas, segundo Foucault (2009), à intensificação da observância das regras que tinham como propósito disciplinar os corpos.

As ameaças e castigos naqueles tempos difíceis, se faziam presentes sempre que as atividades definidas, para cada uma, deixassem de serem executadas. Tais instrumentos se tornavam mecanismos de subjetivação e de controle dos comportamentos. Esses deveriam ser sutis, dóceis e não oferecer resistência. Neste contexto, não havia lugar para diversão e brincadeiras de crianças, pois as senhoras, na época meninas, não puderam viver suas infâncias com dignidade, exceto duas delas e, ao falarem disso, trazem marcas físicas e psicológicas que se manifestam nas falas:

Quando meu pai pegava pra bater, batia de verdade. Inclusive eu tenho problema de vista, por conta de couro. Inclusive eu tinha uma [brincadeira] e apanhei muito por causa dela. Eu gostava de jogar, birosca. Uns fala birosca, outros fala bolinha de gude. [...] E meu pai detestava. Por que ele falava assim: isso é brinquedo de homem, não de mulher. Mas eu gostava daquilo. Apanhava, ele pegava minha latinha de bolinha de gude e jogava fora. (Cecília).

Não tinha tempo de brincá, não. Eu tinha o gancho de puxá o mato. Era roçano e puxano mato. Eu já trabaiaei de foice, de machado, de biscó. Era pescano lá pelas roça, pelos rio pra pegar uns pexinho pra fazê a comida. desne criança, com 8 ano de idade fazia essas coisa tudo. (Dejanira).

Não. na idade 10 ano que trabalhava na roça né. Já capinava, ele [pai] pegava enxada e fazia o cabinho pequeno pra gente ir para a roça capinar. Eu não sei o que é isso, eu não sei o que é brincar. Nunca brinquei com boneca. (Maria Fátima).

Eu não tinha direito de brincar. Eu tinha que panhá água, panhá lenha, era assim. Tudo isso eu tinha fazer pisar café, penerá sal, fazer tudo, limpar arroz. (Maria do Carmo)

Ah! Era muito boa! Naquela época muito boa mermo. Brincava de boneca, um bocado de coisa. Assim. (Alice).

Ah! Brincava de roda, de pular, depois começou andar de bicicleta. (Idelice).

A narrativa das cinco primeiras senhoras mostra o forte domínio da figura paterna. Entendemos que a normatização das relações familiares regulada pelo patriarcado atravessou a história e permanece ainda hoje. Sobretudo em famílias que, como afirma Safiotti (2005), foram marcadas por relações de violência, a hierarquia e a obediência do grupo familiar à figura masculina, característicos das organizações patriarcais, são naturalizados e legitimam diversas formas de abusos masculinos. Ao nos depararmos com falas tão fortes do ponto de vista humano, ou da falta dos direitos humanos, especificamente, da criança, lembramo-nos de Arroyo (2015, p.336) ao indagar:

Diante de narrativas de memória pessoal tão forte, como se esquecer de tantas crianças que nasceram e nascem em tempos difíceis de vir ao mundo? [...] tempos difíceis de viver, de destruição de vidas, de vidas mal vividas.

Apesar de essa questão ter sido elaborada num contexto que remete ao período do pós segunda guerra mundial, ela é perfeitamente adaptável à realidade das sujeitas desta pesquisa, afinal, para uma criança, ser forçada, diariamente, ao trabalho para garantir a sobrevivência sua e de sua família, se assemelha, em muitos aspectos, a esse contexto, uma vez que o patriarcado exercia a domesticidade que, como afirma Foucault (2009, p. 164), “[...] é uma relação de dominação constante, global, maciça, não analítica, ilimitada e estabelecida sob a forma da vontade singular do patrão”. Era essa a rotina daquelas meninas, viver sob uma dominação que lhes tirou a infância. É sabido, como afirma Ariès (2006), que a particularidade da infância não foi, nem será reconhecida e nem praticada por todas as

crianças, pois nem todas vivem a infância propriamente dita, devido às suas condições econômicas, sociais e culturais. E a clareza de tais condições, que lhes acometiam, permitiu às senhoras idosas da Epjai, reconhecerem o direito que lhes foi retirado, o de viver a infância.

O lugar determinado às meninas na sociedade, seja nos afazeres da casa dos pais, ou dos maridos, e mesmo a conduta orientada para não praticar determinadas brincadeiras infantis, como o jogo de gude, mencionado por Cecilia, segue, como colocado por Bourdieu (2019, p.31), uma definição social dos órgãos sexuais, que “[...] longe de ser um registro de propriedades naturais, diretamente expostas à percepção, é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças ou do obscurantismo de certas semelhanças”. E quando falamos de infância, falamos daquela que, segundo Arroyo (1994, p.29), “[...] passou a ser compreendida como necessária ao desenvolvimento pessoal e, portanto, precisa ser entendida como deveres públicos do Estado, vendo essa fase da vida como um período em que a criança possa ter seus direitos garantidos e respeitados por leis relativos à sua idade”. E na idade em que a maioria das crianças encontrava-se na escola, esta, considerada como espaço de vivência da cidadania, as senhoras, sujeitas desta pesquisa, estavam na lida do campo, nas “casas de família” e tiveram negado seu direito à escola. Se não o tivesse, o exercício e vivência na educação poderiam ter proporcionado a elas implicações bem diferentes das que se apresentam hoje. Negação que podemos perceber a seguir quando elas falam da escola ou da falta desta.

Na fala de Diva, ela afirma, em outras palavras, que a partir do momento que as crianças apresentavam certa autonomia e habilidade de manusear instrumentos, eram inseridas, imediatamente, no mundo adulto, principalmente, no mundo do trabalho. Cecilia, Diva, Maria do Carmo, Dejanira e Maria de Fátima são muito claras e taxativas ao afirmarem, durante as entrevistas narrativas, que não tiveram infância e que, no lugar das brincadeiras e vida social relativa a essa fase da vida, tiveram que colaborar, significativamente, com o suor de seus rostos para a manutenção da família, seja na lida na roça ou nas cozinhas em “casas de famílias.

### **3.4 Relações entre escola, trabalho, poder e gênero em discursos de mulheres idosas**

Cinco das senhoras narram suas trajetórias de vida com a forte marca do ressentimento por terem tido, quando criança, negado o acesso, a permanência e o direito de aprender na escola. Essa negação de direitos, muitas vezes, em razão das condições econômicas e sociais

da família, levou cada uma daquelas meninas, como afirma Arroyo (2015, p.337), a “[...] se vê predeterminada a um tipo de existência marginalizada”, ainda que sem a maturidade para se reconhecer assim. Esse direito negado fez daquelas crianças sujeitas desprovidas de direitos, afinal, “[...] desde a proclamação do direito de todo-cada cidadão à educação e do dever do Estado de garanti-lo como direito individual, fomos aprendendo que nem todos têm sido, nem são em nossa história, reconhecidos cidadãos” (ARROYO, 2015, p. 337). O autor fundamenta a proposta de uma educação infantil que dê condições materiais, pedagógicas, culturais, sociais e alimentares para que a criança viva e se experimente, como sujeito de direitos, garantindo a vivência da cidadania desde a infância. Vivência essa que não se concretizou para as senhoras da Epjai na EMACS. Como percebemos em suas narrativas, essa educação nunca chegou a ser uma realidade para elas. Isto fica mais evidente ao observarmos os discursos sobre seus percursos na educação:

Não fiquei nem oito dias. Eu tinha duas opções só: ou ficava na escola e aprendia ou ficava com fome, porque não tinha o que comer. Então assim, so tinha duas opções, entendeu? Então eu preferi ir trabalhá por que não tinha o que comer. Mas eu não reclamo... tem hora que..... eu fico triste.. mais eu prendi a trabalhá.... eu prendi ter responsabilidade (Cecília).

Não, não, nunca fui [à escola]. Nois... meus irmão nenhum. Meus irmão nenhum. Num tinha escola onde nois morava, nois morava numa roça, não rinha escola. Ai, naquele tempo, o povo ficô tudo sem estudá, por isso que nois não aprendeu. (Diva).

Na fala de Diva, temos, como afirma Santos (1999), que desde o período colonial, os sujeitos do campo permanecem na condição de subalternidade, mantidos vivos sob a condição de morte civil, à margem da cidadania. Dessa forma, na compreensão de Faria (2017, p. 9), “sofrem por não vivenciar uma educação que atenda suas reais necessidades e demandas, de modo que sua população possa experienciar de fato, a cidadania participativa”. Cidadania que seria desenvolvida, conforme Caldart (2009), se a universalidade da educação, assegurada pelos institutos e preceitos legais, alcançasse, de forma efetiva, a educação do campo, que luta seriamente para ali ser incluída.

Não, quando eu fui na escola, acho que eu tinha uns 18 ano. Premero eu ia pra roça, trabaiava, depois eu vinha [ante de ir para a escola], pra ir na escola, eu tinha que ir pro rio lavá ropa, outra hora era prato, na hora que eu ia tomá o banho pra ir pra escola, chegava lá era 3 hora. Ai não deu [dava] tempo eu estudá nada”. (Dejanira).

Até que tinha escola na roça, né. Tinha uma escola. Eu mais meu irmão saia escondido para ir para escola, aí quando ele [o pai] chegava, ele pegava nois

e batia, falava com nois que nosso trabalho tinha de ser na roça, que nois ia para escola aprendê o que não presta. E nois continuava indo escondido. Nois pegava as ropas e colocava num saco plástico e escondia debaixo dos pé de batata, suspendia as rama e colocava debaixo, e toda vez que nois ia ele chegava e dava uma surra em nois. Ai ele foi, conversou com a professora, a professora conversou com ele e não aceitou mais nois, né. Eu mais meu irmão saiu escondido de novo, e chorou, chorou e ela ficou com nois. Ai, quando ele [o pai] chegou lá, bateu tanto em nois que as mão inchou de palmatória que aí, nois desistiu, nois não foi mais não, causa que nois tinha medo dele. (Maria de Fátima).

Nessa casa que eu cabei de criar, nessa casa, sim, eu me matriculei na escola e falei assim: ó Dinha, eu vou estudá. Aí ela falou assim pra mim: estuda! Você tá aqui é para trabalhá, não é para estudar, não. Que você tem que ficar, acordada, pra na hora que os menino chega, você servir a janta. Mais eu falei assim: eu quero tanto estudá, eu tenho um sonho na minha vida [...] eu quero estudá. Não, aqui não (respondeu a Dinha). (Maria do Carmo).

Minha mãe, ela me criou na escola, botou na escola quando eu era pequena. Eu frequentei escola sim. Mais só que é assim, eu tenho probrema assim. Parece que a minha mente, tenho um broqueio na mente, sabe? Eu nunca fiz assim, um exame, essas coisa não, mas eu tenho sim um broqueio na mente. (Alice).

Não [foi à escola]. Muito pouco, porque eu mesmo nunca me interessei, assim, quando eu era menina. Mais meus pais tinha me colocado na escola; Mais naquela época, assim... escola de roça, essas coisa, né, a gente... nunca me interessei de estuda. (Idelice).

Quando Alice diz que, possivelmente, ela teria, quando criança, e tem, ainda hoje, um bloqueio na mente, nunca saberemos se, de fato, ela possui algum tipo de problema que impossibilite ou dificulte o aprendizado ou se isso lhe foi sugerido e, mesmo afirmado, pela família ou pela escola, já que, segundo Bourdieu (2019, p, 155), há sempre o

[...] Peso das incitações, positivas ou negativas, dos pais, dos professores e, sobretudo dos orientadores escolares, ou dos colegas, sempre prontos a lembrar-lhes, de maneira tácita ou indireta, o destino que lhes é indicado pelo princípio da divisão tradicional: assim, grande número delas (as estudantes) observa como os professores das disciplinas científicas solicitam e estimulam menos as meninas que os meninos, e como os pais, assim como os professores ou os orientadores, as desviam ‘para o seu bem’ de determinadas carreiras consideradas masculinas.

Ao analisar as narrativas de Alice e Idelice, observamos que trazem uma diferenciação no modo de viver a infância. Se nos atentarmos para as condições da infância das demais sujeitas, podemos inferir que, apesar de naquele momento histórico não haver provimento legal para os direitos da criança e do adolescente, pois estamos analisando os anos de 1960,

período em que as senhoras idosas de hoje eram crianças e meninas, as narrativas de Alice e Idelice nos levam a acreditar que suas infâncias foram vividas conforme preconiza a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, conhecida como ECA, que, em seu art. 15, estabelece que “[...] a criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis”. Essa realidade vivenciada por essas duas senhoras fogem às narrativas tecidas pelas outras cinco sujeitas desta pesquisa.

Diferentemente de suas colegas da EMACS, Alice e Idelice contam que tiveram uma infância com garantia de seus direitos, dentre eles, o direito à educação. Ainda que por motivos outros as duas não seguiram seus estudos, seus pais as matricularam e até se esforçaram, segundo contam, para que elas frequentassem a escola. Entretanto, narram as dificuldades que tiveram para estarem e permanecerem na escola. Alice conta de seus problemas como algo certo, inquestionável: “eu tenho probrema, [...] tenho um broqueio na mente”. Temos aqui uma clara manifestação da subjetivação do sujeito, do humano, pois, como afirma Butler (2001, p. 161), “[...] a construção do humano é uma operação diferencial que produz o mais e o menos 'humano,' o inumano, o humanamente impensável”. Já Idelice afirma que seus pais a incentivavam, mas “a gente que não se interessou mesmo. Eu, inclusive eu”. Ao analisar essas afirmativas, pensamos que essas mulheres, levadas à escola pela família, lá não permaneceram. E suas narrativas, cheias de certezas nos olhares, mas sem nenhuma comprovação científica ou profissional, permitem pensar na afirmativa que faz Paraiso (2016) ao expressar que o currículo e, conseqüentemente, a escola, tem sua intencionalidade e, ao transmitir conteúdos e saberes, conhecimentos, conceitos e habilidades, torna-se uma máquina de ensinar que:

[...] governa condutas, produz práticas, inclui e exclui, hierarquiza, normaliza e produz divisões e separações: quem sabe e quem não sabe, quem é bom/boa e quem é mau/má aluno/a, quem tem alto e quem tem baixo desempenho, quem é e quem não é adequado/a, quem segue e quem não segue as regras, quem é normal e quem é anormal. (PARAISO, 2016, p.209).

As afirmativas de ter “probrema na cabeça” ou “não ter interesse” em estudar, ditas, respectivamente, por Alice e Idelice, podem colocá-las numa das formas de seleção e demarcação que Paraiso (2016) traz na afirmação anterior. Seria Alice “anormal” por ter baixo desempenho? Idelice seria considerada uma “má aluna” por não ter interesse nos conteúdos e na escola e, assim, ser “inadequada” para estar na sala de aula? Podemos, ainda,

pensar esses adjetivos que as senhoras se colocam como sendo resultado do que diz Machado (2002, p.49): “[...] da parte dos alunos, muitos se consideram incapazes e fracos, introjetando a concepção da ideologia dominante do fracasso entre alunos”. E, constantemente, vemos a escola que, para Foucault (2009), é uma das instituições de discurso de verdade e poder determinar, por meio de discursos, quem deve e quem não deve estar nesse importante espaço social.

São questões para as quais esta pesquisa não apresenta respostas e torna esse capítulo de análise inconclusivo, afinal, fica sempre a dúvida se essas senhoras tinham, realmente, problemas que as impediam sua permanência na escola ou se as relações de poder que, como afirma Foucault (2009), existem nas escolas, prisões e quartéis e que são marcadas pela disciplina, um dos dispositivos do conjunto articulado de discurso que, para Foucault (1996), está presente no biopoder, alcançou, opressivamente, essas sujeitas, fazendo-as acreditar serem incapazes de estar na escola, uma vez que o papel social da mulher, numa sociedade da década de 60, do século XX, se restringia, em grande parte, à esfera privada familiar. O que deixa claro a existência de sujeitos dominados e aqueles estão autorizados a falar. Essa autorização é sempre instituída pelos aparelhos discursivos existentes na sociedade e que colaboram para a subjetivação dos sujeitos dominados.

Para as que tiveram acesso à escola, como Alice e Idelice, a presença mais significativa na conquista desse direito é a da mãe, da mulher. Mulher e infância sempre estiveram, como aponta Arroyo (1994, p.26), muito “[...] próximos, porque a mãe, na nossa cultura, é a reprodutora: não só aquela que gera, que dá luz. Mas também, a que continua gerando, produzindo, reproduzindo a infância: na saúde, na socialização, na moralização, nos cuidados”.

Dependendo do papel da mulher na sociedade, e o papel das mães de nossas sujeitas, enquanto mulheres pobres e pouco instruídas, era o de mulher dominada pela figura masculina, em geral seus maridos, elas não podiam possibilitar às suas filhas encontrar um papel diferente para si, uma vez que buscavam desempenhar as funções para as quais foram orientadas como a de serem mães e esposas. Essas funções, tão enraizadas na sociedade por meio dos discursos, impuseram às mulheres, como afirma Freire (2005), formas de quase não ser, ou de um ser menos, que atendem a interesses opressores ao tornarem os sujeitos reduzidos a expressões objetificadas de si mesmos.

As senhoras idosas, sujeitas desta pesquisa, foram meninas produzidas para quase não serem, serem menos. A exclusão da escola e da vida social desempenhava essa forma de docilização e disciplina que eram esperados pela família e pela sociedade, ficando, assim,

impedidas de buscar a transformação, como afirma Freire (2005), de qualquer situação objetiva que as impeçam de ser mais. Ser mais, neste contexto, significa superar as formas de alienação, para, desenvolver, individual e coletivamente, pensamento e atuação crítica sobre a realidade ao ponto de poder transformá-la.

Gênero é um conceito útil para entendermos, segundo Scot (1995), a sociedade em que vivemos, porque ele nos ajuda a compreender, nas diferentes sociedades, o que é ser homem ou ser mulher. Além disso, colabora, significativamente, para a compreensão de que as desigualdades econômicas, políticas e sociais existentes entre homens e mulheres não são simplesmente produtos de suas diferenças biológicas, mas construções resultantes das relações sociais e de poder estabelecidas. Uma dessas relações foi fortemente sentida pelas senhoras idosas na infância, que é o patriarcado, quando a maioria delas se refere à forte presença masculina em casa. Essa relação de poder era uma realidade presente na vida daquelas meninas e as instruiu e excluiu de acordo com o interesse dos opressores. A repressão dos pais às brincadeiras de criança, a forma brusca e, muitas vezes, violenta da ação na repressão a atitudes e comportamentos considerados inadequados para as mulheres, assim como a exclusão da escola para colaborar na manutenção da casa e da família foram manifestações do patriarcado vivenciadas na infância por essas senhoras idosas. E, para além da infância, elas passaram por outras tantas dificuldades relacionadas às questões de gênero no decorrer da vida, conforme aparecem nos discursos a seguir:

A única coisa que me marcou, que fez [...] aliás, eu fui pra Belo Horizonte praticamente fugida. Que meu pai arrumou um cara pra mim casá. Eu tinha de 18 e 19 anos ele queria que eu casasse com esse cara. E eu fui enrolando, enrolando, enrolando meu pai, com faltava oito dias pro casamento eu fui embora, fugi. Eu não gostava dele. Eu falei: o que é que eu faço? Fui lá conversei com o padre, falecido padre José. Por que se eu não falasse o sim, meu pai me batia. Então, eu tinha duas alternativas: apanhá ou digo que sim. Eu disse sim, mas eu não queria casá. (Cecília).

Eu não. Ele mermo que me falou em namoro. Ai a gente foi namorá. Mais depois meus pai falô comigo que era bom, depois a gente casô. (Dejanira).

Ai meu pai chegou e falou com mãe que tinha um home, tinha rapaz lá que ele ia trazê. Um rapaz e que ele já tinha prometido a esse rapaz d'eu casar com esse rapaz. Ia completá 14 para 15 anos, uma coisa assim, né, eu era bem magrinha, bem pequenininha, era aquele povo assim atrasado, sabe? Que trabaiava muito, que não desenvolvia. [...]Eu oiei pra cara dele eu pensei que ele era meu avô, e quando eu peguei na mão do home, eu tava temeno. O home era véi, vei, véi, bem véi. Meu pai num perguntô pra mim não, perguntô ele [noivo] se ele queria mermo casá comigo e ele disse que queria. Ele [o pai] não oiou para mim e perguntou se eu queria casar não. Ai perguntou minha mãe, se minha mãe aceitava, minha mãe disse: se tu quer

eu também quero. Quando eu oiava praquele home me dava um ódio daquele home. (Maria de Fátima).

Eu arrumei o namorado e eu me casei. Ele (pai) fez meu casamento. Que de premero se uma moça se perdesse, Ave Maria!! Se (perder) ficar assim, a toa. Arrumá home e perder a honra, né; ficasse a toa, sem casá, era uma luta. ai nois casemo, graças a Deus. Me casei. (Diva).

[...] Aí eu já tava moçona, né. Aí comecei a trabalhar nas casas dos outro. Foi quando eles, eu já saí da casa dele antes da dona da casa falecer. O que é uma certa coisa que eu não quero falar, mas ele (não quis) assumi uma responsabilidade que tanto precisava. (Maria do Carmo).

Apesar da mão severa do poder, exercido pelos pais, nas relações com as filhas, forçando-as ao casamento e direcionando suas vidas para uma condição que muitas não desejavam, o patriarcado enfrentou algumas tentativas de resistência por parte dessas senhoras, na juventude, mas, como afirma Bourdieu (2019, p.59), “[...] as armas do fraco são sempre armas fracas” e, ainda que tentassem resistir ao domínio da opressão, burlando o poder para se livrar da condição imposta, a maioria não tinha escapatória e cumpriu seu papel social formatado pelo patriarcado e pelos discursos de gênero, pois suas armas e tentativas para resistir ao poder, existente nessas relações, eram insuficientes para resistir, realmente, à dominação.

Para Foucault (1995), só pode existir relações de poder e resistência onde há liberdade, que, por sua vez, tem uma condição ontológica que é “[...] insubmissa e diz sempre não às forças que procuram, senão aprisioná-la, formatá-la e controlá-la”. Dessa forma, “[...] a criatividade das estratégias e das lutas, portanto, decorrem das artimanhas da liberdade” (FOUCAULT, 1995, p. 225). Liberdade que propiciou a essas senhoras, quando meninas, tentar usar suas armas, ainda que fracas, como elas próprias o foram, perante o poder que as oprimiam e que era exercido de formas variadas. Esse exercício do poder sobre essas senhoras se enquadra muito bem no conceito da relação poder e liberdade, contida no pensamento de Foucault (1995, p.237):

[...] Quando se define o exercício do poder como um modo de ação sobre a ação dos outros, e quando o caracterizamos pelo "governo" dos homens uns sobre os outros – no sentido mais largo do termo – inclui-se, nesse caso, um elemento importante: a liberdade. O poder não se exerce senão sobre "sujeitos livres" e enquanto são "livres" – entendamos por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidades no qual muitas condutas, muitas reações e diversos modos de comportamento podem ter lugar.

Ainda que tivessem, diante de si um campo de possibilidades no qual muitas condutas, muitas reações e diversos modos de comportamento fossem possíveis, aquelas meninas oprimidas não dispunham de conhecimento suficiente para realizar todas essas possibilidades, e muitas de suas tentativas acabaram frustradas, exceto pelos atos de resistência que, como afirma Freire (2005, p.31), “[...] orgânica e/ou a cultural – são manhas necessárias à sobrevivência física e cultural dos oprimidos”, encontradas, por exemplo, nas narrativas de Cecília e Maria de Fátima que sozinha, quando do casamento ou com seu irmão, quando criança ao ir para à escola, tentaram sobreviver, conforme narrativas apresentadas no início deste capítulo.

Segundo Foucault (1996, p.312), “[...] resistências suscitaram lutas e provocaram reações” e, assim sendo, Cecília e Maria de Fátima, que resistiram à prática de poder impositiva, autoritária, patriarcal ao tentarem fugir dos casamentos, foram punidas cada uma a seu tempo. Maria de Fátima, apesar da tentativa de fuga, foi conduzida ao altar, passando quase um ano para consumir o casamento; consumação que teve a violência como instrumento de controle e punição para acontecer. A mãe de Maria de Fátima, constituída como sujeita e como mulher pelo discurso machista e patriarcal, reproduz na filha aquilo que, certamente, passou na vida, sem questionar ou se indignar, afinal, é pela naturalização das falas e procedimentos que se constroem os discursos.

Foucault (2009, p. 247) faz um alerta ao dizer que há um “[...] custo em termos de reação constituído pelas resistências encontradas”. O custo para a resistência de Cecília, caracterizada pela fuga do casamento arranjado, foi apontado por seu pai quando da separação da filha do marido que ela própria escolheu:

Fui pra casa de meu pai; aí foi outra trajetória, que eu tinha que cumprir o que meu pai me propôs. Ele me propôs: olha, minha filha, cê vai fica aqui, pode vim pra cá, trazer seus filho [...]. E tem uma coisa: não aceito você namorar mais. Eu tinha trinta e seis anos. Entendeu? Aí eu falei assim: pai, isso nem precisava do senhor falá, porque eu não quero mais. O que eu queria eu já tenho (os filhos). (Cecília).

Separada de seu marido aos 36 (trinta e seis) anos de idade, Cecília não mais teve qualquer relacionamento com outro homem. As marcas deixadas pelo antigo marido, somado à forte influencia e poder que o pai exercia sobre ela, além da dependência, naquele momento da “bondade” do pai em conceder-lhe a moradia a si e a seus filhos, a fez desistir de viver outras relações amorosas.

### 3.5 Mulheres idosas e seus projetos: a vida como um *continuum*

Como dissemos no capítulo metodológico, algumas senhoras ficaram pelo caminho ao longo dessa pesquisa. Ao retornar à escola, em novembro de 2019, tivemos a notícia de que Idelice havia desistido de estudar. A notícia não trouxe justificativa, pois a escola também não foi comunicada. Foi um momento de maior dificuldade para a construção de informações, pois havia um clima de tensão nos semblantes das senhoras. Nesta época, alguns fatos relacionados à violência marcaram o bairro onde fica situada a escola e a vida de nossas sujeitas, fazendo com que a frequência, que sempre foi muito alta, oscilasse e as ausências prolongadas foram sentidas por nós e pela escola. Além de Idelice, Diva também deixou de ir à escola e, conseqüentemente, de participar desta fase final da pesquisa. Após várias tentativas de ouvir Maria do Carmo, esta também declinou de participar deste momento. Considerando estes fatores, das 7 (sete) senhoras que iniciaram esse percurso conosco, 4 (quatro) tiveram a oportunidade de falar de seus sonhos e perspectivas de futuro.

Para provocar nosso diálogo, organizamos algumas questões de partida, entre elas: Quais seus sonhos para o futuro? Cite algumas coisas que a senhora considera interessante e ainda quer experimentar no tempo presente, na sua vida. O que você espera da vida daqui para frente? De que a senhora tem medo no futuro?

Entendemos que falar do futuro implica, necessariamente, em projetar, refletir e agir sobre um conjunto de fatores, disponíveis no presente, para compor um tempo futuro, que pode ser próximo ou mais distante. Assim, ao solicitar às senhoras que nos contassem seus sonhos e perspectivas de futuro, tínhamos o intuito não apenas de conhecer seus planos, mas de fomentar a reflexão sobre as possibilidades de transformação de suas realidades, partindo de situações concretas de que dispunham, assim como de conhecer quais são as suas esperanças. E quão felizes ficamos ao perceber que a esperança que há em cada uma delas se conjuga com o verbo esperar que, no sentido freiriano, se refere à capacidade de olhar e reagir àquilo que parece não ter saída, é ir atrás, é se juntar, é não desistir, é ir à luta (FREIRE, 1992). Desistir, certamente, não se encontra presente nos discursos das sujeitas da pesquisa. Todas elas apontaram em si, características como guerreira, batalhadora, vitoriosa, dentre outras. Todos esses adjetivos servem, também, para mostrar que elas não esperam que sua condição de vida melhore por si só, mas que estão dispostas a construir e buscar melhorias. Na sequência deste texto, passamos, portanto, a apresentar os sonhos de Cecília, Maria de Fátima, Alice e Djanira.

Depois que eu estuda, eu vô passeá, eu vô saí. Já avisei pra eles [filhos]. Quero ir nos lugar, passeá. Ir pra Aperecida do Norte. Tem muito lugá na Bahia que quero conhecê, a Chapada, Bom Jesus da Lapa que eu ainda não conheço [...]. Aí vô investi na minha casa, que eu tenho um lote lá [em Minas Gerais] e vô vendê e pegá ele [o dinheiro], e financiá uma casa pela Caixa. E aí vivê a vida, que com 60 anos, se eu não vivi, no passado, vô passeá, se Deus quiser. [...] Eu não tenho medo (Cecília).

Pra mim, um sonho que tem assim é só aprendê lê e escrevê. [...] queria entrar dentro dum ônibus e conhecer o mundo. Viajar, conhecer uma praia linda, conhecer o mundo, umas paisage assim, bonita que vejo na televisão. [...] De morre e meu marido fica sozinho (Maria de Fátima).

Meu sonho do futuro é o ano que vem quero vô se consigo botá uma lanchonete pra ajuda minha família. Eu tenho outro sonho, assim, pro futuro: Eu queria tê, assim, um curso de gastro [...] como é [...] gastronomia. Eu queria fazer um curso e tamos aí, né. [...] O medo que eu tem é dos vivo. (Alice).

Tem tantas coisa que a gente qué fazê, que eu queria, assim, meu futuro ter meu negócio pra num trabaiá pros oto. Sai da casa dos oto. Eu quero botá assim, tipo um supermercado, pequeninim mermo, que eu já tenho o pontinho. [...] Eu não teno medo de nada, não. (Dejanira).

Ao nos atentarmos aos sonhos e perspectiva de vida de cada uma delas, temos que a escola está permeando toda a construção de futuro dessas senhoras. Saber ler para viajar, saber ler para botar um negócio próprio, saber ler para deixar de ser empregada nas “casa de família”. Todas essas falas refletem planos e perspectivas de dias melhores que advirão, não apenas por elas se constituírem em serem humanos esperançosos (FREIRE, 2002), mas porque enfrentam, diuturnamente, o necessário embate que leva em conta os dados concretos e materiais que pensam necessários e passíveis de mudanças para levá-las à efetivação desses sonhos. A frequência à escola faz parte desse embate, haja vista a luta, com outros afazeres, que cada um enfrenta para estar naquele espaço. Essa relação da esperança com a luta ativa para modificar as condições objetivas do viver atua de forma a permitir que cada uma vislumbre uma gama de possibilidades do viver mais e melhor. A vontade de passear e de comprar uma casa financiada dita por Cecília; o desejo de aprender a ler e escrever de todas, mas explicitado por Maria de Fátima, como um sonho de futuro; a intenção de frequentar um curso de gastronomia, deixada por Alice ou abrir um supermercado (bem *pequeninin*) para sair da cada dos outros, que é o sonho de Dejanira, compõem essa gama de possibilidades que é resultado dessa combinação de luta, resistência, esperança. A esperança é, assim, vista como percursos, caminhos ao passo em que fez com que essas senhoras voltassem à escola; e como consequência, pois a escola possibilita(rá) experiências e saberes que, em certa medida,

motivarão o enfrentamento perante as exigências e desafios necessárias às transformações que desejam e lutam para alcançar (FREIRE, 2002).

Num mundo marcado pela oralidade, o domínio da escrita e da leitura se constitui num distintivo de poder. E as sujeitas desta pesquisa sabem bem o quanto esse dispositivo agiu para tornar suas vidas da forma que é. E buscam, agora, se libertarem e resistirem à exclusão social e à desigualdade social a que estão submetidas. Ter assegurado o direito à educação que lhes foi roubado se constitui, paradoxalmente, num marco de dor e de realizações. Dor ao recordarem dos castigos, vergonha e sujeição que essa ausência lhes trouxe; realizações por entenderem que sem tal direito poderão ficar, ainda, limitadas para alcançar seus sonhos.

É importante ressaltar que, apesar de afirmações constantes de que não sabiam ler, essas senhoras tem a sabedoria da leitura do mundo, de cada contexto de mundo que as cercam. E não sabem elas que “[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1992, p. 9), e que, uma vez alfabetizadas, essa leitura far-se-á, em determinado momento, de forma mais crítica e reflexiva, afinal, não é possível existir um texto sem contexto. Isto porque ler não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interferir no mundo pela ação como sonham nossas sujeitas da pesquisa (FREIRE, 1992).

A leitura é, antes de tudo, uma interpretação do mundo em que se vive. Mas não só ler. É também representá-lo pela linguagem escrita. Falar sobre o mundo é interpretá-lo, escrevê-lo. Ler e escrever, dentro desta perspectiva, é também libertar-se. Libertar-se para viver o que pretendem, viajar, comprar casa, ler a Bíblia, por exemplo.

“As menina mulhé”, como algumas se referem a si próprias, na fase da infância, tão oprimidas e sujeitadas ao poder e subjetivadas para tornarem-se dóceis, exercitam, hoje, o poder de resistir. Resistir para estar inserida em espaços sociais como a escola, inclusive, inseridas na vida e no futuro que desejam e planejam para si. Resistiram e se transformaram nas mulheres novas de hoje que têm como qualidade primeira a certeza de que não podem parar de caminhar e a certeza de que cedo o novo fica velho se não se renovar (FREIRE, 1989).

Quais as principais conclusões desse processo de análise dos discursos das sujeitas da pesquisa? Sobre esta questão dedicamos nosso olhar na última etapa desta dissertação, as considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, buscamos compreender a seguinte questão: Que discursos sobre gênero e suas implicações foram e são construídos no contexto da trajetória de vida e de escolarização de estudantes idosas da modalidade Epjai? Ao analisar o percurso até aqui, temos que muitos foram os discursos sobre gênero e, em não menor número, foram as implicações que esses discursos produziram ao excluir, limitar, regular e oprimir os percursos de vida e a escolarização dessas mulheres idosas.

A cada SCD ou a cada encontro individual para escuta das narrativas, fomos nos dando conta da importância de ampliar o debate sobre gênero em todas as modalidades e etapas de ensino, pois, além de educar no mundo dos saberes científicos, cabe, também, à escola debater e refletir sobre os problemas sociais, pois todos atravessam a escola como organização social. Vale salientar que não é a educação ou a escola a salvação da pátria ou do mundo, mas, diferentemente, do que ocorreu com cada uma das sujeitas desta pesquisa, que não tiveram acesso ou na escola não puderam permanecer, hoje, há uma maior oferta de instituições e vagas, mais facilidade de locomoção para a escola. Isso torna a escola um importante instrumento de fomento a discussões e debates acerca da vida, do respeito, de gênero, da cidadania, etc., pois não podemos sucumbir e aceitar, passivamente, o discurso da impossibilidade de mudar o mundo (FREIRE, 2000).

Ainda que, uma ou outra senhora idosa chegasse à SCD ou aos momentos individuais se desculpando por não saber responder às perguntas ou falar sobre determinado tópico, éramos ali, não sujeitos em pontos opostos da educação formal, mas, essencialmente, pessoas no exercício do falar, do escutar. As SCD foram momentos de compartilhamento de saberes com mulheres que são pessoas importantes, únicas, que projetaram outros sujeitos, apostaram em outras histórias com filhos e netos, propiciando a construção coletiva desta dissertação.

Essa escuta nos deu a ideia de como essas mulheres idosas, presentes na Epjai, fazem parte de um mundo de pessoas que foram invisibilizadas pelos discursos (SCOTT, 1998) e, conseqüentemente, pela sociedade, pela escola, pela universidade. Lançar luz sobre esse coletivo de mulheres idosas atingidas pelos discursos, em especial os de gênero, é ter a noção da gravidade da opressão que sofreram e sofrem, ainda hoje, essas mulheres; e tornar visível a experiência de um grupo diferente expõe a existência de mecanismos repressivos que fazem parte de outros processos econômicos e sociais como forças de produção, luta de classe e estruturas ideológicas (FOUCAULT, 1995). Ou seja, as formas pelas quais as práticas vividas formam e interferem em certas relações da pessoa consigo mesma e com o outro; processos

estes e práticas que foram vivenciados por todas as mulheres idosas apresentadas neste trabalho.

Há, no pensamento foucaultiano, diferentes formas de subjetivação: a de um sujeito nas práticas do poder, essa divide e classifica; a de um sujeito no campo dos saberes; e aquela do indivíduo que trabalha e pensa sobre si. (VEIGA-NETO, 2003). Essas formas de subjetivação reafirmam a ideia de que se constitui um sujeito pelas práticas divisórias e pelos modos de transformação que os outros aplicam e que, também, é aplicada pelo próprio indivíduo a si mesmo. Inferimos que esses três modos de subjetivação ocorreram, em maior ou menor grau, no percurso de vida e de escolarização das sujeitas desta pesquisa, afinal, tiveram seu direito à educação e aos saberes, alijado de suas vidas, sendo excluídas do mundo do saber escolar. Foram, ainda, excluídas, divididas e classificadas, por serem mulheres, por serem pobres e por serem crianças. E reproduziram, elas mesmas, discursos que as deixavam nesse lugar de excluídas, de um *ser menor*, como vimos nas falas de Alice e Idelice, ao narrarem seus percursos escolares ou quando Maria de Fátima conta das surras levadas por ir à escola ou, ainda, na narrativa de Maria do Carmo sobre o regime de “escravidão” a que foi submetida.

Com o foco em buscar compreender os discursos sobre gênero e suas implicações no contexto da trajetória de vida e de escolarização de estudantes idosas, procuramos compreender os discursos atribuindo visibilidade aos enunciados e às relações que o próprio discurso colocou em funcionamento na vida e na escolarização das sujeitas da pesquisa. Ao nos ater à produção dos discursos, propomo-nos, como afirma Paraiso (2012), a registrar e analisar aquilo que nomeia, mostra, inclui e exclui. Neste contexto, buscamos demonstrar como “[...] o discurso torna visível e hierarquiza, [...] produz objetos, práticas, significados e sujeitos”. Sujeitos que, para a mesma autora, se constituem numa perspectiva foucaultiana “[...] como um artifício da linguagem, uma produção discursiva, um efeito das relações de poder-saber. O sujeito passa a ser, então, aquilo que dele se diz” (PARAISO, 2012, p.29). E a maioria das senhoras foi aquilo que disseram e esperavam delas seus opressores nas muitas relações de poder que vivenciaram. A objetivação como resultado da história e da estrutura social em que estavam inseridas só foi possível de ser realizada, segundo Foucault (2009), porque os processos de subjetivação e de objetivação, que fazem com que o sujeito possa se tornar, na qualidade de sujeito, objeto de conhecimento, operou fortemente sobre essas mulheres idosas e, ao assim proceder, reforçou o processo de proibição do corpo que lhes roubou a corporeidade e anulou, naquela época, muitas de suas emoções. Emoções de crianças, de mulheres e de sonhadoras.

A análise de fragmentos de memórias (re)vividas em outros tempos e contextos, por meio das narrativas, se constituiu fundamental para trazer à memória de nosso corpo consciente (FREIRE, 2000), o motivo de muitos acontecimentos para não os repetir. Neste corpo consciente de hoje, essas mulheres idosas presentes na Epjai não querem nem esperam repetir a vivência da exclusão que limitou seu *ser mais* e de dar asas a seus sonhos de crianças e de jovens. Hoje elas estão ativas na sala de aula em busca de realizações pessoais que pretendiam já estar em gozo, se não fossem roubadas e proibidas as suas chances no passado. Ao planejar um futuro, todas elas têm, em primeiro plano, a realização do sonho de serem alfabetizadas. Saber ler e escrever se tornou uma importante conquista para enfrentar os desafios existentes em suas perspectivas de futuro, seja para aprender a ler e realizar viagens; seja para ter um negócio próprio, para acessar *internet* (e ali ter acesso a receitas culinárias); seja para financiar uma casa ou para ler a Bíblia. A educação atua, para essas mulheres idosas, como estimuladora de sonhos, de transformações positivas de si mesmas, como afirma Maria de Fátima ao dizer que “se eu estudasse de pequena eu era outra pessoa”; atua como uma porta que lhes garante a viabilidade. Há relação direta dessa postura positiva dessas mulheres idosas com a afirmativa freiriana de que o “[...] futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para refazê-lo” (FREIRE, 2000, p. 27), afinal, elas estão na escola, atuando na direção de suas vidas e planejando mudanças em condições objetivas que lhes propiciem melhorias para um presente-futuro.

Ao retomar a questão central desta pesquisa, constatamos, no andar desse percurso acadêmico, que as construções discursivas constitutivas do gênero foram advindas do *performativo divino* (BUTLER, 2002), cuja ação poderia criar e determinar, soberanamente, o objeto de sua construção. Soma-se a isso que o gênero foi firmado, socialmente, como uma construção elaborada com base na materialidade do corpo, do sexo, e que sempre pretendeu dizer ao outro, à mulher, que ela não é o sujeito que importa. Identificado o discurso central das questões de gênero, temos que muitas foram as implicações que os discursos de gênero trouxeram à vida e à escolarização de cada uma dessas mulheres idosas, presentes na Epjai, assim como de outras tantas. Implicações no convívio familiar, em que “o cabeça”, “o chefe da família”, estabeleceu relações não de respeito e amor, mas de medo, castigos, opressão; Implicações de ordem psicológica e afetiva, uma vez que os discursos imprimiam às crianças, tornadas adultas precocemente, marcas por praticarem ações para as quais não estavam física nem psicologicamente amadurecidas, as quais muitas persistem, ainda hoje. Implicações físicas, pois os castigos e punições decretadas pela figura paterna, permitidas pelo patriarcado, deixaram sequelas que perduram até o tempo atual. Marcas que além de impedirem as

mulheres de terem uma visão ampla do mundo, ainda as fizeram enxergar menos, fisicamente. Implicações na vida escolar que tiraram daquelas meninas a possibilidade de trilhar, sem juízo de valor, percursos diferentes daqueles que trilharam. Implicações que as fizeram ser castigadas duplamente, pela força física do castigo aplicado e pela força do discurso a lhes dizer que não eram merecedoras de estar na escola ou ali permanecer.

Tantas são as implicações que os discursos de gênero trouxeram a essas mulheres idosas da Epjai, que o pouco tempo destinado a essa fase acadêmica, dois anos do mestrado, sendo efetivamente oito meses de pesquisa em campo, somado à conciliação com a disponibilidade de cada uma, não nos permitem apontá-las nas suas complexidades e totalidade.

Além das implicações dos discursos de gênero que afetam diretamente cada uma das sujeitas desta pesquisa, existem outras que perpassam o âmbito privado e saltam para a vida social e de outras mulheres, de crianças, de jovens, da Epjai, da educação em diferentes etapas e níveis educacionais. Por isso, concebemos a escola como um importante ambiente de discussões e de formação de cidadãs e cidadãos, contexto pelo qual perpassam conceitos, valores, crenças e relações sociais, promovendo a construção do conhecimento, por meio do currículo e de práticas pedagógicas, no qual se consolidam aprendizados que formarão os sujeitos em seus ideais sobre si mesmo e sobre o mundo.

Uma pesquisa provoca também possibilidades de novas investigações. Nesse sentido, deixamos, aqui, algumas questões a espera de novas possibilidades de pesquisa e reflexões acadêmicas: Que formação docente seria necessária para que os docentes tratassem, de forma profunda, crítica, ética, cidadã, as questões de gênero na sala de aula? As idosas, um grupo marcado por múltiplas exclusões e presente nas salas de aula de Epjai, apresentam certo desconforto sobre o convívio com os mais jovens, cada vez mais presente nesta modalidade de educação. Como a escola e os professores podem colaborar para tornar esse ambiente mais acolhedor para as idosas? Diante da crescente juvenilização da Epjai, como desenvolver um trabalho curricular, conforme orienta o estatuto do idoso, de forma adequada às especificidades das pessoas idosas? Como a escola pode atuar para assegurar a permanência da idosa e do idoso na sala de aula?

Esperamos com este trabalho ter contribuído, especialmente, para pensar e construir novas possibilidades de práticas e de currículos no contexto da Epjai, especialmente com pessoas idosas, sujeitas centrais desta dissertação.

## REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA (Efésios 5:23). Deveres recíprocos dos esposos. Tradução Centro bíblico católico. 95. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1995. 1502 p. Novo Testamento.
- ALBUQUERQUE, Durval Muniz. **Uma invenção do falo** – uma História do Gênero Masculino no Brasil (1920-1940). Maceió: Catavento, 2003.
- ALMEIDA, Jane Soares. **As professoras no século XX**: as mulheres como educadoras da infância. In: Congresso Brasileiro de História da Educação., 3. 2004. Anais eletrônicos Curitiba: PUCPR, 2004. Disponível em <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo3/482.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2019.
- ALVES, Branca; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo?** 8. ed., São Paulo: Cultural/Brasiliense, 2003.
- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- ARREVABENI, Monica Costa. **Inclusão digital de idosos**: relatos e reflexões. Vitória: Prismas, 2012.
- ARROYO, Miguel Gonzales. **Passageiros da Noite- do trabalho para a EJA**: Itinerários pelo direito a uma vida mais justa. Petrópolis: Vozes, 2017.
- \_\_\_\_\_. A infância deixada na estrada: buscá-la onde ela ficou. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 35, n. Especial, p. 335-341, out. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v35nspe/1678-7110-ccedes-35-spe-00335.pdf>>. Acesso em: 17 dez.2018.
- \_\_\_\_\_. **O significado da infância**. In: Seminário nacional de educação infantil., 1. 1994. Anais. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1994.p 88-92.
- \_\_\_\_\_.
- \_\_\_\_\_. **Pobreza, desigualdades e educação**. Brasília: MEC, 2015. (Educação, Pobreza e Desigualdade Social, I). Disponível em: <http://catalogo.egpbf.mec.gov.br/modulos/pdf/intro.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2019.
- \_\_\_\_\_. Os coletivos empobrecidos repolitizam os currículos. In: SACRISTÁN, José Gimeno (Org.). **Saberes e incertezas sobre o Currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística.13. ed. São Paulo, 2004.
- BARBOSA, Willian Rodrigues. **Memórias, leituras e escritas comuns de um protagonista anônimo da história: José Luiz da Silva**. Dissertação de Mestrado Rio de Janeiro: Uerj, 2017. Disponível em: [http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT18\\_553.pdf](http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT18_553.pdf). Acesso em: 10 jul. 2018.

BARCELOS, Ana Paula de. **A eficácia jurídica dos princípios constitucionais**. Rio de Janeiro: Renovar, 2002.

BARCELOS, Valdo. O currículo na educação de jovens e adultos – uma perspectiva freireana e intercultural de educação. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 35, n. Especial, p. 335-341, out., 2015.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo** – fatos e mitos; Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BEISIEGEL Celso de Rui. Alfabetização de jovens e adultos: desafios do século 21. **Revista Brasileira Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 84, n. 206/207/208, p. 34-42, jan./dez. 2003. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1372>> Acesso em: 13 jun, 2018.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria helena Kuhner. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BRASIL Câmara dos deputados. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em<  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm). Acesso em: 10 ago.2018.

\_\_\_\_\_. Câmara dos deputados. **Constituição da República dos estados Unidos do Brasil,1934**. Brasília,1934. Disponível em:  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm)> . Acesso em: 11 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. Câmara dos Deputados. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: Congresso Nacional 2001. Disponível em: <<http://www.publicações.inep.gov.br>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB 11/2000**. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em:  
[http://confinteabrazilmais6.mec.gov.br/images/documentos/parecer\\_CNE\\_CEB\\_11\\_2000.pdf](http://confinteabrazilmais6.mec.gov.br/images/documentos/parecer_CNE_CEB_11_2000.pdf). Acesso em: Jul. 2018.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação e Jovens e Adultos. Disponível em<  
<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>>.Acesso em: 20 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. **Resolução n. 03/2010**. Diretrizes operacionais para a educação de Jovens e Adultos. Disponível em:  
<http://confinteabrazilmais6.mec.gov.br/images/documentos/resolucao032010cne.pdf>. Acesso em : 10 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro. 2017.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. 2016-2017**. Estatísticas Sociais, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam-apenas-o-ensino-fundamental-completo>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa Civil. **Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 27 jul. 2018.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993**. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8742.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8742.htm). Acesso em: 27 jul. 2018.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Lei No. 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm). Acesso em: 25 out. 2018.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Lei No. 9.504, de 30 de setembro de 1997**. Estabelece normas para as eleições. Brasília, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9504.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9504.htm). Acesso em: 25 out. 2018.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa Civil. **Lei Nº 8.069, DE 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 27 jul. 2018.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Decreto-lei Nº 5.452, de 1º de maio de 1943**. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5452-1-maio-1943-415500-norma-actualizada-pe.html>> Acesso em: 06 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. Tribunal Superior Eleitoral. **Número de mulheres eleitas em 2018 cresce 52,6% em relação a 2014**. Brasília, 2019. Disponível em < <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2019/Marco/numero-de-mulheres-eleitas-em-2018-cresce-52-6-em-relacao-a-2014>> acesso em 15 jul 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 15, n .2, jul./dez.1995. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

\_\_\_\_\_. **Corpos que importam**. Buenos Aires: Paidós, 2007.

\_\_\_\_\_. **Deshacer el gênero**. Barcelona: Paidós, 2006.

\_\_\_\_\_. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In Louro, G. (Org.), **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. 2001. p.150-172.

\_\_\_\_\_. **Performativity, precarity and sexual politics**. **Revista de Antropología Iberoamericana**, Madrid: v. 4, n. 3. Set/dez. 2009 .p.01 - 13. Disponível em:<  
<https://www.aibr.org/antropologia/04v03/criticos/040301b.pdf>> Acesso em: 21 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do campo: notas para uma análise de percurso**. **Revista trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro: v. 7 n. 1, p. 35-64. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1981-77462009000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1981-77462009000100003&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 11 set. 2019

CAMARGO JUNIOR, S.B. **A configuração do direito de aprender de pessoas jovens e adultas no Brasil: uma análise no período de 2001 a 2015 em âmbito nacional**. 158. Dissertação (mestrado acadêmico em Educação) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017. Orientação: Prof. Dr. José Jackson Reis dos Santos.

**Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos**. In Conferência internacional de educação de adultos, 5. 1997, Hamburgo. Anais eletrônicos... Hamburgo: UNESCO, 1997. Disponível em: < <https://uil.unesco.org/adult-education/confintea>>. Acesso em: 07 dez 2018.

CORDEIRO, Ana Paula. **O idoso e a criação teatral através do lúdico e da memória**. São Paulo: Unesp, 2018.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa - Escolhendo Entre Cinco Abordagens – 3**. Porto Alegre: Penso, 2014.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1992. p.10-27.

\_\_\_\_\_. **A criança negra no Brasil**. In: JACÓ-VILELA, AM.; SATO, L. (Org.) **Diálogos em psicologia social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 232-253. Disponível em <<http://books.scielo.org>> .Acesso em: 16 dez. 2019.

DI PIERRO, Maria Clara. **Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil**. Campinas: **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 26, n. 92, out. 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a18>> Acesso em: 18 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Relatório Global sobre Educação e Aprendizagem de Adultos (GRALE)**, Hamburgo, Alemanha: Unesco, 2012.

\_\_\_\_\_. GALVÃO, Ana. M. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Cortez, 2013.

EUGENIO. Benedito; TRINDADE. Lucas Bonina. Entrevista narrativa e suas contribuições para a pesquisa em educação. **Pedagogia em Foco**, Iturama (MG), v. 12, n. 7, p. 117-132, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://revista.facfama.edu.br/index.php/PedF/article/view/260>> Acesso em 17 fev.2019.

FARIA. Edite Maria da Silva de. **A luta social ensina: o direito à educação na vida de mulheres e homens sisaleiros - Assentamento Nova Palmares – Tese doutorado.** 207 p. Conceição do Coité – Bahia.2014. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/01/1109141543.pdf> Acesso em: 21 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **A luta social ensina na eja do campo.** In: Reunião Nacional da ANPEd., 38. Anais eletrônicos. São Luís: UFMA, Out.de 2017. Disponível em: <[http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT18\\_816.pdf](http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT18_816.pdf)>. Acesso em: 14 ago. 2019.

FARIA, Lia. **Ideologia e utopia nos anos 60: um olhar feminino.** Rio de Janeiro: Editora Uerj, 1997.

FERNANDES Gisele Pasquini; SIRAICHI. Jackeline Tiemy GuinozaS . **Um novo olhar para a EJA: educação de idosos.** São Luiz: Anped, 2017.

FÓRUNS DE EJA BRASIL. Relatório-síntese do VI Eneja. Porto Alegre/RS, 8 a 11 setembro 2004. Disponível em: <[www.forumeja.org.br](http://www.forumeja.org.br)>. Acesso em: 14 out. 2012.

FOUCAULT, Michael. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. (Org.). **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** 19. ed. Rio de Janeiro: Graal. 2009.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France,** pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2003.

\_\_\_\_\_. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade.** In: Ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 264-287.

\_\_\_\_\_. Política e Ética: uma entrevista. In: **Ética, Sexualidade e Política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 218-224.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança**: um encontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GADOTTI, Moacir. Educação de Adultos como Direito Humano. **EJA em debate**, Florianópolis, Ano 2, n. 2. Jul. 2013. Disponível em <<https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/viewFile/1004/pdf>> Acesso em: 01 jul. 2019.

HADDAD, Sérgio. et al. (Org.). **A produção discente da pós-graduação em educação no período 1986-1998**. p. 4-16. In: O estado da arte das pesquisas em Educação de Jovens e adultos no Brasil: São Paulo: Ação educativa, 2000. p.4-16. Disponível em:<<http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/1779/40.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 27 set. 2019.

\_\_\_\_\_. DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação** [on line], Rio de Janeiro. n. 14, mai./ago. 2000. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

HIRATA, Helena. Novas configurações da divisão sexual do trabalho Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>>. Acesso em 15 dez 2018.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. Alfabetização de idosos e adultos ou leitura e escrita?. **Rev. Port. de Educação**. vol.25 no.2 Braga 2012. Disponível em:<[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0871-91872012000200007](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872012000200007)> Acesso em 12 nov. 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

LIMA, Jocelma Gusmão Barreto. **Entre eucaliptos e jequitibás**: fortalecimento da gestão escolar para a permanência dos estudantes na educação de jovens e adultos. Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017. Orientador: Prof. Dr. José Jackson Reis dos Santos. 123p.

LOPES, Alice Casimiro. Teorias pós-críticas, política e currículo. Dossiê Temático: Configurações da Investigação Educacional no Brasil. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto. n. 39, 2013. Disponível em <http://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/02.AliceLopes.pdf>. Acesso em: 20.11.14.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 6.ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico metodológicas. Belo Horizonte: **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46. p. 201-218. 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46> > Acesso em: 02 abr.2018,

\_\_\_\_\_. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento. **Revista Labrys - Estudos feministas**, n.6,ago./dez. 2004. Disponível em: < <https://www.labrys.net.br/labrys6/libre/guaciraa.htm> > Acesso em: 14 mai. 2018.

\_\_\_\_\_. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary(Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 443-481.

MACHADO, Roberto. **Ciência e Saber: a Trajetória da Arqueologia de Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 187.

MACHADO, Maria Margarida. O aluno. In HADAD. Sérgio. **Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucey Alves. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p.47-61.

MUNICÍPIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA. **Lei nº 2.042, de 26 de junho de 2015**. Aprova o Plano Municipal de Educação-PME, e dá outras providências.

NOGUEIRA, Vera Lúcia. Educação de jovens e adultos e gênero: um diálogo imprescindível à elaboração de políticas educacionais destinadas às mulheres das camadas populares. In: SOARES, Leôncio José (org.) **Aprendendo com a diferença-- Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 65-90.

NUNES, Cleiton Santos; SANTOS, José Jackson Reis dos; SOUZA, Ester Maria de. Figueiredo. Aspectos Históricos da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas na Rede Municipal de Ensino de Vitória da Conquista e o Campo da Educação Popular. In: SANTOS, José Jackson Reis dos; PEREIRA, Sandra Márcia Campos; WESCHENFELDER. Lolita Maria. (orgs.) **Educação de pessoas jovens, adultas e idosas: Interfaces entre Direito à Educação, Educação Popular, Currículo(s) e Saberes experienciais**. Passo Fundo: UFP, 2017. p.108-126.

OBSERVATORIO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Alfabetização e alfabetismo funcional de jovens e adultos**. Disponível em <http://www.observatoriodopne.org.br/indicadores/metas/9-alfabetizacao-educacao-jovens-adultos/indicadores/taxa-de-analfabetismo-funcional/#indicadores>. Acesso em: 27 ago. 2019.

OLIVEIRA, I. B.; C PAIVA, J. (Org.). **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP et alii, 2009.

OLIVEIRA, Marcelo Lacerda, **Entrevistas e conversas na EMACS: construção da memória em pesquisa-formação**. Vitória da Conquista, 2019.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Das políticas de governo a política de estado: Reflexões sobre a atual agenda educacional brasileira. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 32, n. 115, p. 323-337, abr.-jun. 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n115/v32n115a05.pdf>> Acesso em: 11 dez. 2018.

PARAISO, Marlucy A. Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 206-237, jan./abr. 2016. Disponível em: < <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723817332016206>> Acesso em: 02 ago.2018.

\_\_\_\_\_, **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo**: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

PAIVA, J; MACHADO, M. M; IRELAND, T. (Org.). **Educação de Jovens e Adultos**: uma memória contemporânea. 1996 – 2004. Brasília: MEC, 2004.

PASSARINHO, Nathalia. **Por que Congresso e STF caminham para lados opostos na discussão sobre aborto no Brasil**. BBC Brasil, [on line], 14 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44458907>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

PERES, Marcos Augusto de Castro. **Velhice, trabalho e cidadania**: as políticas da terceira idade e resistência dos trabalhadores idosos à exclusão social - Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2007. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-08102007-111017/publico/TeseMarcosAugustoCastroPeres.pdf>. Acesso em: 23 set. 2019.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. São Carlos : Claraluz, 2005.

SAFFIOTTI, Heleieth I.B. Gênero e patriarcado. In: Castillo-Martin M; Oliveira. S. (Orgs.). **Marcadas a ferro**. Violência contra a mulher: uma visão multidisciplinar. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. p.35-76.

SANTOS, José Jackson Reis dos. **Saberes necessários para a docência de Educação de Jovens e Adultos**. (Doutorado). Programa de pós-graduação em Educação. Faculdade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2011. 189 p. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/18319/1/SaberesNecess%C3%A1riosDoc%C3%Aancia\\_Santos\\_2011.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/18319/1/SaberesNecess%C3%A1riosDoc%C3%Aancia_Santos_2011.pdf). Acesso em: 05 jun. 2019.

\_\_\_\_\_, José Jackson Reis dos; WESCHENFELDER, Lolita Maria. LEITE, Maria Iza Pinto de Amorim Leite. Formar y formarse colaborativamente. In BLANCHARD, M. MUZÁS (coords.) **Equipos Docentes inovadores**: formar y formarse colaborativamente. Narcea S.A. Madri, 2018.p.27-50.

\_\_\_\_\_, José Jackson Reis dos; RIBEIRO, Márcia Maria Gurgel. Diálogos com educadores(as) de Pessoas Jovens e de Adultas sobre suas experiências e saberes profissionais docentes. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 14 n.35, p. 88-107, 2014. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24405>> Aceso em: 13 set.2018.

SANTOS, Lília Rezende dos. **Currículo prescrito e o currículo em ação**: uma análise de suas implicações no contexto do curso Técnico em Agroecologia no Proeja. 172f. Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017. Orientador: Prof. Dr. José Jackson Reis dos Santos.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Reinventar a democracia: entre o pré-contratualismo e o pós-contratualismo. In: HELLER, Agnes et al. **As crises dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-99. 1995. Disponível em:<  
<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 23 set. 2018.

\_\_\_\_\_. História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992. p. 63-95.

\_\_\_\_\_. A invisibilidade da experiência. **Revista Projeto História**, São Paulo: PUC, v.16. fev 1998.. 29 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Manifesto por um pensamento da diferença em educação. In: CORAZZA, S.; TADEU, Tomaz. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 9-17.

\_\_\_\_\_. A produção social da identidade. In: SILVA (Org.). **Identidade e diferença - a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. P. 73 -102.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo. "Michel Foucault e os estudos culturais". In: Costa, M. V. (org.). **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre, UFRGS, 2003.

\_\_\_\_\_; LOPES, Maura Corcini. Inclusão e governamentalidade. **Educação Sociedade**. Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 947-963.. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 18 dez. 2019.

VENTURA. Jaqueline. Educação ao longo da vida e organismos internacionais: apontamentos para problematizar a função qualificadora da Educação de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, Salvador, v. 1, n. 1, [online], 2013. Disponível em:  
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/242/207> Acesso em: 02 nov. 2018.

UNITED NATIONS ORGANIZATION. **World population prospects**: key findings and advance tables. The 2017 revision. New York: UNO, 2018. Disponível em:  
<https://reliefweb.int/report/world/world-population-prospects-2017-revision-key-findings-and-advance-tables>. Acesso em: 05 ago. 2018.

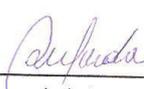
## **ANEXOS**

ANEXO A: Folha de Rosto ao Comitê de Ética em Pesquisa



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

## FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: VOZES DE MULHERES IDOSAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: Discursos sobre gênero e suas implicações na vida e na escola.			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 10			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
<b>PESQUISADOR RESPONSÁVEL</b>			
5. Nome: MARCELO LACERDA OLIVEIRA			
6. CPF: 526.534.635-04		7. Endereço (Rua, n.º): Rua Castro Alves guarani 283 VITÓRIA DA CONQUISTA BAHIA 45002060	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 77991996672	10. Outro Telefone:
		11. Email: marclacerda@hotmail.com	
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do paramProjeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao paramProjeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>05, 04, 2019</u>		 Assinatura	
<b>INSTITUIÇÃO PROPONENTE</b>			
12. Nome: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB		13. CNPJ: 13.069.489/0001-08	
14. Unidade/Órgão:			
15. Telefone: (73) 3525-6683		16. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>Benedito Eugênio</u>		CPF: <u>000.651.995-45</u>	
Cargo/Função: <u>Coordenador</u>			
Data: <u>05, 04, 2019</u>		 Assinatura	
<b>PATROCINADOR PRINCIPAL</b>			
<b>Prof. Dr. Benedito Eugênio</b> Coordenador Programa de Pós-graduação em Ensino Matrícula 72433681 - 0			

ANEXO B: Termo de Autorização de Uso de Imagens e Depoimentos

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Marcelo Lacerda Oliveira, do projeto de pesquisa intitulado “Vozes de mulheres idosas da Educação de Jovens e Adultos: Discursos sobre gênero e suas implicações na vida e na escola” a realizar as fotos e/ou vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) bem como dos vídeos (se for o caso) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004).

Vitória da Conquista, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Marcelo Lacerda Oliveira  
PESQUISADOR RESPONSÁVEL  
MARCLACERDA@HOTMAIL

## ANEXO C: Termo de Assentimento Encaminhado ao Comitê de Ética e Pesquisa

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
SUDOESTE DA BAHIA -  
UESB/BA



**COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** VOZES DE MULHERES IDOSAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:  
Discursos sobre gênero e suas implicações na vida e na escola.

**Pesquisador:** MARCELO LACERDA OLIVEIRA

**Versão:** 1

**CAAE:** 11329019.2.0000.0055

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

**DADOS DO COMPROVANTE**

**Número do Comprovante:** 036067/2019

**Patrocinador Principal:** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Informamos que o projeto VOZES DE MULHERES IDOSAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: Discursos sobre gênero e suas implicações na vida e na escola. que tem como pesquisador responsável MARCELO LACERDA OLIVEIRA, foi recebido para análise ética no CEP Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/BA em 08/04/2019 às 12:01.

**Endereço:** Avenida José Moreira Sobrinho, s/n  
**Bairro:** Jequiezinho **CEP:** 45.206-510  
**UF:** BA **Município:** JEQUIE  
**Telefone:** (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepuesb.jq@gmail.com

## ANEXO D: Termo de Consentimento Livre E Esclarecido (TCLE)

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “Vozes de mulheres idosas da Educação de Jovens e Adultos: Discursos sobre gênero e suas implicações na vida e na escola”. Neste estudo pretendemos compreender os discursos de gênero e suas implicações na trajetória de vida e de escolarização de idosas da EJA,

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é analisar os discursos sobre gênero e como suas implicações foram e são construídos no contexto da trajetória de vida e de escolarização de idosas da EJA, bem como contribuir com o desenvolvimento de práticas e currículo no contexto da educação básica que favoreçam as relações humanas democráticas entre mulheres e homens. Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): elaboração de um roteiro com perguntas principais; visita de aproximação com a direção da escola para apresentação da pesquisa; encontro inicial com as sujeitas da pesquisa para apresentação da pesquisa, prestar os esclarecimentos que se fizerem necessários e verificar, junto a essas senhoras, a disponibilidade e desejo, de cada uma delas, em participar deste trabalho; agendamento de dia e horário para aplicação de entrevista semiestruturada, que será o instrumento adequado de coleta e dados; aplicação da entrevista semiestruturada que será gravada, desde que devidamente autorizada pela participante; transcrição das entrevistas e análise de dados sob olhar dos teóricos que norteiam a pesquisa.

O Pesquisador garante, a cada participante, a escuta prévia de sua entrevista. Ficando a critério de cada uma modificar/excluir alguns trechos ou a entrevista completa.

Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em todas as formas que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não causará qualquer punição ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo como a possibilidade de algumas perguntas causarem constrangimento à participante. Para minimizar esse fato, será dado, a ela, o tempo necessário que precise para elaborar, da melhor forma, o seu pensamento ou mesmo a possibilidade de recusar-se a responder, ou ainda, de responder em encontro futuro, se assim o desejar. Além disso, você tem assegurado o direito a compensação ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Os benefícios deste estudo são: colaborar para o desenvolvimento de práticas e currículo no contexto da educação básica; fomentar o equilíbrio das relações humanas democráticas, especificamente, entre mulheres e homens, possibilitar a compreensão das mulheres sobre sua condição enquanto sujeitas dotadas de cidadania.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizados e, será agendado um encontro coletivo para apresentação, na escola, desses resultados. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma das vias será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, \_\_\_\_\_ fui informada dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e posso modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Vitória da Conquista, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

**Pesquisador(a) Responsável: Marcelo Lacerda Oliveira**

Endereço: Estrada do bem querer, s/n

Fone: (77) 988290662 / E-mail: marclacerda6@gmail.com

**CEP/UESB- Comitê de Ética em Pesquisa**

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: (73) 3528-9600 (ramal 9727) / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

## ANEXO E: Compromisso dos Pesquisadores

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB  
Recredenciada pelo Decreto Estadual Nº 16.825 de 04/07/2016  
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UESB

### DECLARAÇÃO DE COMPROMISSOS

#### Compromisso Geral

Declaro que conheço e que:

- Cumprirei os requisitos da Resolução CNS Nº 466/2012 e da Resolução 510/2016 (nas pesquisas de ciências humanas e sociais) e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e publicar os resultados, sejam eles favoráveis ou não.
- Concordo em conduzir a pesquisa de acordo com o protocolo de pesquisa, com as Boas Práticas Clínicas e com as Boas Práticas de Laboratório.
- Concordo em conduzir e supervisionar a pesquisa clínica pessoalmente.
- Concordo em informar o patrocinador do estudo, o Comitê de Ética em Pesquisa e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária sobre os eventos adversos graves que venham a ocorrer durante o desenvolvimento da pesquisa.
- Concordo em somente iniciar a coleta de dados após obter as aprovações necessárias ou cabíveis do CEP-UESB.
- Comprometo-me, no caso de submissão de Projeto de Relato de Caso, mesmo a coleta de dados já tendo iniciada, em divulgar os dados coletados somente após a aprovação do CEP/UESB.
- Concordo que orientando e orientador devem estar devidamente cadastrados na Plataforma Brasil.

#### Compromissos de Financiamento e Orçamentação

Declaro que conheço e que:

- Não deve haver pagamento ao participante da pesquisa para sua participação; e que se admite apenas o ressarcimento de despesas relacionadas à participação no estudo, se necessário, por exemplo, despesas com transporte e alimentação.
- Nenhum exame ou procedimento realizado em função da pesquisa pode ser cobrado do paciente ou do agente pagador de sua assistência, devendo o patrocinador da pesquisa cobrir tais despesas.

- O duplo pagamento pelos procedimentos não pode ocorrer, especialmente envolvendo gasto público não autorizado (pelo SUS).
- A Instituição deve ter conhecimento da pesquisa e de suas repercussões orçamentárias.
- O pagamento do pesquisador nunca pode ser de tal monta que o induza a alterar a relação risco/benefício para os participantes da pesquisa.
- A remuneração do pesquisador deve constar como item específico de despesa no orçamento da pesquisa.

#### Compromisso de Indenização

Declaro conhecer o fato de que esta pesquisa irá garantir a indenização dos participantes da pesquisa (cobertura material), em reparação a dano imediato ou tardio, comprometendo o indivíduo ou a coletividade, sendo o dano de dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa ou dela decorrente. Declaro ainda, que jamais será exigido dos participantes da pesquisa, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano.

#### Compromisso Metodológico

Declaro que conheço e que:

- Toda a pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco. As pesquisas serão admissíveis quando o risco se justifique pelo benefício esperado. (Resolução CNS Nº 466/2012 – V. 1.a).
- Se o projeto de pesquisa for inadequado do ponto de vista metodológico, ele é inútil e, portanto, eticamente inaceitável - o arquivo contendo a íntegra do projeto de pesquisa deve também conter metodologia e lista de referência bibliográfica adequada, suficiente e atualizada. Declaro ainda que os critérios de inclusão e exclusão do estudo serão claramente delineados no projeto em tela.

#### Compromisso de Documentação

Declaro que entregarei, ao CEP/UESB, relatórios da pesquisa (parciais – no mínimo semestrais – e de encerramento) e notificações de eventos adversos sérios e imprevistos no andamento do estudo.

É responsabilidade do pesquisador acompanhar todos os trâmites de seu projeto na Plataforma Brasil, independentemente de qualquer mensagem enviada pelo sistema.

Vitória da Conquista, 02 de abril de 2019.

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

(Orientador para projetos de Graduação ou o próprio mestrando/doutorando em casos de PPGs)

**APÊNDICES****APÊNDICE A : AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS****AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS**

Eu, LUCINEA GOMES DE JESUS, ocupante do cargo de diretora do(a) Escola Municipal Antônia Cavalcanti Silva, **AUTORIZO** a coleta de dados do projeto **Vozes de mulheres idosas da Educação de Jovens e Adultos: Discursos sobre gênero e suas implicações na vida e na escola** dos pesquisadores **Marcelo Lacerda Oliveira e José Jackson Reis dos Santos (orientador)** após a aprovação do referido projeto pelo CEP/UESB.

Vitória da Conquista, 02 de 04 de 2019.

ASSINATURA: Lucinea Gomes de Jesus

CARIMBO:

*Recebido em  
02/04/2019*

*Lucinea*  
ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIA  
CAVALCANTI E SILVA  
LUCINEA GOMES DE JESUS  
DIRETORA  
Autorização nº 030118

## APÊNDICE B: MOMENTOS DE PESQUISA FORMAÇÃO

### 1ª. Visita à EMACS, 28 março 2019

A primeira visita à escola Antônia Silva Cavalcante foi agendada com a diretora, alguns dias antes, pois nos encontramos na sessão de diálogos “narrando e problematizando experiências no campo da educação popular e da inclusão, realizada no dia 26, na UESB. Na ocasião ficou acertado que, às 19 h, do dia 28, eu iria à escola.

No dia e hora marcados, chegamos à escola, eu e Roberto Reis, meu companheiro nessa empreitada, que colaborou com as gravações e apoio durante esse processo. A primeira sensação que tive, ainda na porta da escola, foi de insegurança, pois são muito comuns as narrativas, algumas exageradas, sobre a violência no bairro.

Bati no portão e um jovem senhor nos recepcionou. Bem solícito nos perguntou o que desejávamos e, após falarmos, nos conduziu à vice-diretora, uma vez que a diretora, não pode estar presente naquele momento. No percurso para a sala dos professores, onde seríamos recebidos, passamos por algumas salas de aula e, foi notório o estranhamento causado por nossa presença. Na sala mais próxima à sala dos professores, onde estávamos sentados à espera da vice, pudemos ouvir o burburinho que nossa visita causava. Alguns alunos levantaram para nos ver e ouviam-se conjecturas de quem seríamos.

A vice-diretora chegou e ao se apresentar começou a dizer seu nome, parou e disse, pode me chamar de Dinha, ninguém vai me conhecer pelo meu nome. Rimos juntos. Dinha, como ela mesma fez questão de ser chamada, foi de uma simpatia muito grande. Dispôs-se a nos fornecer dados gerais dos alunos da escola e em particular sobre o número de mulheres idosas matriculadas. Há no turno vespertino 114 alunos, no matutino, 128 e no noturno, 176 com possibilidade de abrir uma nova turma com 30 alunos, “mas todos jovens nessa turma” enfatizou Dinha. Do total de alunos matriculados, encontramos 10 mulheres idosas, conforme critério de seleção do projeto. Dinha nos convidou para visitarmos as duas salas onde estudam essas senhoras, e assim o fizemos. Ao chegar numa delas, vi Cecília e D. Diva, senhoras que estavam na Uesb dois dias antes no encontro acima referido, e pensei: será que elas vão me reconhecer? Afinal estávamos sentados bem próximos no evento que participamos, na Uesb, ao final do evento, cumprimentei a cada uma delas com um abraço. Fato é que ambas estavam tão concentradas na aula que sequer levantaram a cabeça para ver aquele movimento, bem diferente da maioria dos demais alunos que se inquietava nesse intuito.

Fiquei impressionado com a atenção que aquelas senhoras dispensavam para assistirem à aula. Nada mais no seu entorno era importante a ponto de tirar-lhes a atenção. Isso me fez refletir que devemos considerar a possibilidade de fazer as entrevistas num turno oposto, para não prejudicar o aprendizado. Mudança de vai depender de cada uma delas, de seus horários e atividades durante o dia.

Após a visita, nos despedimos de Dinha, que se dispôs a ajudar, já que, ela está na escola todos os dias à noite, “estou todos os dias aqui, de segunda a sexta”, salientou ela. Mais uma vez passamos pelo vigilante ao sair e, ele mais uma vez, muito simpático, nos desejou boa noite.

No carro falando com Roberto, analisamos que seria mesmo melhor se elas topassem fazer as entrevistas em turno diferente do noturno, pois além queríamos atrapalhar os horários da aula.

02 de abril 2019 Sessão coletiva de diálogo

Neste dia, logo pela manhã, entrei em contato com diretora da Escola, para acertar uma data que ela estaria disponível para estarmos juntos, à noite, com as senhoras da Epjai. Ela se dispôs neste mesmo dia e assim acertamos. Encontramos Nea, como prefere ser chamada a diretora, sempre muito educada, disposta e animada.

Eu já tinha organizado algumas coisas para esse dia, então foi fácil preparar a reunião com as senhoras da Epjai. Repassei a dinâmica que pretendia fazer para dar fechamento ao encontro (caixa de surpresa – espelho na caixa e elas dizem coisas positivas sobre o que veem), que reforçaria a importância de se dar ouvidos a essas vozes da Epjai. Confesso estava apreensivo quanto minha aceitação por parte delas. Pois seria primordial para o trabalho que elas ficassem á vontade comigo ao ponto de falarem de si, pois muitos acham que pareço um policial, fechado, marrento e intimidador; tudo que eu não pretendia parecer naquele encontro, e que não se constitui uma verdade.

Chegamos à Escola às 19h 05m e fui recepcionado pelo sempre simpático vigilante cujo nome perguntei mas que neste momento não me recordo. Mas memorizarei. Fomos atendidos por Nea que estava na sala com Dinha e ambas nos deram um acolhimento caloroso. Alguns minutos de conversa e fomos para a sala de informática, onde Nea já havia arrumado uma mesa com cadeiras no entorno, fazendo uma mesa redonda. Perfeita para essa conversa. Entramos e enquanto Roberto arrumava o lanche que preparamos, café, suco, pão delícia, biscoitos *avoador* e bolos, eu arrumava a mesa do encontro, caixa da dinâmica, caderno para anotações celular para filmagem (se tivesse a permissão delas) e me concentrava em pensar tudo que falaria para não afugentar as senhoras da nossa pesquisa.

À medida que Nea passava nas salas para solicitar a presença de cada uma na sala de informática, elas foram chegando, e eu as recepcionava ainda de pé a cada uma apontando as cadeiras. Chegaram sete senhoras, segundo Dinha, três não tinham comparecido neste dia à escola. D. Cecília logo me reconheceu: “ah! Você é o rapaz que estava na faculdade”, tínhamos nos visto no evento uma semana antes na Uesb. Fiquei contente com essa lembrança dela.

Todas sentadas ao redor da mesa, pedi a Nea que iniciasse a conversa, afinal eu contava com a confiança que as senhoras depositam nela para se posicionarem favoravelmente a participarem da pesquisa. Nea, dentre outras coisas, falou da oportunidade que a Escola tem em poder ser um centro de pesquisa para a Uesb e para o mestrado e que isso era motivo de alegria para toda a comunidade escolar, falou ainda da importância de se ter documentada a história de cada uma numa pesquisa e que eu estava ali para explicar como será essa pesquisa.

Era minha vez de falar, e procurei ser o mais simples na linguagem e falar devagar, afinal falo muito rápido. Apresentei-me: nome, o que já fiz na vida profissional, porque faço mestrado, e fui falando de mim e de meus sonhos. Fui explicando cada palavra que parecia desconhecida quando percebia uma cara ou outra de interrogação. Falei da importância de estudar, que esse estudar não tem tempo nem hora, mas, que depende de vontade e de sonhos, expliquei o que era uma pesquisa e o que é o mestrado, e do conjunto de temas que existe nele, abordei a importância de uma pesquisa para a sociedade, e como ela pode contribuir para mudar alguns conceitos e pensamentos. Feita minha apresentação, Nea precisou se ausentar para cuidar da rotina escolar. Ficamos nós e elas. E eu pedi que cada uma se apresentasse e falasse a idade, pedi perdão pela curiosidade da idade e brinquei: Dizem que mulher não gosta de falar a idade, mas prometo que não conto pra ninguém. E disse que explicaria o motivo de saber essa informação assim que todas acabassem as apresentações. E elas seguiram sem nenhum constrangimento:

Maria do Carmo Moreira da Silva – 74 anos

“ROSE”<sup>20</sup> – “60 anos fiz aniversário hoje” - aproveitei para parabenizá-la e todas fizeram o mesmo. Apontei o bolo e disse vamos cantar parabéns ao final da conversa.

Idelice Vitória Santos Lima – 62 anos

Alice Batista dos reis 59 ( nov 60)

Maria de Fátima de Jesus Sousa – 62 anos

Cecília Marina Novais – 59 anos ( set 60)

Djanira Santana Amaral – 62 anos

Terminadas as apresentações, expliquei o porquê da idade na pesquisa e a que ela se presta, disse sobre a vida nem sempre justa que as mulheres tiveram/têm e das dificuldades para frequentar a escola, que se tornam maiores por essas mulheres terem tantas outras “obrigações” na vida, e elas ficaram animadas em serem eleitas. D. Idelice disse: “geralmente só escolhem as novinhas, agora é nossa vez”. Todas riram

Desde a fala de Nea, eu buscava perceber em cada rosto, o que queria dizer cada uma das expressões que elas faziam, e percebi que tinha uma senhora que dava sinais de que não ia participar do processo, tudo o que a diretora falava, ela dizia: “hum”. E Nea passava o dedo na ponta do nariz dela, como que querendo dizer: se desarma mulher!. As demais se mostravam animadas e atentas a cada palavra dita.

Propus que fizesses a dinâmica da caixa de surpresa e todas toparam, nesse momento pedi permissão para que Roberto pudesse fazer o registro daquele momento em vídeo, expliquei o porquê de registrar todos os nossos momentos, aproveitei para dizer do compromisso ético que temos com todos os dados e revelações feitas naquele espaço e que tudo que for dito ali, fica apenas entre nós. E expliquei que após as entrevistas seriam gravadas, desde que autorizadas, para depois serem, depois, transcritas, explicando o que é transcrever que eu voltaria com cada uma delas para lermos, juntos, a transcrição e ver se elas concordavam e conferir se eu tinha entendido exatamente o que elas queriam dizer. Todas acharam muito bom e prontamente permitiram serem gravadas. Exceto Rose, como eu já esperava. Ri comigo mesmo e, respeitando sua vontade, Roberto desligou o celular e voltou a gravar na participante seguinte. Pedi que, após cada uma falar, sentasse num outro lugar, e pedi que não falassem com as outras, para evitar a troca de informações naquele momento.

Esse foi um momento muito marcante. Apesar de ser uma brincadeira simples, se ver no espelho e dizer três coisas boas sobre si mesmas, as reações foram muito fortes. A maioria ria ao ver a própria imagem dentro da caixa e, apesar de não poder dizer de quem se tratava para as outras, elas acabam por empregar o verbo na primeira pessoa do singular. Não sei se alguma delas percebeu isso, mas não teve importância alguma no processo, e a brincadeira seguiu com risadas e muitos elogios. D. Idelice ao si ver dentro da caixa, embargou a voz e se emocionou, demorou um pouco para começar a falar, deu uma risadinha, como quem querendo engolir o choro e teceu elogios a si.

De volta à mesa, todas se sentaram exatamente nas mesmas posições, o que facilitou para mim, pois, ainda não havia decorado todos os nomes e a ordem de minhas anotações estava ali novamente recomposta. Novamente ri comigo mesmo.

Tomei o gancho dos elogios e emoções emergidas na dinâmica para reforçar a ideia de que é preciso pensar e refletir sobre si mesma para se conhecer melhor, D. Cecília logo disse que ela mal se olha nos espelho e que os filhos precisam apontar quando algo aparece em seu rosto. Perguntei se era pela falta de tempo ou de costume de se olhar, ela respondeu que os dois. Ela não aprendeu a olhar para si. D. Maria do Carmo completou dizendo: “a gente quase não pensa em nós”. Seguida por D. Maria de Fátima que indagou: “pra que olhar pra gente mesma?”. Falei da importância de todos nós nos amarmos e que para isso acontecer era preciso que nos conhecêssemos e que olhar no espelho era olhar para nossa trajetória de vida

---

<sup>20</sup> Nome fictício uma vez que esta senhora não aceitou participar da pesquisa.

e valorizar tudo que nos aconteceu para estarmos aqui. D. Maria do Carmo intervém e diz: “eu fui escravizada. É, eu fui escravizada quando meus pais morreram e me deixaram com um padrinho. Eu passava o dia todo torrando café. O senhor conhece aquela bola que torra café?” sim conheço D. Maria do Carmo. E continua ela: “pois é, era naquilo o dia todo e quando acabava ia pisar sal, arroz, era uma labuta. O tal padrinho pagava escola pro filho dele, uma vez falei que queria estudar, ele disse: vai não, menina que quer aprender ler e escrever logo arruma namoro. Vai cuidar da vida”. Eu perguntei a todas: será que se D. Maria fosse homem, isso aconteceria com ela? Todas responderam: não acontecia não. Falei das diferenças sociais que se estabeleceram entre os gêneros, deixando claro que gênero é ser homem ou ser mulher (sem entrar, nesse momento, na diversidade que essa discussão possibilita) e fui atrelando isso a nossa pesquisa, reafirmando a necessidade de se conhecer as histórias das mulheres idosas para que, juntos possamos contribuir para que a educação seja transformada pelo conhecimento. Disse ainda, que a pesquisa pode contribuir para melhorar os conteúdos que são ensinados na escola de forma a trazer maior respeito entre gêneros.

D. Cecília falou que ela também teve uma vida difícil. Aos sete anos e meio menstruou. E o pai ao saber disso falou: “você agora já é moça. E moça tem que trabalhar”. E deste dia em diante ela não teve mais nenhuma chance de ser criança. Pois todos os afazeres da casa eram agora seus. E enquanto ela trabalhava, as irmãs, mesmo mais velhas, mas que não tinham menstruado ainda, brincavam. E, emocionada, conta que nem registro civil ela teve, foi a própria Cecília que, aos 18 anos, foi ao cartório se registrar. Todas ficaram pensativas e eu deixei aquele silêncio incomodo por alguns instantes no ar. Em seguida, voltei a fazer referência às questões de gênero e de como ele influencia e muda a vida das mulheres. Todas se mostraram de acordo com o balançar de cabeças.

D. Maria de Fátima então pergunta: o que você vai fazer com essas coisas que a gente falar aqui? Isso me remeteu a análise da pesquisa e tentei explicar. Falei de Foucault e de seu estudo sobre o discurso – expliquei quem foi o cidadão francês e o que é discurso, usando os exemplos estavam ali mesmo na fala delas. Tudo da forma mais didática que eu pude. E falei que ao final pretendemos compreender os discursos que estão inseridos em suas vidas. Mas que elas não se preocupassem com esse negócio de discurso na hora de responder as perguntas.

Feito todo o processo que foi pensado para a noite, e a coisa andou muito melhor do que eu esperava, afinal tive material, trazido por elas mesmas, para utilizar em favor da pesquisa e da adesão ao nosso projeto, reforcei a ideia de respeito à vontade de cada uma e apelei para a emoção que envolvia a todas e a nós naquele momento e perguntei: quem aqui aceita participar dessa pesquisa?

De pronto tive a primeira resposta: “Eu não”. Não poderia ser de outra pessoa, Rose se negou a participar. Apelei a ela no que foi possível, e ela cheia de desculpas. Agradei muito a presenta e boa vontade em estar ali conosco e deixei a porta aberta caso ela resolva participar da pesquisa. e ela responde: “ vou não. Eu sou assim, não mudo de opinião não”. Aproveitei para dizer que todos nós podemos rever nossas opiniões e que isso é uma coisa muito bonita quando reconhecemos que rejeitamos algo por impulso ou nervosismo. Ela também agradeceu e perguntou se podia se retirar.

Agora éramos nós e as seis outras senhoras. E reforcei a pergunta, quem aceita participar da pesquisa comigo levanta a mão. Todas levantarem. Ufa! Que alívio, rapidamente agradei a Deus pelo sucesso da noite e a cada uma delas por me darem esse voto de confiança.

Encerrada a conversa, fomos para o lanche, que agradou muito a todas. D. Alice perguntou: foi você que fez esse café? Sim D. Idelice, fui eu, sei lavar, passar e cozinhar bem. E ela. ‘isso mesmo, homem tem que fazer de tudo, esse negócio de só mulher fazer as coisas já

passou. E foram saindo dando abraços em mim e em Roberto, a quem agradeço a disponibilidade de me acompanhar nessa empreitada.

Entrevistas com D. Alice e D. Cecília. 09 de abril 2019.

Cheguei à Antônia às 18h 50m, adentrei o portão, e cumprimentei Edmar, o vigilante do turno, que como sempre, apresenta uma aparência tranquila e de paz, fala mansa e sorriso, tímido, mas sempre presente no rosto. Passei pela grade que dá acesso ao interior da escola e, já naquele momento, percebi uma movimentação anormal, se comparada aos dias de minhas visitas anteriores. Os alunos num vai e vem no corredor me fez ficar preocupado se eu conseguiria gravar, com D. Alice e D. Cecília, na sala dos professores, uma vez que, a meia parede da sala permite que todo o barulho externo ecoe ali e seja captado pela câmera, já que, mesmo com uma máquina semiprofissional, meu sistema de gravação é totalmente amador, pois além de não gostar de fotos em excesso, como dita a moda, hoje, não me interessa muito em me aprimorar no uso desses recursos.

Continuei meu percurso e, ao passar em sentido à sala dos professores, olhei para uma sala de aula e lá estava Nea a falar com os alunos, pensei: essa é uma mulher de fibra. Segui meu curto caminho entre a grade e a sala dos professores onde encontro Dinha, a vice-diretora do noturno, e uma professora que acabara de retornar à escola para lecionar na EJA. Dinha sempre muito gentil interrompeu sua fala com a professora para me cumprimentar e voltou a seu à conversa, certamente com as instruções à “nova” professora. Instruções encerradas, Dinha pediu licença e foi cuidar de seus afazeres, ficamos eu e a professora. Ela me pergunta: qual sua disciplina? Certamente pensando que eu seria um colega seu naquele turno. Respondo o que fui fazer ali e ela comentou de amigos seus que também estão/estiveram no mestrado, terminando o comentário citando um desses amigos que, segundo ela: “deve ser doido, fazer mestrado em física, já pensou?” Foi minha vez de indaga-la sobre suas atividades, ela me respondeu que ensinava língua portuguesa e que após passar por várias coordenações e outros cargos na educação infantil, EJA, e ensino regular, estava de volta à Antônia após nove anos por esses outros percursos. Perguntei se ela gosta da EJA e ela disse que sim. Nesse instante, sou porque daquela movimentação atípica do lado de fora da sala, o bebedouro da escola estava sem água e, os alunos estavam indo à sala dos professores pedir água, já que o bebedouro de lá não fora afetado pela falta d’água, como o outro, e Adriana, professora e colaboradora da escola, distribuía água para uma pequena fila, enquanto, preocupada comigo, me pedia para esperar alguns instantes.

Passado esse primeiro momento mais agitado, Adriana me chama e, juntos fomos à sala de informática, onde aconteceu a primeira sessão coletiva com todas as senhoras, abre a sala e eu começo a arrumar o espaço para receber D. Alice, primeira a ser ouvida neste dia. De repente, começa um entra e sai de alunos á procura de cadeiras, uma a uma as cadeiras da sala de informática vão sendo levadas, até ficarem apenas duas, as que eu usaria naquela noite, que me foram solicitadas por Adriana, propondo, gentilmente, trocá-las pelas cadeiras da sala dos professores que ela mesma trouxe.

Era mesmo uma noite agitada, agito que mais tarde fiquei sabendo que se dava por conta da nova turma que fora formada e a escola estava se adaptando, coisa normal. Arrumei o espaço, cadeiras posicionadas uma de frente pra outra, para que a convidada ao olhar pra mim, fosse ao mesmo tempo captada pela câmera, eu não queria que o equipamento incomodasse ou as deixassem inibidas, deixei um copo de água ao alcance da convidada e estava pronto. Como esta sala fica ao lado da cozinha e, há, na parede, pequenas aberturas, de onde se podia ouvir o pipoco do milho na panela, as merendeiras faziam pipocas e arrumavam o espaço após o lanche, que é servido antes do início das aulas, era um tilintar de pratos sendo lavados e milho pulando na panela. Mais uma vez estava eu preocupado com a gravação.

Adriana, ao sair, se prontificou a chamar por D. Alice, agradeci e aguardei minha convidada. Ela demorou um pouco e, ao chegar, se justificou: “demorei porque tava esperando a chamada”. Sem problemas D. Alice, seja bem vinda. disse eu.

Comecei a seguir o roteiro de entrevista as 19h e 30m e senti que D. Alice estava um pouco retraída, procurei, mesmo sem falar muito, assenti com a cabeça de modo que houvesse interação maior a ponto de deixá-la mais tranquila. O que só aconteceu, mesmo, quando, durante sua fala, ela cita, quase que como um fato irrelevante, o namoro com seu atual marido, e eu intervi, com base no que ela tinha falado e disse: e como foi que a senhora arrumou esse casamento, se a senhora só saía com sua mãe? me conta como foi isso. Ela riu e começou a narra, nessa hora, percebi que ela tinha ficada à vontade, mesmo sendo uma pessoa muito contida nas palavras e gestos, e pôs-se a me contar.

Ao contrario das senhoras entrevistadas anteriormente, D. Alice me contou uma história que muito se pareceu com as que eu ouço em casa, nas conversas entre minha mãe e minhas tias, de uma infância vivida com alegria e brincadeiras, como deveria ser com todas as crianças. Ela se mostrava muito feliz ao falar dessa época da vida.

E assim como as demais entrevistadas, até aqui, sua preocupação maior era em poder ler e escrever para ter maior autonomia. Ela me contou que passou por um grande constrangimento por não saber ler, e nessa hora pude perceber na sua expressão uma grande tristeza ao lembrar o fato. Naquele momento me coloquei no lugar dela e pude sentir o quanto pesa você se sentir inferior, menor que os demais a ponto de se retirar de um espaço e do convívio com outras pessoas. E isso fica ainda mais doído quando esse espaço é a igreja, que deveria abraçar e acolher. Fiquei muito comovido com essa parte da narrativa e, confesso, precisei segurar a emoção para não atrapalhar nossa conversa, que me tocou bastante nesse momento, principalmente pelas pausas que ela fez enquanto narrava. Eram pausas de vergonha, pausas de dor. Emoção que retorna na manhã seguinte ao nosso encontro, mesmo já passadas doze horas, enquanto escrevo essas memórias. É impossível não se sentir assim diante da dor expressada por D. Alice. Me despedi e após os agradecimentos que fiz, ela se despede com um Deus te ajude. A todos nós, D. Alice, disse eu às 19h 53m.

Foi só o tempo de trocar o copo de água e, convocada por D. Alice, D. Cecília aparece. eram 20h quando, alegre e disposta, após minhas boas vindas, ela ocupa o lugar indicado. D. Cecília já tinha dito, na sessão coletiva de conversa, parte de sua história, e eu esperava que ela adentrasse com mais detalhe. Sempre com uma postura segura e voz firme, olha direto no olho de seu interlocutor, no caso eu, ao responder cada pergunta. E responde de uma forma quase didática, procurando se fazer entender. Várias vezes ao citar palavras que ela achava serem desconhecidas por mim, emendava sinônimos (mesmo que sem ter ainda, noção esse termo), e eu, assentindo com a cabeça, dizia compreender seu esforço e suas palavras. As emoções e sentimentos expressados por meio da entonação de voz que se alternava uma hora ou outra. D. Cecília me pareceu, até aqui, a mais segura das entrevistadas, tanto do ponto de vista de estar na situação de entrevistada, como segura em dizer o que pensa e sente. Estava serena e a vontade, recostada na cadeira, parecia que recebia um velho amigo para um café com pão de queijo e um dedo de prosa, como toda boa mineira.

A fala mansa, clara e o sotaque característico de Minas Gerais, ficaram registrados em minha memória, sou um admirador dos diferentes sotaques desse Brasil. A história de D. Cecília já tinha me causado sentimentos semelhantes aos sentidos na conversa com D. Alice, quando da sessão coletiva de conversa, mas ao longo de nossa prosa nesse dia, eu me solidarizei inúmeras vezes com ela em suas dificuldades. Essas dificuldades sofridas não a fizeram desistir de seus sonhos nem a perder a esperança em dias melhores. Apesar da dureza da vida, D. Cecília é uma pessoa que não guarda rancor dos que a fizeram sofrer e, tem consciência que há traumas que persistem ainda hoje e dos quais ela tenta se libertar e afirma sempre que o amor pesa mais que as dores na balança de sua vida.

Apesar de todas as entrevistadas dizerem, até aqui, desconhecem a palavra gênero, seu uso e significado, me parece bastante evidente que numa hora ou outra da vida essas mulheres, ainda que ativas como D. Cecília, tenham sucumbido, mesmo sem saber, às implicações que o discurso de gênero lhes impôs. Teve momento durante a prosa com D. Cecília que eu pensava, essa não era uma mulher submissa, mas aí, na continuação da narrativa, vinha um fato que desconstruía essa ideia. Um fato que marca bastante essa desconstrução de D. Cecília na minha cabeça é que ao voltar para casa de seu pai, separada e com dois filhos, aceita a condição imposta por ele de não mais se relacionar com homem algum. Aos trinta e seis anos de idade, uma mulher se anula, enquanto mulher, por uma questão de necessidade e sobrevivência sua e de sua prole, em favor de um machista. A esse fato ela alega que o pedido do pai não teve peso, pois, ela mesma já não desejava outra coisa senão cuidar dos filhos. Na sua altivez ela reconhece que, o desejo da mulher que há em si, foi se acostumando, biologicamente, à falta de homem, e a mãe falava mais alto.

Não posso julgá-la por ter se submetido a essa condição, mas confesso que torci para que ela superasse esse obstáculo imposto pelo pai, mas para minha tristeza, isso não se concretizou e ela permanece até hoje, se dedicando aos filhos. E faz isso com uma liberdade de expressão e de diálogo, que me surpreendeu ao saber. Pessoas nessa idade, ela está com quase sessenta, não tem um diálogo aberto com os filhos. Ela me disse, orgulhosa, que quando precisou, foram os filhos que deram banho nela, sem nenhum constrangimento de parte a parte. E que brinca, sagazmente, com eles quando algum dorme fora de casa.

D. Cecília provocou em mim uma gangorra de sensações ao longo da sua narrativa. Alegria por ver uma mulher, idosa, com mente tão aberta numa hora e tristeza quando diz coisas que para ela parecem decretadas como certas e definidas, como quando aborda a questão de sexualidade ao falarmos do que é ser mulher. Num momento de equívoco não apenas dela, mas também de muitas outras pessoas que pensam que falar de gênero é falar de sexualidade. Não a culpo, mas confesso que fiquei com desejo de que ela fosse mais bem informada sobre casa um desses temas.

Ao longo de nossa conversa, Adriana, que mais uma vez se desculpendo, nos solicita que passemos à sala dos professores, para que a sala onde estávamos fosse ocupada por uma turma. Atendemos ao seu pedido e ao chegarmos na sala de destino, uma professora aplicava uma avaliação a uma aluna e um aluno, me pareceu uma avaliação em segunda chamada ou coisa assim. Pedi a D. Cecília um pouco de paciência para que aguardássemos os alunos concluírem suas atividades. Ela pacientemente respondeu: “fica tranquilo, ta tudo bem.”

Não demorou o aluno entregou sua prova e saiu. Ao retornar à sala, Adriana levou a moça para outro espaço a fim de liberar a sala para que continuássemos nossa prosa.

Ajustei a máquina e voltamos a prostrar. Já estávamos perto do fim do roteiro de perguntas e ao final delas, deixei espaço para D. Cecília se expressar livremente. Ela mais uma vez se mostrou doce e gentil ao falar do quanto é bom poder ajudar e contribuir com que precisa, falou que gostou muito de poder me ajudar e ajudar à minha pesquisa, que amanhã poderá ser o filho dela quem precise e, continuou a falar coisas boas e delicadas que todos nós, humanos, gostaríamos de ouvir mais e, cada vez, de mais pessoas. O esgotamento das pilhas fez a máquina se desligar e, D. Cecília tentou me mostrar o recolhimento da lente, que eu já tinha percebido pelo barulho característico que ela faz, mas não deixei que isso interrompesse sua fala, acenei como dizendo, deixa ela pra lá. E ficamos ali, de prosa, mais uns cinco minutos falando da vida, das pessoas e do mundo. Enfim, falando de nós.

Às 20h 59m eu agradei a D. Cecília a gentileza da prosa, e brinquei que só faltou o café e o pão de queijo ( com sotaque mineiro) pra comemorar. Ela, que faz salgados e se gaba a todo o momento dos filhos bem educados, que serão um “achado para a moça que conquistar eles”, se despediu cheia de alegria, assim como chegou.

Entrevistas com D. Idelice, Dejanira e Diva. 11 de abril de 2019

Chegamos à porta da escola às 18h 45m. Como de costume, Edmar estava em seu posto, cumprimento feito, prontamente ele nos indica o caminho. Seguimos e encontramos Adriana, já em pé na grade de acesso ao interior da escola, que conversava com uma aluna e nos recebe com um sorriso e um aperto de mão. Terminada a conversa, logo nos conduz à sala de informática, local, onde na maioria das vezes realizamos nossos encontros.

Ao entrar na sala, fica evidente que o lanche servido nesse dia era uma sopa. E como deveria estar gostosa! Pelos espaços de ventilação que ligam a cozinha à sala de informática, passava o aroma que nos fazia ter esse pensamento. Liguei o ventilador para afastar nossos pensamentos da sopa e nos concentrarmos nas entrevistas da noite. Como sempre, o receio era do barulho da cozinha invadir nossas gravações, mas isso já não assustava tanto, tínhamos nos acostumando. Adriana volta à sala, como sempre muito solícita, e se oferece a chamar nossa primeira entrevistada, D. Idelice. Aguardamos uns cinco minutos e ela aparece sorridente nos cumprimentando e se desculpando pelo pequeno atraso. Suada, ainda estava ofegante, pois acabara de entrar na escola. Sugerimos que antes de iniciarmos, ela ficasse à vontade para se recompor, lavar o rosto, beber água, enfim, ficar bem. Ela aceitou a sugestão e saiu assim como entrou, sorridente.

Passados uns cinco minutos, ela ressurgiu se dizendo pronta, abraça a mim e a Roberto e já pergunta onde deve se sentar. Indico o local e ela se acomoda. Roberto liga a câmera, eu o gravador de voz do celular, que fica em minha mão e tem garantido uma melhor qualidade de som para transcrição que a câmera, certamente por ficar mais próximo da origem das falas. Mas, nem por isso deixa de captar os sons que invadem a sala, vindos da cozinha.

D. Idelice começa nossa conversa, às 19h 15m, um pouco nervosa, coisa normal, além de aparente em sua expressão facial, a mão batendo sobre a mesa nos dava a certeza. Mas esse nervoso inicial logo se dissipa e ela, mais relaxada, começa a expressar-se espontaneamente. Neste dia o barulho que vinha da cozinha incomodava mais que de costume e isso me incomodava. Pensei em ir falar com quem estivesse lá, mas afinal, quem sou eu para mudar a dinâmica do lugar?! E mais cedo ouvi Adriana solicitar aos alunos que por ali estavam a conversar com as merendeiras, para irem para suas salas, e a resposta não pareceu de quem aceitou sugestão. Assim resolvi ficar concentrado no que dizia D. Idelice.

Não sei se pelo nervoso, ou por falta de exercício do rememorar, ela começou a nos contar sua história de forma resumida, eu para deixá-la mais à vontade, pedia que ela me contasse histórias e incentivava puxando o fio da meada de onde eu podia. Creio que ela não esteja acostumada a ser ouvida atentamente. Ela ao falar da família se emocionou ao ponto de correr lágrima pelo rosto. Apesar das muitas irmãs e irmãos de diferentes idades, percebemos que os laços familiares ali são intensos. D. Idelice mistura sorrisos com lágrimas com muita facilidade. Ah! Como é bom estar com pessoas que nos emocionam e nos fazem rir numa mesma conversa. A vontade era de ficar a noite toda conversando com aquela mulher forte e ao mesmo tempo suave e serena, cujo bem querer por quem estar ao seu redor, motiva e anima para dias melhores, com humanos melhores. Assim como a maioria das senhoras que entrevistamos, D. Idelice também traz um forte sentimento religioso, no caso dela, de origem católica. Ela fez questão de dizer fazer parte do apostolado da oração. Na sessão coletiva de conversa, D. Idelice se mostrou a mais calada das participantes e me pareceu uma pessoa tímida, hoje se confirma essa sensação. Mas, apesar da timidez, ela se expressa com uma verdade inegável. Deixando seus sentimentos virem à tona, talvez seja esse o motivo de ficar tão quietinha naquele dia. Terminamos nossa conversa às 19h 46m, muito alegres e sorridentes. Agradei muito por sua participação e ela nos devolve palavras de esperança, alegria e confiança no ser humano. Ao nos deixar, ela nos disse: Deus abençoe, como todas as

outras. Mas esse veio acompanhado de um abraço gostoso em mim e outro em Roberto. Um abraço de mãe que ama e quer o ajudar o quanto puder.

Como eu não sei em qual sala cada uma das entrevistadas estuda e não queria sair de uma em uma à procura delas atrapalhando as aulas, sai em busca de Adriana para chamar D. Dejanira, a próxima a ser ouvida. Encontrei Dinha pelo caminho e ela, prontamente, se dispôs a ir à busca da entrevistada. Passado pouco tempo, adentra a sala Dinha acompanhada de D. Dejanira. Dou a boas vindas, nos cumprimentamos e indico seu lugar. Ela já sentadinha, aguarda um pouco enquanto ligamos os equipamentos. Naqueles rápidos segundos, observo o rosto de D. Dejanira e me vem a cabeça a imagem de uma criança perdida que precisasse de amparo, não sei por que senti isso, mas o olhar perdido por trás dos óculos pesados, que deixavam os olhos maiores do que realmente são, me passaram essa ideia. Às 20h começamos. Ela foi uma das poucas a me dizer em que ano nasceu, apesar de mais adiante falar que tem dificuldades em memorizar. Ali estava, mais uma vez em minha frente, uma mulher que teve que se fazer forte desde criança pra enfrentar a dureza da vida. A história de Dejanira se assemelha com algumas já contadas, mas as dores sentidas, certamente, eram muito diferentes das demais, pois cada uma sabe pelo que passou. E mais uma vez eu me punha no lugar dela. Ao passo em que ela ia narrando, as imagens se formavam em minha cabeça, cada uma delas: a criança ora com a foice, ora com o facão a desbravar mato e a cuidar de animais. Pela estatura e porte do corpo, fiquei imaginando D. Dejanira na lida com o trabalho braçal no campo e com animais, com a dificuldade de enxergar, que provavelmente, penso eu sem nenhuma prova, não deveria ter sido ainda percebida para a devida correção com o uso de óculos. Talvez fosse esse o último dos problemas daquela criança, mas me veio à mente esse pensamento. D. Dejanira foi uma das mulheres que ao falar do mundo, da violência e coisas afins, deixou claro, apesar do não falar, que ela vivencia com mais frequência, as drogas em seu caminho, afirmo isso por que ela, ao tentar falar que evita “certas coisas” e que, muitas vezes, “é preciso fazer de conta que não vê, mesmo vendo”, deixava claro esse convívio. Eis aqui uma senhora que se adaptou à sua realidade. A violência não deixou de existir na sua vida, ainda que de forma diferente. D. Dejanira nos deixa, às 20h 22m, com a simpatia da chegada. E com o mesmo olhar de criança perdida e ingênua que precisa de cuidado, parte dizendo um Deus te ajude para Roberto e para mim.

Tínhamos terminado nosso trabalho de entrevistas com todas as senhoras que estavam presentes naquela sessão coletiva de conversa. Arrumamos nossas coisas e deixamos a sala conforme achamos, organizada. Saímos e ao chegar ao corredor, me lembrei de que no evento sobre pesquisa militante na Uesb, vi D. Diva, aluna da Antônia, e que por motivo pessoal não pode ir à escola na noite da sessão coletiva de conversa, e que, portanto não estava agendada para ser entrevistada. Não podíamos ir embora sem aquele depoimento, disse a Roberto. Ele prontamente se dispôs à tentativa. Fomos à sala da direção e Dinha, como sempre, saiu prontamente em busca de D. Diva. Nosso encontro foi no corredor, nos cumprimentamos e perguntamos se ela aceitaria conversar conosco. Ela prontamente disse: é o rapaz da Uesb, né?! após explicar sobre a pesquisa, seus objetivos e metodologia, ela nos diz um sincero: “aceito sim”. Voltamos à sala de informática, e ao sentar pude perceber que as luzes da cozinha já estavam apagadas. Finalmente um depoimento sem o tilintar de pratos, panelas e talheres. Era um alívio! Sentamos e D. Diva muito tranquila e calma, foi conversando e respondendo às nossas perguntas. Se D. Dejanira foi uma das poucas que souberam o ano de nascimento, D. Diva foi, certamente, a mais segura em fazê-lo, sem piscar nem gaguejar, soltou direto um 7/12/1947. De imediato me veio à mente, que aquela senhora em minha frente era, apenas, cinco anos mais nova que minha mãe, ainda que sua aparência negue essa pequena diferença. Minha mãe e D. Diva tiveram, seguramente, diferentes percursos de sofrimento na vida. O envelhecimento, aparente, de D. Diva foi adquirido pela labuta na roça desde criança, assim como o de muitas outras que ouvimos, o de minha mãe não passou por

esse caminho. A conversa com D. Diva foi uma das mais curtas que tivemos, ela deixou de responder a algumas perguntas, apesar da minha tentativa de explicação de varias formas. Mas, nos deixou a alegria de saber que mulheres como ela existem e resistem. Para quem iniciou nossa conversa quieta e comedida, D. Diva sai às gargalhadas após nos contar um pouco da sua história.

De uma forma geral, nossas conversas transcorreram sempre num misto de sentimentos. Elas vieram com o orgulho de ter vencido tantas batalhas, dos filhos criados, e da alegria de poder buscar, na leitura, uma forma de serem mais autônomas, também trouxeram a vergonha que, outras vezes,, as impediam de exercerem sua fé. E em nós ficaram as alegrias por cada conquista dessas senhoras, a tristeza por conhecer o percurso sofrido de muitas delas, esperança pela visão que muitas têm sobre a vida e de como podem fazer para melhorá-la, e desalento quando percebemos que a falta do senso critico pode deixa-las exatamente no mesmo lugar de oprimidas, ainda que elas não a tenham essa visão. Muitas vezes as dores sentidas por essas mulheres não têm para elas o sentido exato de dor, da opressão ou submissão, algumas veem com resignação e providência do destino ou de Deus, como muitas chamam, as situações que vivenciaram.

A cada entrevista recebemos um carinho, um afeto diferente. Desde um sorriso envergonhado a um abraço caloroso, todos eles vieram de mulheres que, apesar de todo percurso de dor, são cheias de vida e de amor. Independente da religiosidade, de diferentes vertentes, presente em todas elas, e o amor e afeto sobressaem aos dogmas e roteiros; às formulas prontas, ao previsível. Buscamos historias de vida e encontramos, em alguns momentos, sobrevidas com lutas vencidas a cada dia e cheia de dores, algumas, superadas; em outros, vidas vividas em abundância; alegria pela condição atual; pelos filhos prendados; pelas viagens que, hoje, lhes é possível e por estarem na escola em busca de dias, ainda, melhores.

Entrevista com as D. Maria de Fátima e D. Maria do Carmo. 04 de abril de 2019.

Esse dia foi o inicio das entrevistas individuais com as senhoras, conforme tínhamos agendado na primeira reunião, a primeira participante seria D. Maria de Fátima.

Dessa vez cheguei na escola as 18h 50m , quando parei o carro vi minha primeira entrevistada entrando pelo portão, chegamos juntos à escola, fiquei bem contente, pois, apesar da afirmação dela que iria participar, fiquei receoso que desistisse pois foi a ultima a confirmar, me parecendo insegura.

Entrei passei pelo simpático Edmar, vigilante do turno que me apontou o caminho e fui procurar por Nea ou Dinha. Na sala dos professores, encontro Nea conversando com outras professoras e para minha surpresa, encontro uma colega do colégio Militar, que aposentada do Estado, leciona matemática na Antônia, pelo município. A noite começou bem com esse encontro. Trocamos informações sobre amigos comuns e que não vemos e um abraço marcou a despedida. Ela foi para a sala e eu fiquei ali esperando minha entrevistada.

Não demorou e ela apareceu. Pareceu-me ansiosa, suave um pouco além do que sugeria a noite de clima ameno. Fomos a sala de informática, onde aconteceu a reunião anterior e comecei a arrumar o espaço para a entrevista, posicionei a câmera troquei D. Maria de Fátima de lugar para enquadrar a filmagem e quando íamos iniciar, chega a profa. Adriana pedindo desculpas e dizendo que um professor precisaria usar aquele espaço. Apesar de eu ter feito o comunicado à direção sobre o uso do espaço nas terças e quintas, dias programados para as entrevistas, não me opus a ceder a sala. E pedindo desculpa a D. Maria de Fátima que usa uma muleta para se locomover, fomos para a sala dos professores.

Na sala dos professores tem uma parede que não chega ao teto, deixando um vão que permite a passagem do barulho que, pela proximidade da sala dos professores com as salas de aula, seria inevitável ser captado pelo microfone.

Para posicionar a câmera de forma a permitir um bom enquadramento da participante, peguei um dos vasos que decorava o espaço numa estante e o coloquei sobre a mesa. Parecia que foi feito para aquilo, ser suporte de câmera, a altura ficou ótimo. Liguei a máquina e iniciamos.

Fui fazendo as perguntas que estavam ali no roteiro e D. Maria de Fátima parecia um tanto nervosa, o suor agora aumentado, deixava o rosto brilhante contra a luz, o cabelo bem preso num rabo de cavalo dava sinal de que ela teve a preocupação de se arrumado um pouco mais para nos receber. Às 19h 30 min iniciamos o diálogo, Não sei se pelo nervoso ou por desconhecer, ela não soube me dizer o ano em que nascera. Como eu já sabia, pois ela tem 62 anos, nascera em 1957, não fiz questão da informação, era apenas para registro.

À medida que fomos conversando, o nervoso inicial foi serenando e ela parecia agora à vontade diante de mim. Observei que naquele momento a câmera parecia não existir. Em nenhum momento percebi D. Maria de Fátima preocupada com aquele equipamento. Estávamos ali a papear, ela sempre me chamando de senhor, mesmo eu tendo dispensado, no cumprimento inicial da noite, esse tratamento. Mas não quis intervir, deixei-a ser quem é com seus modos e costumes. No percurso da entrevista, ela se mostrou tranquila e ia narrando sua vida de forma calma, voz límpida e suave e com expressão de estar bem naquele lugar. Em certo momento da conversa, ela baixou um pouco a cabeça se recusou a dizer algo que, certamente, tem a ver com o que tinha me levado até à escola, nesta pesquisa, mas respeitei sua decisão de deixar o fato reservado em si. Eu disse que respeitava sua decisão e ela continuou, sem pressa, a nossa conversa. Como eu imaginava, a meia parede da sala dos professores, deixou entrar o barulho que se fez, na sala de aula vizinha, ao movimentarem cadeiras e elevarem as vozes dos que ali estavam, por um instante imaginei que estavam se colocando em grupos, voltei rapidamente minha atenção para D. Maria de Fátima e tentamos ignorar o barulho, já que a conversa fluía tão bem. Procurei intervir o mínimo possível, olhando em seus olhos e demonstrando atenção, vez por outra ela buscava meu olhar como se esperando uma aprovação ou comentário, eu devolvia o olhar e emitia sinais balançando a cabeça, como que respondendo à sua busca, para manter e incentivar o “diálogo”.

Nossa conversa durou gostosos 37 minutos e ao final, disse que ela ficasse a vontade para falar o que quisesse e pensava e o que sentiu dessa experiência, ela fez elogios, disse que gostou muito de mim e ao sair pegou em minha mão e desejou as “bênçãos do senhor” em quem ela acredita, mas o fez de uma forma tão suave que as palavras pareciam flutuar de tão leves, me senti realmente abençoado naquele momento, como se eu tivesse sido calorosamente abraçado por ela. Às 20h e 08m ela pediu licença e sumiu dobrando à esquerda no corredor em direção à sua sala de aula, eu fiquei ali, em pé na porta da sala dos professores, onde me despedi de D. Maria de Fátima, à espera de D. Maria do Carmo.

Alertada por D. Maria de Fátima sobre a sua vez, D. Maria do Carmo não demorou a aparecer por onde D. Maria de Fátima tinha sumido. Eram 20h 10m quando ela apareceu e sumiu novamente na mesma direção. Fui verificar o que havia acontecido, pensei que ela tivesse desistido. Mas não, ela voltou para verificar o que estava acontecendo com outra mulher, mais nova que ela, que sentada num banco no corredor, chorava baixinho e a me ver, parecia querer esconder o que ocorria. Não me aproximei para respeitar esse momento dela, mas de onde eu estava, pude ver Dinha, fiz sinal e ela, entendendo, fez gestos que indicava já saber e estar resolvendo a situação. Voltei para a sala dos professores e aguardei D. Maria do Carmo, que chegou em seguida, eram 20h 15m, dizendo, que Dinha já está resolvendo, e asseverou: “vamos logo com isso que eu só tenho dois minutos”. Como D. Maria? Perguntei eu sem entender. Ela repetiu: “eu só tenho dois minutos porque estou fazendo uma tarefa na

sala, quero voltar lá sem demora”. Achei engraçada a forma como ela falou, me diverti com aquele momento, mas preocupado que a pressa dela pudesse prejudicar nossa entrevista. Falei que se ela quisesse poderíamos deixar pra outro dia, no que ela prontamente respondeu: “não é hoje mesmo, vamos lá”, quase que ordenando, eu apenas obedeci.

Perguntei que atividade estava fazendo em sala, ela disse ser uma leitura. Parabenizei-a pela dedicação e falei que nós demoraríamos um pouquinho mais que dois minutos nessa conversa. “vamos ver” disse ela.

Liguei a câmera e comecei a seguir o roteiro. D. Maria do Carmo também não soube responder o ano em que nasceu. Mais uma vez deixei de lado essa informação, ela tem 71 anos, nascera em 1948, diz os arquivos da escola. Como ela já tinha adiantado um pouco de sua vida na sessão coletiva que fizemos dois dias antes, eu já esperava sua narrativa na mesma vertente. À medida que conversava, parecia ter se esquecido do tempo, dois minutos!, e foi falando sobre sua vida, me lembrado vez por outra o que já tinha falado na sessão coletiva. Eu assentia mas forçava uma nova narrativa. Mulher, magra, branca de olhos claros, cabelos alvos e não volumosos ornados por um lenço claro que fora colocado por detrás da cabeça culminando com um laço acima da testa, D. Maria do Carmo se mostrava uma mulher forte, apesar do corpo franzino. Olhava no olho a todo o momento, exceto quando, assim como D. Maria do Carmo, disse que “tinha certa coisa que não ia falar aqui”. Pelo contexto da conversa, percebi que se tratava de um abuso. Coisa que mais tarde me pareceu mais evidente quando ela diz no meio da conversa que “ele não quis assumir o mal feito”, entendi o sentimento daquela senhora.

D. Maria do Carmo é uma mulher agitada e vibrante. Aos 71 anos de idade, a garra que tem para estar na escola, estudar e “recuperar o tempo” é para ela uma alavanca de a motivação para o viver. Apesar de todo o sofrimento e desamparo por que passou e foi vítima, ela não se tornou amargurada, ao contrário, tem muita esperança no verde do olhar e alegria no rosto. Em certo momento da conversa, ela se dá conta que já se passaram bem mais que os “dois minutos” ordenados no início da conversa e já responde as perguntas como que querendo se levantar e correr para a sala de aula. Eram 20h 40m quando eu, para não retardar muito mais essa vontade, e entendendo que no decorrer de sua fala foram adiantadas algumas perguntas que se seguiriam, deixei-a a vontade para realizar o sonho da volta e agradecendo me despedi dela, que, também, me desejando bênçãos sumiu, no mesmo lugar, tão apressada como surgira.

Arrumei a mesa da sala, recoloquei o vaso na estante, passei na sala de Nea para pegar um documento assinado por ela, necessário ao envio do projeto à plataforma Brasil, bati na porta, e a voz do outro lado me mandou entrar, vi que ela estava, ao lado de Dinha, com um aluno que ao lado da mãe, não estava com uma cara boa, me desculpei pela interrupção e retornei para aguardar do lado de fora. Não demorou e Nea, com o documento em mãos, saiu e me disse: “desculpa coisa séria aqui pra resolver”. Parti pensando em quão numeroso deve ser o numero de problemas, como aquele que ali se apresentava, ela enfrenta na sua rotina. Passei pelo simpático porteiro, que alertando, calmamente, um aluno sobre algo que não se podia fazer ali, dei boa noite, agradei e fui para casa.

## 2ª. Sessão coletiva de diálogo. 11 de novembro de 2019

Fomos os primeiros a chegar na escola esse dia, passamos por Edmar que sempre a postos no seu portão recebe a todos. Nos dirigimos à sala da secretaria para solicitar a abertura da sala de informática onde se deu nossa sessão .

D. Maria de Fátima foi a primeira a chegar, um pouco suada pois segundo ela mesma, tomou a sopa com pressa pra vir ao nosso encontro. Ao poucos foram chegando as demais, D. Cecília, Dejanira, Alice, Maria. Do Carmo e D. Diva.

Essa sessão teve como objetivo dar conhecimento às senhoras de parte do texto em que trato da apresentação das sujeitas e de registrar, mais uma vez, agora de viva voz, o consentimento de cada uma sobre seus nomes figurarem na dissertação. Iniciamos a leitura referente a cada uma delas por D. Alice, buscamos seguir a ordem em que aparecem no texto, que foi por ordem de entrevista concedida. Expliquei para D. Alice que faria a leitura e se ela achasse algo que não estava correto, poderia me interromper que faríamos o ajuste, ou caso não compreendesse algo, que pudesse perguntar. Ao passo em que eu ia lendo eu perguntava a ela sobre a veracidade e sentido do texto narrado por ela tinha mesmo o sentido que foi dado na escrita, ela concordou em todos os pontos e ao final, questionada se tinha algo acrescentar, foi taxativa e disse que era aquilo mesmo. perguntou se podia sair de volta para a sala e eu respondi com outra pergunta. Se ela não gostaria de ver as histórias de suas colegas, ela permaneceu na sala a nos ouvir.

D. Cecilia. Iniciei fazendo os mesmos esclarecimentos à D. Cecília, ela disse que já tinha compreendido e iniciei a leitura. Ao passo em que eu relembra a ela sua narrativa, ela voltou a chorar, seus olhos deixaram cair lágrimas e fez-se um silêncio de compreensão. Ela se pôs a comentar para as demais sua situação a fim de explicar o choro e houve uma interação nesse momento, onde D. Diva e D. Dejanira se puseram a acrescentar informações de vida semelhantes e D. Cecília voltou a ouvir minha leitura sempre afirmando a cada frase referente à sua narrativa. A o final disse que se fosse contar toda sua vida levaria muito tempo ao que praticamente todas fizeram menção de estarem na mesma situação, D. Dejanira falou que três meses seria pouco para ela botar tudo num papel. Rimos e após um breve tempo de troca de apoio e solidariedade feminina, retomamos os trabalhos. Ao realizar a pergunta sobre seu nome publicamente colocado no texto ela diz que pode colocar o nome todo, afinal estou falando de mim mesma, não é de ninguém. Mais uma vez todas riram e fomos para D. Dejanira.

D. Dejanira como sempre com aquele ar de menino perdido, acompanha a leitura sobre sua narrativa com atenção e vai fazendo pequenos comentários a cada frase que a leitura a fazia lembrar, ela mesma tinha dito que nem se lembrava mais o que tinha falado na entrevista. Mas concordou com tudo que estava escrito e ao ser perguntado sobre a publicação de seu nome no texto final, disse: “se as outra tudo aceitou, não sou eu quem vai dizer não. Bota meu nome aí”. Mais um momento de risadas e solidariedade feminina em confirmar que falam apenas de si e não de outros, terceiros.

Com D. Diva feito o mesmo ritual de perguntas e explicações, ao que ela disse que “já to sabendo” passamos a leitura e como as outras, a cada afirmação contida no texto ela assentia com a cabeça deixando claro que estava de acordo e fazendo pequenos comentários. Ao final afirmou mais uma vez que pode botar meu nome. Pelo seu tom de voz, todas riram mais uma vez, foi um momento de descontração sempre que elas afirmavam a autorização do nome no texto, pois se repetia a ideia de que falavam de si mesmas.

D. Fátima já foi falando que já tinha entendido as explicações e passamos ao texto. Como todas as outras, a cada narrativa lida ela assegurava a veracidade ao balançar a cabeça em concordância seguido de breve comentário. Assim como D. Dejanira, ela diz que se fosse contar tudo que ela passou na vida nem sabe quanto tempo ficaríamos ali. Eu voltei a questionar uma de suas afirmações contidas no texto sobre se ela gostaria de voltar ao tempo de seus anos. No texto ela afirma que sim, mas sem os pais para mandarem nela. E ela volta a afirmar que sim, gostaria de voltar sem pai nem mãe, “que Deus os tenha”. Chega a ser engraçado a contradição do gostar e não desejar os pais perto, mas fica claro que essa convivência não foi positiva.

D. Maria do Carmo. Após a explicação sobre o objetivo do encontro, passamos a leitura do texto e ela como sempre vai consentido com minha compreensão de sua fala no texto e fazendo comentários confirmando as histórias. Com ela tive uma pequena dúvida sobre fatos e datas que ela esclareceu, como por exemplo o fato de ser quando criança ter vindo morar em Conquista e brincar no rio. O brincar foi em outro lugar e sobre seu estado civil. Ela não teve problemas em esclarecer.

Ao final avise que tínhamos um café par elas , mas nenhuma quis ficar para o lanche, afinal, tinham comido a sopa n início da noite, na escola, e estavam interessadas em fazer a atividade avaliativa na sala. Sobre isso eu já tinha falado com a professora e ela sugeriu fazer em outro momento, sem prejuízo para as senhoras. Mas elas sempre muito dedicadas, preferiram não arriscar e se foram.

#### Encontros para escuta das perspectivas de futuro 26 novembro de 2019

Esse quarto encontro foi pensado para ser uma SCD para que cada senhora pudesse responder a questões sobre o futuro e perspectivas de vida. Porém, quando da realização da 2ª. SCD realizada para discutir os discursos de gênero que permearam suas vidas, a partir de fragmentos de fala de cada uma delas, percebi que, o fato de estarem juntas, naquele espaço coletivo, algumas delas omitiu ou mudavam de ideia ao passo em que achavam melhor concordar, publicamente, com uma posição mais livre e progressista de outra. E isso nos levou a mudar o formato do que seria a 3ª SCD e transformamos esse encontro em momentos individuais.

Chegamos a escola por volta das 19h e nos pomos a cumprimentar as pessoas que tão bem nos acolhem, ficamos um pouco na sala da direção, a conversar com Nea, fazia algum tempo que não nos víamos, pois a agenda ela não batia com nossa estada na escola, passamos na secretaria e apoio. Ainda na sala da direção fomos informados que a sala de informática, local que usualmente utilizamos para nossos encontros, estava ocupada com o prof. de artes a ensaiar uma apresentação para a culminância da semana da consciência negra. Neste momento a diretora reafirmou que, na EMACS todos os projetos que acontecem nos turnos diurnos da escola são trazidos para o noturno, afinal todos precisam ser incluídos, disse ela.

Uma possibilidade que nos foi dada era a sala dos professores, mas acabamos sendo alocados na secretaria que naquele momento estava sem seus ocupantes. A escola estava bem movimentada com alunos entrando a toda hora na sala da direção em busca de materiais para confecção de artes. Tintas e pincéis já estavam num lugar de fácil acesso para serem utilizados. Fomos informados, ainda, que para a culminância do projeto seria daqui a dois dias, com a realização um desfile afro na própria escola, que estava toda ornamentada com desenhos, quadros e outros objetos que remetem à consciência negra.

Instalados na secretaria, D. Cecilia foi a primeira que nos contou seus sonhos. Antes encontramos com ela na sala da diretora a justificar que teria que sair às 20h por que precisaria fazer uma sessão de infiltração no maxilar que, segundo ela, havia deslocado do lugar. E a saída nesse horário se repetiria por todo o resto da semana como ela precisava sair mais cedo, logo solicitamos que ela nos concedesse sua fala antes das demais.

Posicionada ela responde, como sempre, sem timidez e com toda desenvoltura às nossas perguntas. Sempre sorridente, ela começa a falar que já fez um poema sobre sua vida, e nos avisando que sempre chora ao recitá-lo, e chora no decorrer do poema. Muito bom ver aquela mulher alegre criar arte sobre si mesma, seu sofrimento que tanto marcou sua vida e também sobre a alegria de vencer, culminando com a satisfação pela criação dos filhos. Muitos foram os momentos que D. Cecília faz alusão aos tempos difíceis, mesmo fora do contexto da pergunta, mas isso só enriqueceu o trabalho e o direito de expressão foi usado

sem limitação. Alegria maior foi saber que ela ainda pretende comprar uma casa financiada para i e seus filhos, essa aquisição fará dela “uma mulher realizada”.

D. Maria de Fátima veio a seguir e sempre leve deu seu entendimento para cada pergunta com muito bom humor, ela que sempre ficava um pouco acanhada, nos encontros anteriores, nesse se mostrou muito à vontade e bem humorada. Falou de si algumas vezes com pesar, ao lembrar dos momentos difíceis e com bastante alegria dos planos e incertezas do futuro, como da incerteza se vai continuar seus estudos e da insistência dos filhos para que ela persista. Respirei aliviado ao saber que a família a incentiva e tem até um filho que “puxa” a orelha dela para continuar.

D. Alice com sua voz suave nos conta de seus sonhos e perspectivas futuras, se alegra ao falar dos cursos de culinária que faz e pretende continuar a fazer, do curso de gastronomia que pretende cursar e da futura lanchonete que pretende abrir no próximo ano, 2020.

Ao se despedirem, todas elas se mostram bastantes felizes por terem chegado nessa fase da vida como estão, de vencer as dificuldades, que não foram poucas e de terem se tornado mulheres realizadas na maternidade e na criação dos filhos.

Ao procurarmos as demais participantes da pesquisa, D. Diva, D. Dejanira, D. Maria do Carmo fomos informados que elas não estavam na escola aquele dia. Ficamos sabendo, também, que um jovem foi morto nos arredores da escola na noite anterior e que isso poderia ser um motivo para que essas senhoras não viessem a escola hoje. Uma funcionária nos contou muitos ali, na região e na escola, existe uma grande relação de parentesco, não sabia afirmar se seria o caso das senhoras, ausentes hoje, ou se o motivo da ausência fora o medo da violência que, um dia após o crime, ainda imperava na região. Não que ele, o medo, não exista em tempo integral, várias senhoras nos relataram o medo da violência no mundo em suas entrevistas narrativas, mas a ocorrência de fatos reais e próximos torna isso ainda mais visível. Isso me fez lembrar da série, segunda chamada, exibida na Tv, e que trata da EJA, seus sujeitos, dificuldades e, também, de seus bons momentos e sentimentos.

## APÊNDICE C: Roteiro de entrevista narrativa



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO – PPGEn  
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO



### ROTEIRO DE ENTREVISTA

Prezada senhora:

As informações solicitadas a seguir fazem parte do Projeto de Pesquisa “Vozes de mulheres idosas da Educação de Jovens e Adultos: Discursos sobre gênero e suas implicações na vida e na escola”, desenvolvido pelo mestrando em Ensino, Marcelo Lacerda Oliveira, sob a coordenação do Prof. Dr. José Jackson Reis dos Santos. Solicitamos, assim, sua colaboração para responder às questões apresentadas, colaborando com o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Desde já, agradecemos pela colaboração, ao tempo em que nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA PARTICIPANTE

- Nome:
- Data nascimento:
- Local de nascimento:
- Estado civil:
- Profissão e escolaridade do pai e da mãe:
- Módulo no qual estuda em 2019:
- Bairro onde reside:

### INFORMAÇÕES SOBRE O CONTEXTO SOCIAL DA PARTICIPANTE

- Você morava com alguém na época da infância, da adolescência e da juventude? Fale um pouco sobre isso.
- Como é o seu contexto familiar atualmente?
- Como eram vividas as brincadeiras na época da infância, da adolescência e da juventude? Conte-me um pouco sobre isso.
- Você começou a trabalhar a partir de que idade? Conte um pouco sobre essa fase de sua vida.
- Houve alguma coisa que foi marcante na época da infância, da adolescência e da juventude?
- Hoje, na idade atual, o que você pensa sobre o mundo, sobre a vida?

### TRAJETÓRIA DE ESTUDANTE DA PARTICIPANTE

- Você já frequentou a escola? Explique um pouco sobre esse momento.
- Caso tenha frequentado a escola, alguém a incentivou?
- Como se sentiu voltando à escola?
- Já desistiu de frequentar a escola? O que a motivou a fazer isso?
- Na condição de mulher, como foi conciliar estudo, trabalho e casa?
- Por quais razões voltou a frequentar a escola?

- O que é ser uma estudante na idade atual que você tem?
- Quais são seus interesses e necessidades em relação à escola?
- Você considera importante frequentar a escola atualmente? Por que?
- Em relação aos seus colegas de sala de aula, como acontece a relação entre vocês?
- O que espera da escola?

### **DISCURSOS SOBRE GÊNERO**

- Você percebe alguma diferenciação entre homens e mulheres no cotidiano da escola?
- Por ser mulher, já passou por alguma situação constrangedora na escola, em casa, no trabalho ou em outro contexto? Fale um pouco sobre essa questão.
- Em sua opinião, existem comportamentos típicos de mulheres e típicos de homens? Dê exemplos.
- Você se considera, na condição de mulher, que é mais respeitada hoje dos que em outras fases de sua vida?
- Existem grupos pré-definidos na sala de aula somente com homens ou somente com mulheres? Se sim, por que isso acontece?
- Você já ouviu falar sobre a palavra gênero? Fale um pouco sobre essa palavra
- Para você, o que significa ser mulher?
- Na época de sua infância, de sua adolescência e de sua juventude, como era ser mulher? Você acredita que mudou alguma coisa daquela época para hoje?

### **FASE FINAL DA ENTREVISTA E DESPEDIDA**

- Existe alguma coisa que você ainda gostaria de falar?
- Agradecimentos finais pelo mestrando.

## APÊNDICE D: Entrevista com Maria de Fátima

Marcelo (M): Vou perguntar algumas coisas para a senhora, e a senhora responde como puder tá certo?

Maria de Fátima (MF): tá certo.

M: Qual seu nome completo D. Maria?

MF: Maria de Fátima de Jesus Souza

M: A senhora nasceu quando? Data de nascimento?

MF: Eu completo ano dia seis de março , agora.....a data eu não lembro não.

M: certo, não tem problema não. A senhora nasceu onde?

MF: Eu nasci no capinal.

M: aqui pertinho. Qual seu estado civil, qual é?

MF:....

M: a senhora é casada, solteira?

MF: solteira.

M: a senhora se lembra se seu pai e sua mãe estudaram?

MF: se meu pai e minha mãe era estudado?

M: sim.

MF: meu pai e minha mãe não era não,

M: A senhora está em que módulo ou período aqui na escola?

MF: eu estou na alfabetização

M: a senhora mora em que bairro?

MF: Alto Maron.

M:A senhora morava com alguém na época da sua infância?

MF: eu morava com minha mãe e com meu pai;

M: e como era esse convívio?

MF com meu pai e com minha mãe?

M: sim, senhora.

MF: quando eu convivia com meu pai, na idade 10 anos que trabalhava na roça né. Já capinava, ele pegava enxada e fazer o cabinho pequeno pra gente ir para a roça capinar, eu com outro meu irmão mais velho, a gente um período, a gente ia pra roça capinar e no outro período eu ia tomar conta dos meu irmão né. Até que tinha escola na roça, né, tinha uma escola... eu mais meu irmão saia escondido para ir para escola, aí quando ele chegava, ele pegava nois e batia, falava com o nois que nosso trabalho tinha que ser a roça, que nois ia para escola aprender o que não presta e nois continuava indo escondido. mas pegava as roupas p, colocava num saco plástico e escondia debaixo dos pé de batata, suspendia as rama e colocava debaixo e toda vez que nós ia ele chegava e dava uma surra em nois. Ai ele foi, conversou com a professora, a professora conversou com ele e não aceitou mais nois, né.

M: mas, ele pediu a professora pra não aceitar mais vocês na escola?

MF: foi, foi.ai eu mais meu irmão saiu escondido de novo, e chorou, chorou e ela ficou com nois, ai, quando ele chegou lá bateu tanto em nois que as mão inchou de palmatória que ai nois desistiu, nois não foi mais não causa que nois tinha medo dele. Ai nois foi trabalhar em roça, sempre trabalhei em roça, em roça, ai eu tinha que oiá meus irmão,,

M: quantos eram D. Maria?

MF: meus irmão? quanto meus irmão tinha? eu nem lembro quanto meus irmão tinha. Eu era a mais velha, tava com 10 anos. Eu nem lembro quantos anos meus irmãos tinha.

M: mas tinha muitos irmãos?

MF: tem. Em tudo meus irmão são doze irmãos. E a mais velha era eu. E ai é aquela historia, né, a mais velha sempre sofre, né. ai quando eu voltava tinha que barrer casa, tinha que lavar

roupa, lavar prato, final de semana a gente ia pro rio lavar roupa... aquelas calça jeans, ai quando eu lavava mal lavada por que eu não guentava esfregar né, ai minha mãe pegava e esfregava vo meu nariz que chegava sangrar e voltar e botava eu pra lavar de novo eu ia... botava eu pra ir buscar água, daí eu tinha que ficar baixado com a lata na cabeça pra meu irmão ir enchendo a lata d'água porque eu não aguentava suspender a lata, né. enfim, né....aí a gente continua assim, né, trabalhando em roça, prantano impim, prantano batata, prantano feijão, prantano abroba. ai meu pai pegava muita manga naquela época

M: isso era onde?

MF: no capinal. Aí eu tinha aquelas fazenda, daqueles fazendeiros, né, ai meu pai ia e pegava aquelas manga pra pranta capim e aquelas coisa, e botava muita gente pra trabaiá, e naquela época os povo que trabaiava, ele que tinha que dá comida ao povo, né. ai fazia aquelas feijoada, aquelas coisa toda e ai, minha mãe botava a genta pra fazer as coisa, inté que hoje eu tenho muita cicatriz no braço, na perna, por conta queeu botava o tamborete pra ir mexer aquelas panela, ai eu não conseguia que eu era pequena e queimava né. e se nois não fazia, né... pau ne nois. Era assim... eu não tive infância. Eu não sei... eu falo com meus filho... a minha infância foi assim... desde idade de dez anos inté hoje nunca parei, trabalhando, trabalhando, muito, muito, muito. Eu só sei que eu só libertei de meu pai e mais minha mãe quando eu se casei, quando eu compretei quatorze anos pros quinze anos eu casei.

M: a senhora achou bom ficar livre deles?

MF: ó... quando eu fiquei moça?

M: achou bom ficar livre dos pais...

MF: eu fiquei livre de meus pai depois de casada. Depois de casada! Eu era ali prisioneira, não sabia o que era sair, não sabia que era passear, não ia na casa de ninguém, eles não deixava, não tinha amizade com ninguém. Quando chegava uma pessoa assim, a gente ficava oiando pelo canto da porta, ai quando eles oiava pra nois, que passava o olho, nois saia correndo se não apanhava, ai foi aasim... Meu pai sempre tombém... meu pai não, meu pai não era muito brabo não, agora, minha mãe era, minha mãe era muito braba. Minha mãe era braba mais não batia em nois não, quem batia em nois era nosso pai... que batia mesmo. Batia mesmo neu e no outro irmão, né; era eu e meu irmão mais velho, inté quando eu me se casei. Eu ia fazer 15 anos, muito novinha. novinha, novinha, não sabia de nada, nada, nada, nada.

M: e o casamento, a senhora arranjou como?

MF: ai que vem a histora. Meu pai foi pra uma fazenda tomar conta de uma fazenda para prantar capim nessa fazenda, aí meu pai foi, ai meu pai ia e só voltava em oito dias, assim ia na segunda e voltava na sexta de noite. E eu era mocinha.

M: e onde era essa fazenda que ele foi?

MF: era aqui mesmo no capinal. Era aqui mesmo. O que acontece... um dia meu pai chegou e sempre meu pai era assim tomava os gorozim dele lá, Ai meu pai chegou e falou com mãe que tinha de home, tinha rapaz lá que ele ia trazer um rapaz e que ele já tinha prometido a esse rapaz d'eu casar com esse rapaz, ó pro senhor vê. Aí esse rapaz...

M: e a senhora falou o que disse?

MF: eu não sabia nada. Ooo Deus,, eu era uma bestinha vea... eu era besta, era besta. Era novinha, to falano pro senhor, ia compretá 14 para 15 anos, uma coisa assim, né, eu era bem magrinha, bem pequenininha, era aquele povo assim atrasado, sabe? Que trabaiava muito, que não desenvolvia. Ai, quando foi um domingo ele troxe esse rapaz, ai ele foi falou com mãe: aqui é o rapaz que eu falei... que eu tinha uma filha,. Que eu ia trazer ele pra conhecer minha filha. Ai ele vai lá e me chama. Me troxe pra ver esse rapaz... mar moço!!! Eu oiei pra cara dele eu pensei que ele era meu avô, e quando eu peguei na mão do home, eu tava temeno. O home era véi, vei, véi, bem véi. Ai, conversa vem, conversa vai... ai ficou, esse home sempre ino lá em casa. mas nem eu sentava junto dele, nem ele sentava junto de mim. Ai foi rolano, né, esse rapaz pra cá e esse rapaz pra lá. Ai eu não sabia o que era casá, o que era namorá, o

que era nada. Ela não deixava a gente... quando a gente pegava conhecimento com aquelas mais véa, assim, aquelas moça mais véa, mãe não deixava, pra ver que elas me ensinava alguma coisa. Ai quando foi uma vez, a gente foi pro rio lavar roupa, e meu irmão ia comigo, porque meu irmão tinha que me ajudar a botar a bacia na cabeça e me ajuda. E assim, calça jeans meu irmão tinha que me ajudar, eu pegava de um lado ele pegava de outro, Aí eu encrontei com a colega e eu conversando com minha colega, mas bem assim, com medo de mãe, que ficava oiando lá de cima, eu ficava de oi pra ver se ela não tava lá aem cima espiando nois. Ai ela falou assim: mas tu vai casá com esse home? Mas pai disse que é pra mim casá. Ela disse assim: tu vai? Mas eu falei assim, eu faço porque ela disse que eu tenho que casá. Ai quando foi um dia, ele ajuntou um povo lá, meu pai juntou um povo lá, assim, e perguntou, num perguntou a mim não. Perguntou ele se ele queria mermo casá comigo e ele disse que queria

ele não oiou para mim e perguntou se eu queria casar não, ele oiou pra minha mãe perguntou minha mãe se minha mãe aceitava, minha mãe disse se tu quer eu também quero, mas nois não tava junto não. Mar moço!, quando eu oiava praquele home me dava um ódio daquele home.

M: a senhora acha que se sua mãe falasse que não, a senhora casava?

MF: eu acho que não, se mãe dizia não eu acho que não acontecia..... mas eles arrumou, mas demoro né, tempo... acho que eu já tava entrano nuns quinze ano, mas se o senhor oiasse pra mim com quinze ano, o senhor falava que eu tinha dez. ai foi. Aconteceu. A gente casou. Casou,,, eu tinha tanto medo que no dia do meu casamento, quando a gente desceu do carro que foi pra ingreja eu corri e bati a cabeça. Eu corri pra não casá, eu fugi, mas o povo seguiu. O povo me pegou... ai eu falei assim eu caso, mas com tu eu não vivo. Foi... falei. Eu caso, mas com tu eu não vivo. Ai como eu tinha muito medo deles, tinha medo deles, de pai, de mãe, eu tinha muito medo. Ai a gente casô, casô, casô. Eu só seu que gente ficava assim.... ele tomava conta de uma fazenda, né. Ele trabalha numa fazendo esse marido meu. Mas no fundo mesmo era uma boa pessoa, viu. Boa, boa, boa pessoa, apesar que Deus já levou, mas eu .... foi ótima pessoa, mas eu não gostava dele. Eu não vou menti, gostava não. Eu fiquei com ele mas era assim, sabe? Não sentia nada, nada. Não tinha amor, não tinha carinho, não tinha nada. Ei foi foi o que aconteceu, ai a gente casou, a gente ficou morando lá na casa do meu pai muitos tempo, morano lá na casa do meu pai é aquela véa históra ... na hora né.... eu não queria ficar com ele depois de casado, eu não queria ficar com ele, eu alembro que depois de casada mãe ainda me bateu, ainda bateu na minha cara, aí eu fui obrigado a ficar com ele

M: ficar pra cumprir a obrigação da mulher, como se falava naquela época, né?

MF: é... ai eu fui ficar com ele, cumpri a obrigação de mulher, né. Mas ele era ótima pessoa. Não tinha boca pra nada, nada, nada. Tudo pra ele tanto fez como tanto faz, tava bom. Mas eu era muito nova, não tinha experiência ... ó, pra falar a verdade pro senhor, quando eu casei, até meus seio colocaram algodão porque eu não tinha seio. Outra coisa, nem menstruação, desculpa falar isso, mas nem menstruação eu tinha.

M: a senhora pode ficar a vontade pra falar o que lembrar...

MF: eu não tinha. Foi depois de um ano de casada foi que veio menstruação. Depois de um ano. E ai eu fui vivendo com ele, vivendo com ele... mas sem nada. Sem senti nada.

M: mas ele tratava bem a senhora, lhe respeitava?

MF: respeitava, era uma ótima pessoa. Deus levo ele, mas eu não tenho o que falar,

M: viveram quanto tempo juntos?

MF: eu mais ele viveu um tempo, porque depois que eu completei um ano eu fiquei grávida da filha mais velha, né, veio a filha mais velha, aí veio a filha mais velha e, depois veio o outro né, depois veio o outro, ai a gente sei lá e eu sabendo que ali nada. Eu sempre querendo separar dele. Mais, nada tava dano.... ai sei lá... a pena de sair deixar ele, foi

ino, foi ino, foi chegano um tempo aí não deu mais ,né, Aí, eu se separei dele. Se separei dele. E meu filho Caçula, Marcelo, né, meu filho Caçula tava comigo, tinha 3 anos, 3 anos e meio por aí, porque eu tinha meu filho caçula. Mas se separamo assim, nem ele tinha raiva de mim e nem eu tinha raiva dele. Como se fosse assim, dois amigos, sabe? Ele foi pro canto dele, eu fui pro meu....ai depois de certo tempo pra cá, ele poder foi lá para o meu pai e minha mãe morava e eu fiquei tomano conta dos meu filho.

Ai tobem ele começo bebê, bebê, bebê, bebê, bebê, começo se envolvê pra lá, né...mais era boa pessoa. Ai ficou morando sozim, ai eu fui com tempo, eu fiquei com.... ai por tudo eu peguei uma menina e adotei uma menina. Essa menina, quando eu adotei essa menina, eu morava com meus pais, inda não morava ainda. Mas eu já era casada, eu peguei na mão de outra pessoa. Ai quando em vim pra essa fazenda morar com ele, eu já tinha essa menina. Hoje ela mora em Salvador, adotiva. Ai depois com ela, depois dela eu tive quatro filho: dois home e duas mulhé, e tem seis filho porque depois eu adotei, depois, depooooois eu com esses menino tudo eu adotei um sobrinho meu que é meu filho, que eu considero meu filho, esse tá nos Estados Unidos, peguei com três dias de nascido é o amor da minha vida, é um pedaço de mim. Ai o que acontece,,,, eu separei dele e ai fui sofrer, criar esses filho tudo, só não tinha esse sobrinho meu, tinha os cinco, só os cinco.

eu fui trabaiá na casa de família, trabaiava na casa de família, eu tinha que tá lá no trabalho as seis hora da manhã. Ai o que eu fazia... fazia o almoço dos menino, deixava o café, botava assim numa cafeterinha, eu chamava essa menina, que mora em Salvador, que é minha filha adotiva e falava com ela: esse aqui é o café tal hora e tal hora, e a merenda é dez hora, essas aqui é suas comida.

M: e essa mais velha é que cuidava dos outros todos?

MF: sim, ela tomava conta dos outros.

M: assim como fizeram com a senhora?

MF: sim, como foi comigo. Ela tomava conta dos outro. Ai eu trancava a porta e deixava, e nois morava de aluguel, e a casa que nois morava era ali.... eu to vendo a casinha.... ali na Fernando Spínola, só tem que naquela época era só uma filera de casa. era casa, casa, casa . Então eu deixa eles tudo trancado. E ali eu já deixava duas, três bacias pra eles fazer as necessidades deles tudo ali. E aí eu já tinha que tá no trabalho às seis horas, eu trabalha em casa de família, os filho das pessoa tinham que ir pra escola, precisava estudar, né. então eu tinha que fazer o café, pra dá café os menino pros menino ir pra escola. ali sim.... eu fazia café, barria a casa, lavava roupa, passava ferro, fazia comida, tinha que dá conta de tudo. E só vinha embora seis hora da tarde. Quando chegava lá em casa seis hora da tarde, o panavuerdo tava feito. Ai eu ia começar tudo de novo. E desesperada, e foi ino, e foi ino. Ai depois eu arrumei.... assim..... com um teeeeempo, eu arrumei esse home que eu convivo com ele hoje. quer dizer que ele... eu arrumei ele.... na época que eu arrumei ele, ai ele foi tomar..era um rapaz solteiro, nunca casou, a primeira mulher que ele tem sou eu e a primeira tá inté hoje. Ai ele pegou....

M: quantos anos tem isso?

MF: meu marido?

M: não, de casados..

MF: com ele? Vai fazer trinta e cinco anos. aí ele pegou... a gente pegou foi criar meus filho. Aí eu criei os quatro meu e voltei e peguei esse meu sobrinho que a mãe dele teve ele e não teve condições de criar ele, ai eu tomei ele novinho. Aí eu fiquei com seis filho inté hoje eu vivo com esse homem, né, meus filho tudo no mundo, casou, todo mundo foi embora pra suas casa... hoje só tem hoje só tem eu e ele dentro de casa. Foi uma pessoa muito boa, devo muito, muito favô a ele, cuidou de mim porque quer dizer que não cuida hoje por conta do derrame, né, ele já deu dois derrame, né,

È uma pessoa assim, que não pode sair para andar, que o senhor sabe, de muleta, anda pra qualquer lugar pertinho, com duas muleta. Se o senhor dá um taxi pra ele, ele remexe a cidade inteira, mas a pé ele não vai.

M: Deixa eu voltar um pouquinho, a senhora falou que seu irmão acompanhava a senhora na escola, na roça, pra pegar água...e com esse irmão foi assim.... casou arranjado?

MF: Não. Meu irmão não, meu irmão ele arrumô... na época, ele arrumô uma pessoa, uma mulhe, ne meu irmão ninguém mandava não, viu. E aí meu irmão arrumou uma mulhé, não sei se o senhor já ouviu falar... ai pros lado do Cangussu... então ele veio ai com um colega, não me alembro, na época ele veio e arrumo essa mulhé e começou namorar com essa mulhé, namorá, namorá, só porque a mulhé era preta, assim, mais escura do que eu, eles não aceitava, eles dois não quis, foi aquele bam bam bam. Porque meu pai nem minha mãe aceito, inté que meu pai ficou assim, meio amarrado, mas minha mãe não quis de jeito nenhum. Só tem porque ela é bem morena e minha mãe é de minha cor. Meu pai era da cor do senhor e meu irmão tombem é da cor do senhor, só eu que sai puxano minha mãe. Ai o que foi que ele fez? Ele pegou essa namorada e fugiu com ela, fugiu com ela. Fugiu, teve filho com ela e tudo ai não casaram, juntaram

aí meu irmão vem embora pra Conquista, ainda morou aqui em Conquista com ela um bocado de tempo. Ai não sei o que foi, por que foi, aí separaram né, teve quatro filho com ela, aí arrumou outra, uma mulhé que eu gostava dela para caramba, bonita!!! aí não sei como foi tombem não deu certo e separaram.

M: E porque que a senhora acha que com a senhora foi dessa forma, casou arranjada, e com ele foi diferente?

MF: Eu acho porque meu irmão era assim.... o senhor fala sobre o casamento...?

M: sobre o casamento, sobre a vida...

MF: não, mas meu irmão sofreu tombem... meu irmão capinava, meu pai pegava a roça.. nois tinha tarefa de casa pra fazer e tinha a roça assim, meu pai pegava ... eu lembro como se fosse hoje, pegava assim um cabo de bassoura, não sei o que era aquilo....não me lembro, e sai medindo as tarefa de terra, o senhor oiava assim sumia .. na hora que eu chegar isso aqui não tiver tudo capinado vocês dois ganha uma surra. Eu fazia o meu e fazia o de meu irmão. Eu falaca como ele assim, meu irmão chama Adilson, falava assim, Adilson, bora fazer uma coisa.. tu me ajuda capinar e depois eu te ajudo capinar o teu. Eu era um toquim, e ele cortava o cabo de enxada bem pequeno . ai meu irmão me ajudava caponar o meu, e nois voltava e ia capinar o dele.

M: e no caso do casamento, porque a senhora acha que o seu foi de uma forma e do seu irmão foi de outra, diferente?

MF: não sei, não sei não. Não faço a mínima ideia. era tudo doido sei lá ...aquela época eu não sei não...sei lá. Que antigamente a gente entendia, que eu entedia era eles quem arrumava casamento; outras era as filha que arrumava namorado, namorado que arrumava, mas eles não, eles que fazia o casamento, eles que arrumava a filha, não deixava sentar junto:

M: e com suas outras irmãs, foi assim também?

MF: minhas irmã a única que casou só foi eu. Só foi eu, minhas irmã não, quando minhas irmã foi crescendo, foi ficando moça ninguém mandava nelas não, minhas irma por tudo, são doze irmã, doze, quer dizer, Deus levou um novim, ficou onze. Não, com minhas irmã não. Por que casá, casá mesmo foi só eu casei, as outra nenhuma casou. Nenhuma, nenhuma, nenhuma.

M: eu falo assim, por que a senhora foi obrigada a casar, não foi? E as outras não. Isso foi em outra época com elas?

MF: eu canso de falar com elas. Com elas foi tudo diferente, eu falo pra elas, eu aprendi tanto na vida, lavá, passá, cozinha.... de sofrimento, ó eu chegava assim nas casa das pessoa, as pratoa da gente chegava e falaca assim: você sabe cozinhar forno e fogão? Eu falava sei. Mas

eu sabia o que? Quer dizer, cozinhar eu sabia, mas forno e fogão eu não sabia. Mas como eu precisava do emprego, né, com quatro filho, pagano aluguel eu tinha que se virar. Ai ela falava assim: você faz isso e isso pro almoço. Eu falava: ta certo, sim senhora. Ai eu ficava. .. eu não sei como é que faz, eu não sei. Mas oia, eu trabalhava ali naquela praça do Gil e ia na porta ficava observando, tinha as empregada eu falava assim: ô fia, a mulher mandou fazer isso e isso, como é que faz. E ela falava deixa eu te ensinar. E me ensinava... devo muito favor pra ela.. a essa colega minha, ai ela chegou e fo me ensinano, ensinano e correno.. eu suava frio, dessa finurinha. Se o senhor me desse um empurrão eu caia. E fui lutano, lutano, foi força de vontade. Quando eu via que não tava dano certo eu procurava outro emprego porque eu tinha os filho, né, pra poder criar.

M: e voltando mais um pouquinho,.. na sua infância a senhora brincava?

MF: Não. Eu não sei o que é isso, eu não sei o que é brincar. Eu não ia em festa, eu não ia nesse negocio de baile, eu não ia em canto nenhum, nenhum... sabe o que é... não, não depois quando eu tinha esse outro primeiro marido eu comecei soltá mais um pouco, um pouco, né, aí depois que eu fui... vim saber como é que era home, que era a vida, né.

M: e na sua infância o que mais lhe marcou?

MF: A minha infância mermo, o que mais me marcô na minha infância.... foi o sofrimento que eu tinha, não saia, não passeava, que eu queria ... eu tinha assim uma força de vontade de estuda, não estudava, casá nova. Eu não queria casá nova, eu queria casá assim, véa.. depois que eu tivesse assim, sabe? Um futuro, alguma coisa, conhece o mundo, conhecer alguma coisa assim, eu não tenho nem palavra, não sei nem como dizê como é que foi a minha infância. Nunca brinquei com boneca, nunca arrumei, pra falar assim... dava um domingo....não. sábado, dava sábado minha mãe botava assim eu pra ir lavar roupa, limpá a casa.. .era desse jeito, oxe moço, eu sofri na mão de minha mãe.

M: e hoje, como é que a senhora enxerga o mundo, a vida?

MF: hoje, hoje, eu falo assim, se a vinte ano atrás se eu fosse acordar que nem eu sou hoje, eu era muito feliz. Porque eu tenho outra mente, hoje eu tenho outra cabeça, hoje eu vejo o mundo compertamente diferente... hoje eu sou feliz por causa de meus filhos né, que meus filho é um pedaço de mim, né. se meus filho ta alegre eu tombem to, se meus filho ta triste eu tombem to triste, assim, sabe, esse tipo de coisa. Hoje eu sou muito feliz, feliz, feliz, feliz mesmo por conta que eu vejo meus filhos assim, sabe,

tá filho criado sem pai graça a meu bom Deus, tudo estudado, casado, cada um na sua casa, cada um com sua família criano os filho assim, né..

M: e olhando pra senhora, o que é que mais mudou... assim, deixando os filho um pouco de lado?

MF: eu acho que mudou minha vida mermo foi eu sair daquela vida que eu era e hoje eu sou uma cristã, né, seguir a Jesus intrá pra ingreja e ter assim, a moradia. Eu acho que mudô tudo na minha vida, completamente diferente. Eu falei se fosse assim, para mim com essa mente que eu tenho hoje, com essa cabeça, com esse viver. Falasse assim: tu qué voltá aos quinze ano, o que tu é hoje, aos quinze ano eu voltaria, mas sem ter pai nem mãe para tá mandano ne mim, que deus o tenha, né.

M: então a senhora foi na escola só assim, sozinha. Ninguém nunca incentivou a senhora a ir pra escola, sua mãe também nunca disse nada?

MF: pra falar a verdade, as minha irmã nenhuma, nenhuma, nenhuma estudô

M: e os irmãos estudaram?

MF: Os irmão tombém não. Meu irmão que mora em São Paulo e lá estudo, quando saiu da família aqui e foi pra São Paulo. Mas os outros aqui, nenhum.

M: e como é que a senhora se sente voltado para a escola?

MF: eu se sinto meu sonho realizado, porque meu sonho mesmo é aprendê lê e escrevê. E tê que sempre assim, deixa eu....inté que eu não tava assim, já to velho, já to nessa idade, eu não

quero estuda. Mas depois qu eu comecei frequentá a ingreja, ino pra ingreja ingreja, ingreja, aí que nem diz o povo, né, a gente fala assim...se a gente tem que aceitá Jesus ... é Jesus quem tem que aceita nois, né. mas deixa eu dizer, no dia eu aceitei Jesus, por mais que o pastor explica, por mais que a missionaria explica, que o Senhor bota na cabeça, eu fico pensano, pra eu entendê mais a palavra. Ai ei falei assim, pra mim entende mais a palavra e vê como é que é assim...a história de Jesus eu... eu vou estuda, eu tenho que estuda. Ai eu falo lá em casa, eu tenho que estudá d'eu ler a bíblia.

M: então para a senhora é essa a razão para estudar?

MF: é essa. Eu não vou menti, é essa, é essa, porque se De...porque eu falei pode ser pra mim vê outras coisa, assim, mais diferente. Invez o senhor quer toma um ônibus, né,,, se o senhor me pergunta toda letra do ABC eu sei todinha, mas me pergunta o que significa... ai o senhor me pergunta, o que significa? num sei.. não sei de jeito nenhum. Faz uma carrera de letra daqui até lá e me pergunta que eu leio tudim, agora pergunta o que significa? num sei; mas eu quero aprender, o senhor pega a receita de um bolo pra aprender, né, apesar de que eu já sei, né. risos...aliás de estudo, de estudo mermo que eu queira aprendê, é assim, as vez tem um livro que o senhor que pegá, estudá um livro, tem uma coisa assim que o senhor quer ler , até um ônibus, pra onde que ce vai, pra onde que ce não vai, qual ônibus ce vai pegá, apesar de que alguns eu já sei...outros já não sei, né, é mais difícil. E assim as vez o senhor le uma coisa, ai que é bom.

M: como é ser uma estudante nessa idade?

MF: É bom né. É bom né. Nessa idade agente voltá a estudá, mas eu no meu pensamento, no tempo de criança a gente aprende mais rápido e melhor estudado de que véi. Porque criança não tem preocupação criança não ta preocupada com outra coisa... só fica ali pensano no estudo, na atividade, e a gente véi não , né, já vem cansada pra escola, chega na escola bora uma coisa lá assim , já vem com a cabeça ne outro mundo, né, é mais difícil aprendê. Criança aprende rápido, muito rápido.

M: e a senhora acha importante vir na escola?

MF: eu acho, eu acho, eu acho. Se eu tivesse.... se meu pai.. agradeço a Jesus eu ter meu pai mais minha mãe, que eu amava eles, mas ss eu tivesse um pai competente que tivesse me botado na escola...hoje eu .... eu falo lá em casa, hoje eu era outra, outra pessoa. Porque hoje com o estudo, primeiramente Deus e a saúde, né... sem estudo o senhor não é nada. Uma pessoa não arruma um bom emprego... sei lá. Eu queria muito ter estudado, eu queria muito, muito, muito mermo ter estudado. Eu era outra pessoa se eu tivesse estudo.

M: Com relação a seu colegas na sala, como é que acontece a relação entre vocês ?

È boa. Quer dizer, tem poucos tempo, mas eu to gostano deles. Quando a gente encosta junto de uma pergunta, elas responde, encosta ne outra pergunta e assim vai. Quem vai sabeno vai ensinano. É joia, gostei delas, das menina.

M: e a senhora esperta o que da escola?

MF: eu espero que Deus abençoa, que eu tem um boa memoria, abre minha mente e que eu estudo e quando for nas prova, eu estudo e passá. Passa nas prova, né.

M: A senhora percebe alguma diferenciação entre os homens e as mulheres por parte da escola?

MF: Não. Não, não . é tudo ingual.

M: E por ser mulher, a senhora já passou algum constrangimento na vida ou na escola?

Mf: Não.

M: em casa, ou no trabalho ou na rua?

MF: sobre escola?

M: por ser mulher a senhora já passou algum constrangimento na vida?

MF: Ah...não sei, não lembro não.

M: Assim, uma falta de respeito, uma invasão em sua privacidade ?

MF: È, já.....

M: a senhora se lembra, pode falar, que fala?

MF: Não... ( longo silencio) Não gostaria de falar não. Deixa isso quieto, deixa isso pra lá.

M: tá certo. Eu respeito sua vontade. E pra senhora, existe um comportamento típico de mulher e típico de homem? Mulher faz assim, e homem faz assado?

MF: eu acho que tem. Tem. Tem comportamento assim, de mulher ser comportada de um jeito, homem de outro.

M: me dá um exemplo de como é que tem que se comportar a mulher e como é que o homem tem que se comportar?

MF: entre homem e mulher, a mulhé tem mais comportamento. A mulhé é assim, como é que se diz, mulhé é mais comportada.

M: e o que é se comportar, como é ficar comportada?

MF: não mais assim... mulher é assim.... homem é mais assim, aquele tipo de home, não todos, tem uns que as vezes não respeita as mulhé, como é que se fala, as vez não respeita as pessoa, é grosseiro, não todos. E as mulhé não, né, as mulhé é mais delicada, as mulhé sabe conversá, sabe mais respeitá os home, as mulhé

M: e a senhora na condição de mulher é mais respeitada hoje que naquela época, quando era jovem ou menina?

MF: Eu sou. Dessa idade que eu to sou mais respeitada, sou mais comportada, sou mais juizada, sou mais tudo na vida, viu. Hoje eu tenho muito orgulho de mim. Se eu fosse três Fátima ..ainda era bom. Porque eu sou outra pessoa, nem compara aquela Fátima de vinte ano, trinta anos atrás.

M: na sala de aula, quando vai fazer alguma atividade em grupo, geralmente fica só homens em um grupo e mulheres no outro?

MF: aqui na escola nois já fez uma vez. Fica assim , fica as menina, nois as mulhé aqui e os home fica pralá assim,

M: E porque a senhora acha que ficam os homens lá e as mulheres cá?

MF: eu acho que é assim, porque tava nois cá , as mulhé e só tinha três home. Eles tava lá, lá mesmo eles ficô. Mais tinha uma mulhé lá perto que ficô mais eles.

M: A senhora já ouviu falar na palavra gênero?

MF: Gênio?

M: Gênero.

MF: Eu não. Não. Não to lembrada.

M: Para a senhora, o que significa ser mulher?

MF: O que significa ser mulhé... tudo, tudo. Porque mulhé é honesta, mulhé é trabalhadeira, mulhé trabalha, mulhé estuda, mulhé é medica... é tudo. Vai pra feira, arruma casa, dá conta de menino, de roupa, oh! mulhé ... é a coisa mais maravilhosa.

M: Na sua visão, mudou muita coisa em ser mulher hoje e ser mulher na época que a senhora era jovem?

MF: Tem muita diferença. antigamente as mulheres não era que nem é hoje, né, porque as mulhé hoje ta mais avançada de que os homes. Porque as mulhé hoje, trabalha, as mulhé estuda, tem responsabilidade com filho, com casa, com marido, tudo pertence a mulhé. Se os home não abri o olho, a mulhé toma conta do mundo.

M: O que a senhora acha dessa diferença entre homem e mulher, tem que existir, ser homem e ser mulher é diferente?

MF: Eu acho que não, pode ser assim... ser diferente home e mulhé... pode ser, né. Se for trabalho acho que é ingual, né. fica tudo a mesma coisa. Porque tem home que faz a mesma coisa que mulhé,

M: E pra senhora tem trabalho de mulher e trabalho de homem?

MF: Ué, tem uns machista que tem, né. eu não penso assim não. No meu a ver tinha que ser ingual, trabalho pra home e pra mulhé. Tudo ingual. Uma mulhé faz qualquer coisa que o home faz e o home faz qualquer coisa que uma mulhé faz. Hoje já tem isso mesmo, tudo que um faz a mulhé tombem faz. Hoje mulhé é professora, é presidente, e médica, é psicola, é tudo na vida. Home tombem, né. home é dentista mulhé é dentista... eu só num vi ainda um mulhé ortopedista.....risos..

M: Mas tem . tem mulher ortopedista.

MF: pois é, então não falta. Eu acho muito bom. Eu acbo lindo um mulhé guerreira. Ohhhh, eu sou apaixonada pela mulhé que trabaia, por a mulhé que luta por aquilo que quer.

M: a senhora falou que é Cristã... que que aprender ler pra ler a Bíblia, não foi?

MF: foi.

M: Mas, a senhora sabe que na Bíblia fala que o homem é a cabeça da casa e que a mulher deve ser submissa ao homem. A senhora pensa o que disso?

MF: ..... eu acho certo (tom voz mais baixo que o habitual) quer dizer, eu acho, né.

M: E como é ser submissa , pra senhora?

MF: Eu não sei. Porque diz que é o home que manda tudo, né?

M: sim. A senhora concorda com isso?

MF: Eu não.. eu não, por que que o home manda naquilo tudo, eu não, acho que tem que ser dividido. As parte, a metade do home a metade da mulhé.

M: mas quando a senhora souber ler, a senhora vai ler isso na bíblia.

MF; Eu vou. Por isso que eu quero ler. Meus sonho é aprender lê,

M: e a senhora vai discordar dessa parte?

MF: eu vou, né. risos.... eu vou lê pra entende mais, né. risos esse negocio de home querer ser machista que só home.... que só home. Pois se mulhé é que nem home.só tem uma diferença: que home é home e mulhé é mulhé. Mais como é que fala, o trabalho tem que ser ingual.

M: D. Maria, minhas perguntas acabaram. Vou deixa um tempinho para a senhora falar o que quiser, pode de falar pra mim ou pra pesquisa.... se gostou, se não gostou...

MF: Gostei., gostei muito da pesquisa, gostei muito do senhor, do senhor me perguntar as coisa, gostei muito.

M: se eu precisar falar de novo com a senhora, a senhora fala comigo?

MF: falo sim, falo quantas vezes o senhor quiser. Se elas não brigar....

M: Não. Elas não brigam não. Então eu lhe agradeço muito. Muito obrigado!

MF: Boa sorte pro senhor, que Deus te abençoa e que Jesus te realiza todos os teus sonhos, viu. Que os anjos do céu, onde tu quiser, há de ser abençoado por Deus e os anjo do céu que te proteja e te acompanhe.

M: Amém. A nós todos.

MF: O senhor desculpa eu não saber responder alguma coisa, viu. Desculpa.

M: não teve isso não. A senhora respondeu tudo, fique em paz. E muito obrigado!

## APÊNDICE E: Entrevista com Maria do Carmo

Marcelo (M): Pronto D. Maria. Qual seu nome completo.... Maria do Carmo....?

Maria do Carmo (MC): Moreira da Silva

MC: Quando a senhora nasceu..... qual a data de seu nascimento?

MC: Eu sou de mês de agosto..... 3 de agosto.

M: A senhora nasceu onde D; Maria?

Minas Gerais.

M: Que cidade de Minas?

MC: Belo Horizonte. Mas eu vivo aqui desde pequenininha. Criada aqui,

M: A senhora, hoje, é casada solteira viúva?

MC: Não a gente ia casar, mas deu certo não, ai antes de casar a gente acabou logo.

M: Qual Profissão e escolaridade do pai e da mãe da senhora?

MC: Quando eu me entendi por gente eu não tinha nem pai, nem mãe. Eu fui criada pelos outro.

M: A senhora está em qual módulo aqui na escola esse ano?

MC: como?

M: a senhora está alfabetizando?

MC: To. To sim.

M: A senhora mora em qual bairro?

MC: Mora aqui.... aqui moço, subindo aqui na Gilberto Lopes....

M: Aqui no bairro Cruzeiro mesmo?

MC: aqui moço....Cruzeiro, subindo a Gilberto Lopes,

M: Quando a senhora era menina, namorava com alguém? fale um pouco sobre essa moradia.

MC: Eu morava.... eu morava mais um, mais outro. aí um certo tempo eu encontrei uma pessoa que simpatizou comigo.

M: eu falo assim, quando era criança ainda.....

MC: Criança. Simpatizou comigo, ai me chamou pra morar na casa dela, uma família. Aí falou assim: você quer morar aqui? Aí eu falei assim, eu vou pensar e ela falou assim cadê seu pai e sua mãe? Ai eu falei assim: Eu não tenho pai não e tenho mãe. Ai ela falou assim: E você mora aonde? eu tô na casa de uma senhora mas, eu tenho que achar um lugar para mim morar. Aí ela mas o filho dela falou assim: Então a porta já abriu pra você. Ai eu fui morar nessa casa, a casa da família Piton, fui criada lá, Iolanda Piton, fui criada em casa dela.

M: Como é o seu contexto familiar hoje, quem mora na sua casa com a senhora?

MC: minha família? Minha família hoje é bem, apesar de que o que eu já passei, né? muita dificuldade, o pai não prestou teve botar logo para voar, então eu criei meus filho sozinha mas Deus, trabalhando nas Casa dos outro.

M: Hoje mora na casa da senhora, a senhora e quem mais?

MC: Hoje eu moro na minha casa e tem um neto mora comigo e os outro já tão tudo casado na casa deles.

Aí eu fiquei nas casa do outros trabalhando e sendo até humilhada pelo patrão, patroa me humilhava, xingava até... e eu, guentano aquilo calada, né. mas toda vida eu falava assim: Ah! Eu vou deixar isso pra lá, porque eu, eu vou sair dessa e Deus me ajuda, porque Deus me ajuda todo dia toda hora.

M: e tudo foi assim... quando moça sempre assim nessa mesma condição?

Sim. Ai eu já tava moçona, né. ai comecei a trabalhar nas casas dos outro. foi quando eles, eu já saí da casa dele antes da dona da casa falecer. O que é uma certa coisa que eu não quero falar, mas ele assumir uma responsabilidade que tanto precisava.

aí eu sair dessa casa fui para outra casa eu fui aí fica aí trabalhando nos canto, trabalhava num canto, trabalhava no outro, e fui vencendo minha vida assim.. criano meus filho.

M: Na época de menina a senhora brincava, se sim, como era essa brincadeira?

Na época de menina e foi muito judiada. Muito judiada mesmo.... povo me maltratava, né, o padrinho mesmo como eu falei que ele era ruim para mim, me maltratava, filho dele me maltratava, a mulher dele me maltratava. Certo tempo eu já tava grandona...agora, Deus me ajudou eu levantar a cabeça e eu vou andar,

M: A senhora então não brincou?

MC: Eu não tinha direito de brincar. eu tinha que panhar água, ele queria que eu fosse panhar lenha.... era assim. Tudo isso eu tinha fazer pisar café, penera sal, fazer tudo, limpar arroz, embalar coisa pra botar em armazém e era desse jeito, né. e eu não olhava “assim” (fazendo movimento com a cabeça de “rabo de olho”). Se eu fizesse “assim” era um castigo o dia todo. O que que eu queria olhar para fora? Pra Deus nada é impossível, um dia tudo isso acaba, né.

M: e uma coisa que marcou assim, na sua infância e na mocidade?

na minha infância me marcou assim, eu gostava muito de tomar banho de rio, e quando eu ia tomar banho de rio, a mulher dele ia atrás de mim, e tome-lhe taca.... me batia....foi difícil. Eu falava assim, ah meu Deus, ajuda eu crescer logo que ao meno eu tô sendo grande eu sei que eu vou voar pra fazer alguma coisa da vida, né.

M: E quando ficou moça, o que lhe marmou?

Ai, quando eu já fiquei moça, eu trabalhava muito nessa casa!! nessa casa desse \*\*\*, eu fui muito escravizada lá também, rapaz. Eu fui muito escravizada lá.

Eu trabalhava lá, os filho tudo dentro de casa, nenhum tinha casado ainda, e dentro de casa, eu moça, moça assim, bem moderninha, sabe? Então era assim, eu fazia comida, eu fazia mandado, limpava a casa, eu cozinhava de fogão de lenha... era desse jeito minha vida. E homilhada, né, porque tinha uma filha dela que não gostava de mim, ela me homilhava muito.

M: E hoje, o que você pensa sobre o mundo, sobre a vida?

MC: Hoje eu penso de uma maneira diferente. Hoje eu quero viver o que Deus trouxe na minha vida agora. Que Deus me ajudou entrar no colégio. Agradeço a Deus primeiramente, meu filho e minha nora chegou aqui e me matriculou. E eu to aqui e eu quero aprender. Quero aprender ler, quero aprender escrever que é pra mostrar pra todo mundo que a escravidão acabou. E ai ficou assim...

M: A senhora foi a escola quando era menina ou moça?

Olha, nessa casa que eu cabe de criar nessa casa, sim, eu me matriculei na escola e falei assim: ó dinha, eu vou estudá. Ai ela falou assim pra mim:” estuda!!! (mudou o tom da fala, como se irada) você tá aqui é para trabalhar, não é para estudar não. Que você tem que ficar aqui, acordada, pra na hora que os menino chegar você servir o jantar”. Mais eu falei assim: eu quero tanto estuda, eu tenho um sonho na minha vida... eu quero estudar. “Não, aqui não”. Ai a filha dela começou implica também: eu não sei o que é que empregada quer estudar? Ela falou pra mim, não sei o que empregada que estuda não. E ela é uma professora, moço! ela é uma professora! (fala devagar e pausa entre palavras) que hoje ela é uma professora aposentada. Mas era assim que ela dizia para mim. Ai ficava desse jeito.

M: então a senhora não foi à escola, matriculou e não foi?

MC: Se eu fui na escola, eu fui assim... uma, uma semana. Inté a professora era boa, a finada \*\*\*, mulher de \*\*\*. era uma professora muito boa, e ela gostava muito de mim, ela falava assim: ó minha fia não deixa de estudar não. Corre atrás de seu sonho. Mas só que o povo lá não deixou eu estuda.

M: E como é que a senhora se sente voltando para escola hoje?

MC: Hoje eu me sinto feliz. Eu to feliz aqui, todo mundo aqui gosta de mim... as professoras gosta de mim, eu gosto muito deles, os professor daqui são ótimos. Não tenho o que dizer dos professor e nem tão pouco dos meu colega. Todo mundo aqui é legal comigo.

M: E a senhora voltou pra escola porque, qual seu objetivo na escola?

MC: Agora? Agora para mim aprender. Agora eu quero aprender ler e escrever.

M: e o que é ser uma estudante com a idade que a senhora tem hoje?

MC: Pra mim é muito bom porque eu levei muitos anos sem estudar, Boa coisa você puxou, eu levei muitos anos sem estudar porque eu tinha vergonha de ir para escola. o povo falava assim: Ah. Que nada, escola só ficou pra uma criança. Criança que estuda.

E aí chegava assim, passar junto da escola eu parava assim e ficava olhando.... mas graças a Deus que Deus abriu as portas assim pra todo mundo, uma felicidade de quem vai para escola, de quem quer aprender ler e escrever. Você sai na rua você quer comprar uma coisa, você sabe olhar o preço, você sabe o que você tá fazendo, né, você não precisa tá perguntando os outros: falando que é isso aqui? Né, pessoal fala assim...fala até errado: Ah, esse preço aqui é tanto, muito caro, você não pode comprar não. Mas eu sou teimosa que eu não desisto das coisas fáceis, não.

M: então a senhora acha que vai aprender e se tornar como.... uma mulher diferente?

MC: Eu vou ser uma pessoa diferente. E vou poder ajudar alguém que não sabe fazer o nome deles, né, que é muito importante a gente saber ler e escrever. Chegar em qualquer canto e saber ler e escrever qualquer coisa. Isso é muito importante.

M: Com relação aos seus colegas de sala, a senhora falou dele mais cedo, mas, como é que acontece a relação de vocês, tem gente mais nova, tem gente velha, como é essa relação?

MC: É boa.... é boa, tem homem, tem mulher, eu sei viver com todo mundo.

M: A senhora percebe alguma diferenciação entre homens e mulheres no cotidiano da escola?

MC: Não, até hoje não.

M: tem algum tratamento diferente, pela escola, pelo professor, pelos colegas?

MC: Os professores daqui são muito bons, eles, não ninguém massacrar eles.

M: Por ser mulher, a senhora já passou por alguma situação constrangedora na escola ou na vida?

MC: até agora não....

M: Assim, alguém já lhe faltou com respeito, abusou da senhora na juventude?

MC Não. Na minha juventude, graças a Deus, eu.... eu achei muitas coisas. Apareceu na minha vida muita coisa. Mas eu, eu sempre pensava assim: Ó meu Deus, eu não tenho mãe, eu não tenho pai eu, não tenho ninguém por mim, só tenho você por mim, pai, me ajuda. Então assim, em toda a vida eu andei assim, andei de cabeça erguida. Apareceu bebida, apareceu tantas coisas esquisitas, mas, foi uma coisa que eu corria, eu corria.

Eu tava num lugar e falava assim: eu, vem cá branquinha. Branquinha, faz o favor. Eu falava assim, pera aí que minha mãe tá aqui atrás, ó. E corria. Graças a Deus. As pessoas falam assim: fulano é assim porque foi criado sem pai e sem mãe. Não moço. A pessoa tem que andar de cabeça erguida, a pessoa tem que ser forte para vencer, não se jogar. Ele tá sem emprego, como uns chegam aqui, Deus livra e guarda, e diz: eu uso cocaína. Aí eu falo assim, vem cá trabalhe mais eu. Aí você vai todo feliz da vida e quando chega lá, é a porcaria. O que vai adiantar? Nada, né. Vai adiantar nada. Então a pessoa tem que correr atrás do que é bom.

M: A senhora acha que tem comportamento só de homem ou só de mulher?

MC: Não.... As vezes..... tem comportamento ruim e tem comportamento bom.

M: Dá um exemplo pra mim...

MC: Tem pessoas que se comportam melhor do que as outras.

M: A senhora acha que homem deve se comportar só de uma forma e mulher só daquela outra forma?

MC: Não. Mas as vezes eles olham pra mulher de uma forma diferente, né?

M: O que a senhora acha disso?

MC: Oia eu não sei o que passa na cabeça deles não.

M: e na sua, passa o que sobre isso que eles fazem?

MC: Na minha passa assim... que as vezes tem homem que ele é machão e é preconceituoso, até com as mulhé. Às vezes nem sabe tratar uma mulher bem, trata mal. Ai de primero a pessoa vinha lá a pessoa no carro, passava pertinho, o oto tava aqui, ah, sai pra lá, vai jogar o carro em cima de mim, ai um fazia assim: “ô fulano ve quem é. É um véi! Bem assim, É um véi, ah, tem razão, só podia ser véi mesmo. mas eu falava assim, mas um dia o povo vai ficar vei tudo novo. O povo tá tudo novo de cabelo branco.

M: A senhora acha que não tem comportamento só de homem, nem só de mulher?

MC: Eu acho que tem que ter delicadeza dos dois lado, né. A pessoa tem que ser delicada. O home e a mulhé. Pois é, eu te vejo na rua...eu te vejo na rua, eu passo de junto aqui, aí vez de fala assim: ô, não, ai eu passo aqui direto, você nunca viu aquela pessoa, entoa passa assim durão. Uma coisa que eu gosto ali de São Paulo, o povo passa e lá... ei fulano... ei fulano.....todo mundo abraça a gente, e ai aquele lugar atrai as pessoa pra ir embora pra lá.

M: A senhora já morou lá?

MC: Não, vou lá a passei. O povo de lá é muito carisma.

M: A senhora hoje, na condição de mulher, se sente mais respeitada do que era quando moça?

MC: Quando eu era moça os home mexia muito comigo. (risos) mexia muito comigo, né.

M: A senhora acha que mexer é falta de respeito?

MC: Uns mexia com desrespeito. Outros recramava: fulano não é assim, não. Ela é uma menina. Ela é uma menina, oia o respeito. Ai é assim, porque eu sou uma pessoa assim, sei respeitá idoso, jovem, criança, adolescente, todo mundo eu boto no respeito. Eu respeito pra num dá o lugar dele me desrespeitá, to errada? Eu gosto de respeitar todo mundo para mim ser respeitada. E eu ando aqui pra todo canto e ninguém me desrespeita não. Ninguém.

M: Na sala de aula, quando faz alguma coisa em grupo, uma atividade, um dever fica assim, só homem ou só mulher separado?

MC: Não, é tudo junto, é tudo junto.

M: Que beleza!

M: A senhora já ouviu falar na palavra gênero?

MC: Gelo?

M: Gênero.

MC: Genério?

M: Gênero, gênero.

MC: Genério ou janeiro?

M: Gênero.

MC: acho que já.... não sei...

M: e o que foi que a senhora ouviu sobre isso..... gênero?

MC: .....

M: as pessoas falam assim, gênero masculino, gênero feminino...

MC: Ah, isso ai eu não sei não.

M: Tá certo Dona Maria. E para senhora o que significa ser mulher ?

MC: olha, ser mulher é bom. Numa parte é bom. Mais, como é que diz, na outra parte ser home é melhor.

M: Por que a senhora acha isso?

MC: porque o home sai, ele entra em qualquer lugar, ele entra e sai. A mulher não.

M: e porque a mulher não?

MC: por que a mulhé, se uma mulhé ela tem respeito, ela não vai entra em qualquer lugar não.

M: Dá um exemplo de qualquer lugar pra mim.... de onde a mulher não pode entrar.

MC: todo lugar, né. tem lugar que tem respeito e outros não tem respeito. Por exemplo, lá naquela mesinha ( apontando para canto as sala) é um buteco, ta chei de .... pinguço... ali, toda

mulher que chega ali, dá logo um copo de bebida, um cigarro, senta ali no colo dele e fica por ali. Eu acho um desrespeito, pra mim é um desrespeito.

M: A senhora acha que mulher não deve entrar num lugar desses?

O home no lugar dele, a mulhé no lugar dela.

M: E qual é o lugar da mulher?

MC: É ..... pra ela não viver no bolo dos home, a gente não pode desrespeitar os home e nós não vai desprezar os home. Porque meu pai foi home, minha mãe, mulhé a gente . então a gente não vai desrespeitar mas, no fundo assim, tem pessoas que não quer respeitar, não vê o lado da mulher, e nem a mulhe ver o lado do home.

M: quando tem desrespeito de um para com outro, a senhora falou que tem homem que não respeita mulher. Quando isso acontece, de quem é a culpa?

MC: A culpa é da mulher que dá ousadia. E também o home é osado, nem precisa a mulhe dá osadia que ele toma boca.

M: A senhora deu o exemplo do bar, se uma mulher estiver dentro do bar, a senhora acha que o homem pode tomar boca com ela?

MC: É.... mais a maioria toma.

M: Mas a senhora acha que pode?

MC: Quem não tem respeito, toma. Eles acha que pode. Eu acho que, mesmo se a mulhe entrou ali, eles tem que respeitá. Tem que respeitá a mulhé. Não é isso?!

M: Bom, D. Maria, por enquanto eu não tenho mais perguntas, a senhora fique a vontade pra dizer o que quiser, o que a senhora deseja, se gostou dessa pesquisa, do nosso encontro de terça-feira...

MC: ah, foi bom, foi ótimo. Foi muito bom..... E eu vou fazer meu dever (risos)

M: Muito obrigado a senhora, D. Maria, Deus lhe pague.

MC: desculpa ai.(risos)

M: não tem o que desculpar. Vá fazer seu dever. (risos)

MC: Deus abençoa!.

## APÊNDICE F: Entrevista com Alice

Marcelo (M): Boa noite, D. Alice.

Alice (A): tudo bem. E o senhor?

M: Tudo na paz. Vamos começar? A senhora pode me dizer seu nome completo?

A: Alice Batista dos Reis

M: A senhora nasceu quando, qual a data de seu nascimento?

A: Vinte e nove de novembro de cinquenta e nove, né?

M: Qual se estado civil?

A: Casada.

M: qual foi a profissão e a escolaridade dos pais da senhora?

A: A minha mãe, ela foi bem... bem alfabetização...bem, alfabetizada. Minha mãe sabia ler, meu pai, todos sabia ler.

M: E eles trabalhavam com que?

A: A minha mãe sempre trabalhou pra ela mesmo. Meu pai também sempre trabalhou pra eles mesmo.

M: fazendo o que?

A: É que na épa, minha mãe, ela.... a gente morava na roça, entendeu, então a gente trabalhava em roça. Ai quando a gente veio aqui pra Conquista, há 45 anos, a gente veio aqui pra Conquista... ai minha mãe botou um negócio pra ela. E sempre ela trabalhou pra ela.

M: o que era esse negócio? Desculpa a perguntar....

A: Minha mãe mexia com.... bebidas e essas coisas...

M: muito bem.... e a senhora está em qual módulo, aqui n escola hoje?

A: No módulo III. III

M: muito bem. Já sabe ler, escrever?

A: ler um pouco, mas eu to chegando, né.

M: Muito bom..... escrever?

A: Sei.

M:que bairro a senhora mora, aqui?

A: Eu moro aqui na rua do cruzeiro.

M: Pois bem, D. Alice... A senhora morava com alguém na época da sua infância, adolescência?

A: Não... só com minha mãe e meu pai.

M: e como era essa convivência? Me conte um pouquinho ai...

A: Graças a Deus foi uma convivência muito boa, né. tive muito de aprender com eles, eles soube me ensinar, graças a Deus...respeitar as pessoas, né. ter educação com as pessoas, tudo isso eles me ensinaram.

M: A senhora tinha irmãos?

A: Só dois.

M: Homens ou mulheres?

A: tenho um home e tem uma mulher

M:E como é seu contexto familiar hoje?

A: Bem , graças a Deus.

M: Na casa da senhora, mora a senhora e quem mais?

A: Mora eu, meu esposo.... e.... um, dois , dois neto. Por enquanto só ta tenho só eu e meus dois neto só.

M: e o marido?

A: É , mora. Porque meus dois filho um mora no Rio e a outra mora aqui no guarani.

M: Como eram vividas as brincadeiras em sua época de infância?

A: ah, era muito boa! Naquela época muito boa mermo...brincava de boneca, um bocado de coisa.

M: Mas como era esse bocado de coisa....me conta essa história ai.....

A: assim, por exemplo... eu brinquei de boneca até os quinze anos. Até os quinze ano eu tinha brincadeira... ai a gente fazia assim, né... um dia pras boneca, né....fazia piquenique

M: isso era onde, aqui mesmo?

A: Aqui mesmo. Aqui mesmo. Aqui mesmo na rua do cruzeiro. Né...como é que diz.... a gente ia brincar... daquelas brincadeira mesmo de criança, né, beincar de roda, boca de forno (risos) brinca de um bocado de brinquedinho assim.

M: Ah...então foi muito boa a sua infância?

A: A infância foi muito boa, graças a Deus

M: e sua adolescência. Como foi essa parte da vida?

A: minha adolescência foi boa também, porque .... alias, eu não tive adolescência, porque eu comecei trabalhar cedo, também, nas casa dos outro, né..... com quinze ano eu já trabalhava nas casa dos outro. Né. eu vim sai, parei de trabalhar na casa dos outro, depois que eu casei. Me casei eu tava com vinte anos, né, casei cedo. Ai.... mas mermo assim, eu voltei pra trabalhar, ai....esse tempo todo sempre trabalhano, trabalhei até agora no final de dois mil e doze, parei de trabalha pros outro.

M: E como foi arranjar esse casamento?

A: Meu casamento, graças a Deus, toda vida foi bom.

M: E como foi que arranjou esse casamento?

A: meu casamento, como foi que arrumei? Ahhhh... é uma historia muito linda, muito linda!. Quando eu arrumei meu casamento, arrumei meu noivo, né, ... meu namorado, apesar de tudo que ele foi meu premeiro namorado, né, ele tava com dezoito anos e eu também com dezoito anos. Nos somo quase tudo de uma idade só. Ele servia o tiro, né, e eu trabalhava na casa da pessoa, ai sempre que eu passava, a gente ouvia ele lá no tiro de guerra e tal, ai depois a gente começou namorar firme. Ai a gente namorou dois anos...é... foi dois anos, de pois a gente casô e graças a deus tamo viveno ai até hoje.

M: A senhora passava no tiro, via ele lá fazendo.... em forma...

A: e final de semana a gente se encontrava em casa, né, namora naquela época era assim....sei lá...assim respeitado, né, num é como namoro de hoje que eles sai, curte , né, não, mas naquela época era um namoro muito respeitado.

M: era cada um de um lado do sofá?

A: Não, não... nessa época ....até nessa época ....quer dizer, inda era assim um pouquinho, né (risos) , diferente, entendeu? Mais.....a gente tinha que respeitá um e outro. Né. tinha que respeitá como respeita a família também.

M: Houve alguma coisa que foi assim marcante na sua infância? Um fato, um momento.

A: na infância... é, é... eu tive uma infância muito boa. A minha mãe levava a gente pra passia, né, as vez tinha a exposição ali, minha mãe levava nois,nois, né, na infância foi assim bom com a gente , entendeu? A gente num tinha assim o prazer de sair só, né, sempre sai assim com a pessoa, a pessoa mais idoso, era assim.

M: A senhora fala do prazer de sair só. Era uma vontade?

A: na infância... é, é... eu tive uma infância muito boa. A minha mãe levava a gente pra passia, né, as vez tinha a exposição ali, minha mãe levava nois,nois, né, na infância foi assim bom com a gente , entendeu? A gente num tinha assim o prazer de sair só, né, sempre sai assim com a pessoa, a pessoa mais idoso, era assim

M: mas....

A: Mais não podia.

M: e não podia porque?

A: por que minha mãe não deixava.

M: era brava?

A: Não.... ela não era braba não, mais ...ela queria assim, que os filho ficasse tudo assim, sabe, é, é sempre na companhia dela, né, respeitano, era assim.

M: E o pai?

A: Meu pai... quando meu pai morreu eu tinha nove anos, quando meu pai morreu.

M: E como foi isso pra senhora?

A: pra mim ele foi um ótimo pai, graças a Deus, foi um ótimo pai, nunca me fez mal, nunca me bateu. Né, pra mim foi um ótimo pai.

M: Tinha alguma diferença da senhora para os outros, para o rapaz, para a outra menina?

A: Não, tinha não. Era o mermo tratamento de um era o tratamento de todos.

M: Hoje, na idade atual, o que você pensa sobre o mundo, sobre a vida? O que mudou de lá pra cá...

A: de lá pra cá mudou assim, que eu tive meus filho, né, eu tenho meus filho, então meus filho é tudo que eu tenho na minha vida, é meus filho, né, e agora veio os neto e assim..

M: O que a senhora acha do mundo de hoje, da situação do mundo;

A: A situação do mundo ta muito assim...muito difícil, né, o mundo ta muito difícil. Alias, não é o mundo , é as pessoas que tão difícil, né, as violência ta ai cada vez mais, o desemprego, tudo isso.

M: A senhora frequentou a escola, quando criança, jovem.... Explique um pouco sobre esse momento.

A: eu tive.... eu frequentei escola sim. Mais só que ...é...assim.... eu tenho probrema assim... parece que...a minha mente.... tenho um broqueio na mente, sabe? Eu nunca fiz assim...um exame, essas coisa não, mas eu tenho sim um broqueio na mente.

M: Por que a senhora acha que tem um bloqueio?

A: dificuldade, dificuldade, muita dificuldade eu tenho. Tenho mesmo. porque a minha mãe, ela me criou na escola, m botou na escola quando eu era pequena, tal , mais depois dos quinze anos, depois dos quinze anos eu comecei a trabaia nas casa dos outro, né, por precisão, ai, ai pronto, ai eu bandonei a escola. depois disso num fui mais pra escola.

M: e como era essa dificuldade que a senhora fala que tinha, como era esse processo

A: A dificuldade minha é ler.

M: A senhora acha que tem dificuldade ou será que não ensinaram a senhora direito, de uma foram que deveria:?

A: Eu acho assim... que eu tenho dificuldade mesmo.

M: nunca foi ao médico, nunca constatou isso não?

A: Agora mesmo, ate marquei uma psicóloga. Marquei pro dia dezessete... vou passar por ela.

M: A senhora foi à escola. E desistiu porquê?

A: Nessa época eu trabaia na casa de família, entendeu?

M: A senhora foi para escola já mais velha?

A: Acho que fui pra escola de criança. Era criança, entendeu? Ai depois não fui mais n escola.

M: E foi incentivada por quem?

A: Minha mãe. Né tanto que meus irmão eles todo sabe ler. Meu irmão é formado, minha irmã não tem formatura, mais tem um bom estudo. E eu, só eu que sou assim.

M: E quando criança, por que a senhora desistiu da escola, a senhora lembra?

A: Não sei, só sei que quando eu desisti da escola eu tava com quinze anos.

M: E como assenhora se sentiu voltando à escola, na atual idade?

A: Eu sinto muito feliz. Eu sinto muito bem.

M: O que representa pra senhora isso?

A: Tá representano muito bem, né, por que hoje em dia, ô pouco ô muito eu já sei lê, né. já sei lê alguma coisa. Já não passo mais vergonha, entendeu? Por que meu nome eu sempre sube fazê e hoje em dia não, graças a Deus.

M: E quando a senhora deixou a escola, lá pelos quinze anos, por que a senhora deixou?

A: Acho que foi falta de interesse meu mesmo .

M: E trabalhava também ou não?

A: Trabalhava. Precisava... trabalhava

M: E não conseguia trabalhar e escudar?

A: Não. Conseguia não, por que na época eu trabalhava era muito longe.

M: A senhora voltou pra escola D. Alice, por quê?

A: Por que eu senti desejo de volta, eu senti assim de ...saber alguma coisa assim...sabe? Eu sempre eu gostava de tomar curso, curso de culinária, essas coisa, aí falei assim, mais meu Deus, eu vim pra curso de culinária sem saber lê, como é que eu vou ler as coisa, né, falei assim... ah não. Eu vou voltar a estudar.

M: E como a senhora se sente sendo uma estudante, numa escola pública com sua idade?

A: Eu sinto bem, graças a Deus. Agradeço muito muito mesmo essas escola pública, né, que tem assim... que tá dando assim oportunidade de nós aprender alguma coisa, né

M: e quem lhe botou nessa escola, quem lhe incentivou a vir para essa escola?

A: Foi eu mesmo, Eu mesma que vim por conta própria

M: E qual foi o motivo de vir pra cá?

A: O motivo? O motivo de vim pra cá, por que aqui fica perto de casa. muito perto de casa. e também gostei do modo das pessoas daqui, né. minha primeira professora daqui foi Nea, no ano retrasado e no ano passado foi outra. Então foi todas as professoras ótimas.

M: E para senhora é importante frequentar a escola?

A: É importante sim, de você chegar num lugar, te tá um papel, né, lhe dá um papel pra você assinar e ver o que é que você tá assinando. Né.. aí aquilo dali já é importante, né, você chegar num lugar ver alguma coisa assim e você olhá ali e falar assim... isso aqui é pra isso, aquilo ali é pra aquilo, né, importante saber das coisa, não depender de ninguém.

M: a senhora passou constrangimento por depender de alguém?

A: Passei, passei. Eu sou evangélica. Há vinte anos atrás eu frequentava a igreja nova São, ali, né, aí tinha assim.... grupo, sala dividida, aí quando foi um dia, quando foi um dia dividiu as salas e eu fui pra sala também, aí lá tinha uma caixinha de texto, versículo da bíblia, aí todo mundo tinha que tirar aquele versículo e ler pro outro. Eu fiquei tão vergonhada que eu vim embora, sabia? Porque eu não lia eu não sabia ler aquele versículo, versículo pequenininho... e era um versículo bem pequenininho mesmo. e ali eu me senti vergonhada. Aí eu vim embora.

M: tem alguma coisa ... de a senhora está na escola hoje com relação á igreja, quer voltar lá para fazer a leitura?

A: Tem sim. Hoje em dia já faço leitura, já vou fazer visita, né, ali eu já abro o versículo da bíblia já leio, né, intão uma coisa muito importante.

M: A senhora hoje se sente diferente daquela época?

A: Já sinto diferente, graças a Deus.

M: Em relação aos seus colegas de sala de aula, como acontece a relação entre vocês?

A: Tem jovem, tem criança também, né, agora mesmo tem uns rapaizim lá que é muito bagunceiro, conversador, né, intão.... mais a gente vai levando a vida assim mesmo.

M: E como é a relação de vocês?

A: eu sou bem, graças a Deus. Dentro da sala de aula eu sou bem, eles lá no canto deles, eu cá no meu cantinho, né.

M: O que a senhora espera da escola?

A: Eu espero da escola melhorar mais, que já tá melhor, né, mais ainda. Espero assim que dá muita alegria, que se Deus quiser eu já vou mudar também de sala, né, então eu só espero tudo de bom.

M: percebe alguma diferenciação entre homens e mulheres no cotidiano da escola?

A: Diferença assim como?

- M: No comportamento, no dia a dia , nos corredores, na sala de aula
- A: ah tem sim. Por que tem aquelas pessoas que são mais quietinha e tem outra pessoa que são mais levada , né,
- M: Mas isso tem relação com ser homem ou ser mulher?
- A: Não. Pra mim não.
- M: • Por ser mulher, já passou por alguma situação constrangedora na escola, em casa, no trabalho ou na vida?
- A: Não, passei não.
- M: Em sua opinião, existem comportamentos típicos de mulheres e típicos de homens? Dê exemplos.
- A: Existe sim, né. por exemplo, mulheres que é, que são lesba, né, é um exemplo. um home também que é homossexual também.....
- M: Pra senhora isso tem alguma diferença, tratamento diferente..?
- A: Não, não tem diferença não. De jeito nenhum, a gente tem que tratar eles do mesmo jeito que a gente trata outras pessoa, né. eu sempre não tenho diferença não,
- M: tem algumas pessoas que falam assim: homem comporta assim, mulher comporta assado. A senhora acha que tem comportamentos que são só da mulher e outro que é só do homem?
- A: Tem mulher que sabe se comportar, né.
- M: Para a senhora o que é saber se comportar?
- A: O que é saber se comportar? É respeitar as pessoas, né, respeitar as pessoas, não.... como é que diz... não maltratá as pessoas, né isso ai é o que eu acho.
- M: E o homem, como ele deve se comportar?
- A: O homem também tem que se comportá bem também. Tem que ser homem assim , comportado com as mulheres, tem que ser educado com as pessoas, entendeu?
- M: A senhora se considera, na condição de mulher, que é mais respeitada hoje naquela época de criança, adolescente, mocca?
- A: Naquela época era mais respeitada. Naquela época a mulher era mais respeitada mesmo.
- M: E a senhora enquanto pessoa, enquanto mulher é mais (respeitada) hoje que naquela época?
- A: Eu nunca .....ninguém nunca assim.... m desrespeitou não. Sabe? Todo mundo assim me respeita.
- M: Na sala de aula, quando faz assim, grupo de estudo, tarefa e vai dividir algum grupo, geralmente fica só mulheres ou so homens nos grupos?
- A: Não. Por que nois gosta mais de dividir mulher. Mulher com mulher.
- M: E porque mulher com mulher?
- A: Sei lá.... por que é ... eu acho assim mais interessante, entendeu?
- M: E por que é que é assim... medo, receio... por que só mulher com mulher?
- A: Não, não....por que ...como que diz...na minh sala tem mais aqueles menino jovem, aqueles menino abusadinhos, né, então a gente prefere ajuntá nois mulheres mermo.
- M: A senhora já ouviu falar sobre a palavra gênero?
- A: Gêno...
- M: Gênero.
- A: .....não
- M: As pessoas falam assim, gênero masculino, gênero feminino....
- A: Ah, já! Já sim.
- M: Me fale um pouco do que isso quer dizer pra senhora.
- A: ah; ,me pegou agora. Palavra gênero é quando a pessoa é nervosa, né....
- M: Não, ai é o gênio. A pessoa tem um gênio ruim... ou um gênio bom... eu estou falando GÊNERO. Gênero.... ser homem, ser mulher, nesse contexto, de ser masculino, feminino...a senhora nunca ouviu falar nessa condição?

A: (silencio e balançar de cabeça)

M: Para a senhora, o que significa ser mulher?

A: mulher significa muita coisa. Ser mulher. Né, mulher e, tem que ser, ter valor, valorizada., o caso da mulher é esse, entendeu?

M: E o que é nesse caso. Ter valor?

A: Mulher ter valor é mulher ser respeitada, sê respeitada, ser conhecida, entendeu? É isso.

M: Na época de sua infância, de sua adolescência e de sua juventude, como era ser mulher, era fácil?

A: Quela epa (era uma coisa, naquela epa era uma coisa, um, era uma epa que, como é que diz, que era uma epa assim, uma epa boa, num tinha esse negocio assim, de, de, como é que diz, é de a pessoa brinc.... nois brincava, era uma brincadeira assim suave, né, respeitosa, nois brincava com os, os dolescente, com rapazinho, tudo isso nois brincava. E num tinha essas coisa, né. Hoje em dia tem o que? Hoje em dia tem... gente não pode... nosso filho na adolescência não pode mais ta brincano mais com certo tipo de pessoa assim, né... por que depois que surgiu essa droga, hoje em dia tudo se vai pro caminho ruim, né, intão... e na epa mão tinha essas coisa.

M: Eu já acabei as perguntas, D. Alice. E queria deixar a senhora a vontade pra dizer assim o que a senhora pensa....da pesquisa, pensa do nosso encontro passado, a senhora achou interessante, gostou.....fique a vontade pra falar o que quiser.

A: É interessante. Importante sim, com certeza. Não sei pra que é que se trata, mais é importante sim.

M: Tá bom D. Alice. Muito obrigado a senhora. Se eu precisar falar com a senhora novamente, eu posso?

A: pode sim. Quando você quiser. É só falar.

M: Boa noite e mais uma vez muito obrigado. Deus lhe pague.

## APÊNDICE G: Entrevista com Cecília

Marcelo (M):Boa Noite D. Cecília.

Cecília (C): Boa Noite.

M: A senhora pode me dizer seu nome completo?

C: Cecília Marina Novais

M: A senhora nasceu quando?

C: vinte e sete do nove de cinquenta e nove (27/09/59)

M: Em que local, D. Cecília?

C: Dom Silvério, Minas Gerais.

M: A senhora se recorda qual a profissão dos seus pais?

Meu pai era carpinteiro e minha mãe lavadeira de hospital.

M: A senhora se lembra se eles estudaram?

Meu pai foi criado em fazenda, pela mão de fazendeiro, então ele dormia nos paiol. Uns fala paiol, outros fala biango, entendeu? Ele foi aprendeno aos poucos, com os próprio fazendeiro. Compreendeu? Mas também sabia muito pouco ou quase nada. Minha mão já não sabia nada.

M: Hoje a senhora está em que módulo aqui na escola?

C: eu to no primeiro ano, entendeu? Mais já ta dando pra pegar bastante coisas, por exemplo, separar silabas, essas coisa. Eu não tenho dificuldade com os numero. Com numero eu num tenho.

M: A senhora mora em que bairro?

C: Eu moro no bairro Petrópolis, rua Caxias, numero 154.

M: Na sua época de infância, a senhora, morava com seus pais. Como era essa convivência?

C: Ó, meu pai era uma pessoa...apesar que eu fui criada com regime militar, meu pai era muito bravo, mas eu agradeço ele, hoje, por ele ter sido bravo. Por que um pai com nove filhos, cinco filha mulher, se ele não fosse bravo, ele não daria conta.

M: E como era essa braveza?

C: Não..... quando meu pai pegava pra bater, batia de verdade. Inclusive eu tenho problema de vista, por conta de couro. Por que não, a gente não podia falar nada. Se ele falasse pedra era pau... então uma pedra tinha que ser pau. Ce não podia falar nada....e, então eu era muito arrogante com aquilo, entendeu? E se falasse Cecília vai carregar água, eu flava assim, por que só eu tem que carrega e as outras não?

M: a senhora era a mais velha?

C: Não, eu era a terceira. Sou mais velha que a outra um anão só. Por fato de que eu menstruei muito nova, com sete anos e meio, tão eu era obrigado a trabalhar e as outras não. Entendeu? Então, nisso foi cresceno, cresceno nessa mesma coisa. E quando ele tinha que bater em um que fez a coisa errada e um risse, ia apanhar todo mundo. Só escapavas os neném.

M: E na época da juventude, de moça?

C: Olha.... meu tempo de jovem... nós nunca tivemos muita mordomia, por que todo mundo tinha que trabalhá, tinha que trabalha, entendeu? Ai nessa época meu pai não estava bem de saúde.... e toda vida nois teve que trabalhá pra ajuda dentro de casa, messs... era na roça, tanto que tudo que cê me perguntá de roça, de plantaço eu sei. Sei cortá lenha, como fazer um metro de lenha, tudo isso eu sei. Como fazer um telhado, eu fui ajudante de carpinteiro....entendeu? então são coisas assim... meu pai criou a gente muito naquele regime namorar só com 18 anos, a gente não podia sair, se saísse era com minha mãe e era assim, vai a igreja, da igreja pra casa, ele foi desse jeito. Mas foi aquela pessoa, se ele comprasse uma bala, ele trazia e dividia com todo mundo. Se não pudesse dividir com todo mundo, ele jogava fora. Nem ele nem ninguém.

M: E como é sei contexto familiar, hoje, D. Cecília?

C: Olha.... e depois eu fiquei maior e fui embora pra Belo Horizonte, né, sai de D. Silvério e fui com minha tia pra Belo Horizonte, né, lá fui trabalha em casa de família... e como você não tinha horário..... não é igual hoje, né, trabalhá em casa de família, hoje, tá uma maravilha... hoje é mamão com açúcar. Naquela época cê tinha horário pra levantá, mas cê não tinha horário pra dormir, pra deitá, entendeu? Igual eu trabalhei na casa de um médico que eu levantava 6 da manhã e ia dormi, deitar 2 horas, entendeu?, então... e tudo que eu ganhava era para mandar para o meu pai e minha mãe, meus outros irmãos pequeno e assim foi a vida da gente.

M: Voltando um pouco, D. Cecília, tinha alguma diferença entre os meninos e as meninas na sua casa?

C: Não. Isso meu pai nunca separou. Todos era iguais. A única coisa que foi desigual, foi no meu caso. Que foi um fato que aconteceu, que até hoje.... outro dia meu menino tava pesquisando na internet o porquê que aconteceu isso comigo, é questão de hormônio mesmo, então a única coisa que teve a separação, foi de mim, entendeu? Mais a fato de brinquedo.. coisa assim.... ninguém, nenhum dos nove teve essa portunidade de brincá, todo mundo teve que trabalha, muita garra messs.

M: Eu ia lhe perguntar mesmo sobre como eram as brincadeiras em sua época. Não havia nenhuma?

C: havia, havia. Inclusive eu tinha uma e apanhei muito por causa dela. Por que tudo meu é muito rápido. Toda vida eu gostei de trabalhá, mas se era pra trabalhá, era pra trabalha; era pra fica a toa, é pra fica a atoa. Então o tempo que eu tinha pra fica a toa, eu gostava de jogar, jogar birosca. Uns fala birosca, outros fala bolinha de gude, eu tinha uma lata de bolinha de gude e eu não perdia pra ninguém. E eu procurava sempre assim, as mais bonita, e meu pai detestava. Por que ele falava assim: isso é brinquedo de homem, não de mulher. Mas eu gostava daquilo.

M: E apanhou por isso?

C: Apenhei. Apanhava..... ele jogava... pegava minha latinha de bolinha de gude e jogava fora, na hora que meu avo chegava, meu avô vinha da roça, ele morava na roça e vinha.... era só eu pedir um dinheiro pra ele, ele me dava e eu ia direto comprar bolinha de gude pra volta a jogá, era desse jeito. Mais brincar de boneca.... eu fui ter uma boneca, eu tinha vinte e seis anos, eu ganhei uma boneca de presente e eu tenho ela até hoje, daí ela fica na minha cama.

M: Fora a gude, tinha outra brincadeira... com os irmãos, irmãs , amigos....

C: Tinha.... briga. Com os irmão era só briga, má brigava que nove, imagina...minha mãe todo ano tinha um filho, é um mais velho que o outro um ano.. um olhava pra cara do outro se risse já começava briga, era desse jeito.

M: A senhora começou a trabalhar então, muito nova?

C: eu com oito Anos... Antes de oito ano já trabalhava, mas na casa dos outro foi com 8 ano olhano o filho dos outro, já olhava fi dos outro, quase que eu deixava fi dos outro cair, mas fazê o que, tinha que trabalhá. Até quando eu tava com dez anos, não me esqueço dessa fase, já não tava olhano fi dos outro mais. Eu já tava mexendo com salgado mesmo, na casa de uma mulher lá, eles tinha um bar e eu tava trabalhano com ela, ai eu lembro que subia em cima de um caixote, que não dava altura, na mesa, isso era depois que eu arrumava casa e tudo ai eu vinha pra cozinha ajudar ela. Ai teve um dia lá que eu passei mal. Eu cheguei a desmaiá. Ela me mandou em casa, volta pra casa para minha mãe me levar a um médico. Não existia medico, existia formacético, na época formacético que passava remédio. Ai mãe.... eu não esqueço.... minha mãe tava lavando a roupa numa biquinha, biquinha é uma mina, ai olhou pra mim e falou assim: cê não quer trabalha, isso é preguiça. Eu numa fraqueza do cão, eu peguei voltei de novo pro trabalho, cheguei lá falei com a patroa.... ela: Cecília ..... não minha mãe falou que eu estava com preguiça. Mas ela não viu como eu fiquei. Ai minha

patroa me levou no formacético, e falou (com a mãe): ó, Cecília vai ficar em minha casa um mês pra ela tomar a medicação certa, eu vou cuidar dela. Ai que ela (a mãe) foi ter....Ah, mais o que ela tem? A patroa: não, ela não foi preguiça. Ela passou mal mesmo. E eu custei a voltar a real.

M: A senhora acha que sua mãe falou isso, e por quê?

C: Eu não sei até hoje. E cê sabe que isso me marcou até hoje. Sabe..... chega num estagio que te marca.... eu já fui no psicólogo, no psiquiatra, mas não sai. Já rezei, mas não sai. Amo minha mãe, eu sou apaixonada por ela, mais toda vez que eu olho no rosto dela parece que eu veno ela fala esta palavra.

M: Ela ainda é viva?

C: Minha mãe é viva, ta com oitenta e quatro anos. Mas mais toda vez que eu olho no rosto dela, eu vejo esse som dessa palavra. A preguiça..... então eu fiquei com aquele trauma... posso ta doente que tem que trabalha. Que se eu não trabalha me dá crise de choro aquilo fica na minha cabeça.... cê num ta trabalhano, cê ta com preguiça, eu fiquei com esse trauma e eu creio que isso só vai acabar quando eu morrer, entendeu? mais eu sou eu sou apaixonada por ela é tanto que eu já salvei a vida dela duas vezes: ela já teve.... praticamente ino, eu sistino televisão, aprendi como fazer massage cardíaca , e ela lá..... e eu fui fiz e ala conseguiu volta então dizer, ajudei ela varias vezes. O amor é maior. Mas toda vez que eu olho no rosto dela parece que eu vejo ela lá...nova falano essa palavra. Aquele momento me marcou, eu era muito nova pra aquilo ter acontecido, ela não podia ter falado aquilo comigo, ela tinha que ter ido procurado minha patroa...cadê, como é que foi... e ela não foi.

M: Alguma outra coisa marcou a senhora, assim, tanto como esse fato?

C: Marcou. O estudo. Não vou dizer assim... formal. Que na minha época não tinha formação, tinha assim, quem estudava fazia só até o quinto ano, e depois do quinto, se você quisesse estudá, você tinha que pagá. E gente não tinha condições. Mas meus irmãos todos e minhas irmãs fizeram até o quarto ano primário, e ela nunca teve tempo, de poder me ensinar nem sequer as vogais. Isso me marcou muito, por que se ela pode fala com outra pessoas: ensina meus filho,minhas filha aqui por que eu não se. Eela podia ter falado comigo também: ô fulano ensina fulana aqui pra mim, porque ela não sabe. É igual eu, eu não sei, mais paguei as pessoa pra ensinar meus filho. Meus filho formaram, fizeram endino fundamental, dei curso técnico pra cada um, agora tem um que tá na faculdade, eu to ajudando ele, entendeu? Então eu penso assim, que eu acho que um pouco era ignorância deles, eles olhava assim... pro lado ingnorante, como diz, essa pode, essa não pode... e eu ....tem hora que eu ainda passo uma borracha nisso. Porque esse negocio de um ser mais velho que o outro só um ano...quando ei nasci eu não pesei nem um quilo, e ela já tinha duas filha doente, foi o período que eu nasci, ela não teve.... acho que minha não teve amor por mim, porque ela tava lutano com dois doente. Que tempo que ela ia ter praquele que nasceu... onde eu fui batizada rápido com medo que eu morresse, diz ela que via minhas tripa dentro de minha barriga. Ela teve tempo? Então nisso ai eu não culpo ela. Ainda acho que ela foi uma grande heroína, ai depois quando ela teve o ultimo filho dela com quarenta anos, ela teve meu irmão mais novo, que é o caçula, teve... foi o filho maior que ela teve, pesou quase cinco quilo. Entendeu? E dai depois que ele nasceu dai a dois ano ela foi trabalha no hospital de lavadeira e lá ela ficou até aposentá. E ai onde que a vida deles lá ...foi melhorando aos pouco. Eu já trabalhava fora em Belo Horizonte, o que eu ganhava lá eu mandava... que é onde trabalhava lá eu comia, bebia e dormia... então que eu ganhava era livre... eu mandava pra eles. Entendeu? Por que eu disse ah, ela é minha mãe, ele é meu pai. Meu pai morreu em meu braço... então assim, por mais que aconteceu as coisa de ruim comigo, mas são pessoas que eu amo, o amor ainda fala mais alto.

M: E na juventude, mocidade, o que marcou a senhora?

C: Ó, a única coisa que me marcou, que fez.... alias, eu fui pra Belo Horizonte praticamente fugida. Que meu pai arrumou um cara pra mim casá, eu tinha de 18 e 19 anos ele queria que eu casasse com esse cara. E eu fui enrolando, enrolando, enrolando meu pai, com faltava oito dias pro casamento eu fui embora. Minha tia teve aqui.... tia eu não posso casá com esse home, tia. Esse home é branco demais. eu não vou casá com esse home.

M: E era só por que ele era branco?

C: Não, era por que eu não gostava dele. Eu não gostava dele. Eu falei o que é que eu faço? Fui la conversei com o padre, falecido padre José, ele ;;;; minha fia.... por que? Por que se eu não falasse sim, meu pai me batia. Então eu tinha duas alternativas: apanha ou digo que sim. Eu disse sim.... mas eu não quero casá. Ai minha tia teve lá e falou vambora comigo pra Belzonte, fala que cê vai comigo na casa de pai, e de lá nos vamo embora. Ai fui pra csa de meu avô e de lá eu vazei pra Belo Horizonte.

M: e foi assim com as outras irmãs também, a mesma coisa?

C: Não. Por que a outra que era mais velha que eu, que foi embora pra Belo Horizonte também, ela não tinha namorado, a minha irma mais velha, Maria José, ela casou com o primeiro namorado dela, mas ai já não foi pai que escolheu, porque depois que eu deixei o casamento faltano oito dia, ai dessa época pra cá ele já não interferiu mais....ele já não interferiu mais.

M: E por que a senhora acha que com a senhora ele quis marcar a data, arruma esse casamento sem a senhora consentir?

C: É por que antes, eles fazia era isto, e o cara pediu ele: olha to gostano de sua filha, eu queria casar com ela. Ele chegou perto de mim assim e perguntou: cê ta namorando com fulano? Eu não, nem nunca dei nem bom dia nem boa tarde. Ele me pediu pra casa com você. E você vai casa com ele. Foi assim. Vai ser tal época assim.... eu disse ta e fui embora.

M: Na sua atual idade, o que a senhora pensa sobre o mundo sobre a vida?

C: olha, sobre o mundo e sobre a vida.... a vida é maravilhosa!. Acho que enquanto a gente tiver o direito de vive um minuto, um segundo, gente deve de luta... por esse um minuto, por esse um segundo. Que a vida é bela. Agora o mundo, não vamo dizer o mundo, o mundo pe o mesmo que Deus fez. O povo,..., o povo, infelizmente virou um bando de ..... principalmente a turma de jovem... agora ta um tal de jovem não respeita pai, não respeita mãe...eles é mais fácil respeitá um celular do que respeitá pai e mãe. E uma mãe fala, ta errado,. Isso não ta certo... ah a mãe ta conversano, menino tá aqui, ó.... (como de teclasse no celular) ou você seja uma pessoa de pulso forte ou você solta a corda logo de uma vez. Igual lá em casa: deu a hora do almoço... Stefano, Marlon, vamo almoça, vamo. Pego celular de todo mundo e guardo... depois do almoço eles pega.

M: A senhora chegou a frequentar a escola quando criança?

C: Não. Ah! não..... fui na escola eu mesma. Fui, mas foi assim, questão de ... não fiquei nem oito dias. Eu tinha duas opções só: ou ficava na escola e aprendia ou ficava com fome, porque não tinha o que comer. Então assim, so tinha duas opções, entendeu? Então eu preferi ir trabalha por que não tinha o que comer... e antigamente tinha aquele negocio, que as pessoas em melhores situação, o que eles almoçava, o que sobrava depois do almoço, eles não jantava, ai eles me dava e eu trazia pra casa. essa foi a minha trajetória. Mas eu não reclamo... tem hora que.... eu fico triste.. eu prendi a trabalha.... eu prendi te responsabilidade, eu aprendi a amar o próximo, eu aprendi ser educada e aprendi também a ser grossa a hora que precisa dar uma resposta na hora certa. Então foi muitas coisa boa, que eu aprendi , que já pensou, se essa era a trajetória que eu tinha que passa, mas nessa trajetória eu aprendi muito, já pensou se eu não passasse por ela e não aprendesse nada? Ai seria pior. Pra mim foi muito bom, eu...por mim se eu tivesse que voltar eu voltaria.... ai depois meu pai chegou uma conclusão boa, depois eu não quis casá, nunca quis casá, que eu sou solteira até hoje. Ai arrumei um namorado em Belo Horizonte, amiguei com ele , fiquei onze anos amigada com ele, tive dois

filhos, que esses dois filho que tenho. Depois não deu certo, por que eu não nasci pra ser mandada, eu acho que assim o casal tem que ter respeito, mas mandar, não. Eu sempre falava, estou indo em tal lugar assim, assim se precisar de mim, pode me procurar lá que me acha. Ah. Você não vai... a eu vou sim. Não tem nada pra mim fazer, ta tudo em ordem. Você não vai por que você não quer, eu vou. Entao, eu não nasci praquilo e depois, ele enfiou no jono, inclusive eu mesmo trabalhno ajudei ele a montá uma oficina de marceneiro. Um excelente marceneiro, só que ele trocou o trabalho na marcenaria pelo jogo. Foi meu dinheiro todo embora e eu com dois filho pra cria, ai eu voltei eu pra casa de meus pais.

M: mesmo numa época em que a gente tinha homem mandão, machista, a senhora não aceitou essa condição?

C: Não aceitei . por que eu já tinha meu pai que era mandão. Como diz: aquela escola eu já tinha, e eu falei no dia que ai de casa: isso nunca mais vai repetir. Como nunca repetiu mesmo. quando ele começou infia no jogo eu falei: to aqui pra trabalha e te ajudar, mas pra jogo não. Pra eu ter que trabalha, sustentá os menino, pagar luz, água e você no jogo... então você fica só. E fui embora pra casa de meus pais. Ai falei com meu pai e meu pai falou: não minha fia, pode vim. Fui pra casa de meu pai, ai foi outra trajetória, que eu tinha que cumprir o que meu pai me propôs. Ele me propôs: olha minha filha, cê vai fica aqui, pode cim pra cá, trazer seus filho, por que aqui cê sabe que tem que trabalha, que a gente é pobre. Eu disse não pai, eu sei disso. E tem uma coisa: não aceito você namorar mais. Eu tinha trinta e seis anos. Entendeu? Ai eu falei assim: pai, isso num precisava nem o senhor de falar, porque eu não quero mais, o eu eu queriaeu já tenho. Porque o que eu queria eu já tenho, que é os dois filhos e assim foi até hoje. E tanto que meus filho morre de ciúme de mim.

M: com trinta e seis anos a senhora era uma mulher nova, nunca se interessou por alguém pra cá?

C: Não. Por que eu preocupei muito com os menino. Porque eu tinha um com ...dexa ver... um com oito pra nove e o outro com um ano e três meses. Então eu preocupei muito com os menino.

M: A senhora foi muito mãe e pouco mulher?

C: É. Fui muito mãe e pouca mulher.

M: Isso não lhe fez falta?

C: Fez sim. Não vou falar que não fez. Fez muita falta, mas eu busquei muito a Deus pra que ele me desse força, e depois vai passando uns tempo você acostuma com aquele ambiente, seu organismo já não pede mais, já não aceita mais.

M: Mas não é só a questão biológica, mas como pessoa, como gente, ter um parceir...

C: um parceiro pra conversar, poder sair, entendeu;? Ai então o tempo foi passano.... pra cê vê, meu menino hoje já vai fazer vinte e cinco anos, ele tinha um ano e três meses! Quantos anos tem! Ai eu fui a luta criei meus menino, eduquei do meu jeito e graças a Deus meus filho não bebe, não fuma, não mexe com droga, não anda assim com mal companhia, onde eles vão, eles me avisa, se um sai o outro fica comigo, nunca fico sozinha... eu venho pra escola, eles me traz e me busca todo dia, eu moro ali mesmo, eles me trazem e busca. Então assim, valeu a pena, valeu, eu amo eles, e se eu tivesse que fazer tudo outra vez, eu faria.

M: A senhora diz que eles te trazem todos os dias, e como foi voltar à escola agora nessa idade?

C: Engraçado, voltar pra essa escola, se eu te falar, eu devia ter trazido, está la na sala pra te mostrar, Ne até tem foto que ela tirou, que eu mesmo e registrei, né, com dezoito anos eu me registrei. Ai eu falei com meu filho... tava conversando com stefânio: eu tinha tanta vontade de saber ler, que eu nunca sube. Eu sei assim né, assinar meu nome porque eu decorei meu nome, eu tinha tanta vontade de aprender ler.... Marlon olhou pra mim assim e falou: ô mãe a senhora tem mesmo vontade de aprender ler? Pro cê vê, ele procurou a secretaria de educação foi lá, fez minha matricula, tudo sem eu saber, ele pegou minha certidão, meus documento,

falou assim: ô mãe me empresta seu documento ai, eu preciso olhar um negocio ali na minha faculdade. Mais não era. Foi lá fez minha matricula, fez tudo. Entendeu? Chegou e falou assim: tá aqui, a senhora quer ir pra escola, a senhora quer aprender ler, aqui sua matricula, ta pronta. Já passei na rua comprei caderno, comprei lápis, borracha, lápis de cor que a senhora vai precisar, tá aqui. Vamos lá que eu vou levar a senhora no colégio. Quando chega lá, o colégio que eu passava na porta todo dia. Então quer dizer, foi meu filho mais novo que me trouxe ate aqui.

M: A senhora disse ter muita dificuldade na escola. Qual é a sua maior dificuldade D. Cecília?

C: É lê. Por que, escrevê, se dá um lápis e for falando as letra daquela palavra, eu escrevo ela, agora me manda lê ela...eu não leio.

M: Quais são os seus interesses e necessidades aqui na escola?

C: Que eu quero aprender a ler mesmo. sabe, mode que eu quero aprendê a lê?

primeiro lugar, as vez pinta uma receita nova eu tem que pedi meu filho pra escrevê pra mim, As vez tem um curso de salgadeira, de confeitadeira, coisas novas, eu quero entrar, eu quero vê, eu quero aprendê, aí eu já não posso... porque o estudo me faz falta

M: Pra senhora é importante estar aqui na escola?

C: Pra mim é importante. Muito importante... é um remédio que cê precisa tomá, se eu tomá um remédio eu quero saber qual são as indicações daquele remédio, tem que pedi meu filho pra lê, que se eu souber lê, num vai precisa deu pedi, eu messs leio..... faz falta. Cê vai num supermercado, uma loja te faz falta, por mais ajuda que você tem, te faz falta. Num precisa de ninguém, ninguém na face da terra que precisa de pensar assim: eu não preciso de lê.. o estudo não me faz falta. Faz falta sim! Pra qualquer idade.

M: Com relação aos seus colegas de sala, como acontece a relação entre vocês?

C: Não, na minha sala tem muitas pessoas boas, pessoas que eu gosto muito, ma tem pessoas ingnorante que não espera, que não sabe .... eu posso? Agora mess nos mudamo de sala, tá todo mundo achano ruim, porque? Por que..... ah mudei de sala, mudei de carteira... mais gente....é só uma semana só. Pra que apelá, pra que achar ruim? Por que que não acharam ruim quando precisava ir pra escola e não foi, quem teve oportunidade? Por que na minha sala tem jovem. O que que jovem quer no meio de véi, pessoas mais idosa?

M: Como é a relação dos jovens com os mais idosos?

C: Péssima. Não vou dizer que é boa. Se não eu vou tá mentindo... pra mim, pra você e pro seu trabalho de escola.

M: Se não é boa, o que a senhora considera de pior nessa relação?

C: Causa de que eles não se dão o respeito pelas pessoas mais idosas, entendeu agora? E se eles tão ali, eles tem por obrigação respeita os idosos. Por que eles tão ali por rebeldia deles. Não precisava de está ali, precisava? Menina de 12, de 13 ano.... precisava de tá ali no meio de idosos? Não precisava. Eu julgo pelo meu filho que formou com 17 anos.... e eu fui mãe e pai..

M: O que a senhora espera da escola?

C: Eu espero da escola que eu consiga a lê. É a única coisa... que com número eu não tenho dificuldade. Se for pra mim escrever de 1 até 5 mil, 7 mil eu vo embora. Conta também, dependendo da conta, também, eu faço, que eu trabalho muito com balança, então, na balança se exige muito numero. Entende? Cê vê, tem vez que eu to mexendo com uma coxinha que ela tem que pesar 25 grama...então eu trabalho com número.

M: A senhora percebe alguma diferença/diferenciação homens e mulheres aqui no dia a dia da escola?

C: Entre homens e mulheres?.....eu acho assim.... deixa eu te falar.... cê ta falano assim...dos joven...?

M: De uma forma geral, se há uma diferença entre são tratados homens e mulheres... como a escola, a professora, como eles próprios se tratam...

C: Eu acho assim, tem uns bem osados. mas comigo nunca aconteceu que não dou oportunidade, eu não converso, as vez não dou nem bom dia nem boa noite porque eu sei que já não pode se aproximar.

M: Por ser mulher, a senhora já passou por alguma situação constrangedora na escola ou em casa ou trabalho ou na vida?

C: No trabalho já.

M: A senhora pode me contar?

C: Posso. Tive de sair do trabalho por causa do patrão Eu tava com 26 anos, nova, tinha corpo muito bonito, pernas muito bonita, cabelo muito bonito. Infelizmente a esposa era feia, que eu não vou falar que ela era linda, só por que era mulher. Que eu já trabalhei com patroas que era maravilhosas, lindas. E ela não era bonita, e o patrão veio e dá uma de..... de esperto, eu falei assim: você escolhe, você sai de perto e mim ou eu te quero todo. Vou te quemá todo. E a primeira pessoa que eu procurei foi a patroa. Disse: senhora arruma outra que eu tô indo embora agora. Ela falou: “porquê?” Eu falei seu patrão tá querendo faltá o respeito comigo. E eu quero ele. Ela falou assim: “Esse é o problema, não para empregada aqui em casa”.... entendeu?

M: E ela aceitava isso?

C: Eu nem questioneei. Aceitava. eu peguei e falei pra ela: to indo embora por causa disso.

M: E a senhora acha que ela aceitava isso, por quê?

C: Pra ser sincera, por preguiça. Ele era um homem bem sucedido, ele era um engenheiro da Petrobras.... ganhava bem.....ela tinha pouco estudo e não gostava de trabalha. E com ele, ela tinha tudo, entendeu agora? Acho que ela suportava tudo para viver no luxo. entendeu agora? Ela queria era o luxo... então ela suportava tudo.

M: na opinião da senhora, existe comportamento típico de homem e típico de mulher?

C: Existe.

M: A senhora pode falar o que pensa sobre isso?

C: Existe sim. Por exemplo, tem a mulher dedicada, tem a mulher carinhosa, tem a mulher amiga, tem a mulher companheira, tem a mulher que se entrega de corpo e alma e, já tem um homem que também se entrega, que é um bom companheiro, que é amigo, que tá pro que der e vier ao lado da mulher. Onde também já tem a mulher que não se dá nada e tem o home que não se dá nada, não se entrega a nada, entendeu? Então tem de ambas as parte tem a sua qualidade..... e tem o seu, o seu erro.

M: Então pra senhora não tem homem comporta assim, mulher comporta assado?

C: Não, è tanto que é uma coisa que eu sempre falo: eu amo os gay. Trabalhei com tanto gay, não jogo pedra neles. Sei que eles são assim por que eles quer, por que não existe gay e nem existe mulher sapatão. Deus fez o homem companheiro da mulher e a mulher companheira do homem. Pra um só juntar uma só carne, num é? Mais, se ele quer assim, eu respeito isso, o jeito dele. Se a mulher que viver com outra mulher, eu também respeito o jeito dela.... um dia ela vai ter que ser..... nos todos vai ser julgado. Quem vai ter que se virar lá com o Pai, é eles, não sou eu. Se eu tivesse um filho gay ele ia ter o meu amor, meu carinho a mesma coisa. Só que tem uma coisa: dentro da minha casa ele tinha que comportar com homem.

M: E como o homem se comporta. D. Cecília?

C: Por que eu tenho dois home, né? Todos dois são rapariguero, então.... e já tenho na família primos que é gay, Eu amo eles...

M: Mas como é...a senhora falou se comportar como homem. Como é que homem se comporta?

C: O homem, talvez assim, o homem ele é mais machista, né. O homem eu vou jugar pelos meu. Pra começá já são rapariguero, gosta muito da vaidade, roupas tem que tá muito bonita

no corpo, academia, gostar está sempre em forma. Ainda brinco com eles assim: mais pra que isso tudo? Ah, mãe, a gente tá no naípe, né? eu falei: é isso aí meu filho, proveita...por que esse tempo, ele vai passa... proveita por que vai passa. E vai chegá uma hora em que você vai querer, mas não vai guentá.

M: Então pelo que a senhora falou, estar no naípe, estar em forma, ser raparigueiro é ser homem?

C: O ser homem tá aqui....(apontando para a cabeça) a responsabilidade, é saber que eu tenho que trabalhá, esse é um compromisso e eu tenho que cumprir. O ser homem é respeito, é cumprir horário, é chegar e .... chegar e dar um bom dia, uma boa noite. Se é em casa: mãe, bom dia, a bença.

M: Ai, vou perguntar a senhora, a senhora mesma que falou do gay, dessa questão do gay... ele não é homem?

C: Ele é homem..... não existe gay. Não existe. Eles escolhe ser isso. Não existe gay .

M: A senhora fala isso com base em....

C: Em primos. O que era gay, hoje é casado, pai de família... um excelente pai. Viu aí? Existe gay?

M: E voltando a questão de ser homem e ser mulher, a senhora ia dizendo sobre isso...

C: Igual uma mulher, que também tem na família, era....dizem que era maria sapatão... hoje ela é casada, tem três filha linda e é um mãe exemplar.

M: Voltando ao que a senhora falou, uma mulher que seja homossexual não pode ser mãe exemplar?

C: Pode. Pode. Mas como que uma mulhé com a outra vai ter filho?

M: pode adotar.

C: Ah. Adotá. Mais não sangue dela.

M: Pra senhora só é filho quem é de sangue?

C: Não! Se eu tivesse condições e saúde, eu adotaria. .... mais que existir isso (gay), não existe.

M: Então vamos voltar a falar do papel do que é ser homem e do que é ser mulher.

C: então eu messs, eu quis ter meus filho, tive. Eu criei os meus filho. Fiz papel de mulhé. Fui amiga, fui mulhé em tudo com meu marido. Não deu, eu separei. Ele foi vivê a vida dele e eu fui vivê a minha. Então, todas as mulheres deviam pensar um pouco mais antes de tomar qualquer atitude, entendeu? Ah, eu não to dando certo com o namorado então vou arrumar outra mulhé. Gente é errado. Vamo pará, vamo pensá. Mais que eu sou contra eles...não!

M: Então para a senhora, vou voltar a minha pergunta, tem comportamento de homem e tem comportamento de mulher?

C: Tem. Tem o comportamento de homem e tem o comportamento de mulher.

M: E como é que mulher se comporta?

C: Com respeito, dignidade, caráter ... saber falar sim, não na hora certa, saber chamar a atenção ... ou de um filho, ou de um sobrinho ou mesmo de um irmão. Mais na hora certa. Esta é a verdadeira mulher. E também do bom homem, agir sempre na hora certa, não na hora errada.

M: A senhora, a condição de mulher, se sente mais respeitada hoje do que no tempo da sua juventude?

C: Com certeza muito mais respeitada. Por que uma por causa da idade e na adolescência, no tempo de jovem, depois que eu saí da casa dos meus pais, tava na época de usar mini-saia.... essas coisas quando você tá longe pai e mãe você se veste... e você é nova tem corpo bonito, cabelo bonito, pele bonita, perna bonita, então você chama bem mais atenção do que quando você esta mais velha. Entendeu? Então eu acho que hoje eu sou bem mais respeitada.

M: Esse chamar a atenção....a senhora acha que é motivo para invasão de privacidade, falta de respeito....ser culpada por chamar a atenção?

C: Chamá atenção de quem?

M: No caso, a senhora falou que, quando jovem, chamavam mais a atenção. Chamava mais atenção.... dos homens, não era isso que a senhora quis dizer?

C: É.

M: Por chamar a atenção, a senhora acha que é motivo para faltar com respeito, o homem querer abusar dela... a mulher deve sentir culpa por chamar a atenção?

C: Sim. Hoje, no mundo de hoje, como diz, o século 21, é. Por que se a mulher se desse mais um pouquinho, não vamo dizer assim, 90% não, vamo supor uns 60% se desse mais um pouco de respeito as coisa seriam bem diferente. O homem ia pensar três vezes antes de falta com o respeito.

M: O que a senhora chama de se dar ao respeito?

C: Se dá o respeito é uma mulhé se torna bem mais bonito. Preste atenção numa mulher com a roupa bem decotada, com a roupa bem curtinha mesmo, eu vi uma outra mulher bem vestida...vamo supor assim: uma saia social, uma blusa bonita, um blazer bonito, com cabelo bem arrumado, com saltinho ela põe as duas junta, qual das duas que tá mais bem vestida?

M: A senhora acha que nesse contexto, uma delas pode ser respeitada a outra não?

C: Não, eu acho, nesse caso, uma se dá mais o respeito que a outra.

M: então a senhora acha que, nesse contexto, a que está com a roupa curta é culpada se ela for, por exemplo,...

C: ouvi um assédio.

M: Sim, um assédio.

C: por que a outra como que tá mais bem vestida, se tiver que acontece.... ele vai pensa três vezes. Bom: ela tá bem vestida, ela num ta me mostrando nada, entendeu? É por isso que eu falo: o século 21 trouxe muita coisas.... que ta fora, como diz meu pai, fora do eixo. São coisas que as pessoa deveria pensá mais, quem ta criano família deveria pensar muito mais... é um debate que deveria.... vocês que tão estudano deveria falar muito sobre isso, vocês homem. Inclusive também, eu fiz uma entrevista com a menina, ela foi lá em casa, ela chama Cristiana, ela formo psicologia, ela me escolheu, ela é amiga do meu filho, eu falei muito com ela sobre isso. Ela falô: cê sabe que é mesmo, D. Cecília, a gente mesmo chama atenção, a gente acha que a gente ta abafano, no fundo, a gente ta é chamano a atenção e passando por ridícula. Foi a resposta que ela me deu. Ela falo assim: o que é desejado é o que tá escondido né o que tá à mostra.

M: a senhora, nesses grupos de sala de aula, de tarefas, equipes, ficam geralmente Homens separados de mulheres?

C: Não. Ficam junto.

M: Para a senhora, o que significa ser mulher?

C: Ah! Ser mulher pra mim é um dom divino. Eu amo ser mulher. Pra mim ser mulher é tudo. Por que eu me sinto bem, eu me sinto realizada, eu me sinto mãe , eu me sinto capaz. Então quando você não se sente capaz daquilo que você é, então você se sente mulhé. Assim é um homem, quando ele não se sente capaz daquilo que ele é, ele deixa de ser homem.

M: na sua infância , na sua adolescência, como era ser mulher? Mudou alguma coisa de lá pra cá?

C: Mudou muito. Como mudou. Por que naquela época de minha adolescência... quem que diz que uma mulher poderia conversar com um home, como nós tamo conversano aqui? Num podia! Hoje pode, hoje a gente pode. Para com um amigo na rua e conversa, vai num encontro que tem senhores e senhoras e conversa, e antes não podia. Isso melhorou muito.

M: O contato....

C: o contato.

M: o que mais mudou em sua opinião? Entre ser mulher hoje e naquela época...

C: Hoje é bem melhor. Ser mulher hoje, é bem melhor. Por que o contato é muito bom. Não que dizer só com homem. Por que eu não tenho homem. O homem que eu tenho é meus dois filho que vive comigo. Mas eu tenho meus irmãos que são homem, meus sobrinhos, a gente bate papo, a gente ri. Por que as vezes as pessoa fala assim, ah, mas Cecilia não brinca, Cecília é tão séria. Mais eu brinco, eu fico falano besteira, eu falo bobagem eu sorri, eu gosto de brincar com meu sobrinho, gosto de brincar com meus filho, eu gosto de deita com meus filho...então outro dia, meu mais velho, Stefanio, chega e fala: ô mãe, deixa eu tirar um sono aqui com a senhora? Depois eu vo pra minha cama. Pode meu filho, deita ai. Então.... vamo dizer ... se fosse aquele tempo, já não podia. E hoje, o carinho ficou mais próximo. Por que eu fui dizer pro meu pai, pai eu te amo, faltava dois dia pra ele morrer, ele morreu com 84 anos. Quantas vezes eu podia ter dizido pra ele: pai, eu amo o senhor. Mais ele não dava essa oportunidade. Agora minha mãe, ela já ta adaptano mais...ja tem mais de cinco ano que ele ligo pra ela e digo: mão bença, eu te amo. Chego lá dou um abraço nela, dou um beijo e falo mãe eu te amo....naquela época não era possível isso, e agora já é. Então ta muito melhor esaa parte, agora. Pra quem quer. Por que tem esse detalhe também. Por que tem pessoas que tem a oportunidade de dizer eu te amo, mas nais diz, né. hoje a mulher tem totalmente liberdade pra dizer: eu quero, eu não quero, eu amo, eu não amo, eu vou , eu não vou. Hoje ela tem livres e espontânea vontade pra dizer a hora que ela quer.

M: D. Cecília, minhas perguntas acabaram. Deixo a senhora livre para dizer o que quiser....sobre o que a gente conversou, sobre o mundo, o que achou de nosso encontros...

C: Nosso encontro foi maravilhoso. Foi ótimo conversar com você, foi ótimo dá entrevista pra você. Se precisar, pode contar comigo, por que eu penso assim... quando a gente tá ajudando uma pessoa, você taajudano a si mesmo, entendeu? Eu to de ajudano, mais você também ta me ajudano, entendeu? Que jamais alguém ia me pergunta essas pergunta, e você pergunto. Eu tive como te responder....

M: Coragem também.

C: Coragem pra responde.... então foi ótimo,. Então penso que as pessoa que você chamo e num veio, são pessoa ingnotante , que não pensa. Eles não pensa que no dia de amanha eles pode ter um filho, pode ter um neto e precisa de uma pessoa pra fazer um trabalho, uma entrevista com a pessoa de idade e aquela pessoa vira as costa e falar não.

M: D, Cecília, eu agradeço muito a senhora. A senhora foi muito gentil, muito sorridente... brinca e sorri sim!

C: eu brinco demais com meus filho.... as vez quando um dorme fora eu brinco assim: a noite foi boa, hein, a noite prometeu. Ai eles vem e me abraço e fala é verdade viu véia,a noite prometeu. Ai então... eu dou essa liberdade pra eles brinca. Quando eu doeço... eu já fui operada várias vezes, e não tive condições de tomá banho sozinha....ninguém me deu banho não, quem me deu banho foi meus filho. Eu falei assim: eu preciso me enxerga como mãe, não como mulhé.

M: aproveitando essa conversa, a senhora se sentiu incomodada em ficar nua, para o banho, na frente dos seus filhos?

C: Não, nem um pouco. Por que eu enxergava eles só como filho. Eu nunca enxerguei eles como homem. Enxerguei como meu filho.

M: Por que mesmo na relação pai/mãe com filho/filha e vice-versa, as pessoas tem essa dificuldade de ficar nu na frente dos seus...

C: Não. Eu já venho desde criança por cauda desse.....impacto que eu tive com meu pai, com a minha mãe, quando doeçeram..... eu tive que passa de enferneira, dar banho no meu pai, entendeu agora? Então eu quis quebra isso desss de pequeno, mais novo, pra eles cresce sabeno que essa é minha mãe, se ela doeçer eu tenho de cuidá. (...) Pai e mãe tem que ter totalmente liberdade entre filho.

M: D. Cecília, muito obrigado, mais uma vez, fiquei encantado de conversar com a senhora, desde que a vi na Uesb eu falo da senhora, e pra minha sorte, a senhora ficou em minha pesquisa. então, muito obrigado e Deus lhe pague.

C: Amém. Precisando pode chamar

## APÊNDICE H: Entrevista com Idelice

Marcelo (M): D. Idelice, boa noite! A senhora pode me dizer seu nome completo?

Idelice (I): Idelice Antônia dos Santos Lima.

M: a senhora nasceu quando, D.. Idelice?

I: dia 11/02/57

M: Qual seu estado civil?

I: casada

M: A senhora se lembra a profissão dos seus pais?

I: eles trabalhavam na ... em ro.... como é... com roça, né.

M: Eles estudaram, D. Idelice?

I: Que eu lembro, não,

M: A senhora está em que módulo aqui na escola?

I: É ... a quinta... quinta e sexta-feira

M: A senhora mora em qual bairro?

I: Eduardo da Costa, Alto Maron

M: Na sua infância, a senhora morava com seus pais?

I: morava.

M: e como era essa convivência? Me conta um pouquinho dessa história ai...

I: Uma convivência muito boa, né.....

M: a senhora tinha irmãos, morava onde...me conta uma historinha da sua vida...

I: Antes eu morava em lagarto, Sergipe.. até a minha infância... ai quando eu completei dezoito anos fui morar em S. Paulo. Morei, casei lá.

M: vamos falar da infância primeiro. Depois a gente chega lá em S Paulo. Na infância a senhora brincava..... como é que era...

I: Ah! Da infância primeiro.... brincava

M: como era essa brincadeira? Eu quero ouvir a historia de sua vida assim, quando era criança.

I: assim.. por que já faz muito tempo, né.... brincadeira normal de criança.

M: Se a senhora puxar pela memoria a senhora lembra.... brincava com quem? quantos irmãos são?

I: É que a gente era muitos irmão.

M: Quantos?

I: 11. Mas era por que os outros meus irmão já era a maioria adulto, né, assim era muitos filhos, e depois, as mais caçulas, pequenas...

M: Essas pequenas brincavam muito?

I: Brincavam. Assim, por que quem mora no interior, assim na roça, brinca lá mesmo... na roça, é..... Até nem lembro mais....

M: brincava de roda?

I: É de roda, de pular, depois começou andar de bicicleta, mais ai a gente já estava grande, né, de roda... e assim, brincadeira de criança mesmo, né.

M: E como é seu contexto familiar hoje, quem mora com a senhora m sua casa?

I: Hoje.... meus filhos mora comigo.

M: quantos são os filhos?

I: Hoje mora comigo 2 filhos e 1 neta.

M: A senhora é casada?

I: É. Mas meu marido não mora comigo não.

M: e ele mora onde?

I: Mora em S. Paulo

M: Mas ele vive lá e vem cá de vez em quando?

I: vem ele vem 1 vez por ano.

M: A senhora começou a trabalhar com que idade?

I: É por que a gente quando mora assim, na roça, a gente ajuda os pais.... tudo né....na adolescência, mais, trabalha mesmo eu comecei com 18 anos. Mais antes não era tabalha assim mesmo não. A gente ajudava assim em casa, mas não era trabalho não,

M: Ajudava em casa como assim?

I: por que as vezes assim, quando eles prantava prantação, lavora assim essas coisa ai eu ajudava meu pai, mais...

M: A senhora era obrigada a fazer isso?

I: Não era. Eles nunca obrigo eu fazer nada. A gente fazia por que queria ajudar os pais, né. mais assim meu pai de obrigar..... não, nunca levei uma surra de meu pai nem da minha mãe, nunca apanhei deles. Eu acho que nunca dei motivo pra eles ser assim, uma filha que os pais severo, que briga, faz isso faz aqui... eles não, As vez as irmãs mais velhas que dava bronca na gente, mais os pais não,

M: E quando a senhora foi trabalhar, por que foi?

I: Por que depois eu quis ir embora pra S. Paulo, né. E deixei meus pais.

M: E por que a senhora quis ir embora S. Paulo?

I: por que eu queria trabalha, conhecer..... sei lá assim...a pessoa jovem, né, quer sair pra conhecer outros lugares... ai eu fui trabalha e deixei meu pai,,, minha mãe e... ai fiquei,né, longe deles, essa época não tinha telefone, a gente só.....conversava através de carta, recebia carta, né.... depois recebi uma carta que meu pai tava muito mal, doente mesmo, ai eu viajei de volta pra ve meu pai lá em Lagarto.... ai eu viajei..... viajei e fui ver meu pai....com uma semana ele faleceu..... assim me dava muito bem com meu pai, tinha muito amor... por toda minha família....até hoje nos somo... é uma família muito unida, nos somo irmão até hoje, né. muito unido. Através desse amor, dessa união a gente continua essa tradição.. de visitar... tem 15 dias que ... por isso que eu cheguei na escola atrasada...3 semanas que as aula tnha começado.. por que eu fiquei em S. Paulo 40 dias... viajei, fiquei 1 mês não tinha começado as aula ainda, depois viajei pra Sergipe, pra Lagarto, pra ver a família lá, as irmã,, que tinha, uma tinha 8 ano, outra tinha 20 ano, outro 9, ai foi o encontro dos irmão, foi a coisa mais linda do mundo, né, foi uma emoção muito grande, por isso que cheguei atrasada na escola.Ai fiquei lá 15 dias, foi muito bom o passeio e tudo ai retornei de novo pra casa. É uma família muito unida, os irmão tudo, eu com meus irmão. Irmã que diga, por que irmão eu só tenho 1, a gente fala meus irmão, por que é incluino meu irmão, né.

M: Quantos estavam lá?

I: Tava ... tinha minha irmã e meu irmão de S. Paulo e lá tinha mais 3 irmã. I irmão e 5 mulheres

M: na sua idade atual, a senhora já tem 60, como é que a senhora enxerga o mundo e a vida?

I: 62...hoje enxergo a vida, o mundo bem melhor de que antes, só não é bem melhor por causa da violência, é muito coisa que tem, hoje, no mundo que.... faz com que a gente tem medo assim, de sair, essas coisa, né, mais eu gosto de viver ....e acho... eu nem.. eu acho o mundo... a vida assim... mais só não é melhor por causa da violência que tem hoje, né, dá pouco de medo até de sair.

M: A senhora frequentou a escola antes, quando menina?

I: Quas.... não. Muito pouco, por que eu mesmo nunca me interessei assim quando eu era menina, mais meus pais tinha me colocado na escola... mais naquela época assim... escola de roça essas coisa, né, a gente.... nunca me interessei de estuda, ai só agora que eu quis vim estudá só depois que eu.....

M: Seus pais levaram a senhora para escola?

I: A gente mesmo eu ia sozinho.

M: Não....assim.. foram eles que botaram na escola?

I: sim, foi eles que botaram.

M: E a senhora não continuou... nem os irmãos contiuraram?

I: Não, os outro meus irmão estudaram. Só um irmão, esse único, que não estudou. Agora, as outras minha irmã estudaram.

M: os pais incentivava vocês a estudar?

I: incentivava. A gente que não se interessou mesmo. Eu, inclusive eu.

M: E como a senhora se sente voltando par a escola?

I: A pessoa mais feliz do mundo, né. Muito contente de volta pra escola... depois de 62... 60 , com 62 anos , que digo. (risos) com 62 anos, volta pra escola. É uma bença muito grande, né, por que é difícil uma pessoa dessa idade, com tanta luta que tem em casa, trabalho e tudo, por que quando chega noite a gente ta cansada, mais eu não existe cansaço pra nada assim que faça e que me impeça de vim pra escola, que é uma alegria muito grande.

M: A senhora se lembra por que a senhora deixou a escola... a senhora foi levada pelos pais, e porque a senhora saiu?, eles não reclamaram?

I: Não, não recramaram....

M: A senhora, na condição de mulher, como é conciliar a escola com os afazeres de casa?

I: Às vezes a gente pensa que não dá certo assim, trabalho de casa e a escola, mais graças a Deus pra mim tá dano tudo certo, por que eu tenho meus filhos que me da muita força, né, eles me incentiva pra eu vim pra escola, eles meu filho, meus neto... fica me perguntano: vai pra escola mainha.... minha neta , tudo... ai eu falo que acho que vou existir, e eles: não, jamais, a senhora não desista, contie... é importante pra senhora, então, por isso que eu tenho mais força pra vim, né.

M: E quais foram assim, as razões que fizeram a senhora voltar para a escola?

I: Por que ....as razões de eu querer volta pra escola é porque eu participo de grupo da igreja, né, eu sou legionária, fico até emocionada um pouco, né, (olhos cheios lagrimas e voz embargada) e eu tinha vergonha de.....participar do grupo e não sabe lê...não sabe fazer uma leitura, né, que passa pra gente, ai as vezes eu queria me afastá... ai eu falei: não, pra Deus eu vou da o meu melhor. Por isso que eu entrei na escola. Por isso que eu entrei na escola. por que, eu falei pra Deus, eu queria le corretamente, pra poder quando eu sair, fazer meus trabalho da igreja, pra pode fazer uma leitura pras pessoa que ta necessitado, presisano da palavra de conforto... e pra isso eu tinha que sabe lê, entendeu? Eu tinha que sabe. Hoje eu agradeço muito a Deus essa boa... essa força de vontade que eu tenho. Hoje eu já faço leitura no meu grupo, já faço refle.... reflí....refleti tudo que li, da bíblia, aquela leitura que fiz... eu já posso expriçá, entendeu? Por que não é só a gente le e ficar por isso mesmo, tem que refreti tudo que a gente leu da bíblia... de tudo... então foi esse o meu motivo de eu entra na escola, de aprede pra pode leva a palavra do senhor pras pessoa que ta precisano.

M: E o que é ser uma estudante na terceira idade?

I: É muito bom.... por que eu vejo os jovem, hoje, inclusive aqui na escola, devia aproveita bastante assim, por que a gente assim....perdeu muito, né, eu mesmo depois de ... só agora que eu voltei pra escola, só depois que eu eduquei 6 filho, tudo no caminho do bem, um... minha filha já é formada, já fez faculdade, tudo, tem meu filho que já vai se formar agora, mês que vem, terminou a faculdade dele, então tudo isso... eu não estudei, mais eu ensinei aos meus filho mesmo não sabeno. Um que sabia ensinava o outro e ai por diante, todos estudo, nenhum deu pra, vagabundo, essas coisa, né, todos correto assim, sabe? Estudo, já são formado, minha filha trabalha em S, Paulo , terminou a facuilade, já ta fazeno outra de enfermagem, uma pessoa muito estudiosa, e eu só tenho alegria muito grande. Não é por que não sei, mais o que eu deu pros meus filho não tem dinheiro que pague.

M: A senhora disse que veio para a escola pra ler, e conseguiu, E agora, quais são os interesses... o que a senhora espera da escola?

I: Meus interesse é aprende cada vez mais. Quero aprende cada vez mais, é o meu interesse.

M: A senhora acha importante frequentar a escola?

I: Muito importante. Se a pessoa bem subesse como é importante. Faz bem pra gente, né, por que se a gente ficá em casa se tá com algum problema, alguma coisa,. E só o fato da gente vim pra escola conhecê mais pessoas, amizade, tudo isso faz com que a gente esquece todos os problemas em casa e já vai, né, já se sente muito bem. E eu me sinto muito bem. É um local que a gente faz muita amizade, mesmo quando a gente, que nem eu aqui eu saio, encontro as amigas na rua, as meninas jovens e falo: pra que vocês não estuda que nem eu? Eu sou a única de 60 ano que to aqui, vocês nova, de 30, 20 e poucos e não quer mais sabê?. Brinco ate com elas, não quer subir comigo até o topo? Então, até o topo é até a faculdade, faz isso. Vão comigo caminhar junto. Isso que eu falo com os jovens: sigam meu exemplo, minha idade, vocês são jovens meninas, vamo caminha até o topo, entendeu? E faço essa brincadeira com elas.

M: E a senhora vai chegar lá no topo.

I: Com fé em Deus.

M: Na faculdade.... eu quero ir na formatura da senhora.

I: Eu choro e ao mesmo tempo to dano risada. Então é essa alegria que eu trago pra jovens, todo mundo da sala, e com isso eu faço amizade com todo mundo. Todo lugar que eu passo, eu faço amizade com as pessoas, por que eu brinco, eu converso, eu choro....tudo ao mesmo tempo.

M: E como é essa relação com os colegas de sala?

I: Muito boa. Joves, todas as idade. Eu me dou muito bem com todos. É importante a gente viver bem com todos, né, pra que fica fazeno inimizade essas coisa, né, eles até brinca com meu nome, quando faz a chamada ai eles fala Idelice... hoje eles já.... por que já viu que eu não falo nada, fico na minha, por que se eu fosse recrama, fala alguma coisa, ai eles pirraçava, ai eles pirraça e num para mais, então a gente fica na nossa, ali....calma, sem fala uma palavra, eles vai ino, deixa. Por que eles acha um nome assim... sei lá... diferente,, quando fala Idelice,, eles,... eles... né.. risos, eles quer brinca com meu nome, mais eu não discuto, não falo nada.

M: E o que a senhora espera da escola?

I: Aprende mais. Eu quero que esses jovens também se interessa assim, como eu quero me interessar. O que eu quero da escola, que eles não fique só na brincadeira, na conversa, quero que eles estuda, se interesse e siga em frente pra ser uma pessoa pra procurar um bom trabalho, q eu hoje em dia... pra eles arruma um trabalho é difícil se não tiver um estudo.

M: A senhora percebe uma diferenciação entre homens e mulheres... da professora, da escola, entre os colegas... com relação meninos e meninas? Um tratamento difente?

I: Não. É tudo igual.

M: por ser mulher, a senhora já passou alguma situação constrangedora... na escola, em casa, na vida? Nunca lhe faltaram com respeito?

I: Não. Só na escola... brincadeira... mais só assim... falta de respeito não.

M: Nem quando a senhora era moça?

I: Não, por que assim... as vez as pessoa falta com respeito se a pessoa der oportunidade, né, mais se a pessoa não der espaço a outra não vai tratar sem respeito.

M: na opinião da senhora, existem comportamentos típicos de mulher e outros típicos de homem?

I: Existe.

M: a senhora pode me dar exemplos ou dizer o que a senhora pensa sobre isso..

I: ..... tem muitas pessoa .... assim,...Mulhe e home tem comportamento diferente, né, as vezes eu nem sei explica direito.

M: Por exemplo, as vezes as pessoas falam assim: homem não chora, a senhora acha que homem não deve chorar?

I: Chora, chora sim. Por que as vez tem uns que que ser durão, não quer chora na frente das pessoa pra dizer que home não chora. Mais o home chora sim. Por que as vezes o home também é sensível, por que é home, que não pode chorar. Mesma coisa mulhé, tem mulhé que não é de chorar por qualquer coisa, tem outras que já chora, eu mesmo choro com facilidade, né, eu era bem mais chorona... se fosse naquela épocas mais atrás, eu não tava falano aqui com você, pro que quando eu falava de filho, família, eu não podia fala por que eu chorava. O amor que eu tenho por meus filho é tão grande... eu não podia falar de filho que chorava. Hoje não, hoje eu sou uma pessoa assim, mais forte de poder fala sem chorar.

M: Eu dei o exemplo do homem não chora, por que na vida as pessoas falam assim: homem age dessa forma, mulher age de daquela forma...

I: É mais não, pra mim eu acho que não tem tanta diferença, por que tem mulhe, também, que é durona, não chora. E homes só as vezes fala que não chora, mas chora. Por que eles não querem da demonstração, por eles quer.... ah, quero ser durão.

M: E por que a senhora acha que existe isso?

I: Por que e da natureza deles

M: O que é ser da natureza, como é isso?

I: por que eles não quer mostra que eles são fracos. Eles querem ser forte. Agora tem uns que chora assim por bobagem....

M: e tem mulher que é forte igual ao homem? Pra senhora tem diferença na força entre mulher e homem?

I: Acho que tem. Tem. É a mesma coisa.

M: A senhora na condição de mulher, acha que é mais respeitada hoje do que já foi na vida inteira?

I: Toda vida, desde criança, minha vida inteira ninguém nunca me faltou com respeito. Ninguém.

M: A senhora já ouviu falar na palavra gênero?

I: Gênero..... se eu já ouvi, talvez num to lembrano

M: As vezes falam assim, ser mulher, ser homem, masculino, feminino... nesse contexto.

I: É por que as vezes eu to sem sabe responde essas palavra.

M: quando acontece de fazer trabalho de grupo ou equipe na sala de aula, tem assim um separação, grupo só de mulher ou só de homem?

I: Não, não, é tudo junto, tanto home como mulhe.

M: Pra senhora, o que significa ser mulher?

I: a mulher é, é, significa muita coisa, né. Sei que a gente é batalhadora e tudo, as vezes fala que trabalha mais de que o home. Bom naquela época que, as vezes, o home é machista não que ajudá a mulhé, né, hoje em dia já mudou as coisas, né. Hoje o marido já ajuda na casa, ajuda a mulhé, a mulhé já não trabalha sozinha dentro da casa, embora ela trabalhe fora, mais ele hoje ajuda maias a mulhé dentro de casa.

M: A senhora falou ai em homem machista. Pra senhora o que é ser machista?

I: É querer receber tudo nas mão. É que tem homes que se ele vai toma banho, a mulhe tem que leva a toalha, tem que dá o sabão, sandália, sapato, então tudo isso, né, que tudo nas mão. Ele não sabe pega nada.

M: a senhora é esse tipo de mulher?

I: Não. Nunca fui. Desna quando eu casei. Se a gente costuma, no primeiro dia de casado se o marido faz assim, ai sim, se for querer tirar, ai não consegue mais por que acostumou do começo.

M: E por que a senhora acha que tem homem machista?

I: por que...ele só qué tudo pra si, né, egoísta, num qué ajudá. Num qué assim.... por que tem uns que tem assim o comportamento de querer.... partilhá junto da mulhe, já outros num tem.

M:A senhora me permita entrar numa questão ... a senhora falou que é legionária...que é muito religiosa.

I: É.

M: Entãõ... a senhora sabe que na bíblia tem lá, falando que a mulher deve ser submissa ao homem, o que a senhora pensa sobre isso?

: Tem sim... tudo isso tem .. que tem que ser.. mais, hoje o mundo já não é desse jeito. Também por que a mulhe tem que ser tudo assim com o home....o mundo num gira mais assim desse jeito, num pode ser assim, né, girar... fazer tudo que o marido quer, num pode também. Por que hoje a vida mudou muito, aquela correria, as vez as mulhe, aquela que trabalha fora chega em casa tem que fazê as coisa de casa, trabai de casa... e... como é que vai ser... e fazer tudo pro home? Não tem como, né (risos)

M: Há pessoas que seguem essa palavra como ela está escrita, que são assim submissas. O que a senhora acha?

I: Eu sei que.... a gente...naquele tempo atrás era assim mesmo.

M: E era assim por quê?

I: Antes era assim. Mais depois as coisa muda tudo. Mudô. Ai por isso que hoje a gente já não ta seguino assim, tudo ao pé da letra. As coisa muda por que antes as muleres, elas num... só cuidava só do lar... assim...num trabalhava pra fora que nem as muleres de hoje, as muleres de hoje querem o mesmo emprego que o home tem, ai então elas tem que ter capacidade pra ter a mesma coisa, trabalha do mesmo jeito que o home trabalha, a mesma coisa. Hoje a mulhe já ta encaixano todos esses trabalho e antes, elas num trabalhava assim, só cuidava só da ca..... num saia pra trabalha.

M: A senhora acha que a mulher que não trabalha fora, deve ser assim submissa ao marido?

I: Não. Também não. Eu acho que não pode mais, hoje ninguém mais pode ....trabalha desse jeito.

M: E não pode por quê?

I: Por que ai, sei lá, parece escravidão, né, tipo assim...uma pessoa... ah me da isso, ah me dá aquilo... meu Deus! Será que não pode pegá um copo de água? Não pode pega uma toalha pra toma um banho? Não pode liga o chuveiro, pega um sabonete? Não pode ser assim também mais... será possiv... que.... num pode!

M: A senhora acha que ser mulher, na época de sua infância, juventude, era diferente deser mulher hoje?

I: As coisa muda, né, tudo muda. Cada dia que passa as cosia mesmo vai ficano tudo mais moderno. Naquela época num tinha telefone, era tudo carta essas coisa...cada tempo que vai passano, as coisa vai mudano. Pra melhor!

M: Pra senhora é melhor ser mulher hoje que naquela época?

I: Bem melhor. Naquela época as mulheres sofria muito.

M: E por que a senhora sofria?

I: Não eu. Por que eu não sofria... risos Mais as muleres trabalhava muito, cuidava só da casa essas coisa, né, o trabalho era muito difícil, sofria mais. E hoje, as coisa é mais.... mudou tudo.

M: minhas perguntas acabaram, eu queria deixar a senhora a vontade pra dizer o que pensa, o que tem vontade de falar, que eu não perguntei, enfim, o que a senhora tiver vontade.

I: Foi muito boa minha conversa,. Gostei muito, embora que eu fiquei muito mocionada, tudo. Mais no final, graças a Deus, deu tudo certo. Estou muito feliz de ta dano essa entrevista pra vocês... e gostei muito viu? Obrigada, fiquei muito feliz mesmo.

M: Eu que agradeço a senhora. Á sua alegria...sua disposição, muito, muito obrigado. Deus lhe pague.

I: Amém. Precisando de mim outro dia.... se não ficou bom essa entrevista, pode me convida de novo. (risos) quem sabe eu vou pensar melhor e... e..

M: A senhora foi ótima.

I: por que as vezes a gente num lembra de tudo, né, mas no fim, graças a Deus, vai dá tudo certo.

M: muito obrigado a senhora.

## APÊNDICE I: Entrevista com Dejanira

Marcelo (M): Seu nome completo por favor, D. Dejanira?

Dejanira (D): Dejanira Santana Amaral.

M: A senhora nasceu quando, D. Dejanira?

D: dia 04 de janeiro de 1957.

M: Aonde a senhora nasceu?

D: nasci num lugar chamado Emiliano, riacho da onça, depois de Jequié.

M: A senhora é casada, solteira?

D: Casada. Tenho 40 ano de casada.

M: A senhora se lembra o que seus pais faziam da vida?

D: Meus pais trabaiaava em roça.

M: Eles chegaram a estudar?

D: Minha mãe não. Minha mãe não sabia fazer um O. Meu pai ind estudo até a 5<sup>a</sup>. Série.

M: E a senhora está em qual módulo aqui na escola?

D: Aqui eu to.... acho que no módulo II.

M: já está lendo e escrevendo um pouquinho...

D: já sim, já leio a bíblia um pouquinho.

M: A senhora mora em qual bairro?

D: No bairro das pedrinha

M: Quando a senhora era menina, que morava lá no riacho da onça, como era sua infância? A senhora morava com seus pais?

D: Morava com meus pais. Eu não tive infância. Minha vida era atrás de bicho pelos mato, pega comida de uma fazenda pra outra pra dá de come os porco.

M: Com que idade a senhora já fazia isso?

D: Derne 8 anos de idade que eu comecei trabaiaá. Com 8 anos de idade eu já tinha um biscó, um facão, uma enxada.

M: O que é um biscó?

D: Biscó é um facão comprido, tira o facão do cabo e bota outro cabo bem grande pra gente roçá. Eu roçava.... eu tinha o gancho de puxá o mato. Era roçano e puxano mato. Eu já trabaiaei de foice, de machado, de machado, de biscó... tudo isso eu já fiz, essas coisa tudo.

M: Desde menina?

D: desne criança, com 8 ano de idade fazia essas coisa tudo.

M: E a senhora não brincava?

D: Não. Não tinha tempo de brincá não. Era pescano lá pelas roça, pelos rio pra pegar uns pexinho pra fazê a comida.

M: A senhora tinha irmão ou irmã? Quantos eram?

D: Eu tinha acho que uns 8 irmão

M: E todos trabalhavam?

D: tinha uns que era preguiçoso, não fazia nada.

M: E quem era não fazia nada?

D: Meu irmão mais..... o outro... o que não fazia nada já morreu...tanta preguiça. (risos)

M: mais era homem ou era mulher?

D: home. As mule também já morreu, morreu tudo, só tem eu.

M: Mas as mulheres trabalhavam e os homem não. Era assim?

I: As vez tabaiava numas coisinha, depois dava a preguiça... não trabaiaava mais... ia pra casa

M: Quem trabalhava mais, era as irmãs ou os irmãos?

I: Meus irmão dos que mais trabaiaava era Gildásio, Jeson e Zenildo. Esse Zenildo ainda trabaiaava lá na Uesb, num sitio assim.de junto da Uesb.

M: Então não tinha assim: mulher trabalha e homem não trabalha, não?

D: Não. Todo mundo fazia alguma coisa.

M: A senhora, hoje, mora com quem?

D: Meu marido, meus filho e meus neto... mora tudo ai na minha casa, é um terreno só, agora, cada um te meu lugazin,

M: E dentro da sua casa?

D: Dentro da minha casa tem eu, meu marido e meu caçula.

M: A senhora teve quantos filhos?

D: 4.

M: Então a senhora começou a trabalhar cedo. Com 8 anos de idade?

D: com 8 ano de idade eu já trabaiava, cortava assim, aqueles mato chamava feto, na roça, ele cresce e depois ele fica assim, e fica assim, pareceno um mãozizinha. A gente tinha que ir pra roça cortá aquilo tudo pra num enramar no feijão. Se não, o feijão enramava nele, na hora que quebrasse ele o feijão morria. Tinha que tirá brotim.

M: A roça era de vocês ou era do outros?

D: tinha vez que era nossa, tinha vez que era de empreitada, tinha vez que era de meia: plantava pra dividir com o dono do terreno, era assim.

M: Na sua infância, teve alguma coisa que marcou assim, a senhora? Um fato, alguma coisa que lhe disseram ou que a senhora viveu...que foi assim marcante pra senhora..

D: O que mais me marca é deu não ter estudado de nova. Quando minha tia era professora, ai pediu minha mãe pra ir morar com ela, pra me insiná, ela falou que não. Que lá tinha os menino home que não podia estuda mulé junto com os menino não, e dormi na mesma casa, não.

M: E por que ela acha isso, será?

D: Quem é que sabe. É esse povo maluco, mais véi é tudo assim, difetente. Diferente do tempo de hoje.

M: E o que a senhora acha desse mundo de hoje e da vida?

D: O mundo de hoje ta assim ....de um jeito que a gente nem entende. Não dá nem pra entende o mundo de hoje. Coisa que a gente nunca viu, ta veno hoje.

M: Por exemplo... me dá um exemplo.

D: Some gente, desaparece que dá o que fazê pra acha. O governo que ta do jeito que ces tão veno ai....desse jeito mermo fei que tá. Eu nunca vi uma coisa dessa. To veno hoje.

M: A senhora frequentou escola quando menina?

D: Não, quando eu fui na escola, acho que eu tinha uns 18 ano. A primeira vez acho que eu tinha uns 18 ano. Foi que eu ia pra escola.... premero eu ia pra roça, trabaiava, depois eu vinha, pra ir na escola, eu tinha que ir pro rio lavar roupa, outra hora era prato, na hora que eu ia toma o banho pra ir pra escola, chegava lá era 3 hora.ai não deu tempo eu estuda nada.

M: Quando a senhora foi pra escola, quem lhe incentivou a ir?

D: Foi minha mãe que boto nois na escola., que já tinha os menino home já em outra escola e eu fui estuda ne outra.

M: Os homens já estudavam nessa época?

D: Os menino home já estudava.

M: E por que eles estudavam e a senhora não?

D: Por causa da ignorância dos meu pai que não deixava estuda.

M: As mulheres tinham que trabalhara...

D: trabaiava, trabaiava, trabaiava. Toda roça que meu pai fazia eu tinha que ta mais ele.

M: e os homens esudando?

D: As vez quando ele pegava de maior eles já ia trabaiá na roças dos outro pra ganha seu trocado.

M: Mas na época da escola, os homens todos estudaram e as mulheres nenhuma estudou?

D: As mulé nenhuma estudava.eu tinha um irmã que morreu com 13 ano, nunca foi numa porta de um escola.

M: E por que a senhora acha que aconteceu isso?

D:É por causa da ignorância de antigamente.

M: O que eles pensavam?

D: Acho que eles pensava que a gente ia pra escola e ia ... ia pra escola era atrás de home, ia namora, ia faze coisa... carta pra home. Acho que eles achava assim.

M: E como a senhora se sente em voltar pra escola agora?

D: Agora eu acho bom. Eu acho bom estuda. Por que se a gente num estuda, quando a gente chega num ponto de um ônibus.. você num sabe pega um ônibus, quando chega num luga, c~e qué compra uma coisa, cê não sabe o que é aquilo, tem que fica perguntano os outro, passando vergonha, e pelo menos a gente chega num luga vê os nome das coisa... essa semana mermo eu passei num lugá e vi uma bolinha pareceno uns coquim de licuri, eu oiei pra quilo ali, eu vi lá, na pracazinha, o nome pitomba, eu falei assim ué, que coco é esse que eu nunca ví...nunca vi esse coco. Não sei se é um coco ou é um frutinha.

M: É uma frutinha, eu conheço. Ali a senhora quebra aquela casquinha que é marron, né? e dentro tem uma massinha branca que você chupa, parece uma ingá, a senhora conhece ingá? Pois é...

D: pois eu vi lá num armazém ai eu admirei aquilo, nunca tinha visto.

M: E a senhora leu lá... pitomba?

D: Li. Tinha o nome lá: pitomba.

M: Não perguntou a ninguém?

D: Perguntei não. Por que eu vi o nome... agora eu já sei... por que eu leio a bíblia. Tem umas palavra na bíblia que é muito ruim de le.. ai eu vou estudá porque..... eu quero lê a bíblia.

M: E quando a senhora foi pra escola com 18 nos, por que saiu?

D: Por que eu casei e vim embora aqui pra Conquista.

M: E como foi essa história do casamento?

D: Eu fiquei uns 5 ano namorano com o mermo cara..

M: A senhora que arrumou o namorado ou foi o pai?

D: Foi eu. Eu não. Ele mermo que me falou em namoro. Ai a gente foi namorá. Mais depois meus pais falô comigo que era bom, depois a gente casô, como nois não tinha mais nada nosso na roça. Que a venda que tinha lá não dava pra sobreviver por caso que .. coisa de roça é mais difícil, ai meu marido vei procurá trabalho aqui, e aqui procurô uma casa e foi lá me busca. Eu já tinha 2 filho. Eu já tinha o mais velho e outra menina que tinha.. quando chegou aqui que tava com 2 mês morreu. Ai passado uns tempo eu tive a outra e toda vez que eu ia ter um filho as coisa acabava tudo, eu não sei como que era isso, num tinha nada, tinha que ficá enrolano o menino num pedaço de pano, era enrolado pareceno ... enrolava botava na cama ficava pareceno aquele bule bule, aquele bisorim que pula.(risos) aquele charutim de criança.

M: O que a senhora acha que a mulher tem que conciliar a casa com a escola, como é isso pra senhora?

D: Ajeita tudo dentro de casa pra ir pra escola? ... a gente dá um jeito.(risos) eu mermo trabaio fora, quando eu chego... agora mermo meu menino tem um comercim aqui, eu cheguei 3 hora, fui lá, abri um pouquinho, fiquei lá um tempinho, ai falei: não, agora eu vou fechá que eu vou pra escola. fui lá fechei, entrei dento de casa, fritei um carne, cozinhei um arroz e deixei lá pra meu marido, ai eu peguei e sai pra cá, de novo, e deixei lá pr ele.

M: E qual foi assim, a razão que a senhora voltou para a escola?

D: eu voltei pra escola por que quando eu vou escreve eu escrevo faltano letra. Ai eu falei, não, eu vou estuda de novo pra mim vê se eu aprendo por que.... minha cabeça e muito ruda. Ai eu vou... por exemplo ai eu vou faze um nome, quando chega no terminal do nome ta

faltano uma letra. Ai eu tenho que apaga tudo pra volta e escreve de novo. Ai eu falei, não. Eu vou estuda.

M: E a senhora quer estudar pra quê?

D: eu quero estuda pra quê? Pra mim não fica assim, mais sem graça no mei do povo. Quando chega num canto... sa vez a gente vai escreve uma coisa e ai num sabe escreve. Vai chega num lugá: cê assina? Não. E a vergonha? Ai vai passa vergonha na frente de gente, que não sabe escrevê.

M: E como é ser uma estudante na idade da senhora?

D: Com a idade? Acho normal. Tem umas pessoa ai com cento e tantos ano ainda tá estudano. Eu vejo ai na televisão umas pessoa com 101 ano ai voano de paraqueda, falei: ué num ta difícil pra mim estuda não. (risos)

M: Não está mesmo não. E quais são seus interesses e necessidades de aprender mais? Quer aprender mais pra quê?

D: Eu quero estuda mais que é pra ... na hora que eu chega no fórum, assim, chega num Sac, for troca um documento... não precisa botá.... escreve errado, fica com aquelas letra feia.. minha identidade mermo que troquei por último, por que já troquei uma vez e, teve que troca outra vez, eu fui escreve fiz um nome bem fei, uma letrona grande fea. Falei: ah não. Tem que estuda de novo pra pode eu aprende escrevê direitinho.. né, pra mim lê a bíblia também. Eu falei... eu pedi a Jesus: Jesus, me ensina senhor quando ei tiver na escola pra mim lê tua palavra, pra mim lê a bíblia correta, quando eu chego assim num canto e vejo as pessoa leno assim tão bonito... ai eu gosto. Eu quero fazer também a merma coisa . lê correto sem fica gaguejano.

M: E na sala de aula, como é que é a relação da senhora com a colegas? Tem gente mais nova, gente mais velha...

D: É bom. Tem gente novo no mei também. Tudo bem. Pra mim tudo é bom.

M: A senhora percebe alguma diferenciação entre homens e mulheres no cotidiano da escola?

D: Esses mais novo tem. Os adulto não. Esses maios idoso não. Tudo igual um com outro.

M: A senhora, Por ser mulher, já passou por alguma situação constrangedora na escola, em casa, no trabalho ou em outro contexto? Falta de respeito.... coisas assim..

D: Não. Por que eu evito também. As vez quando eu vejo alguma coisa eu evito. Eu deico aquilo pra lá, não falo nada, passo finjo que num vi.

M: Mas aconteceu alguma coisa que a senhora viu e fingiu que não viu?

D: Esses dia mermo eu vi uma coisa fea na rua.. eu fingi ... passei assim... oiano pra pessoa, mais fazeno de conta que eu num tava veno. Já vi muitas coisa n rua, mais eu finjo que não vejo, passo.

M: Mas isso fere a senhora, ataca a senhora?

D: Não. Não ataca não por que eu não chego perto. Eu corto volta quando vejo.

M: Por ser mulher, já tomaram boca com a senhora, já quiseram assim, tomar ousadia com a senhora?

D: Não.

M: Em sua opinião, existem comportamentos típicos de mulheres e típicos de homens?

D: tem sim. Cada um tem que ter sua diferença.

M: Por que tem que ser diferente e como é esse diferente?

D: tem que ter respeito um com o outro.

M: e por que tem que comportar diferente, como é isso?

D: O home tem seus motivo. As vezes a mulhe fala um coisa com o home, que não é pra ela fala. Ela fala com o home e o home num vai aguentá aquilo.

M: A senhora acha que ela não deve falar, por quê?

D: Não deve fala. Por que o momento do home e diferente do momento da mulhe.

M: Por que é diferente?

D: Ai eu não sei explicá

M: A senhora acha que o homem tem mais preferência do que a mulher?

D: Que o home.... cada um tem que se resguarda mais, né.

M: Mas a senhora acha que a mulher tem sempre que obedecer o homem?

D: Ela tem que obedecer sim. Como é que cê é casado e tem uma mulé, cê fala com ela e ela num obedece? Ela tem que obedecê, mermo ela não quereno ela tem que obedecê. Por que ela é mulé e ele é home.

M: E por que a senhora acha que tem que ser assim. Só por que ela é mulher?

D: Não é por que é só mulé. É por que entre o home e a mulé tem diferença um do outro.

M: Por que ela tem que obedecer ao homem?

D: Ai eu num sei, eu num sei explicá direito não. (risos) mais eu acho assim, que a mulé tem que respeitá... tem que obedecê.

M: A senhora obedece seu marido?

D: Obedeço sim. Se ele fala num ípe pra fazer isso, se eu dize assim: eu vou viaja pra tal luga, ele fala: tu vai pra onde? E eu fala: pra tal luga. Ele fala: e lá tem o que pra tu faze? Eu falo: num tem nada, vou passeia. Ele fala assim: mais você num vai.agora, cê num vai. Eu falo: mais por quê? Se ele fala: por que num é pra ir. Eu eu tenho que respeitá.

M: E a senhora não vai?

D: Não vou. Marco outro tempo. Se eu perguntá a ele e ele deixá eu ir, ai eu vou. Mais até hoje quando eu falo de ir num canto, ele não recrama de eu num ir..ele deixa eu ir. Num tempo ai mermo, eu fui na casa da irmã dele, que o pai dele tava doente, ele não queria ir ve, eu falei se tu num que ir eu vu lá, ele ainda mandou o menino me levar no ponto de ônibus e tudo, fiquei uns 3 dia lá, eu fui.

M: Se ele dissesse pra senhora não ir , a senhora não ia?

D: Mais se ele fala pra mim num ir, eu num ia não;.

M: E ficava contente?

D: Eu ficava. Por que quando s vez, quando um não quer uma coisa o outro ... se a gente quer um coisa e o outro num qué que faz,, talvez por que num ípra faze.. vai e acontece alguma coisa.

M: Se a senhora quiser viajar e ele disser pra não ir a senhora fica. E fica contente?

D: Eu fico contente, por que tem hora que a gente desobedece e acontece alguma coisa. Coisa errada na rua, na estrada.

M: na sala da senhora, quando vai fazer uma atividade, dever em grupo, fica assim só homem de um lado e mulher de outro, em grupos separados?

D: Não, ta ficano tudo junto. Eu não tem pobrema com nada não.

M: A senhora já ouviu falar sobre a palavra gênero?

D: Não.

M: Gênero...

D: Eu acho que nunca ouvi não, por que eu num ando assim no mei de gente não, eu ando mais, quando eu sai, quando eu sai do trabalho, quando meu marido num leva, ou vou sozinha e volto sozinha. Não procuro ninguém pra andá comigo. Só ando sozinha. Eu não gosto de ta na rua empatano os oto. As vez eu falo assim: eu vou ne tal lugá. Aparece duas , três: ah, eu vou também. Ai eu esmoreço ai eu fico assim, sem querer ir, ai eu falo: então vai. Depois eu vou. So gosto de anda só pra mim num atrapaia a vida dos oto.

M: Pra senhora, o que significa ser mulher?

D: Sei não.

M: A senhora é mulher?

D: sou mulé.

M: E o que é esse ser mulher?

D: ser mulé é ser mulé mermo. Num tem a diferença da mulé e do home? Tem a mulé e tem o home. Então é diferente.

M: E qual a diferença de um e outro?

D: por que a mulé é feminino e o home é masculino, ué, tem diferença.

M: A senhora acha que a mulher tem que ser frágil e o homem forte, homem não chora?

D: tanto faz. O home tem coração também. O mermo coração que a mulé tem, o home também tem. Se o sentimento dele for forte, ele chora.

M: E a senhora acha que se a mulher não deixar o homem sair, ele não deve ficar em casa? Ou ela não pode mandar?

D: Depende do home.

M: A mulher pode mandar no homem?

D: Dependendo deles dois, pode. Se ele for.... como é que chama..... eu num sei nem expriçá. Essa coisa ai eu num sei expriçá. É por que eu num tem costume de conversa assim com os odo. Eu não converso com muita gente não. Minha conversa é só assim, na igreja, na escola.

M: E na igreja, a senhora conversa o quê?

D: na igreja a gente não fica conversano não. A gente fica mais escutano as coisa, o culto, depois lê a bíblia. Na igreja não pode fica falano.

M: A senhora acha que ser mulher hoje é diferente deser mulher na epocada senhora jovem?

D: Nada. Tudo a mesma coisa. A mulé.... toda vida tem a mulé. Não tem diferença não.

M: As minhas perguntas acabaram. A senhora fique a vontade pra falar o que pensa e o que quiser..se a senhora gostou desse papo, o que achou da pesquisa, o que a senhora quiser falar, pode falar;

D: Tá bom. Foi bom. Pelo menos a gente fica esperta mais um pouco, por que as vez a gente num sabe as coisa a pessoa vai ensinano pra gente. Por que tem muitas coisa que a gente não sabe. ai vem as pessoa falano a gente cai entendeno.

M: Tem coisas que a senhora falou e eu também não sabia. A senhora me ensinou hoje, a senhora me ensinou muitas coisas hoje.

D: tem coisa que a gente não sabe e a pessoa vai falano e a gente vai botano na memória. Minha memória não é muito boa não. A pessoa me fala uma coisa agora eu já esqueço

M: Muito obrigado a senhora. Deus lhe pague. Boa aula pra senhora e tudo de bom

D: Amém.

## APÊNDICE J : Entrevista com Diva

Marcelo (M): D. Diva, boa noite! A senhora pode me dizer seu nome completo?

Diva (D): Meu nome completo é Diva Santana Santos

M: A senhora nasceu em que data?

D: 07/12/1947

M: Onde a senhora nasceu, D. Diva?

D: Aqui em Conquista mesmo.

M: A senhora, hoje, é casada, viúva?

D: Sou viúva.

M: A senhora se lembra que profissão tinha seus pais?

D: Eu lembro. Não esqueço nunca. Meus pais sofreram muito na roça, né, eles moravam ne roça, sofreram muito ne roça. Naquele tempo mais antigo, as pessoa passava muito precisão das coisa, eles não tinha no que se valer... os trabalho de roça era trabalho de enxada, era trabalho de casa de farinha, eles fazia faria, mexia cm mandioca, era muito sofrimento em minha família.

M: A senhora sabe se seu pai e mãe estudaram?

D: Não, não. Nem meu pai nem minha mãe estudo.

M: Hoje a senhora esta na escola em que módulo?

D: Eu nem sei te falar em que módulo eu to na escola. Por que o ano passado eu não passei... eu sou muito ruim pro lado de escola. já tentei umas três vezes não consegui acertar nada ainda. Só faço meu nome, mal, mal. Agora faço meu nome, que eu não sabia fazê, hoje já faço.

M: A senhora mora em que bairro?

D: Eu moro aqui no bairro das pedrinha, agora é bairro cruzeiro.

M: Quando a senhora era criança, morava com seus pais? Como era essa época de sua vida?

D: Era vida de sofrimento, como eu falei. Meus pais sofria, eu, também, sofria junto, né. meus pais foi muito sofrêdo e eu também sofria junto. Que o sofrimento que era deles, era nosso também.

M: Quantos eram seus irmãos?

D: Era 21 irmão. Agora, hoje já morreu um bocado. É mais pouco, agora

M: Com esse tanto de menino dentro de casa, vocês brincavam? Como eram as brincadeiras?

D: Nois não brincava não. Era nas roça capinano. Na enxada. Era na roça. A gente quando foi ficando maiozim...ai meu pai botava nois roça. Num tinha escola onde nois morava, nois morava numa roça, não rinha escola. ai, naquele tempo o povo ficou tudo sem estuda, por isso que nois não aprendeu. Meus irmão nenhum aprendeu leitura. Por que onde nois morava não tinha.

M: E vocês não brincavam, nem no domingo?

D: Nois brincava assim.... num domingo... a gente brincava assim, subino num pé de imbú, tinha muito imbú onde nois morava. Subia nos pé de umbu, brincava nas roça, saia correno atrás um dos oto. Nossa brincadera essa. Quando era segunda-feira, já começava a vida das enxadas. De pequeno, não. Quando nois era tudo menino, nois brincava, né, por que criança não se importa com nada, tudo pra ele ta bom, né. e agora quando ia ficano maiozim ia pra roça capiná.

M: Hoje a senhora mora com quem em sua casa?

D: Hoje eu moro com 2 filhos e 2 netos. É com 2 filho e 2 neto.

M: Então a senhora começou a trabalhar muito cedo. Lembra a idade?

D: Muito cedo. Acho que com uns 14... 10 anos a gente já tava trabalhano em roça capinano. Já ia pa roça... meus pais ia arrancá mandioca, a gente ia ajuda, panhá de um canto botá no oto, botava lá num lugar, pega....você sabe o que é panicum?... aquele negoço que botava do

lado do jegue o do o e a gente ia botá as pia lá pa meu pai leva pra casa de farinha. Já tudo desse tamaninho.....desse tamaninho nois já trabalhava.

M: Houve alguma coisa que foi marcante na época da infância, da adolescência e da juventude?

D: Não, não ... que marco minha vida , não. Quando a gente foi ficano mocinha, já foi tomano entendimento de gente, ai nada me marco. Eu acho que não, né, nada marco minha vida não.

M: Hoje, na idade atual, o que a senhora pensa sobre o mundo, sobre a vida?

D: O negocio hoje tá fei.....hoje tá.... tem hora que eu falo com meus filh> vocês nunca, nunca.... no nosso tempo pa trás era muito bom, mais hoje as coisa mudô muito, muito mesmo. Quando eu cheguei aqui pa... quando eu cheguei aqui ne Conquista, nois era daqui e depois nois foi embora pas roça e tornemo volta pra aqui. Foi sofrimento pra gente. Era sofrimento e não era. A gente.... o tempo mudô. De uns tempo pra cá mudô, a gente podia chegá e durmi num canto assim, numa bêra de parede, podia durmi com sapato, roupa, com relógio no braço que ninguém mexia, né, vá hoje durmi que levanta nú, até a cueca num.... num.... os tempo mudou muito. Muito, muito mermo.

M: A senhora então nunca foi na escola quando menina?

D: Não, não, nunca fui. Nois... meus irmão nenhum. Meus irmão nenhum.

M: E como é voltar para a escola agora?

D: Ah, agora é bom. Eu acho bom (risos) eu acho com por que eu sou costureira, né, de dia to na maquina... quando é 5 hora paro a maquina, vou faze a janta, já vai.... menino vem me ajuda que eu to fazeno pra ir pra escola. ai, quando eu acabo de arrumar tudo, deixo tudo tampadim em cima do fogão, boto a bolsinha de um lado e discambo pra escola. (risos) hoje eu acho bom. A gente diverte m escola, a gene arruma amigo na escola, né, muito com a gente estuda. Eu gosto de estuda.

M: E como é que a senhora concilia... como faz as coisas de casa com a escola?

D: ..... como é que você fala?

M: Como é que a senhora dá conta....

D: Dá conta..... doooo.. do conta de tudo em casa.. eu trabalho, eu barro casa, eu lavo ropa, eu costuro, eu faço comida, limpo casa e anda venho pra escola. do conta de tudo.

M: Pra senhora é fácil?

D: Né não. Por que quando eu cabo de faze essas coisa, eu to é ruim. (risos) ... a hora que eu chego em casa to ruim. Que chego em casa, que eu deito, os menino já ta me chamano: mãe, mãe... mão já ta é durmino. (risos) mãe já ta é dormino.(risos( cansada.... eu fico cansada. Mas é a idade já, né, 71 ano não é brincadera, num é? Eu já to cansada, fico cansada.

M: Qual foi assim, a razão que a senhora voltou para a escola?

D: Oto que eu não sabia fazê meu nome. Eu chegava em tudo quanto era canto... era o dedo, botano o dedo.... falei meu Deus, vo tê que aprendê o meno fazê meu nome. Ai quando penso que não, Nea chego lá com esse carro na rua anunciano ... eu falei: a premera que vai lá so eu. A premera que chego aqui foi eu. Ai chego aqui ... ai matriculei... a gente ta ai, vai interá 2 ano, 3 ano agora que nois estuda aqui na escola. Só que num to predeno quase nada, dá vontade de desisti, mas ai .. as menina... Nea: “oh D. Diva, não desiste não, vamo rompê , vamo rompê”, ai eu disse: então vamo ficano por ai. O dia que eu vejo que eu aprendo uma coisa... o dia que eu vê que num aprendo, eu caio fora , vô embora. (risos)

M: E como é ser uma estudante aos 71 anos de idade?

D: Eu acho bom, viu?! A gente estuda com 71 ano, eu acho bom. Muito bom, eu acho, né.

M: A senhora estuda com qual interesse?

D: Eu estudo com o interesse de num chega ne tudo quanto é quanto e botá o dedo, né, é fei chega num canto: o fulano assina aqui. Eu não sei. (Eu não sei... com voz diferente) lá vai o

dedo. Eu estudo com esse interesse de fazer meu nome direitinho pra onde eu chega eu fazer meu nome, é onde eu chega eu fazer meu nome.

M: A senhora se dá bem com todas as colegas de sala?

D: Dooooou, graças a Deus.

M: Como é esse relação?

D: Me dê bem com todo mundo, todo mundo aí, gosto de todo mundo.

M: Tem gente mais nova, mais velho....

D: tem mais novo, tem mais véi... é .. só tem quase tudo gente de idade, só tem um menino aí, é...Rodrigo, que... eu acho que ele deve ter aí uns..... 15 ano... me dou bem com todo mundo até com Rodrigo mermo, que é danadinho nessa sala, tem hora que eu recramo ele: para Rodrigo senta ne seu canto e fica sentadin aí que tu ganha mais, fica quieto. O resto é tudo gente de idade. 40 ano, 30 ano, 50 ano, eu acho que é, e eu de 71. A mais véia que tem aí é eu e dona Maria, D. Maria não sei quantos ano ela tem não. Acho que ela tem uns 70 ano também... D. Maria....uma senhora que tem aí da cabeça alviiiiinha, é D. Maria do Carmo, acho que ela tem mais de 70 ano. Acho que a mais velha é ela..... eu acho que ela é mais velha do que eu.

M: O que a senhora espera da escola?

D: Eu espero... que eu quero apredê, né, quero aprende. Pra mais tarde eu não ta botano o dedão onde eu chego.

M: A senhora percebe alguma diferenciação entre os meninos e as meninas, os homens e mulheres no cotidiano da escola?

D: Eu acho que não. Acho que não tem não. Eu acho.... eu penso que é tudo igual. Agora eu gosto mais é da paz, por que os menino lá das ota sala é mais agitado, né, a gente gosta mais é de sussego, mais sussego.

M: Por ser mulher, já passou por alguma situação constrangedora na escola, em casa, no trabalho ou em outro contexto... assim falta de respeito?

D: Não. Graças a Deus, não. Toda vida todo mundo me respeita. Eu sei respeita do pequeno ao grande eu respeito. Eu gosto de respeitá pra mim respeitá também. A gente tem que dá respeito pra se respetada, se a gente não dá respeito, como as pessoa vai me respeitá, num vai, né? naquela rua que eu mora, aqueles menininho tudo gosta de mim, tudo, 'D. diva pra cá, é D. Diva pra lá, nunca bati boca com uma criança ne rua. Quando eu vejo uma pessoa de idade bateno boca com uma criança eu acho tão feio. Por que a criança não respeita eles.

M: Mesmo quando a senhora era nova, ninguém nunca lhe desrespeitou?

D: Nunca. Todo mundo sempre me respeito. Também eu gosto de ajudá muito... com oeu falei pro senhor, eu ainda trabalho pra dentro de casa, costuro, lavo ropam faço tudo, eu ainda ajudo gente na rua. Gosto de ajuda gente idoso... eu mermo tomava conta de uma senhora... morreu eu tomano conta dela, eu tomava conta de tudo dela, eu tenho paciência... gosto de ajuda. Se tive uma pessoa ali doente eu gosto de chega e ajuda. É eu gosto de ajuda as pessoa.

M: A senhora acha, D. Diva, que existem comportamentos que é só de mulheres e outros só homens?

D: Eu acho que o homem....tem mulé, também, que não tem comportamento, né. agora homem também tem uns que tem comportamento e otos que não tem.

M: tem gente que fala assim: homem não chora. E isso é antigo, né? então o comportamento do homem é não chorar. Tem que ser forte. A senhora acha que isso existe.... homem só faz isso e mulher só faz aquilo?

D: Não, acho que não. Eu acho que home também chora, num é só mulé não, home também chora. (risos, risos) home também chora, eu já vi home chorano.

M: e por que será que o povo falava isso?

D:Eu não sei, não sei. Eu seu que home também chora, ne só mulé não

M: outros falam assim: mulher comporta assim, mulher tem que ser assim a senhora concorda com isso?

D: A gente concorda, né....mas tem mulé que é muito diferente, né, eu acho.

M: A senhora acha isso bom ou ruim?

D: Eu acho isso ruim. Por que a posoa tem que se.... se comporta direto, tem que sê certa.

M: E uma mulher pra ser certa, como é que a senhora pensa que ela tem que ser?

D: tem que respeita as pessoa, num fazê nada errado, né, que nem eu mesmo não faço nada errado, num gosto de coisa errada, gosto de respeita todo mundo, tratá todo mundo bem, eu so assim, mais otas pessoa já não é.

M: A senhora se considera, mais respeitada hoje do que no tempo de moça?

D: Eu acho que considero hoje, viu. Considero hoje. Hoje eu sou mais respeitada, acho que por causa da idade. Todo mundo me respeita mode minha idade. Eu fiquei viúva, eu tenho 11 ano que fiquei viúva, nunca casei com ninguém e ninguém nunca falô uma palavra errada comigo. Fiquei nova, fiquei com 62 ano, eu fiquei mais nova, ainda, fiquei nova, mas graças a Deus, nunca achei um home pra chegá e falá uma palavra errada comigo. Nunca achei. Eu acho que é respeito, né? eu acho que isso ai é respeito.

M: Na sala de aula quando a senhora vai fazer atividade em grupos, uma tarefa, uma equipe, ficam só mulheres ou só homens separados?

D: Não, fica tudo junto. Fica mulé e home, home e mulé, é assim. Se for 4 cadera, fica 1 home, ota hora fica 1 mulé, ao hora fica 2 home, 2 mulé.

M: A senhora acha bom isso?

D: Eu acho bom. Eu acho bom eu acho ótimo.eu acho ótimo, quando faz as coisa em gruo eu acho bom.

M: A senhora já ouviu falar sobre a palavra gênero?

D: Não. Não.

M: Quando falam assim: gênero masculino, gênero feminino?

D: Não, não. Masculino e feminino eu sei. Agora essas coisa assim, nunca ouvi fala não. Se eu vejo, também, eu nunca gravei... é nunca gravei.

M: e pra senhora qual é assim a diferença de masculino e feminino?

D: Masculino é home, feminino é mulé.

M: E tem diferença?

D: Tem. A palavra tem diferença, por que masculino é o home, feminino é a mulé.

M: Pra senhora, o que significa ser mulher?

D: .....

M: A senhora é mulher?

D: So, eu so mulé.

M: Então ... o que significa ser mulher?

D: É... mas tem tanta mulé ai que erra. Não sei não. Eu sei que eu so o que eu so.

M: E o que a senhora é?

D: Eu so uma pessoa de idade, respeitada, graças a Deus, so isso. E gosto... vo morre respeitano todo mundo.

M: Pra senhora ser mulher é ser respeitada?

D: É ser respeitada. Por que tem gente que não respeita home, num respeita mulé, eu quero se respeitada e respeito, também, os oto.

M: Na época de sua infância, de sua adolescência e de sua juventude, ser mulher era diferente de ser mulher hoje?

D: Eu acho que era, por que nesse tempo eu era nova, né, e hoje já so otra coisa, né, hoje já so outra idade . no tempo de eu mais nova era uma coisa e hoje já so otra.

M: Melhor ou pior?

D: Melhó. Eu acho que eu so melhó, por que de premero a gente não sabia nem o que falava, hoje de minha idade eu já sei o que eu falo.

M: E antes não falava por quê?

D: por que tem gente que quando é mais novo vai pra tudo quanto é canto, vai num canto, vaai ne outro e, e.....eu também quando era moça eu ia pra festa, eu ia pra folia, tudo ...e já hoje, eu não vo mais. Hoje eu so da minha igreja, é da casa pra igreja.

M: A senhora era da folia, ia nas festas... e o pai deixava?

D: deixava. Ele deixava nois ir. Nois ia mais eles ... chegava lá pa dança, moço, era um sapeco, mas a gente dançava. Quando tinha as dança, os forró, né, e ele tinha que tá olhano, né, nois dançano e ele olhano, era assim que fazia com a gente.

M: E por que a senhora acha que ele fica lá vigiando?

D. Ciumano. Ciumano. Meu pai era muito ciumeneto. Muito ciumento. Por isso que nois não estudo quando era novo. Por que ele não deixo, por que ate tinha a escola, longe, mais tinha. Um bocado de gente que morava na nossa rua foi, que morava lá onde nois morava, estudava. Mais ele não deixava por diz que nois ua faze carta pra namoradinho, ó! Que coisa! (risos) num queria que nois estudasse por isso. Que a gente ia estuda pra faze carta pra namorado.

M: Quando a senhora casou, foi ele que arrumou o casamento?

D: Não. Eu arrumei o namora e eu me casei. Ele fez meu casamento. Que de premero se uma moça se perdesse ... ave Maria! Ficasse á toa sem casá era uma luta...

M: Como era se perder?

D: Se ficar assim... a toa. Arrumá home e, e,..... e perder a honra, né; ai nois casemo, graças a Deus. Me casei. Só não deu certo meu casamento, que eu separei, já casei com oto, esse que Deus levo, so casada 2 vezes.

M: A senhora falou que é da igreja, não é?

D: É sim. Da igreja, sou evangélica.

M: A senhora sabe que na bíblia fala que o homem é o cabeça da casa e a mulher é submissa. A senhora concorda com isso? A mulher deve obedecer ao homem?

D: É verdade. Eu acho que deve, acho que deve. Eu acho que se a mulé tem um marido tinha que obedecê, agora.... só não bate e judiá, mais pra obedece.... se o marido fala assim: ô mulé cê num vai não pra tal luga, ela num pode mete os peito e ir.né, tem que respeita o marido.

M: E se ela falar com ele que ele não vai, ele pode meter os peito e ir?

D: Ai é diferente. Que home é mais diferente que mulé. (risos) home é mais rígido que mulé, né, eu acho que é, né. se ele fala eu vo, e vai mermo. Mulé não, né.

M: Pra senhora isso ta certo?

D: Não, não ta certo. Eu acho que não ta certo não.

M: E por que não está certo, D. Diva?

D: Por que se o home não que a mulé sai, ele também num pode sai. Agora assim, se o home sai, ficá... dorme na rua a noite toda, um dia... ele chega em casa ele é o mermo home. E já a mulé, se ela durmi na rua, ela não mais a merma mulé.

M: Por que ela não a mesma mulher?

D: Por que não é. Por que já fica falada, né. vamo sipô, como é que eu tenho meu marido e eu vo sai e dormi na rua, quando eu chega eu to errada. O povo fala: viii fulana foi pra rua, dormiu na rua e o marido em caaaasa. Ai o povo começa a bate com a língua.

M: Mas se o homem for...

D: Ai não tem nada, por que ele é o home. Ele chega, ele é o mermo home.

M: O homem pode tudo...

D: O home pode tudo, já a mulé não pode nada, né.

M: e por que a senhora acha que é assim?

D: eu acho que é assim mesmo, né. não concordo, mas se eles acha que é, é.(risos) Eles acha que é assim, faze o que, né..... eu não concordo. Hoje não, hoje eu sou sozinha, saio, vo onde

eu quero, viajo pra S. Paulo, tem meus filho em S, Paulo, viajo pra lá, fico 2 mês, 3, quando chego não tem quem fala nada, isso porque eu não tem marido, né, se eu tivesse eu num ia. Eu ia pra S, Paulo, fica 3 mês lá em S. Paulo e marido ficava em casa só? Eu num ia. Mais hoje eu so sozinha, vou pra S. Paulo fico 2 mês 3 com meus filho...

M: A senhora gosta de sua liberdade?

D: eu gosto de minha liberdade. Eu gosto de minha liberdade. Agora mermo eu tava viajano pra casa de um irmã minha que mora em Itabera, fiquei 12 dia lá, cheguei no mês passado, de lá, cheguei ninguém me falo nada, por que num tem ninguém pra falá, os filho num impata.

M: O marido da senhora falava alguma coisa?

D: falava. Não gostava que eu saia não. E ele falava que não era pra sai, eu não saia.

M: A senhora era feliz assim?

D: Não .Era não. Era não por que... como é que eu ia ser feliz se fica preso dentro de casa, prisioneira, né, eu acho que não. Agora, hoje, eu vo pra onde eu quero... São Paulo, Itaberaba

M: E a senhora não desobedecia?

D: Desobedecia não. Se ele dissesse não vai, pronto, cabo. Era só trabalhano dentro de casa. lutano com os filho, tive muitos filho também, tive 13, muitos filho que tive, meus filho é tudo pequeninm, uma escadinha, um atrás do oto. Tive 13 filho!. Um é mais velho 1 ano um pra oto. Era uma escadinha que eu tinha. Como era saia pra larga os filho em casa? num podia sai, tinha que fica em casa oiano os menino. Deixá só num podia, né. Que home não toma conta de filho assim.... a gente... eu que tinha que fica.

M: A senhora fique a vontade pra falar o que a senhora quiser....

D: Não, já chega. (risos) já chega.

M: Agradeço muito a senhora, Deus lhe pague por essa prosinha, viu? Muito obrigado mesmo.

D: Não sei se falei alguma coisa errada... (risos) se falei conserta. (risos)

M: Não falou nada errado não. Tenha uma boa aula e nada de desistir. Não desiste não, vai estudar até aprender escrever.

## APÊNDICE K : Quadro-síntese

Questão e núcleo temático (NT) da pergunta	ENUNCIADORAS	Discursos das enunciatóras	Noções essenciais foucaultiana para diálogo com os dados	Conceitos e autores/as sobre Gênero para diálogo com os dados	Conceitos e autores/as sobre EPJAI para diálogo com os dados
<p>Questão: Você morava com alguém na época da infância, da adolescência e da juventude? Fale um pouco sobre isso.</p> <p>Núcleos temáticos:</p> <p>a) Contexto de vida das mulheres idosas da EPJA;</p> <p>b) Infâncias roubadas, processos de exclusão e controle dos sujeitos.</p>	Alice Batista dos Reis	<p>Não. <b>Só com minha mãe e meu pai. Graças a Deus foi uma convivência muito boa, né.</b> Tive muito de aprender com eles. Eles soube me ensinar, graças a Deus [...], respeitá as pessoa, né, ter educação com as pessoa. Tudo isso eles me ensinaram.</p>	Construção subjetividade, Corpo dócil	Ser mulher “boa moça” (Louro, 1995; Butler, 2003).	(Galvão e Pierro, 2013)
	Cecília Marina Novais	<p>Ó <b>meu pai</b> era uma pessoa [...] apesar que eu fui criada com regime militar. Meu pai era muito bravo, <b>mas eu agradeço ele, hoje, por ele ter sido bravo.</b> Porque <b>um pai com nove filhos, cinco filha mulher, se ele não fosse bravo, ele não daria conta.</b></p> <p><b>Quando meu pai pegava pra bater, batia de verdade. Inclusive eu tenho problema de vista, por conta de couro.</b> Por que não, a gente não podia falar nada. Se ele falasse (que) pedra era pau [...], então uma pedra tinha que ser pau. Cê não podia falar nada [...] e, <b>então eu era muito arrogante com aquilo, entendeu? E se falasse Cecília vai carregar água, eu falava assim: por que só eu tem que carregar e as outras não?</b></p> <p>Olha, meu tempo de jovem, nós nunca tivemos muita mordomia, por que todo mundo tinha que trabalhá, tinha que trabalhá, entendeu? toda vida nois teve que trabalhá pra ajuda dentro de casa, messs [...], era na roça, tanto que tudo que cê me perguntá de roça, de plantação eu sei. Sei cortá lenha, como fazer um metro de lenha, tudo isso eu sei. Como fazer um telhado, eu fui ajudante de carpinteiro, entendeu? então são coisas assim [...] <b>meu</b></p>	Disciplina, controle, Transgressão, Dispositivo de poder	Patriarcado e ser homem (Saffioti, 2005; Butler, 2003)	Relações sociais de produção, relação opressor-oprimido (Freire, 1987).

		<b>pai criou a gente muito naquele regime, namorar só com 18 anos, a gente não podia sair. Se saísse era com minha mãe e era assim, vai a igreja, da igreja pra casa, ele foi desse jeito.</b> Mas foi aquela pessoa, se ele comprasse uma bala, ele trazia e dividia com todo mundo. Se não pudesse dividir com todo mundo, ele jogava fora. Nem ele nem ninguém			
Diva Santana Santos		Era vida de sofrimento, como eu falei. <b>Meus pais sofria. Eu, também, sofria junto, né. Meus pais foi muito sofredor e eu também sofria junto.</b> Que o sofrimento que era deles era nosso também. Era 21 irmão. Agora, hoje já morreu um bocado. É mais pouco, agora. <b>Nois não brincava não. Era nas roça capinano. Na enxada.</b> Era na roça. A gente quando foi ficando maiozim, ai, meu pai botava nois roça. Num tinha escola onde nois morava, nois morava numa roça, não tinha escola. Ai, naquele tempo o povo ficou tudo sem estudá, por isso que nois não aprendeu. Meus irmão nenhum aprendeu leitura. Por que onde nois morava não tinha.	Controle, Dispositivo de poder, corpo dócil.	Invisibilidade como sujeito  (Louro, 1995)	Segregação social, direitos negados.  (Arroyo,2017 Ventura; 2018).
Dejanira Santana Amaral		<b>Morava com meus pais. Eu não tive infância. Minha vida era atrás de bicho pelos mato,</b> pega comida de uma fazenda pra outra pra dá de comer os porco.	Controle e disciplina	Invisibilidade como sujeito,  (Louro, 1995; Butler, 2003).	Segregação social, direitos negados.  (Arroyo,2017, Ventura; 2018).
Idelice Antônia dos Santos Lima		<b>Morava com meus pais.</b> Antes eu morava em Lagarto, Sergipe, até a minha infância. Aí, quando eu completei dezoito anos, fui morar em São Paulo. Morei, casei lá. Uma convivência muito boa, né.	Corpo dócil	A definir	Itinerância estudantil (Arroyo,2017).
Maria de Fátima de Jesus Souza		<b>Eu morava com minha mãe e com meu pai.</b> Quando eu convivia com meu pai, na idade 10 anos, que trabalhava na roça, né, já capinava. Ele pegava enxada e <b>fazer o cabinho pequeno pra gente ir para a roça capinar,</b> eu com outro meu irmão mais velho. <b>A gente um período, a gente ia pra roça capinar e no outro período eu ia tomá conta dos meu irmão, né. [...]. Eu era ali prisioneira, não sabia o que era sair, não sabia que era passear, não ia na casa de ninguém, eles não</b>	Disciplina, Governabilidade, controle, corpo dócil	Ser mulher, Invisibilidade como sujeito, Patriarcado  (Louro, 1995, Scott, 1995 Saffioti, 2005)	Relações sociais de produção, relação opressor- oprimido  (Freire, 1987; Arroyo, 2017)

		<p><b>deixava, não tinha amizade com ninguém.</b> Quando chegava uma pessoa assim, a gente ficava oiando pelo canto da porta, ai quando eles oiava pra nois, que passava o olho, nois saia correndo se não apanhava, ai foi assim</p> <p><b>Eu só sei que eu só libertei de meu pai e mais minha mãe quando eu se casei,</b> quando eu compretei quatorze ano, pros quinze ano eu casei. <b>Mais se o senhor oiasse pra mim com quinze ano, o senhor falava que eu tinha dez.</b></p> <p>.</p>			
	<p>Maria do Carmo Moreira da Silva</p>	<p><b>Eu morava [...] eu morava mais um, mais outro. Aí um certo tempo eu encontrei uma pessoa que simpatizou comigo.</b> [Eu ainda] Criança. Simpatizou comigo, <b>aí me chamou pra morar na casa dela, uma família.</b> Aí falou assim: você quer morar aqui? Aí eu falei assim: eu vou pensar. E ela falou assim: cadê seu pai e sua mãe? Ai eu falei assim: <b>Eu não tenho pai, não, tenho mãe.</b> Aí ela falou assim: E você mora aonde? Eu tô na casa de uma senhora, mas eu tenho que achar um lugar para mim morar. <b>Aí ela, mais o filho dela, falou assim: Então, a porta já abriu pra você. Aí eu fui morar nessa casa.</b></p>	<p>Controle e poder</p>	<p>Subordinação feminina (Louro, 1997).</p>	<p>Relação opressor-oprimido (Freire, 1987)..</p>